



HARLEQUIN®

COLEÇÃO
CASAMENTOS
GREGOS

Autora Bestseller
do *USA TODAY*

Lucy
Monroe

NOIVA &
INOCENTE

NOVO
DESTINO

Vol. 002

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NOIVA & INOCENTE

Notas de prazer... Criada sob os holofotes, Cassandra encantou audiências noite após noite. Depois da morte dos pais, Cass se isolou em seu próprio mundo, tímida demais para sair de casa. Porém, uma vez por ano, ela divide seu amor pela música oferecendo aulas em um leilão de caridade. Mas nunca recebera uma oferta tão alta. O poderoso grego Neo Stamos quer muito mais do que apenas algumas lições... ele deseja Cass. Neo sabe que precisa ter calma para conquistar essa jovem doce e inocente. Mesmo que ele seja um mestre da sedução!

NOVO DESTINO

Apenas amantes? O bilionário Zephyr Nikos saiu das ruas de Atenas e chegou ao topo, mas o seu coração se tornou duro e frio. A única coisa que não poderia dar para Piper Madison era amor. Em troca, ofereceu-lhe um passaporte para o seu mundo repleto de jantares luxuosos, viagens em jatos particulares e amigos influentes. Contudo, quanto mais se entregam ao desejo, mais Zephyr tem certeza de que precisa terminar o romance antes que alguém se machuque. Só há um pequeno problema: o teste de gravidez de Piper dá positivo.



Lucy Monroe

**NOIVA & INOCENTE
&
NOVO DESTINO**

Tradução
Angela Monteverde
Deborah Mesquita de Barros



2016

SUMÁRIO

Noiva & inocente

Novo destino

Lucy Monroe

NOIVA & INOCENTE

Tradução
Angela Monteverde

CAPÍTULO 1

– É UMA piada, não é? – disse Neo Stamos sobre o vale-presente com o elegante logotipo de uma associação de caridade.

Seu sócio e único amigo verdadeiro, Zephyr Nikos, devia mesmo estar brincando. *Tinha de ser uma brincadeira.* Esse não podia ser um presente para Neo.

– Não é piada. Feliz aniversário! São 35 anos, meu amigo.

Nos primeiros anos de amizade, tentavam falar entre si apenas em inglês para se exercitar, agora era o contrário, falavam em grego para não esquecer a língua materna.

– Um *amigo* não me daria presente assim.

– Ao contrário, só um amigo saberia o quanto este presente é necessário para você.

– Aulas de piano? De jeito nenhum.

Zephyr inclinou-se sobre a escrivaninha de mogno entalhado, caríssima, e murmurou:

– Não acho. Perdeu a aposta.

Neo ficou calado. Sempre lembravam um ao outro, aposta era aposta. Neo deveria ter se precavido, deveria saber como o seu melhor amigo era astuto.

Zephyr fitou-o ciente de sua confusão.

– Entenda como uma receita médica.

– Receita para quê? Perder uma hora por semana? Não tenho meia hora para esbanjar, quanto mais uma inteira.

Neo balançou a cabeça. O motivo para que seus ternos fossem exclusivos, confeccionados por um alfaiate especial, que já dispunha de suas medidas, era que não precisava fazer provas; Neo Stamos não tinha tempo para fazer compras nem para experimentar roupas.

– A menos que você saiba alguma coisa que ignoro... – Zephyr sabia: o cancelamento de um dos projetos imobiliários internacionais. – Não há espaço em minha agenda para eu ter aulas de piano.

Com ou sem aposta.

– Sem dúvida existe sempre, no mundo, alguma coisa acontecendo que você desconhece, Neo – retrucou Zephyr. – Chama-se vida, mas você anda tão ocupado com a empresa que nem liga.

– A Stamos & Nikos Enterprises *são* a minha vida.

Zephyr olhou penalizado para Neo, como se o amigo não tivesse trabalhado ainda o suficiente para esquecer o passado de pobreza.

– A empresa devia ser o caminho para conseguir uma nova vida, não sua única razão de viver. Esqueceu, Neo? Seríamos milionários aos 30 anos.

– E conseguimos – replicou Neo.

Aliás, conseguiram seu primeiro milhão três anos após pisar em solo americano, tornaram-se multimilionários alguns anos mais tarde, com ativos de mais de um bilhão de dólares na ocasião em que Neo completou 30 anos. No momento, ele e Zephyr eram os principais acionistas em uma empresa multibilionária, a Stamos & Nikos Enterprises, que não levava apenas seus nomes, mas consumia todas as horas em que estavam acordados, até dormindo.

E Neo se sentia muito bem assim.

– Queria comprar uma mansão, formar sua família, lembra? – perguntou Zephyr em tom de reprovação.

– As coisas mudam. – Alguns sonhos não passavam da infância e deviam ser deixados lá atrás. – Gosto do meu apartamento, uma cobertura é ideal para um solteiro.

Zephyr ergueu os olhos em um gesto de impaciência.

– Isso não vem ao caso, Neo.

– E o que vem? *Acha que preciso de aulas de piano?*

– Para dizer a verdade, acho. Considerando a vida estressante que leva, não é preciso ser médico para confirmar que você corre o risco de ter um enfarto a qualquer momento.

– Trabalho seis dias por semana. Minhas refeições são elaboradas por uma nutricionista famosa. Minha governanta as prepara ao pé da letra e me alimento com mais regularidade que você. Meu físico está em ótimas condições.

– Dorme menos de seis horas por noite e não tem nenhuma válvula de escape para sua vida agitada – contradisse Zephyr.

– E os exercícios físicos que faço?

– Outra maneira de provar apenas sua competitividade. Está sempre se esforçando a fazer mais.

Zephyr aprendera a deixar o escritório às 18h e começara a se distrair, a se divertir, para ir além de pensar em trabalho, mas compreendia Neo, pois sua vida era bastante parecida com a do amigo e sócio.

– Precisa se divertir um pouco, Neo.

– E acha que aulas de piano darão mais sabor aos meus dias? – perguntou Neo, achando que Zephyr estava fora da realidade.

– Não. Acredito que farão você se sentir Neo Stamos durante uma hora por semana, em vez de ser o bilionário grego que vende e compra empresas, sem falar em pessoas.

– Não compro e vendo pessoas.

– Concordo, mas quando se sentirá satisfeito com o dinheiro que tem?

– Estou satisfeito com esta vida – teimou Neo.

– Mas o sucesso para você nunca é suficiente.

– E, por acaso, você é diferente?

Zephyr deu de ombros erguendo o paletó do terno italiano sem perder a elegância.

– Estamos falando de você, Neo. – Cruzou os braços sobre o peito e o encarou. – Quando foi a última vez que fez amor com uma mulher?

– Passamos da idade de competir a respeito de mulheres, Zee. Faço sexo sempre que quero.

Zephyr sorriu.

– Sim, sexo. Mas nunca fez amor.
– E qual é a diferença? – questionou Neo de modo belicoso.
– Tem medo da intimidade.
– Como passamos da conversa sobre aulas de piano para psicologia barata? – exclamou Neo.

Zephyr fez-se de ofendido.

– Só estou dizendo que sua vida é muito limitada. Precisa ampliar seus horizontes.

– Agora parece um comercial de viagens. E dos piores – resmungou Neo.

– Pareço um amigo que não quer que você morra de ataque cardíaco aos 40 anos. Afinal, seu médico o alertou no último check-up que fez. Gregor me confidenciou mês passado que você está cavando sua sepultura.

– Vou procurar outro médico. – Foi a resposta de Neo.

– Não. Ele é nosso amigo.

– Seu amigo e meu médico.

– É disso que estou falando. Com você tudo se resume a trabalho e negócios.

– E você? – retrucou Neo, começando a ficar com raiva. – Se os relacionamentos pessoais são tão importantes, por que você não tem alguém na sua vida?

– Eu namoro, Neo. E, antes que responda que também namora, admita que sair com uma mulher com o propósito explícito de levá-la para a cama sem nenhuma intenção de vê-la outra vez não é namoro.

Desta vez, Neo ergueu os olhos em um gesto de impaciência.

– Em que século você vive, Zephyr?

– Nós dois vivemos neste, portanto pare de ser turrão e aceite meu presente.

– Não quero ter aulas de piano – teimou Neo.

– Costumava querer quando éramos meninos de rua em Atenas.

– Já desisti de muitos sonhos.

Para acumular fortuna, Neo fizera muitos sacrifícios e os aceitara com satisfação. No processo, tornara-se alguém diferente do próprio pai, que

morrera quando ele tinha 2 anos, e da mãe, que preferia beber a cuidar do filho.

Por fim, suspirou.

– Vou experimentar por duas semanas.

– Seis meses – replicou Zephyr.

– Um mês.

– Cinco.

– Dois meses é minha resposta final – disse Neo.

– Comprei um pacote de aulas por um ano, como pode ver no vale-presente – enfatizou Zephyr.

– Se achar que vale a pena, irei a todas as aulas – concordou Neo, certo de que não iria acontecer.

– Fechado! – exclamou Zephyr.

CASSANDRA BAKER afofou seu vestido Liz Claiborne azul-marinho pela segunda vez em menos de um minuto. Sim, ela preferia viver como uma ermitã, mas não precisava vestir farrapos. Portanto encomendara em sua loja preferida uma renovação de seu guarda-roupa para a primavera.

Usar roupas de estilo, mesmo sem sair de casa, era uma das coisas que fazia para tentar se sentir normal.

Nem sempre dava certo. Mas ela tentava.

Deveria tocar piano. Isso a fazia relaxar. Pelo menos assim diziam os outros, e ela acreditava. Mas seus dedos finos continuavam imóveis sobre as teclas de seu piano.

Neo Stamos deveria chegar para sua primeira aula em menos de cinco minutos.

Quando Cassandra oferecera um ano de aulas de piano no leilão de caridade, como fazia todos os anos, presumiu que ensinaria a outro artista em ascensão, ansioso por estudar com uma famosa pianista, compositora New Age, resolvida a viver em reclusão.

Cass soltou o cabelo castanho, alisou-o e voltou a atá-lo na nuca. As mãos tornaram a cair sobre o teclado, mas sem peso, nenhum som saiu das cordas.

Tivera certeza, assim como nos anos anteriores, que o vencedor do leilão seria alguém que compartilhasse seu amor pela música.

Não tivera motivos para pensar que alguém sem o menor estudo musical, um empresário bilionário, seria seu aluno durante o próximo ano. Parecia inacreditável; e era um pesadelo para uma mulher que já achava difícil abrir sua porta para estranhos.

Tentando vencer essa aversão, passara muito tempo lendo sobre Stamos, analisando artigos e fotos publicitárias e sua biografia na internet. Nada disso ajudara.

Ao contrário, sua preocupação em conhecê-lo aumentara. As fotos mostravam um homem que parecia nunca ouvir música. Por que uma pessoa desse tipo iria querer aulas de piano?

Não se sabe, mas aparentemente Neo Stamos queria. Zephyr Nikos dera um lance de *cem mil dólares* no leilão. Cass continuava atônita ao pensar nisso: um dinheirão apenas por uma hora de aula por semana. E mesmo que durassem um ano inteiro, essas aulas haviam custado uma fortuna. A organizadora do leilão ficara estática e tecera elogios poéticos sobre o sr. Nikos ter arrematado o prêmio para seu grande amigo e sócio, Neo Stamos.

A secretária particular de Stamos ligara para Cass a fim de marcar a primeira aula. Cass concordara sem objeções com o horário proposto, pois as horas em que praticava piano eram flexíveis e quase não tinha vida social. E, mesmo com Cass concordando logo de início, a secretária falava como se Neo Stamos estivesse se sacrificando para comparecer.

Sem fazer ideia do motivo para um bilionário bonito e ocupadíssimo querer aprender piano, Cassandra se sentia cada vez mais nervosa. Não parava de pensar que estava sendo ridícula.

A campainha da porta soou, fazendo-a enrijecer o corpo ainda mais, embora já estivesse o aguardando. Girou na banquetta do piano, tinha o coração acelerado, a respiração curta, mas não se levantou. Porém precisava atender a porta e cumprimentar seu novo aluno.

A campainha soou novamente e, dessa vez, Cass deu um pulo e correu para abrir a porta. Aprumou-se com seu 1,70m de altura, enquanto pensava se atenderia o próprio Neo Stamos ou sua secretária. Quem sabe um guarda-

costas ou o motorista? Será que os bilionários conversavam com suas professoras de piano ou delegavam a tarefa para outros? Será que ele pretendia tomar aulas com outras pessoas presentes também? Onde esperariam seus guarda-costas e motoristas enquanto ele aprendia piano? E a secretária?

A ideia de muitas pessoas desconhecidas invadindo seu lar fez Cass prender a respiração. Ficou orgulhosa por conseguir se dominar e alcançar a porta de sua modesta residência.

Quem sabe Stamos tivesse vindo sozinho... Talvez dirigisse o próprio carro. Será que se sentira à vontade estacionando junto à calçada em um bairro simples de Seattle? Deveria ela oferecer sua vaga na garagem?

A campainha soou pela terceira vez no instante em que Cassandra abriu a porta. Stamos, muito mais impressionante em pessoa do que nas fotos, não parecia nem um pouco constrangido por ter tocado tantas vezes.

– Srta. Cassandra Baker?

Olhos verdes como folhas jovens em um rosto muito atraente a fitavam em expectativa. Ela encarou as feições morenas, e confirmou:

– Sou eu. Pode me chamar de Cass.

– Seu tipo físico combina mais com Cassandra do que com Cass – replicou Neo com sua voz grave.

– Meus alunos me chamam de Cass – murmurou ela, embora achasse que tal homem não se parecia em nada com os outros alunos.

Ele sorriu, retrucando com teimosia:

– Vou chamá-la de Cassandra.

Ela não soube como encarar tal arrogância. Na verdade, Stamos não parecera arrogante. Apenas demonstrava que era decisão sua chamá-la pelo nome que mais lhe agradava.

– Acredito que será mais fácil começar a aula se me deixar entrar – disse Neo, já com certa impaciência, embora sua expressão continuasse tranquila.

Cassandra ficou constrangida.

– É claro. Eu... gostaria de estacionar seu carro na minha garagem?

Neo nem se preocupou em olhar, pela janela, seu Mercedes estacionado no meio-fio.

– Não há necessidade.

– Muito bem. Vamos entrar – murmurou Cassandra, indicando o caminho para a sala de música.

Era a antiga sala de estar, ficava nos fundos quando a casa tinha sido construída no final do século XIX. No momento abrigava seu piano Fazioli e quase nada mais. Havia uma poltrona enorme para uso das raras visitas e uma mesinha lateral. Era suficiente.

Cassandra apontou para a banquetta do piano.

– Sente-se.

Neo obedeceu, parecendo muito mais à vontade ali do que ela se sentiria em um escritório. Mesmo com mais de 1,80m de altura, Neo parecia confortável no banquinho.

Cassandra observou seu físico musculoso, as mãos fortes, de dedos longos. O terno elegante que usava era mais apropriado para um salão de festas, mas isso não parecia incomodá-lo.

– Desejaria beber alguma coisa antes de começarmos? – sugeriu Cassandra, por polidez.

– Já gastamos vários minutos preciosos de aula, e talvez fosse melhor dispensar as gentilezas.

– Não me importo de passar alguns minutos da hora marcada – respondeu Cassandra com uma agressividade desnecessária, pois não tinha por que se sentir constrangida, já que tentara apenas ser uma boa anfitriã.

– Eu me importo – retrucou Neo.

Por mais estranho que fosse, seus modos secos, até bruscos, deixaram-na mais à vontade.

Será por que não trouxera uma equipe como ela temera? De qualquer modo, Cassandra achava a situação muito menos constrangedora do que imaginara.

Muito bem, se ele não queria perder tempo, não perderiam.

– Na próxima semana não precisa tocar a campainha. Entre direto – sugeriu.

Neo estreitou os olhos.

– Não costuma trancar a porta? Passei o trinco depois que entramos.

Sim, pensou ela. Um homem na posição de Stamos devia viver de portas trancadas.

– Estou surpresa que não tenha vindo com seus guarda-costas – comentou com sinceridade.

– Tenho seguranças, mas não vivo cercado por eles. A senhorita foi investigada antes que minha secretária telefonasse para marcar a primeira aula. – Fitou-a de cima a baixo. – Não acho que seja ameaçadora.

Cassandra sentiu certo desconforto ao saber que fora investigada, e Neo pareceu perceber, pois disse:

– Não foi nada pessoal. Apenas rotina.

Mas Cassandra sabia que ele conhecia sua história. Suas *idiossincrasias*, como diria seu agente. E mesmo assim Neo não a tratava como se fosse uma louca. Gostaria de conversar a respeito, mas o bilionário deixara claro que viera apenas para uma aula de piano, e já consultava o relógio de pulso ostensivamente.

O resto da hora passou muito depressa.

NEO NÃO entendia a excitação que sentira na terça-feira de manhã quando acordou e percebeu que teria sua segunda aula de piano.

Cassandra Baker era exatamente como dizia seu dossiê. Bastante tímida, sem dúvida constrangida diante de estranhos e, mesmo assim, ela o encantara. Tinha compromissos muito importantes na agenda, mas seu segundo encontro com a mundialmente famosa pianista, avessa a recitais em público, foi o primeiro que lhe veio à mente ao acordar.

Neo não conseguia acreditar nem perceber o quanto apreciara o tempo junto a Cassandra Baker.

O cabelo de um castanho comum, algumas sardas e a magreza não faziam dela nenhuma grande beldade; estava longe de ser o tipo de mulher que ele costumava considerar interessante. Cassandra fazia mais o tipo da “vizinha”, e Neo admitia que, com o estilo de vida que levava, conhecera poucas mulheres assim. E nem mesmo conheceria Cassandra Baker se não fosse a interferência de Zephyr.

Zee, como chamava o amigo, fora quem o apresentara à música de Cassandra. Seu sócio o presenteara com seus CDs ainda no aniversário e, antes, no Natal. Neo começara a ouvi-los quando se exercitava nos aparelhos de ginástica, e depois passou a escutá-los quando trabalhava no computador. Aos poucos ouvia a música de Cassandra quase sempre.

Não se concentrara na artista, apenas ouvia as músicas no MP3. Nem mesmo reconhecera seu nome quando recebera o vale-presente das aulas de piano. Só prestara atenção por causa do dossiê. Foi a primeira vez em que percebeu que era ela a compositora da maioria das músicas de que tanto gostava.

E não era o único a admirá-la; Cassandra Baker era uma campeã de vendas para os amantes da música New Age. Neo jamais esperaria que uma artista tão popular fosse tão modesta. A verdade era que Cassandra não fazia o menor esforço para chamar atenção, para o indiscutível talento ou para a fama, e preferia continuar despretensiosa.

Apesar de não ser uma beldade, seus olhos eram maravilhosos e transmitiam uma franqueza cativante, além da cor de avelã tão rara ser muito mais atraente que as lentes de contato coloridas usadas pelas mulheres de beleza mais artificial. E mesmo não sendo uma deusa da beleza, Cassandra era intrigante e feminina. Algo a respeito da pianista reclusa lhe agradava muito. Talvez o simples fato de ser a compositora das músicas que ele tanto amava. Fosse qual fosse a razão, estava ansioso para conhecê-la melhor. E quando fora que desejara algo tão pessoal além de sexo?

Quando Neo chegou à casa de Cassandra para sua segunda aula, pontualmente às dez, viu que a porta estava destrancada como ela avisara. Tamanha displicência com a segurança o incomodava, mas ouvir o som da música que vinha da saleta o deixou ainda mais preocupado. Assim ela não podia saber se alguém entrara na casa.

Neo estava sério, de cenho franzido, quando entrou na sala de aula da semana anterior.

Cassandra ergueu os olhos do piano, os dedos ainda pousados nas teclas.

– Bom dia, Neo.

– Sua porta estava destrancada. – Foi a resposta seca.

– Disse a você que a encontraria aberta.
– Não é seguro – insistiu ele.
– Pensei que gostaria de começar logo sua aula sem perder tempo aguardando a porta ser aberta.

Sem esperar convite, Neo se sentou ao seu lado na banquetta.

– Não podia me ouvir entrar.
– Não precisava – retrucou ela. – Você sabia como chegar até esta sala.
– Essa não é a questão.
– Não? – Cassandra fitou-o como se de fato não entendesse qual era o problema.

– Não – repetiu Neo.

– Muito bem. Podemos começar de onde paramos na semana passada?

Neo não estava acostumado a ser interrompido em uma discussão, ou de ser interrompido sobre qualquer outro assunto. Entretanto, em vez de ficar aborrecido, não pôde deixar de admirar como a moça tímida fora direta. E que *não* aceitara um sermão sobre o hábito de deixar a porta destrancada. Neo ficou surpreso.

Gostava da voz suave de Cassandra enquanto o ensinava. Sua paixão pelo piano era evidente em cada palavra e no modo reverente com que encostava os dedos nas teclas. Um homem daria tudo para ser tocado dessa maneira por uma amante.

E tal pensamento sem dúvida explicava a súbita excitação que o dominou em meio a uma inocente aula de piano.

CAPÍTULO 2

CASSANDRA COBRIU a boca para disfarçar o terceiro bocejo em dez minutos. Havia cinco semanas ensinava piano para Neo e, desde então, dormia mal na véspera de cada aula. No início fora por causa de sua habitual ansiedade quando se tratava de deixar alguém novo entrar em sua vida, mesmo que fosse apenas por uma hora semanal.

Porém a ansiedade, aos poucos e de modo estranho, desaparecera para se tornar animação. E ela não sabia por quê. Neo não fazia nada para ser simpático nem amigável. Não ocultava o fato de que era um executivo ocupado. Porém Cassandra descobrira que apreciava sua companhia. Ele levava as aulas a sério, embora fosse evidente que não praticava em casa.

Seus modos podiam ser secos, abruptos e muitas vezes arrogantes, embora, de maneira intrigante, Cassandra sentisse paz em sua companhia como não se sentia com mais ninguém. Tentou analisar o fato, mas não conseguiu pensar numa razão plausível.

Neo tornara-se menos teimoso e já não se importava em conversar sobre outras coisas além do estudo de piano. Não reclamava quando ela começava a divagar e falar de seu assunto favorito: música. Até fazia perguntas inteligentes que revelavam um surpreendente interesse e compreensão.

Então Cassandra sentiu-se à vontade para abordar outro assunto que a incomodava desde a primeira vez que o vira.

- Você dirige um Mercedes – começou sem preâmbulos.
- Sim – respondeu ele em um tom de voz que a incentivava a continuar.

– Bem, não usa um Rolex, mas *está* usando um terno sob medida.
– É observadora – murmurou ele torcendo o lábio da maneira que Cassandra tanto gostava.

– Acho que sim.

– Mas não entendi aonde quer chegar – replicou Neo com as mãos ainda sobre o teclado, enquanto a fitava com curiosidade.

– Esperava que dirigisse uma Ferrari ou algo assim.

– Ah, entendi – disse ele com um sorriso.

Um sorriso de verdade.

E algo vibrou no íntimo de Cassandra.

Como se uma bomba implodisse suas entranhas. Isso não era bom. Jamais reagira assim diante de um aluno ou de ninguém, para dizer a verdade. O sorriso de Neo devia vir com uma etiqueta de aviso do tipo: basta um olhar e será fatal!

– Poucas pessoas têm a coragem de comentar suas dúvidas sobre um homem rico – elogiou ele.

– Não sei usar de subterfúgios – murmurou ela.

Para começar, odiava conversinhas sociais, refletiu Cassandra.

O sorriso de Neo transformou-se em risada.

– É bom saber.

Se antes ela se julgara em perigo, agora sim não conseguiria escapar diante daquela risada máscula e sonora.

– E quanto a sua pergunta... foi pergunta, não foi? – inquiriu Neo com seu leve e muito atraente sotaque grego.

Ela tratou de respirar fundo. Por mais que adorasse seu sotaque e sua risada, precisava se controlar.

As informações sobre Neo, tiradas da internet, diziam que deixara a Grécia ainda muito jovem. Outro artigo informara que falava quase sempre em grego com seu sócio e realizara vários empreendimentos imobiliários em seu país de origem por muitos anos.

– Sem dúvida é uma pergunta invasiva, mas sim – respondeu ela por fim.

– Não ligo que seja curiosa. O que não suporto são os *paparazzi* que querem saber o nome e as medidas de todas as minhas namoradas.

Cassandra sentiu uma onda de calor subindo pelo pescoço e pelas faces.

– Bem, posso lhe garantir que não farei esse tipo de pergunta.

– Não, sua curiosidade é muito mais inocente – replicou Neo, parecendo satisfeito. Que estranho!

Cassandra refletiu que não se considerava muito inocente em certos aspectos.

– Respondendo – prosseguiu ele –, devo dizer que um homem não faz uma grande fortuna gastando dinheiro de maneira frívola. Mas necessito de roupas caras para me apresentar diante dos investidores e compradores. Meu relógio de pulso é tão preciso quanto um Rolex, e custa bem mais barato. Meu automóvel é caro o suficiente para impressionar, mas não é ostensivo nem ridículo, e para mim é apenas um meio de me locomover daqui para lá.

– Ao contrário de muitos homens, um automóvel para você não é um brinquedo – comentou ela.

– Parei de me divertir com brinquedos há muito tempo, quando deixei o orfanato que jamais considerarei como um lar.

Cassandra lera que Neo vivera em um orfanato antes de deixar Atenas. Porém, por mais que sua assessoria de imprensa fornecesse seus dados biográficos, um véu de mistério encobria muitos anos da existência de Neo Stamos.

Isso ela podia entender. Embora sua própria biografia oficial dissesse que seus pais haviam morrido, não mencionava a prolongada doença de sua mãe. E também não contava os anos que Cassandra passara em uma casa silenciosa com medo de perder a pessoa que ela e o pai mais amavam.

O falecimento de seu pai por causa de um ataque cardíaco fora manchete dos jornais na ocasião. Principalmente porque marcara o final das apresentações em público e da carreira em ascensão de Cassandra Baker. Sua reclusão daí em diante também fornecera muitas manchetes. Retornando ao momento presente, ela pigarreou e comentou:

– Alguns homens procuram carros velozes assim como brinquedos para compensar sua infância pobre.

– Sou ocupado demais para isso.

– Sem dúvida.

– Você também não teve infância – retrucou Neo com simplicidade.

E ela também encarava simplesmente essa realidade. Não se podia transformar o passado. Desejando mudar de assunto, perguntou:

– Por que quis ter aulas de piano, Neo?

– Perdi uma aposta.

– Para seu sócio?

Fazia sentido, pensou ela.

Neo franziu a testa diante do modo como Cassandra se referira a Zephyr Nikos.

– Sim.

– Se isso é verdade, imagino que ele seja tão rico quanto você.

– O que quer dizer com isso?

– O sr. Nikos gastou cem mil dólares para lhe presentear com estas aulas de piano que você não queria. Isso me parece frívolo.

– Quero estas aulas – exclamou Neo, espantado até com as próprias palavras.

– Isto é uma surpresa.

– Quando criança – continuou ele sem lhe dar atenção –, queria aprender piano. Naquela época não tinha meios. Agora tenho dinheiro, mas me falta tempo.

– Mesmo assim encontrou tempo para aprender comigo – retrucou Cassandra, que não conseguia imaginar sua própria infância sem um piano para ajudá-la a afastar seu sofrimento.

– Zephyr não fez esse investimento por frivolidade. Está convencido de que preciso viver além do trabalho.

– Por, pelo menos, uma hora por semana – comentou Cassandra, achando pouco tempo.

– Isso mesmo.

– Entretanto, o sr. Nikos poderia ter lhe arranjado aulas com alguém que ensinasse por um preço menor.

– Zephyr e eu preferimos sempre contratar os melhores. Você é uma pianista de renome.

– Assim me disseram.

E muitas vezes, desde que fora descoberta como uma criança prodígio aos 3 anos.

– Agora é sua vez de me responder uma pergunta, Cassandra.

– Como quiser.

E se eu puder, refletiu Cassandra. Preparou-se para a pergunta que a maioria costumava fazer, e para a qual não tinha uma resposta satisfatória.

– Por que oferece aulas de piano no leilão de caridade uma vez por ano, quando é compositora e pianista de carreira, não uma professora de música?

Por um instante ela ficou tão surpresa por Neo não ter feito a pergunta padrão – por que parou de se apresentar em público? –, que não soube responder. Por fim seu cérebro reagiu e murmurou:

– Muitos pianistas em início de carreira desejam estudar comigo. Essa é a única oportunidade que têm.

– E por que oferecer essa oportunidade?

– Porque, por mais que prefira uma vida tranquila sem conhecer outras pessoas, isso acaba sendo muito solitário. E não quero de verdade me tornar uma ermitã.

Apesar de ser exatamente isso que faço, concluiu em pensamento.

– Ficou desapontada quando soube que seu novo aluno seria um novato sem experiência musical?

– Não, mas fiquei nervosa. Aterrorizada, para dizer a verdade. – Sorriu, zombando de si mesma. – Fiquei tão surpresa que implorei para que meu agente me tirasse desta enrascada.

– Mas ele não contactou Zephyr nem a mim para cancelar as lições – retrucou Neo semicerrando os olhos.

– Não.

Cassandra não sabia o que o deixara aborrecido.

– Por que ficou tão assustada? – inquiriu ele. – Já deve ter ensinado pessoas menos experientes.

– Nunca um bilionário de sucesso.

– Sou igual a qualquer outro homem.

Foi a vez de Cassandra franzir as sobrancelhas, aborrecida com o comentário infeliz.

– Para quem gosta de honestidade, essa mentira parece ter saído de sua boca com muita facilidade. Sem dúvida sabe que não é igual a qualquer outro homem.

Um leve sorriso tornou a iluminar o semblante de Neo.

– É ainda mais observadora do que eu imaginava.

– Bem, você não parece ser um fingido, portanto sabe que não é igual aos outros.

Neo deu de ombros.

– Concordo que poucos possuem a determinação para subir na vida que eu e Zephyr tivemos.

– E agora Zephyr se preocupa com você – comentou Cassandra.

– Cometi o erro de revelar a ele algumas preocupações do meu médico, Gregor, depois de meu último check-up. Ele é amigo de Zephyr e ratificou suas preocupações para ele.

– E isso o chocou, não foi? – perguntou Cassandra, certa de conhecer a resposta.

– Como sabe?

– Acho que é um homem que se mantém em perfeita forma física para continuar sendo um parâmetro de sucesso. Por certo ficou chocado ao saber que não é perfeito.

– Pensei que era uma pianista, não uma terapeuta – zombou Neo.

– É mais fácil observar do que interagir com as pessoas. É natural para alguém curiosa como eu tentar desvendar segredos.

– Nós dois somos honestos. Temos isso em comum – disse Neo.

Cassandra remexeu-se na banquetta, tentando controlar a emoção que sentia com aquela proximidade.

– Sim. E a segunda coisa em comum é que ambos queremos que aprenda piano. Vamos retornar à aula.

Aos 29 anos, ela não tivera ainda nenhuma experiência sexual. Desde criança vivera em turnês e não encontrara tempo para namorar. Depois que encerrara os recitais e apresentações, não tivera uma vida social que a fizesse conhecer possíveis pretendentes. Esse impressionante enredo a deixara na situação de nunca ter sido beijada.

E sem dúvida jamais sentira tal excitação... até conhecer Neo Stamos. Lera sobre isso, mas nunca sentira. O que a transformava em uma aberração aos olhos do mundo em geral. E apesar de continuar virgem, não sabia se desejava mudar essa situação. Quando sentiu os mamilos enrijecerem a ponto de doer, mordeu o lábio para impedir um suspiro. E isso acontecia todas as vezes que sentava ao lado de Neo na baqueta do piano. E de vez em quando, até quando ele nem estava ali. A lembrança da única hora na semana que passavam juntos a deixava ardendo de excitação. Nesse mesmo instante se sentia trêmula e tinha o coração acelerado.

Isso não daria certo. Precisava se controlar antes de fazer completo papel de tola, porém até esse momento não conseguira conter... esse *ardor* pelo novo aluno.

Tentara fazer o de sempre quando a vida se tornava muito difícil: concentrava-se na música. Nem sempre dava certo, mas de qualquer modo concentrou-se nesse momento a ensinar um novo exercício.

– Adoro ouvi-la tocar – disse ele com aquela voz grave que a arrepiava. – Um dia gostaria que tocasse para mim.

– Talvez, quem sabe.

Porém, ser convidado para a única poltrona da sala enquanto Cassandra oferecia um recital era tão raro que até seu agente desistira de pedir. Ela colocou os dedos sobre os dedos de Neo e o guiou nas teclas. Isso era muito eficiente em termos de aula, mas terrível para seu autocontrole.

– Acredito que pedir que pratique em casa está fora de questão, não é? Neo deu de ombros.

– Tenho me divertido mais do que esperava com estas aulas.

– Fico contente. – Ela sorriu. – A música é um bálsamo para a alma.

– Pode ser.

Compartilharam um breve silêncio de acordo. Então Neo se levantou e olhou para o relógio.

– Não prometo que irei praticar, mas vou comprar um piano. Minha secretária irá lhe telefonar para que recomende o melhor.

A SECRETÁRIA de Neo ligou, mas com o propósito de cancelar a próxima aula do patrão. Ele ficaria fora de Seattle na semana seguinte.

– Por favor, não mencione isto para ninguém. O paradeiro do sr. Stamos poderia causar especulações que talvez prejudiquem suas atuais negociações – disse a mulher em tom profissional, como se repetisse uma lição.

Sem dúvida, Neo recomendara que Cassandra recebesse uma explicação por sua ausência, e por isso ela sorriu. Infelizmente, porém, a ausência de Neo na cidade não causara curiosidade na mídia, mas suas visitas semanais à casa da professora, sim. Cassandra levantou-se na terça-feira com o som de portas de carros se fechando e pessoas falando em tom estridente na frente de sua casa. Ela correu para a janela do quarto e espiou por trás das cortinas.

Três vans de emissoras de televisão e alguns carros estavam estacionados à frente de sua porta. A campainha tocou e tocou de novo, enquanto ela se vestia. Iria ignorá-los. Não precisava responder. Já não era uma personalidade pública e não tinha obrigações com a mídia. De qualquer modo, não tomou seu banho matinal e se vestiu às pressas. Alguém bateu com força na porta envidraçada do balcão de seu quarto, fazendo-a gritar e entrar em pânico.

Agarrou o telefone sobre o criado-mudo e ligou para seu agente. Quando contou a Bob, entre soluços, o que estava acontecendo, ele pediu que se acalmasse e disse que esse tipo de atenção da mídia vendia mais CDs.

Cassandra nem se importou em argumentar. Lutava para se controlar. Desligou e digitou o número do escritório de Neo, cada batida insistente na porta fazendo-a enrijecer.

Ouviu a secretária eletrônica, e balbuciou uma mensagem.

Depois foi para o banheiro, trancou a porta, e rezou para os repórteres irem embora.

AINDA ESTAVA lá, enrodilhada entre a banheira antiga e a parede, quando alguém bateu, dessa vez na porta do banheiro.

– Cassandra! Está aí dentro? Abra. É Neo.

Mas Neo estava fora da cidade. Assim dissera sua secretária. Cassandra balançou a cabeça com força, suando muito.

A maçaneta girou.

– Cassandra, abra a porta.

A voz parecia a de Neo, mas ela não podia aceitar que fosse o bilionário grego ali do lado de fora de seu banheiro. Ela odiava se sentir daquele modo, dominada pelo pânico.

– Por favor – disse Neo com voz suave. – Abra a porta, *pethi mou*, minha pequena.

Cassandra forçou-se a movimentar os músculos enrijecidos e se levantou, murmurando:

– Estou... indo.

Ele disse mais alguma coisa em grego, e depois acrescentou:

– Ótimo. Obrigado. Abra.

Cassandra estendeu a mão, destrancou a porta e girou a maçaneta.

O homem parado do lado de fora não parecia o Neo Stamos de sempre. Não usava paletó e sua expressão era sombria.

Cassandra limpou o suor do rosto com a palma da mão.

– Eles... Alguém da mídia achou interessante a informação de que estava tendo aulas de piano comigo.

– Sim.

– Pensei que fossem arrombar minha casa.

– Foi bom não terem feito isso.

Cassandra concordou com um gesto de cabeça.

– Acho que deveria tomar um banho – disse ele. – Vou fazer um chá.

– Eu... sim, é uma boa ideia – balbuciou Cassandra.

Olhou para sua imagem no espelho do banheiro. Estava com uma aparência desastrosa. Não penteara os cabelos desde que levantara. Seus olhos tinham uma expressão amedrontada, a pele parecia branca como cal, e a blusa mostrava manchas de suor. Precisava mais do que um banho. Necessitava uma transformação radical.

– Tudo bem se a deixar sozinha? – perguntou Neo.

– Claro.

Envergonhada com o próprio comportamento, não pediria que ele ficasse de jeito nenhum. Não refletiu sobre como Neo entrara em sua casa até

terminar um banho quente que durou vinte minutos. Ruminando a pergunta, secou os cabelos com uma toalha. Só obteria uma resposta quando descesse, então vestiu roupas limpas e se dirigiu à cozinha.

Neo aguardava-a com uma caneca fumegante.

– Beba.

Cassandra sentou-se e tomou um gole, quase engasgando com a quantidade de açúcar.

– Quantas colheres colocou aqui? – quis saber.

– O suficiente. – Foi a resposta.

– Talvez para uma formiga, mas não para mim.

– Chá bem doce é bom para se recuperar de um susto.

– Fala como se soubesse.

– Chamei minha secretária e mandei que procurasse saber o que era bom para pessoas em estado de choque.

Cassandra não pôde deixar de rir.

– Aposto que ela adorou fazer essa pesquisa.

Neo deu de ombros, e Cassandra abordou a pergunta que a incomodava:

– Tranquei a porta de casa ontem à noite. Como entrou?

– Bob abriu para mim. Ele queria falar com você.

– Sim, ele tem uma chave – murmurou ela. Fitou-o nos olhos. – Mas o que faz aqui?

– Deixou uma mensagem no meu telefone.

– Pensei que estivesse viajando.

– Estava.

Ele voltara. Para ajudá-la? Ou fora uma coincidência? Pouco importava. Cassandra estava feliz por vê-lo ali. Relanceou um olhar para o relógio do micro-ondas e percebeu que já estavam no meio da tarde.

Passara mais de oito horas no banheiro. Não era de admirar que sentisse os músculos tensos quando se levantara do chão.

– Sinto-me uma idiota.

– Não.

– Não o quê?

– Não é uma idiota – afirmou Neo.

Ela fez uma careta discordando, e tomou mais um gole do chá.

Neo sentou-se em frente a ela.

– Sofre de ansiedade toda vez que se vê na iminência de enfrentar o público.

– Sim, mas ninguém me pediu para dar um recital hoje – argumentou ela.

– Será? Não é isso que os *paparazzi* fazem sempre que metem o nariz nas nossas vidas? Exigem que se dê um espetáculo para eles e suas plateias com a intenção de gerar fofocas.

– Acha que Bob incentivou a mídia a bisbilhotar sobre suas aulas? – quis saber Cassandra em voz baixa.

Neo agarrou um jornal no balcão da cozinha e o abriu sobre a mesa, na frente dela. Na primeira página havia uma foto dele, a distância, entrando na casa de Cassandra.

– Trouxe isto para lhe mostrar. Achrom que você é algo mais do que apenas minha professora de piano. Acreditam que é minha nova amante.

Cassandra estremeceu, não diante do pensamento de ser sua amante, mas por dar a impressão errada para os jornalistas.

– O fato de eu manter nosso relacionamento com discrição suscitou muitas especulações, e o fato de você ser famosa intensificou o interesse – explicou Neo.

– Acho que foi ótimo ter cancelado a aula de hoje, ou teria sido perseguido pelos repórteres.

Neo balançou a cabeça.

– Peço desculpas pelo que aconteceu. Minha assessoria de imprensa já forneceu detalhes sobre minhas aulas, mas receio que a esta altura os rumores já circulem, e custarão a sumir.

– Tudo bem – disse Cassandra em tom de desculpas. – Exagerei na minha reação.

– Muitos reagiriam assim se vissem um bando de *paparazzi* na porta de suas casas.

– E na porta dos fundos também – acrescentou ela.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Neo de cenho franzido.

– Alguém pulou o muro dos fundos e tentou entrar no meu quarto.

Neo ficou furioso.

– Isso é o cúmulo.

– Concordo. Foi aterrorizante – confessou Cassandra.

Mas o pior era que já não distinguia o medo normal da fobia que sentia quando se tratava de multidões e recitais.

Tratou de mudar de assunto.

– Não vai querer uma aula já que está aqui, vai?

Ele sorriu.

– Talvez, depois que você tiver comido.

Nesse mesmo instante o estômago de Cassandra roncou, fazendo-a lembrar que não comia nada desde a noite anterior.

– Vou comer só uma torrada.

Mas Neo não concordou. Insistiu para que um de seus guarda-costas buscasse uma refeição completa. Quando a encomenda chegou, Cassandra ficou surpresa por ver que conseguia comer de tudo.

– Seu agente queria ficar aqui e conversar com você, mas insisti para que fosse embora – revelou Neo quando estavam terminando de comer.

– Obrigada. Provavelmente ele queria que eu desse uma entrevista.

– Também tive essa impressão – replicou Neo com calma.

– Bob me disse que a publicidade ajudaria a vender CDs.

Neo franziu a testa.

– Quando disse isso?

– Telefonei para ele antes de ligar para o seu escritório. Foi por isso que você o encontrou aqui. – Cassandra tomou um gole do vinho que viera com a refeição. – Pensando melhor agora, não sei por que telefonei para o seu escritório. Não estava raciocinando com clareza.

– Estou contente que tenha ligado. Sem dúvida sou o pivô do problema, e preciso dar uma solução.

– Neo Stamos, acho que é um bom homem.

Ele pareceu estupefato com essas palavras, mas logo escondeu a surpresa.

– Vou encarar como um elogio – murmurou.

– Sem dúvida que foi.

Acabaram não tendo a aula nesse dia, mas Neo permaneceu ali até as 21 horas, quando o vinho agiu sobre a adrenalina e Cassandra começou a bocejar a cada minuto.

– Precisa repousar – disse Neo.

– É verdade. – Ela riu de mansinho. – Estou exausta quando não deveria estar.

– É claro que deveria. Vá dormir.

– Está bem.

Cassandra pensou que ele fosse beijá-la quando o conduziu até a porta da frente, mas Neo apenas apertou seu ombro e tornou a aconselhar que fosse dormir. Depois que ele saiu, Cassandra balançou a cabeça diante da própria idiotice. Por que um homem como Neo Stamos desejaria beijá-la? Não fazia o tipo. Além disso, tinha “problemas”.

Não estava amarrada em casa, mas em geral era assim que se sentia. Podia fazer compras domésticas sem ficar estressada, contanto que fosse ao mercado ali perto, que frequentava desde criança. Embora comprasse quase todas as coisas on-line, podia visitar conhecidas lojas de departamentos, caso realmente precisasse. Superara grande parte de sua ansiedade em relação às gravações em estúdio, contanto que os técnicos e produtores musicais fossem sempre os mesmos. E seu agente tinha ordens expressas para não deixar mais ninguém assistir suas gravações. Bob parara de convidar estranhos quando ela simplesmente se recusara a tocar e saíra de lá.

Entretanto essa atitude exagerada provara que continuava longe da normalidade. Sua agorafobia, ou medo de espaços abertos e multidões, estava mais concentrada nos recitais, embora a ideia de ter estranhos em seu lar, seu santuário, sempre a deixara muito ansiosa. E o mar de jornalistas na calçada de sua casa havia trazido lembranças terríveis.

Ignorava o tempo que teria ficado no banheiro caso Neo não aparecesse. E saber que Bob estivera lá também só aumentara o estresse, pois tinha certeza do quanto seu agente gostaria de faturar com a situação. Cassandra não entendia por que a presença de Neo causara tanta diferença, mas estava muito agradecida.

CAPÍTULO 3

NA MANHÃ seguinte, Cass trabalhava em uma peça que pretendia colocar em seu próximo CD quando a campainha da porta tocou.

Ela ignorou. Não havia vans da televisão estacionadas na frente de sua casa nessa manhã e Neo divulgara uma declaração que deveria calar as bocas mais maledicentes. Mas isso não garantia que algum repórter ousado não resolvesse voltar para conseguir uma reportagem da “pianista reclusa”. Mesmo depois de saberem a verdade, alguns insistiriam em acreditar que o bilionário e Cass mantinham algum tipo de relacionamento especial. Afinal, isso daria mais notícia do que o fato de Neo ter aulas de piano.

E se não fosse um repórter, ela também não costumava abrir a porta para vendedores. Cassandra não estava disposta a atender estranhos nem a dar entrevistas, por mais que Bob, seu agente, discordasse. Sentia-se muito mais calma nesse dia do que esperara, e a companhia de Neo na noite anterior a ajudara de uma maneira que nem seu pai conseguira após um de seus recitais, no passado. Ela se sentia segura ao lado do grego e confiara nele para consertar o tumulto criado pela mídia.

A campainha tornou a soar, mas seus poucos amigos e colegas da música sabiam que deviam telefonar antes de visitá-la, portanto Cassandra continuou a ignorar. E então o telefone tocou.

Suspirou de modo irritado, mas foi atender. Essa peça que treinava nunca seria finalizada se continuasse a ser interrompida. Agarrou o aparelho e atendeu:

– Alô?

– Srta. Baker?

– Sim – respondeu, reconhecendo a voz da secretária de Neo. Por que estaria ligando? Ah, sim. – Está ligando para que eu recomende uma marca de piano?

– Na verdade, não.

Cass sentiu-se desapontada, e antecipou:

– O sr. Stamos deseja cancelar sua aula da próxima semana também?

Será que ele queria parar de vez com as aulas? Não o culparia depois do espetáculo do dia anterior.

– Não. – Foi a breve resposta da secretária.

Bem, talvez fosse melhor esperar que a mulher falasse, refletiu Cassandra. Jogos de adivinhação podiam se tornar enfadonhos, e não estava gostando de suas premonições.

Então esperou em silêncio pela explicação.

A outra pigarreou antes de falar:

– O sr. Stamos me pediu que contratasse um chaveiro para ir até sua casa trocar a maçaneta da sua porta da frente e acrescentar fechaduras no andar de cima. O chaveiro me ligou pelo celular dizendo que já chegou aí, mas parece que sua campainha não funciona.

– Funciona muito bem – respondeu Cassandra.

– O chaveiro tocou mais de uma vez – rebateu a secretária.

– Não costumo atender a porta quando não estou aguardando ninguém.

Essa foi sua resposta. Há muito aprendera que tentar explicar suas idiosincrasias apenas piorava as coisas. Em particular quando tratava com pessoas frias como a secretária de Neo Stamos.

– Se não atender, o chaveiro não poderá resolver o problema.

– E qual seria esse problema exatamente? – questionou Cassandra. Não notara nada de errado com sua maçaneta, embora estivesse curiosa para saber se Neo vira algo.

– O sr. Stamos deixou instruções para que a maçaneta seja substituída por um modelo de tranca automática.

– Seu patrão deixou instruções sobre a minha porta? – repetiu Cassandra atônita. – Sem me avisar?

Ela sabia que Neo não gostava que deixasse a porta destrancada quando esperava visitas. Mas isso fazia parte de sua preparação mental; lembrava-a que precisava se abrir para as outras pessoas, pelo menos de certa maneira. Neo queixava-se da porta todas as semanas, mas sem dúvida não imaginava que ela acabasse esperando a visita de um chaveiro, imaginava? É claro, devia saber que Cassandra não deixaria a porta aberta o tempo todo. Não com os repórteres tão interessados no relacionamento dos dois.

O tom profissional da secretária interrompeu o fio de seus pensamentos:

– Na verdade, não sei se ele a informou ou não. Só sei das instruções que recebi.

– Espera minha permissão para que um estranho entre na minha casa e substitua minha maçaneta só porque seu patrão mandou? Quando não autorizei isso e muito menos pedi essa... *reforma*?

Usou a última palavra por falta de outra melhor. O silêncio da secretária na outra ponta da linha provou que era isso mesmo que esperava. Cassandra pensara que Neo a compreendia pelo menos um pouco. Parecia ter se enganado.

– Não – disse em um tom decidido.

– Não? Mas o sr. Stamos...

Cassandra não teve pena de interromper a mulher aflita.

– Por favor, ligue para o celular do chaveiro e cancele o pedido. Agora mesmo.

– Não posso fazer isso – gemeu a outra. – O sr. Stamos...

– Não é dono da minha casa – interrompeu Cassandra. – E eu, *a proprietária* – acrescentou, sentindo a ansiedade aumentar –, não tenho a menor intenção de substituir a minha maçaneta, que funciona muito bem.

– O sr. Stamos não ficará feliz com esta resolução – alertou a secretária em tom ameaçador.

– Estou certa de que seu patrão tem coisas mais importantes com que se preocupar.

– Sem dúvida, mas deixou instruções.

Certamente Neo inspirava lealdade e comprometimento por parte de seus empregados.

– Deveria ter conversado comigo sobre essas instruções – replicou Cass sem demonstrar simpatia. *Ela* não fazia parte do quadro de funcionários de Neo.

E se ele tivesse lhe falado sobre suas intenções, teria garantido que não deixaria a porta destrancada dali por diante.

– O sr. Stamos não tem o costume de pedir a opinião dos outros – disse a secretária com toda a calma.

– Verdade? Jamais adivinharia – retrucou Cassandra com sarcasmo, fazendo uma careta diante do próprio comportamento.

Sabia que Neo tentava ajudá-la. Apenas fizera a abordagem errada. Voltou a dizer:

– Cancele a visita do chaveiro.

Ouviu claramente a secretária bufar do outro lado da linha.

– Avisarei o chaveiro que seus serviços não estão sendo requisitados no momento. O sr. Stamos saberá que foi a senhorita quem tomou esta decisão.

A voz da mulher poderia congelar as linhas telefônicas.

– Faça isso – sugeriu Cassandra. – E informe ao seu patrão também que se eu for interrompida por causa do chaveiro ou qualquer outra pessoa sob suas ordens, *ele* ficará sem aula na próxima vez, porque estarei ensaiando minhas próprias músicas.

O silêncio que se seguiu a fez sorrir. Era uma ameaça vazia, mas tivera efeito. Será que Neo entenderia a piada ou continuaria sem compreender nada a seu respeito?

– Passarei sua mensagem para o sr. Stamos palavra por palavra – disse a mulher em tom sombrio.

– Obrigada.

NEO FICOU furioso consigo mesmo. Deveria ter ligado para Cassandra e avisado sobre a visita do chaveiro. Deveria até comunicar ao agente antipático para que supervisionasse o trabalho. Entretanto apenas deixara as instruções com sua secretária e o resultado fora esse.

Precisou sorrir diante da ameaça de Cassandra. Ser privilegiado com um recital particular da grande pianista não seria nenhuma afronta. Mesmo assim se sentia péssimo por ter estragado tudo, o que era muito incomum. Por isso resolveu ligar para Cassandra do celular, no meio de uma teleconferência com sua equipe de Hong Kong.

– Alô? – Ela atendeu no terceiro toque, parecendo aborrecida.

Mas em vez de achar isso desencorajador, Neo pensou que ela era um encanto mesmo zangada.

– Você despachou meu chaveiro – foi logo dizendo.

– Na verdade, foi sua secretária. Nem cheguei a abrir a porta.

– Por quê?

– Pensei que fosse outro repórter.

Neo fez força para não praguejar. Fora um idiota. Deveria ter imaginado.

– Quero saber o motivo real de tê-lo mandado embora.

– Por que não me perguntou se desejava consertar a maçaneta da minha porta e colocar ferrolhos pela casa?

– É necessário fazer essas mudanças. Você nunca se lembra de trancar a porta da frente.

– Não esqueço, mas prefiro deixar aberta quando sei que receberei alguém em casa.

– Isso não melhora as coisas.

– Se isso o faz se sentir melhor, não pretendo deixá-la aberta daqui por diante. Não quero ver repórteres entrando sem serem anunciados.

– Alguns não hesitarão em pular seu muro.

– Sim, como fez aquela pessoa no outro dia – lembrou Cassandra.

– Apesar de sua ojeriza por estranhos, é relapsa quando se trata de sua segurança – criticou Neo. – De qualquer forma, o chaveiro seria apenas uma precaução. Você precisa é de um consultor sobre sistemas domésticos de segurança.

– Não preciso disso – replicou ela com firmeza.

Neo já vencera negociadores durões, mas a pianista era mais difícil. Contemporizou:

– Considere um presente por ter permitido minha entrada em seu lar.

– O que está querendo me dizer de verdade é que teme pela *sua* segurança na minha casa?

– Ajudaria se dissesse que sim?

Ela sorriu.

– Para um homem honesto, você adora manipular os outros.

– Obrigado.

– Não deixarei um estranho entrar em minha casa – disse Cassandra, voltando à carga.

– Eu também era um estranho quando me permitiu entrar pela primeira vez – rebateu Neo, mesmo percebendo que cometera um grave erro enviando o chaveiro.

Zee avisara-o que sua impaciência poderia causar problemas, e não era a primeira vez que o amigo tinha razão.

– Na verdade, não – retrucou ela. – Primeiro, eu estava preparada para receber um novo aluno. Segundo, fiz minha pesquisa, aprendendo tudo a seu respeito antes de conhecê-lo. E terceiro, meu agente avisou que me deixaria se não concordasse em dar as aulas.

– Poderia receber o consultor sobre segurança – insistiu ele.

– Não.

– Cassandra, está sendo cabeça-dura.

Ela riu, ao mesmo tempo irritada e zombeteira.

– A cabeça-dura sou eu?

– Sim. Levará apenas trinta minutos. Uma hora no máximo.

– Não se trata só de tempo.

– O especialista em segurança poderá obedecer ao seu horário.

– Não quero nenhum especialista – exclamou ela em tom decisivo.

– Cassandra, seja razoável.

O longo silêncio que se seguiu deixou-o alerta. Por fim, ela falou:

– Se está tão preocupado, poderíamos realizar as próximas aulas no meu estúdio de gravação. – Dessa vez ela esperou, para lhe dar tempo de pensar.

– Não quero ter aulas em um estúdio. – Foi a resposta.

– E eu não quero um estranho em minha casa.

A crescente agitação em sua voz deixou-o desconfortável. Não queria perturbar sua tímida professora.

– E se eu estivesse presente quando o consultor fosse visitá-la?

Mal fez a proposta, Neo pegou-se surpreso. E pela expressão que viu no rosto da secretária ao seu lado, ela também estava atônita.

Porém Cassandra deixara sua reclusão no banheiro para atender seu chamado, e Neo tinha certeza que não faria isso para mais ninguém. Estava acostumado a contar com a lealdade de funcionários e associados. Então por que se sentia tão emocionado com a atitude de Cassandra?

– Você vai ficar aqui para me fazer companhia? – repetiu ela. – Não. É um homem ocupado demais. – Respirou fundo. – Façamos assim; pedirei ao meu agente que venha receber o consultor de segurança. Bob fará isso.

Um alívio inesperado invadiu-o. Ele a convencera. Mas não queria que Bob lidasse com isso.

– E você não estará presente? – perguntou para Cassandra. – Como disse para a minha secretária, e ela me repetiu, a casa é *sua*.

– Sim, bem... tem certeza que não quer ir ao estúdio? – insistiu ela.

Ignorando essa segunda oferta, Neo pegou sua agenda e marcou com um círculo dois compromissos para serem remanejados pela secretária.

– Estarei aí com o consultor amanhã às 10h.

– Não precisa, eu...

– Se seu agente pudesse convencê-la a melhorar a segurança da casa, já teria feito – cortou Neo.

– Não tinha alunos bilionários antes.

– De qualquer modo, Bob é um incompetente quando se trata de sua segurança pessoal – teimou Neo.

– Tenho certeza que você precisa muito de segurança, mas eu sou uma musicista de sucesso moderado – argumentou Cassandra. – Nem mesmo faço turnês.

– É uma musicista brilhante com muitos fãs, apesar de não querer se apresentar em público. Deveria ter se prevenido com alarmes pela casa há muito tempo.

– Compreendo seu ponto de vista. Porém, reconheça, é ditado pelo seu estilo de vida.

Ela começava a parecer desesperada, e Neo estava amolecendo.

No final não cedeu, e redarguiu:

– Não vamos perder tempo com esta discussão. Vejo você amanhã às 10h.

Ela ainda tentou falar, mas Neo desligou.

CASSANDRA OLHOU para o telefone e digitou o número que aparecia na última ligação recebida.

Ele atendeu ao primeiro toque.

– Mais argumentos só servirão para me aborrecer – avisou.

– Que interessante – murmurou Cassandra, pensando que Neo devia tomar pílulas de arrogância no café da manhã. – É costume dizer até logo quando se desliga. Por favor, lembre-se disto no futuro.

– Lembrarei. Até logo.

Cassandra pôde ouvir sua risada antes de desligar.

Sorrindo sem saber por que, já que concordara com a visita indesejada, ela tornou a praticar em seu piano quando percebeu que tocava com maior vivacidade ao recordar os olhos verdes de Neo. Então se deu conta de que se metera em uma enrascada.

CUMPRINDO A promessa, na manhã seguinte Neo chegou pontualmente. Com os cabelos erguidos em um coque, e usando um conjunto cor-de-rosa de vestido e jaqueta, Cass o aguardava na sala de música, e ouviu quando o Mercedes estacionou.

Mal conseguia dominar seus nervos.

Neo trouxera consigo um estranho que faria mudanças em sua casa. Mudanças com as quais ela ainda deveria se acostumar quando ele terminasse seu ano de aulas. Neo tocou a campainha, mas antes testou a maçaneta, como ela suspeitara. A porta se abriu e Cassandra ouviu passos. A porta se fechou. Mais passos, sendo que os de Neo eram calmos e ritmados. Segundos depois ele surgiu, à frente de um homem mais baixo e louro.

– Cassandra – disse com voz austera –, deixou a porta aberta de novo. Prometeu que não faria isso.

– Destranquei há alguns minutos. Sabia que chegaria na hora combinada. Neo franziu a testa.

– E se nos demorássemos por causa do trânsito?

Cassandra brincou:

– O trânsito não ousaria atrasá-lo.

Receber a visita do consultor de segurança doméstica era simples para qualquer pessoa, mas não para Cassandra Baker e suas idiossincrasias. Controlando seu sentimento irracional de pânico, virou-se para encarar o rapaz louro.

– Sou Cassandra Baker, seja bem-vindo.

O rapaz estendeu a mão.

– Cole Geary. É uma honra conhecê-la, srta. Baker. Sou um grande fã. Coleciono todos os seus CDs.

Cassandra apertou sua mão e ofereceu o sorriso padronizado para o público em geral.

– É um prazer conhecê-lo, sr. Geary. Fico feliz que goste da minha música. É a alegria da minha vida.

– Sem dúvida acredito, porque já a ouvi.

Neo limpou a garganta, encarando os dois, e queria dizer que estavam perdendo tempo com tantos cumprimentos. No mesmo segundo, Cole mudou a expressão de admiração para outra profissional.

– O sr. Stamos está preocupado com a sua segurança. Poderia examinar a casa antes de fazer sugestões?

A resposta normal seria:

– Claro que sim.

Porém Cassandra não queria Cole Geary em sua casa, por mais que fosse simpático e um grande fã. Então tratou de dar uma resposta ambígua:

– Não quero barras nas janelas.

Sua timidez natural já era uma prisão. Cole ia responder, quando Neo interrompeu, passando a mão pelo ombro de Cassandra.

– Vamos mostrar o resto da casa para o sr. Geary.

Ela ergueu os olhos para ele, implorando para que compreendesse as razões que a atormentavam e humilhavam desde a infância. O único terapeuta que consultara ainda a pedido de seu pai, pouco fizera para que ela superasse sua ansiedade. Porém lhe ensinara alguns mecanismos para enfrentá-la.

Ele lhe dissera que suas experiências por ter crescido no lar de uma inválida, combinadas com a pressão de se apresentar em recitais ainda criança, haviam exacerbado sua natural timidez. Mas Cassandra não tinha muita certeza disso. Tudo que sabia era que sofria de agorafobia aumentada pela sociofobia, embora ignorasse quão sério era o problema. Em especial, não entendia porque se sentia tão mal como nesse momento, por estar simplesmente conhecendo um consultor e mostrando-lhe sua casa.

– Teria preferido que Bob o recebesse – murmurou.

– Confie em mim – respondeu Neo, ignorando Cole por um instante. – Nós dois faremos isto juntos.

– Sei que estou sendo ridícula.

Ela odiava se menosprezar dessa maneira, por mais que fosse verdade.

Já se cansara de advertir os outros sobre suas fraquezas, principalmente porque não tinha forças para vencê-las.

– Este é o mundo em que vive – disse Neo. – Se confiar em mim, verá que não há nada a temer.

– Meu pai costumava dizer o mesmo – concordou Cassandra.

Mas sempre antes de empurrá-la para um palco onde ela precisava se concentrar na música para não ficar louca de medo do público. Lembrava-se do mar de rostos que saudava os concertos da pequena pianista prodígio. Essa recordação ainda a fazia sentir como se um dedo frio deslizesse por sua espinha dorsal. Desde que se entendia como gente, sua música sempre fora algo muito pessoal. Usava-a para se esconder da realidade sobre a doença da mãe e da raiva e impotência do pai por não poder curar a esposa.

Cass sempre odiou dividir sua música com multidões de estranhos, muitos deles ansiosos em conhecer a jovem pianista após os exaustivos concertos.

– Vai me falar sobre isto mais tarde – disse Neo sem parar de fitá-la –, mas saiba que não sou seu pai.

Sem dúvida que não era, pensou Cassandra. As emoções que ele lhe despertava nada tinham de filiais. Respirou fundo e disse:

– Muito bem. Mostraremos a casa para o sr. Geary.

– Vamos lá – disse Neo para Cole.

O consultor apenas aquiesceu com um gesto de cabeça, sem lançar os olhares curiosos que Cassandra costumava receber quando demonstrava suas esquisitices.

Grata, ela lhe lançou um de seus raros sorrisos genuínos.

Então Neo conduziu o visitante como se conhecesse a casa há anos. Era estranho. Nem uma só vez abriu a porta de um armário pensando ser um quarto. Embora a casa fosse pequena, havia várias portas.

Observando as portas do quarto de Cassandra com ar de crítica, Cole disse:

– O ideal seria reforçar com metal e vidro inquebrável.

Cassandra puxou a manga do paletó de Neo.

– Isso é necessário?

– Passaremos o dia juntos quando os operários estiverem trabalhando aqui.

Não era isso que ela perguntara. Afinal, *Neo* era apenas seu aluno, não um amigo ou protetor, mas a fazia se sentir segura como nunca antes.

Tal pensamento era preocupante. Neo sairia de sua vida sem olhar para trás em menos de um ano. As lições acabariam e ele prosseguiria seu caminho, porém a vida dela nunca mais seria a mesma. Disso Cassandra tinha certeza. Entretanto, talvez não fosse ruim. Há muito tempo não deixava ninguém entrar em sua vida, e talvez valesse a pena sofrer pela perda mais tarde.

– Tenho certeza que sua secretária adorará a reforma. Ela não gosta de mim – brincou para ocultar a alegria que a oferta de Neo lhe causara.

Ela não podia imaginar como seria um dia inteiro na companhia do bilionário. Mas queria tentar.

– A srta. Park? É muito eficiente – disse Neo com brusquidão. – E não a pago para gostar ou desgostar das pessoas.

– Nem por isso ela deixa de me odiar.

Será que Neo pensava que a cabeça dos outros funcionava assim? Mediante pagamento?

– Tenho agido de modo diferente quando se trata de você – explicou ele. – Sem dúvida isso surpreendeu a srta. Park.

– Sério? – Cass largou o paletó e alisou a manga. – Acho que isso *não* me surpreende. Até eu percebi que sua oferta de vir aqui hoje não era comum.

– É verdade, mas aqui estou.

– E por quê? – perguntou Cassandra.

Seria possível que Neo sentisse alguma afinidade por ela? E se fosse assim, o que fazer?

Um homem dinâmico como Neo Stamos não toleraria a dor de cabeça que seria um relacionamento com Cassandra Baker.

– Creio que estou fazendo uma nova amizade pela primeira vez em muitos anos – explicou ele.

– Oh!

Era óbvio que Neo não sentia atração por ela. Vivia cercado por mulheres lindas e sociáveis. Cass não era páreo para nenhuma delas, porém amizade não era algo para se desprezar. Não para ela. Seus amigos eram tão poucos que não podia recusar uma nova amizade.

– Sinto-me honrada – murmurou.

– E eu me sinto feliz com a sua confiança.

– Confio mesmo em você, Neo.

– Já notei.

Foi a vez de Cole interromper a conversa, pigarreando.

– Já vi o suficiente para preparar um relatório preliminar.

Neo franziu a testa, e Cassandra compreendeu que, como ela, se esquecera da presença do outro homem.

– Ótimo – respondeu ele. – Espero recebê-lo hoje à tarde.

– Pelo preço que o senhor está oferecendo, farei isso.

Cole sorriu demonstrando que gostava de clientes ricos.

– Também gostaria de ver seu relatório – pediu Cassandra.

O sorriso de Cole ampliou-se, enquanto a fitava:

– Claro que sim, senhorita.

– Naturalmente – disse Neo ao mesmo tempo.

E então, como um rodamoinho, Neo Stamos partiu levando o consultor de segurança.

CAPÍTULO 4

CASS LEU o relatório da segurança, e sentiu angústia a cada recomendação. Era impossível fazer tudo aquilo em um só dia, mesmo em dois. Apesar das várias opções acessíveis ao seu bolso, eram muitas para serem realizadas em poucas horas. Cassandra começou a ter visões de operários entrando e saindo da casa, invadindo seu santuário por, pelo menos, uma semana. Estava agradecida pelo fato de Cole ter trazido o relatório pessoalmente em vez de enviar um mensageiro.

Entretanto o especialista desconhecia que várias modificações iriam trazer ansiedade para ela. Uma delas era um sistema de alarme a ser colocado em cada janela e porta. Caso ela acidentalmente tocasse o alarme, um ruído agudo iria deixá-la quase surda, assim como a vizinhança. Além disso, o sistema ficaria conectado à empresa de segurança. Alguém ali teria cópia das chaves de sua casa e, embora Cole tivesse lhe dito que esse sistema era muito usado em residências, Cassandra iria se sentir espionada o tempo todo.

Cole também sugerira fechaduras biométricas. Cassandra sabia que eram as que se abriam mediante a gravação da retina e das impressões digitais, o que era intrigante. Talvez fosse até gostar.

Porém o que ela detestara no relatório dizia respeito à parte externa. Cole queria derrubar as fileiras de lilases que sua mãe plantara ao se mudar para a casa, muitos anos antes. E isso era só o início da mudança na paisagem do jardim.

Cass resolveu que Neo teria que tomar as aulas no estúdio de gravação, e telefonou para ele.

– Já discutimos esta opção e não aceitei – respondeu ele.

– Então daremos as aulas no seu apartamento. – Por que ela não pensara nisso antes? – Não está pensando em comprar um piano? Seria interessante ter as aulas no instrumento em que irá praticar.

– Qual é o problema? – questionou Neo sem a menor impaciência, o que a surpreendeu. – Li o relatório e achei que Cole Geary fez um bom trabalho minimizando o impacto das reformas.

Cassandra ergueu os olhos em um sinal de irritação que Neo não podia ver.

– Para alguém como você pode ser, mas não para mim – murmurou.

– Alguém como eu precisa de um guarda armado e vigilante o tempo todo – retrucou Neo.

– É horrível ser você. – As palavras saíram de sua boca de modo espontâneo e sincero.

Cassandra não conseguia se imaginar sob constante vigilância a vida inteira.

Uma risada soou de improviso.

– Devo admitir que é a primeira vez, desde que me tornei adulto, que alguém me diz isto. E o mais incrível é que tenho certeza que falou a sério.

– A vida de um executivo importante e rico não é para mim – afirmou ela, começando a se divertir com a conversa, que a fez perder um pouco da ansiedade inicial provocada pelo relatório de segurança.

– É bom que seja apenas minha amiga e não parceira comercial – retrucou Neo com voz divertida.

– E o que me diz de Zephyr Nikos?

– Não sei. Nós dois somos durões, apesar de muito amigos. Zephyr é como um irmão mais velho.

Cassandra espantou-se com o modo como ele podia ser simples mesmo com todo o poder e riqueza acumulados em 35 anos de existência. Mas ela não podia admirá-lo muito; era perigoso para o seu coração. Tratou de responder:

– Eu, por outro lado, não sou mandona, mas também não me deixo controlar.

– Nunca pensei que deixasse. É necessário ser determinada para recusar a vida lucrativa de uma concertista.

Cassandra deu de ombros.

– Meu agente chama isso de teimosia.

Neo sorriu.

– É lógico, pois quanto mais dinheiro você faz, mais ele lucra também.

– Pode ser.

– Acha que não é assim, Cassandra?

– Honestamente não sei. Quando meu pai morreu, eu me grudei em Bob porque era alguém que já conhecia há muito tempo. Achei que ele desejava o meu bem e ainda penso assim.

– Mas ele é motivado pelo sucesso financeiro, como muitos de nós – observou Neo.

– Oh, não creio que seja apenas dinheiro o que motiva você. Tenho a impressão que gosta de ser rico, mas ama o poder ainda mais. Sabe controlar com a maior naturalidade.

– É verdade, mas o que a faz pensar assim? – quis saber em tom curioso.

Cassandra riu sem poder se conter. E depois riu de novo. Por fim fez-se silêncio do outro lado da linha.

– Ainda está aí, Neo?

– Sim. Acabou de rir?

– Acho que sim...

– É a primeira vez também que alguém ri de mim.

– Ora! Deixe de melindres. Se escorregasse em uma casca de banana e caísse no meio da rua, seu amigo Zephyr não riria?

– Jamais tropeço e caio – retrucou ele com firmeza.

– Suponho que nunca derramou molho na camisa em um restaurante – provocou Cassandra.

– Não.

– Humm... nunca troca o nome de alguém em uma festa e fica constrangido?

– Não cometo erros. E penso antes de falar.

Que arrogante!

– Nunca blefou quando fazia negócios? – insistiu ela.

– Jamais.

Fez-se um breve silêncio e depois a voz de Cassandra soou de novo ao telefone:

– Acho você engraçado, desculpe.

– Pode se explicar?

– Neo, desde que nos conhecemos você só me dá ordens. Seus problemas com controle são profundos.

– Não tenho problemas com controle – retrucou ele em tom ofendido.

Cassandra quase riu de novo, mas controlou-se usando de bom senso e mordendo o lábio, o que causou dor.

– Não, apenas insiste em ser o único controlador.

– Cedo o controle quando é preciso.

– E tenho certeza que isso é raro – comentou ela.

– Verdade, mas não há nada de errado nisso – respondeu na defensiva.

Cassandra sorriu, mas tentou se controlar novamente ao dizer:

– Tem razão, quando se trata de suas responsabilidades pessoais. Mas quando insiste em mudar meu lar para satisfazer seu capricho, vai longe demais. Se não se importa que o diga.

– Já discutimos isto. A preocupação com sua segurança não é um capricho.

– Pensei que estávamos fazendo essas mudanças para garantir a sua segurança, Neo.

– Eu tenho guarda-costas. Estou pensando em você.

– Compreendo.

E Cassandra agora compreendia, apesar de ter custado a perceber que tanta insistência era por sua causa e não por ele mesmo.

– Mas na realidade – prosseguiu –, não quero mudar minha casa *por mim*.

Não queria modificar nada. Vivera sempre ali e se sentia muito bem. Mesmo sozinha, desde o falecimento do pai.

A voz de Neo interrompeu seus pensamentos.

– Imagine se um daqueles repórteres grosseiros tivesse quebrado um caixilho de vidro, no balcão de seu quarto, e entrado. Isso poderia ter acontecido facilmente. Mesmo sem a intenção de machucá-la, tal atitude iria perturbá-la muito.

– Não há por que pensar que o outro dia irá se repetir.

– Você é uma celebridade, Cassandra. Pode ser tímida e não gostar dos refletores, mas com o aumento das vendas a cada novo CD, constrói uma base de fãs cada vez maior. Um incidente como aquele poderá acontecer, sim, e *em breve*.

Ela estremeceu; sentia náuseas só em pensar nisso. Porém, lembrou que deixara de ser uma figura pública há anos.

– Mesmo que eu seja uma artista de razoável sucesso no mundo da música, não corro o risco de ser uma pop star.

– Corre risco, sim.

– Por que insiste com isso? – disse Cassandra quase chorando.

– Costumo ajudar as pessoas que confiam em mim.

– Não sou uma de suas funcionárias.

– Não importa. – Neo suspirou, exasperado. – Já providenciei o pagamento das reformas de segurança na sua casa, se é isso que a preocupa.

– Sabe muito bem que não é.

– Cassandra...

– Verei você na próxima semana. Avise-me se deseja me encontrar no estúdio ou em seu apartamento.

Neo repetiu seu nome, mas ela apenas murmurou:

– Até logo.

E desligou sem nenhuma outra palavra.

CASS QUERIA ter ficado surpresa quando a campainha tocou na manhã seguinte, antes mesmo que tomasse sua primeira xícara de café, mas não se surpreendeu. E ficou ainda menos surpresa ao olhar pela janela do quarto e ver o Mercedes de Neo estacionado.

Ele não era o tipo de homem que deixava os outros estabelecerem as regras. Além disso, não importava o que ela pensava, mostrava-se

convencido de que Cassandra precisava melhorar a segurança de sua casa. Estava a meio caminho na escada quando a campainha tocou de novo. Sempre impaciente, Neo não se importara em pensar se iria incomodá-la tocando tão cedo pela manhã. Cassandra nem considerou a prerrogativa de não atender a porta.

Neo não se daria por vencido. E por mais que ela detestasse confrontos, não recuava quando era preciso enfrentar uma situação. E tinha que esclarecer para Neo que não iria transformar seu lar segundo os desejos dele.

Cass ficou muda quando abriu a porta e se deparou com o homem que ocupava seus pensamentos. Estava lindo com seu terno de executivo, cada fio de seu cabelo negro no lugar, e os olhos verdes que a fitavam como se lessem sua alma. Uma onda de calor a invadiu, e Cassandra prendeu a respiração. Foi só por alguns segundos, mas o bastante para lembrá-la de como perdia o controle na presença de Neo Stamos.

Por que ele a afetava desse modo?

Entretanto, por mais que isso a perturbasse, gostava da sensação.

Mesmo quando ele tentava dominá-la e dar ordens.

Neo abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la quando viu Cass.

– O que está vestindo? – perguntou após um longo silêncio.

Sem entender bem o que o deixara tão confuso, Cassandra olhou para a própria roupa, sim, *lembrara* de vestir o roupão. A seda azul cobria-a do pescoço aos tornozelos, completa e recatada. Estava descalça, mas em casa e sem dúvida isso não era crime, ou era?

Ergueu a cabeça e percebeu que Neo encarava-a com muita atenção.

– Não é educado ficar me olhando assim – comentou, constrangida. Em especial quando o olhar parecia uma carícia. Não era certo. – Ainda nem tomei meu café – resmungou.

Ele não pareceu impressionado.

– Já estou acordado há duas horas.

– Bom para você. – Então ele levantara às 5h30? Que masoquista! – Só que as pessoas normais esperam até as 8h para fazer visitas, *principalmente quando não telefonaram antes, para avisar*. Normalmente aguardam até as 9h.

Ele franziu a testa do modo sexy que Cassandra tanto gostava.

– Já concordamos que não sou um homem comum.

– Ser diferente não lhe dá o direito de ser rude – retrucou Cassandra.

Entretanto admitiu que podia tolerar de Neo o que não tolerava dos outros.

– Engraçado dizer isto quando foi você quem desligou no meu nariz ontem – lembrou ele.

– Eu disse até logo – defendeu-se Cassandra.

– Recusou-se a discutir a proposta de Cole de qualquer maneira racional.

– Talvez eu não seja mesmo racional, mas vivo sozinha e não tenho obrigações com ninguém. Posso insistir e manter minha casa como me agrada e apenas porque assim quero.

– Vai me oferecer um café?

Era sem dúvida uma estratégia para mudar de assunto, mas Cassandra não se deixou iludir.

Neo Stamos não conhecia o sentido de desistir. Sua natureza não lhe permitia. Um pressentimento a dominou enquanto girava nos calcanhares sem dizer uma palavra. Ele poderia segui-la até a cozinha ou não. A escolha era de Neo. Ele a seguiu. O som firme de seus passos a alertou sobre como Neo estava decidido. Cassandra serviu duas canecas com café.

– Leite ou açúcar?

– Puro.

Ela lhe entregou sua caneca e depois se serviu de duas colheres de chá de açúcar.

Neo franzia o cenho quando Cassandra o encarou.

– O que foi? Sou mulher e não necessito provar minha masculinidade tomando café preto.

– Bom sinal. Demonstra que é muito feminina. – As rugas na testa se acentuaram. – Costuma atender a porta usando apenas um roupão de seda que marca todas as suas curvas?

Ela ficou atônita, mas durou um longo minuto até conseguir raciocinar direito e responder:

– Para começar, estou usando pijama por baixo do roupão.

Neo resmungou alguma coisa de maneira irônica.

– É verdade – insistiu Cassandra. E para provar, desamarrou o cinto do roupão que a fazia lembrar dos mares havaianos. – Está vendo?

Comprara o conjunto de pijama e roupão quando percebera que possivelmente nunca mais iria ao Havaí. Com quem viajaria? Não gostava de viajar sozinha. E já não dava concertos dentro nem fora da cidade.

Os olhos de Neo se estreitaram ao olhar para o pijama curto, amarrotado pelo sono. Cassandra não conseguiu definir que tipo de olhar era aquele, mas agora entrara no jogo e não iria parar. Tornou a atar o cinto do roupão e o encarou, continuando de onde parara:

– Em segundo lugar, não tenho tantas curvas, e não preciso me preocupar com elas. – Isso pelo menos deveria ter ficado óbvio para Neo. – Terceiro, só atendi a porta *depois* que olhei pela janela de cima e reconheci seu carro.

– Pois então deixe que lhe diga algo chocante, Cassandra. Sou um homem, não apenas seu aluno.

– Isto não é novidade. – Não sabia o que o aborrecera, porém no momento era impossível raciocinar sobre essa informação. – O fato é que nunca abro a porta para estranhos, de roupão ou sem.

– E seu agente? Abre para ele usando roupão?

Qual seria o objetivo dessas perguntas? Confusa, Cassandra respondeu:

– Claro que não. Bob sempre me avisa antes de vir, portanto não sou surpreendida antes do café da manhã ou do meu banho matinal.

– Ótimo.

Ela se esforçou para não erguer os olhos em um gesto de impaciência.

– Fico feliz que aprove. Agora tome seu café em silêncio por alguns minutos, enquanto acabo de acordar para usar meu cérebro direito e discutir com você.

– Vamos discutir?

– Vai insistir em modificar minha casa?

– Sim. – Foi a resposta incisiva.

Pelo menos ele era honesto. Cassandra rumou para a porta da cozinha.

– Já que obviamente não vai me deixar tomar meu café em paz, vou subir, tomar banho e me vestir. Descerei quando me sentir preparada para lidar

com você.

– Trate de ser rápida – comandou Neo. – Iremos para o meu escritório em menos de meia hora.

– Pode sair quando bem entender, porém não tenho intenção de apressar meu banho ou qualquer outra etapa dos meus hábitos matinais.

– Não pretendo ficar sentado aqui por três horas esperando que você se apronte.

Cassandra arregalou os olhos.

– As mulheres na sua vida levam todo esse tempo para se aprontar pela manhã?

Não era de admirar que Neo ficasse um tanto mal-humorado. Ela também ficaria se alguém demorasse assim.

– Quer me dizer que não demora esse tempo todo? – perguntou ele.

– Uso apenas dois produtos de maquiagem; máscara para cílios e brilho labial. O que imaginava? – Ela também gostava de roupas de grife, mas podia vesti-las com a mesma rapidez com que vestia jeans e camiseta. E se estava mesmo com pressa, fazia um coque no alto da cabeça ainda com os cabelos molhados.

– Agora já perdeu cinco minutos – avisou Neo.

– Não vou ao seu escritório.

De jeito nenhum.

– Os operários estarão aqui às 8h30. Pode ficar e supervisionar os trabalhos, ou pode vir comigo.

Cassandra aproximou-se até onde Neo se reclinava de modo displicente sobre o balcão da cozinha, e o cutucou no peito. Ele era muito atraente para que tentasse esganá-lo. E essa era mais ou menos uma maneira de falar, é claro...

– Os operários não deixarão minha casa aos pedaços, Neo. Isso não acontecerá. Se algum deles colocar as mãos nos lilases, chamarei a polícia.

E depois chamaria seu agente e o despediria por tê-la leiloado naquele mesmo pacote de aulas. Nunca mais leiloaria aulas de piano. Deve ter resmungado, em voz baixa, porque Neo a fitou com expressão divertida.

– Vamos discutir isto de maneira racional. – Segurou-a pela mão, acabando com qualquer possibilidade de raciocínio por parte de Cassandra.
– Depois.

– Depois do quê? – quis saber ela.

– Depois que tomar banho e se vestir.

Neo estava muito calmo, até um pouco tolerante, e bastante bem-humorado.

Ela deveria esbofeteá-lo por ser tão convencido, mas sentia a garganta seca e sua boca se recusava a emitir qualquer som. Só queria beijos. Os beijos de Neo. A ideia paralisou-a. O que estava acontecendo com ela? Porém perguntar a si mesma não trazia uma resposta por milagre nem a fazia voltar à realidade. Queria muito ser beijada por ele e isso era tão espantoso que não sabia como lidar com a emoção. Não sabia de onde surgira esse impulso, mas ali estava. E era errado. Neo encontrava-se tão próximo, no entanto Cassandra o queria ainda mais perto. Apenas alguns centímetros separavam seus lábios.

– Quantos centímetros? – sussurrou.

– O que disse?

– Qual é a distância – emendou Cassandra depressa, mordendo o lábio.

– Distância de onde? – perguntou Neo, parecendo confuso e ao mesmo tempo dando a impressão de saber sobre a que ela se referia.

– Não importa.

Cassandra queria se afastar, mas não conseguia. Talvez um dia lamentasse a solidão e o fato de provavelmente jamais constituir sua própria família. Porém nunca sentira as torturas do desejo físico ou a vontade de beijar e de ser acariciada por um homem, nunca como nesse momento. E nunca se importara com sua falta de sensualidade. Mas começava a pensar que desconhecia esse torpor apenas porque não conhecera o homem certo. Neo só aparecera agora na sua vida.

– O que estava querendo dizer com centímetros? – insistiu ele com voz suave.

E ela não conseguiu mentir.

– A distância entre nossas bocas.

Neo não perguntou qual era a importância disso, mas também não achou graça nem a olhou como se fosse louca. Não fez nada disso. Apenas inclinou a cabeça e superou os poucos centímetros que faltavam de modo lento, por fim cobrindo seus lábios. O choque imobilizou Cass. Nesse instante, Neo Stamos a beijava. E era maravilhoso. Mais do que isso. Era fabuloso, estupendo, incrível. Era seu primeiro beijo.

Um desejo intenso envolveu-a em ondas que iam e vinham. Os lábios de Neo eram firmes e másculos. Cassandra podia sentir o perfume almiscarado de sua loção pós-barba, que devia ser muito cara e amolecia seus joelhos como geleia. Era isso ou a sensação de sua língua que tentava, até mesmo *exigia*, penetrar mais?

Cassandra gemeu, adorando a sensação. O rumor do paletó friccionando a camisa enquanto ele a abraçava a fez estremecer mais. Era um som masculino que poucas vezes ouvira na vida, jamais nesse contexto, e certamente não esperara ouvi-lo em meio a um beijo de Neo Stamos. Por um instante refletiu como seus mundos eram diferentes. Entretanto o som do encontro dos tecidos continuava. Estava de fato sendo abraçada e beijada por Neo Stamos, o mais belo homem que já conhecera. E a sensação das pernas musculosas de encontro às suas cobertas por seda era muito sexy.

As mãos fortes deslizaram por suas costas e quadris em uma carícia envolvente, por cima da seda fina do roupão. Quando se detiveram em suas costas, Cassandra encostou-se mais a ele e entreabriu a boca de modo sensual.

Neo aprofundou o beijo. Se era assim que ele beijava todas as suas amantes, ficava claro por que tantas mulheres o perseguiram não apenas pelo dinheiro que tinha. E não seria de admirar se tivesse uma diferente a cada noite em sua cama. Cassandra queimava de desejo. Jamais experimentara tamanha paixão. Desejava tudo que desconhecia e que não imaginara existir em termos de sensualidade.

As mãos ágeis entraram no meio de suas coxas, e ela gritou com a boca ainda presa a dele. Como seria bom ficar nua. Mas não conseguia se libertar do beijo para dizer o que queria. E a pequena parte de seu cérebro que ainda funcionava agradeceu por isso.

Cassandra sentiu-se infeliz quando Neo se afastou de supetão.

– Não pare – implorou.

Ele se afastou ainda mais, tinha a expressão tão séria que a fez estremecer.

CAPÍTULO 5

ELE ARQUEOU as sobrancelhas, não parecendo nada contente.

– Não deveria ter feito isto.

– Por quê? – quis saber Cassandra.

Ela adorara, porém talvez Neo não sentisse o mesmo. Impossível, Neo também gostara ou então era um grande farsante. Segundo tudo que Cassandra lera a respeito de sexo, fingir não fazia parte do esquema masculino. É claro que as mulheres também não eram obrigadas, mas algumas fingiam. Ela não precisaria fazer isso com Neo. Caso fossem para a cama juntos, tinha certeza que adoraria, apesar de jamais ter tido experiências sexuais antes. E Cassandra sabia reconhecer um mestre; Neo Stamos era um especialista na arte de acariciar. E beijar.

Ele deixou escapar um suspiro.

– Somos amigos.

– E amigos não se beijam? – perguntou Cassandra, sem perceber muito bem o que dizia, pois estava confusa.

– Não sei. Nunca tive uma amiga.

– Então somos dois.

– Jamais teve uma amiga também?

Pelo seu tom de voz, Neo duvidava que fosse verdade.

– Quis dizer que nunca tive um amigo bilionário. Estamos empatados.

Mais ou menos. Com ou sem amigas, Neo entendia *muito* mais de mulheres do que ela a respeito de homens, fossem bilionários ou não.

– Quer dizer que amigos não podem se beijar? – tornou a perguntar, voltando para a parte da conversa que mais a interessava.

– Não.

– Por quê?

– Raramente vou para a cama duas vezes com a mesma mulher. – No máximo seus casos amorosos duravam algumas semanas. – Gostaria que nossa amizade fosse mais duradoura – revelou com total franqueza.

– Estávamos nos beijando e não fazendo sexo. Certo?

Entretanto Cassandra refletiu que talvez essas fossem as “preliminares”. Sem dúvida não teria recusado se ele pedisse mais, e desejara que ambos estivessem nus.

Céus! Desejara que estivessem nus.

– Você é tão inocente, Cassandra.

– E você não é. Parece uma boa combinação.

– Só na sua cabeça fantasiosa.

– Está sendo condescendente.

– Estou sendo realista.

– Gosto mais quando é espontâneo.

– Ótimo. O que poderia ser mais espontâneo do que passarmos o dia juntos?

Cassandra suspirou.

– Então voltamos a este assunto?

O sorriso de Neo dizia que sim.

– Vá tomar seu banho. Prepararei seu café da manhã enquanto se veste.

Ela arregalou os olhos.

– Sabe cozinhar?

– Não nasci em berço de ouro. Prefere uma refeição fria ou quente? – perguntou, tentando não parecer um garçom anotando o pedido, mas um grego seguro de si.

– Uma torrada com manteiga de amendoim será ótimo.

Cassandra começava a admitir a hipótese de sair de casa com ele. Na verdade, estava resignada. Melhor ainda, ansiosa por isso. Depois de um só

beijo. Tinha se metido em uma encrenca. Afinal, quem sabe, a regra de Neo de não beijar amigas fosse uma boa ideia.

– Se cortarem uma só folha de minhas sebes, jamais o perdoarei – disse enquanto saía da cozinha, e esperando que ele a levasse a sério.

NEO SE sentia como se tivesse levado um soco no peito.

Beijar Cassandra fora a melhor coisa que lhe acontecera em muito tempo. Talvez sempre. Não quisera parar, e se sentira frustrado por precisar. Essa compreensão, mais do que tudo... mais do que saber que a equipe de Geary chegaria logo, mais do que sua própria agenda lotada de compromissos... lhe dera forças para interromper o beijo.

Neo nunca se sentia vulnerável. Nunca em toda a sua vida considerara essa palavra apropriada para defini-lo. E não iria começar agora. Quase em pânico, percebeu que não conseguia se lembrar da última vez em que perdera o controle sobre seu corpo, e nunca tão depressa.

Quando tocara os lábios de Cassandra quase chegara ao clímax sexual, e isso *nunca* lhe acontecera, nem mesmo na juventude. *Com um simples beijo.* Nem chegara a tocar seus seios pequenos, mas tentadores, ou beijado alguma parte nua de sua pele. Porém desejava muito fazer isso. Raios! Cassandra não o tocara também, a não ser para corresponder ao beijo. Fora uma resposta instintiva... inocente, sensual, mas incrivelmente apaixonada. Se seus instintos estavam certos, e em geral estavam, Cassandra Baker era virgem.

O que era uma ótima razão para evitar qualquer intimidade sexual com ela. Nada tinha a ver com o fato de Cassandra ter-lhe provocado emoções tão surpreendentes. Neo não temia isso, porém até esse momento só dormira com mulheres experientes que entendiam a situação e não confundiam desejo físico com sentimentos.

Suas parceiras em geral já não tinham ilusões a respeito de sexo. Eram moças com as quais ele não pensaria em passar um dia inteiro, nem mesmo na cama. Céus! Falava como um chauvinista apesar de ser consigo mesmo. Entretanto, o que fazer se nunca tivera amigas femininas? Aliás, raramente fazia amigos de qualquer sexo, como enfatizara Zephyr.

Ignorava o que o atraía em Cassandra. Tudo que sabia era que, nas últimas semanas, ansiava de maneira surpreendente por suas aulas de piano e por vê-la. Sem dúvida gostava dela como pessoa. Apesar de todas as esquisitices, ela era adorável.

Neo percebera que era a primeira pessoa com quem tinha afinidades, depois de Zephyr. Cassandra entendia de perda, medo e fome, mesmo que fosse por amor e não por comida. Essa amizade era muito importante. Não iria menosprezá-la por uma coisa tão passageira como atração sexual. Por mais forte que fosse.

Encontrou as torradas que ela pedira e começou a prepará-las. Enquanto esperava, chamou Cole pelo celular.

– Geary Segurança – atendeu o outro ao primeiro toque.

– A srta. Baker concordou com as grandes mudanças na estrutura da casa, mas não quer que se mexa nas folhagens e sebes do jardim – foi logo dizendo Neo.

– Isto não me surpreende.

– Não? – perguntou Neo, espantado. Se fosse com ele, teria a reação oposta.

– Pesquisei sobre a casa antes de entregar a proposta. Os pais dela a compraram antes de ela nascer – explicou Cole. – Pelo tamanho da maioria das sebes, diria que foram plantadas logo após eles se mudarem. Se precisasse adivinhar, diria que foi a mãe quem plantou.

– Então têm valor sentimental?

Neo não entendia muito disso, todo o luxo que podia ter no presente não o deixava sentimental em relação ao passado pobre.

– É o que eu diria – prosseguiu Cole –, mas sem dúvida tantas sebes são um bom esconderijo para ladrões e assaltantes.

A imagem de Cassandra ao deixar a cozinha surgiu diante dos olhos de Neo, que disse:

– Isso não a fará mudar de ideia.

– O senhor a persuadiu a mexer nas portas e janelas. Pode convencê-la sobre a folhagem. Marcarei outra hora com o jardineiro depois que conseguirmos amansá-la.

Neo apreciou a confiança que Cole lhe depositava, mas, pela primeira vez em muitos anos, admitia a possibilidade de ter conhecido alguém tão teimosa quanto ele. Só seu sócio Zephyr era mais teimoso.

HAVIA APENAS uma palavra para descrever Cassandra quando desceu, vestida com um conjunto azul-marinho. Ranheta. Sentou-se para comer a torrada lançando um agradecimento de má vontade para Neo, e dando uma mordida sempre de cara feia.

– Está bonita – elogiou ele. – Gosto dos seus acessórios cor-de-rosa.

A maioria das mulheres que conhecia adorava receber elogios.

E ele gostara de fato da echarpe e dos sapatos cor-de-rosa que ela combinara com a blusa branca. E os brincos grandes cor-de-rosa e brancos também deram um toque bonito.

Cassandra não sorriu, apenas murmurou um agradecimento.

– Estou surpreso por ver como gosta de cores vivas.

Isso a fez fitá-lo e perguntar:

– Por quê?

– Pensei que não quisesse chamar atenção.

Para Neo uma pessoa tímida não usava cores vibrantes, mas, afinal, não era um psicólogo.

– Quer dizer que acha que eu deveria me vestir apenas de preto e tons de cinza, e usar um coque severo ou algo assim?

– Não – protestou ele.

Mas não se surpreenderia se ela agisse assim, conhecendo seus hábitos reclusos.

– Não gosto de falar com estranhos – prosseguiu Cassandra –, mas isso não significa que desejo me vestir como uma freira. – Resmungou e fez uma careta. – É importante que não me torne uma caricatura. Detesto dar recitais, mas *posso* sair de casa se quiser. Fico constrangida com estranhos, porém não preciso me vestir como um saco de estopa sem nenhum senso de moda. Minha vida já é bastante limitada, e gosto dos pequenos prazeres e de cores alegres.

– Lembrarei disto no futuro – replicou Neo.

– E por que precisaria lembrar? Não vejo motivo.

Pensando bem, Neo também não via. Ela não era uma de suas amantes para quem dava presentes sem nunca entregar o coração. Entretanto passara a querer dar mais de si mesmo à Cassandra do que já dera em toda a sua vida. Pretendia entretê-la a cada minuto de seu dia.

E sentia-se muito bem por isso, embora não demonstrasse. *Deveria* estar irritado. Cancelara todos os seus compromissos, menos os mais urgentes, e deixara sua agenda livre como nunca. Trabalharia, é claro, mas também planejava divertir Cassandra. Afinal, era por culpa dele que ela precisava sair de casa por um dia. Quando lhe disse isso, a expressão de Cassandra se desanuviou um pouco, mas não de todo.

– Espera que me sinta agradecida.

– Posso?

– Não.

Ela era muito franca. Já deixara de encará-lo como um estranho, e ele não a intimidava como às outras pessoas. Pensando nisso, Neo desejou sorrir de novo, mas se conteve.

– Darei um jeito para que se sinta feliz.

– E por que deveria se importar se sou feliz ou não?

– Não sei, mas me importo. Digamos que é pela nossa amizade.

Cassandra suspirou, parecendo mais frustrada que aborrecida.

– A questão é que tenho compromissos também, Neo. As músicas para meu próximo álbum não irão se escrever sozinhas. Porém não conseguirei trabalhar com estranhos derrubando a minha casa.

– Portanto nós dois precisamos de um descanso inesperado. Afinal, o que é um dia?

Essas palavras ditas por ele soariam como absurdas se fossem ouvidas pelos que o conheciam bem. Neo ignorou esse fato. Cassandra abriu a boca para falar, mas voltou a fechá-la, olhando-o com atenção. Depois perguntou:

– Quando foi a última vez que *you* descansou?

Essa era fácil de responder.

– Quando tomei minha primeira aula de piano.

– E antes disso? – insistiu ela com uma preocupação que o deixou desconfortável sem saber por quê.

– Não costumo descansar – confessou.

E agora Cassandra usaria isso para dizer que também não costumava e que não pretendia tirar uma folga. Porém ela o surpreendeu inquirindo com muita seriedade:

– Nunca?

– Nunca.

– *Precisa* espairecer.

Zephyr e Gregor diziam o mesmo. Mas Neo replicou:

– Se o número de composições que criou nos últimos anos são alguma prova, você também precisa espairecer.

Isso pareceu chocá-la.

– A música é a minha vida.

– E os negócios são a minha vida. Mas, de acordo com meu médico e meu sócio, essa atitude não é saudável.

– Eu me exercito – defendeu-se Cassandra.

Neo lembrou-se de ter visto o equipamento de ginástica quando mostrara a casa para Cole Geary.

– Eu também.

– Minha alimentação é balanceada – insistiu ela.

– A minha também.

– Então por que se preocupam tanto com você?

Neo deu de ombros.

– Agora você me pegou, porque não sei, mas se é tão ruim para mim ficar obcecado pela Stamos & Nikos Enterprises, deve ser prejudicial para você pensar só na sua música.

– Não quero passar o dia sendo observada por estranhos.

– Isso não acontecerá – prometeu ele.

– E como sabe?

– Ficarão todos muito ocupados me observando.

Cassandra riu, como era o objetivo de Neo.

– Fico irritada ao pensar que estão pondo minha casa abaixo.

– Não é isso que farão. Cole me deu sua palavra de que quando você voltar nem irá perceber que estiveram em sua casa.

– Como é possível? Vi a lista dos concertos. Não poderão fazer tudo em um só dia.

– Na verdade não poderiam – corrigiu Neo.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Compreendo. O dinheiro manda, e eles tratarão de fazer tudo em um dia.

– Sim, o dinheiro manda e fala vários idiomas.

Ela sorriu.

– Sou fluente em mandarim, italiano e alemão.

– Uma erudita. – Neo falava japonês e espanhol, além de grego e inglês, porém nada disse sobre isso. – Posso compreender que fale italiano e alemão considerando sua paixão por piano, mas... mandarim?

– Gosto dos tracinhos dessa escrita.

– É fluente em kanji?

– Sim, mas ainda estou estudando. Correspondo-me com um chinês que me ensina. É também recluso e um erudito.

– E sobre o que escreve para ele?

– Sobre música, o que mais? Ele toca e compõe para *guzheng*, uma espécie de cítara chinesa. É diferente da mais tradicional e antiga chamada *guqin*, que só tem sete cordas. O instrumento do meu amigo tem de 16 a 25 cordas. Ele pode criar composições muito complexas e bonitas. – Cassandra falava sem parar. Ainda estava nervosa por deixar sua casa nas mãos da equipe de Cole, mas deixaria. E Neo estava orgulhoso dela.

– E como tocam suas músicas um para o outro? – perguntou ele.

– Por intermédio de câmeras pela internet. – Ela riu sem parecer alegre. – É um tanto patético, mas convivo com ele e com outros amigos exclusivamente pela internet.

Era triste, não patético. Um dia, pensou Neo, iria fazê-la ver a diferença.

– Já desejou visitar o seu amigo em pessoa?

– Sim.

– E, é claro, não foi.

– Gostaria de ir. Embora não seja fácil, *posso* viajar anônima, mas não tenho ninguém que vá comigo.

– E não gosta de ser reconhecida como Cassandra Baker, a célebre pianista e compositora New Age.

Cassandra ergueu os ombros e continuou a tomar seu café sem responder de imediato, e depois murmurou:

– Mais ou menos isso.

– E se recusou a abrir a porta para um simples chaveiro.

– Sim. Meu pai dizia que eu tinha uma timidez mórbida.

Sem dúvida, pensou Neo, o pai dela considerava isso um problema para a carreira da brilhante filha.

– Sempre foi tímida?

– Minha mãe me disse que andei antes de engatinhar. Isso foi um indício de que poderia ser uma criança prodígio. Estava sempre tentando distrair meus pais e descobri o piano aos 3 anos. Tocava de ouvido as músicas que já havia escutado.

– Extraordinário.

– Era isso que diziam meus professores.

– Fizeram você aprender piano com 3 anos? – Neo não conseguiu esconder seu choque.

– Mamãe adoeceu e creio que viram minhas aulas como um modo de distrair minha atenção dela e não exigir muito de seu tempo.

– Isso quer dizer que passava grande parte dos dias tocando piano.

– Sim.

– Quanto tempo? – insistiu Neo.

– Não me lembro exatamente.

Mas algo na expressão de Cassandra revelou que mentia.

– Aproximadamente – incentivou Neo.

– Umas duas horas pela manhã e à noite antes de ir dormir.

– Impossível.

– Possível. Sem contar o tempo que passava praticando por conta própria.

– Deve estar equivocada. Era muito pequena.

Neo ouvira dizer que as crianças em geral não sabiam calcular direito o tempo que passavam fazendo alguma coisa.

– Costumava pensar assim também. Entretanto encontrei os registros de minhas aulas em uma caixa depois que meu pai morreu, e lá estava, preto no branco.

– O quê?

– A prova de que meus pais não me queriam por perto. Horas e horas de exercícios no piano.

– Essa é uma descoberta muito triste – comentou Neo.

– E você? Como foi parar em um orfanato? – perguntou Cassandra em tom de desafio.

– Meus pais também não me queriam por perto, e eram muito pobres.

– Triste descoberta também, não?

– Sim.

– Várias vezes desejei não ter encontrado aqueles registros. Preferia pensar que me confundira com o número de horas que praticava no piano antes de ter idade suficiente para ir à escola. – Cassandra mordeu o lábio e desviou o rosto com um olhar repleto de tristeza. – Retirar da casa os objetos pessoais de meus pais deveria ter sido uma catarse.

– Quem lhe disse que seria?

– Muita gente.

– E foi uma catarse?

Ela riu outra vez sem alegria.

– Defina catarse. Forçou-me a enfrentar minha perda, aceitar que eles haviam partido e nunca mais voltariam. O que de certa forma foi bom, creio.

– Tornou a fitar Neo com expressão de dor. – Mas machucou terrivelmente.

– Lamento – murmurou Neo.

– Obrigada.

– Aumentar a segurança em sua casa não trará seus pais de volta, mas a faz recordar experiências traumáticas, de quando remexeu na casa e encontrou os registros, não é?

Cassandra aquiesceu com um gesto de cabeça, forçando-se a sorrir.

– É muito perspicaz para um homem de negócios.

– Descobrir o que afeta as pessoas é vencer metade da batalha nos negócios.

– E apostado que é bom nisso.

– Perfeito – respondeu Neo sem a menor modéstia.

Cassandra riu, dessa vez muito mais feliz.

– Egocêntrico?

Ele suspirou satisfeito. Gostava de fazê-la rir.

– Sou sincero quando defino a mim mesmo e quando preciso fazer algo. Como agora. – Fitou o relógio. – Preciso me apressar para minha teleconferência.

– Não pode ligar do seu celular no carro? – sugeriu ela.

– Sim, mas até que esteja com o computador na minha frente com as informações necessárias, não me sentirei tranquilo.

– Aposto que já memorizou quase tudo que tem a dizer e a fazer – disse Cassandra, mesmo assim se levantando e começando a recolher os pratos.

– Não gosto de erros.

Cassandra colocou a louça na pia, e anunciou:

– Só para provar que respeito seus horários, vou deixar isto para mais tarde.

Ele ignorou a indireta. Também respeitava os horários de Cassandra, só queria dar uma nova direção nesse dia.

– Desisti de entender como fui convencido a tomar aulas de piano por causa de uma aposta tola – comentou.

– Devo me sentir ofendida?

– Não, porque não me arrependo. Conquistei uma nova amizade.

Cassandra balançou a cabeça e sorriu.

– Coitado! Que presente de aniversário.

– Creio que Zephyr queria me dar algo especial pelos meus 35 anos.

Cassandra arregalou os olhos.

– E achou realmente que você queria aprender piano?

– Eu queria quando éramos mais jovens, mas não pensava nisso havia anos. Porém sou seu grande fã, embora não soubesse antes.

– Não sabia? Quero que me explique, mas não vá se atrasar para seu compromisso.

UMA HORA mais tarde, ainda zozna pelo fato de Neo ser fã de suas músicas e de que agora a considerava uma amiga, Cass ouvia sua própria gravação no MP3 e tomava notas do que desejava corrigir. Não exagerara ao dizer a Neo que também tinha trabalho a fazer, porém não necessariamente dentro de casa.

Não pretendia passar dias inteiros sentada ao piano, portanto começara a trabalhar com suas músicas gravadas. Adorava a flexibilidade que o minúsculo aparelho de MP3 lhe dava. Podia ouvi-lo enquanto se exercitava, cozinhava ou praticava sua escrita kanji. Ou sentada a uma mesa em uma sala de conferências vazia no edifício da Stamos & Nikos Enterprises no centro de Seattle.

Cassandra comprara seu primeiro MP3 por recomendação de outro músico que conhecera na internet e que gostava de se atualizar segundo os novos avanços tecnológicos. Uma batida no seu ombro a alertou da presença de outra pessoa. Retirou o fone de ouvido e ergueu o rosto.

– Sim?

– O sr. Stamos pediu que me assegurasse de que está confortável.

Deve ser a srta. Park, adivinhou Cassandra. A secretária particular de Neo parecia com a própria voz que Cassandra tantas vezes ouvira ao telefone. Loura, de 40 e poucos anos, usava o cabelo claro em um coque frouxo e vestia um conjunto Chanel de alguma coleção antiga. Porque esse ano a maison Chanel estava obcecada por babados e rendas que não ficariam bem na mulher com aparência de executiva. Assim como o comentário gentil não parecia certo em sua boca. Era evidente que fazer sala para a professora de piano do chefe não a deixava confortável.

Entretanto a srta. Park não abalava Cassandra, porque enquanto estava sentada em uma sala de conferências estranha, em um enorme edifício comercial cheio de estranhos, gente muito mais estranha estava revirando sua casa de cabeça para baixo, e isso sim a aborrecia.

Então tratou de dizer para a loura:

– Só água, por favor.

Nada de chá. Poderia acalmá-la e não queria relaxar.

Sem mais nenhuma palavra para a secretária pomposa, Cass recolocou os fones de ouvido e voltou a trabalhar. Minutos depois uma garrafa de água mineral e um copo com uma rodela de limão foram colocados ao seu lado.

De mau humor ou não, Cass recordou seus bons modos e ergueu o rosto para agradecer com polidez à srta. Park, mas deparou com um homem com uma presença tão poderosa como a de Neo. Mesmo sem reconhecê-lo, sabia que só podia ser o sócio, Zephyr Nikos.

CAPÍTULO 6

O CARISMÁTICO grego sorriu.

– Não se incomode com os fones.

Porém Cassandra já os arrancara dos ouvidos.

– Fico feliz em conhecê-la. – O sorriso de Zephyr poderia ser letal se ela já não tivesse sido inoculada pelo carisma de Neo e de seu beijo naquela manhã. – Neo não é seu único fã por aqui.

Cassandra estendeu a mão.

– Obrigada por ter comprado as aulas de piano, sr. Nikos; fico feliz que goste de minha música.

– Chame-me de Zephyr, por favor. E não me agradeça ainda; só deu algumas aulas para Neo. – Recostou-se na madeira escura da enorme mesa de conferências. – Precisamos descobrir que tipo de aluno ele será, mas meus instintos me dizem que se Neo persistir por um ano, cada dólar que doei para caridade terá valido a pena.

Cass brindou-o com um meio-sorriso.

– Estou sentada aqui trabalhando com o MP3 e não no meu piano, porque seu sócio colocou uma equipe de operários de construção e segurança para derrubar as paredes da minha casa. Não tenha ilusões sobre um aluno fácil de ensinar. – Ou um amigo fácil de lidar, concluiu em pensamento.

– Se estão substituindo algumas portas e janelas, não diria que irão derrubar sua casa – retrucou Neo, chegando por trás de Cassandra, e

falando em tom de reprovação.

Ela empurrou a cadeira para trás e o fitou por cima do ombro.

– Sua reunião terminou?

– Sim. – Neo ergueu uma sobrelanceira para Zephyr. – Pensei que estivesse com a agenda lotada esta manhã, Zee.

O outro grego lindo deu de ombros.

– Tinha um minuto e resolvi conhecer a reclusa Cassandra Baker.

– Ela não está fazendo uma aparição pública – disse Neo um tanto irritado. – Concordou de boa vontade em passar o dia comigo enquanto executam os trabalhos de segurança em sua casa. Cassandra não está aqui para entretê-lo.

Cassandra não aceitara sair de casa de boa vontade como ele dissera, mas agradeceu sua preocupação.

– Não se preocupe. Não vim aqui solicitar um concerto de última hora para a srta. Baker – brincou Zephyr, muito divertido com a atitude protetora de Neo.

– Se tivesse solicitado – brincou Cassandra –, iria me deixar em má situação porque não ensaiei nada.

– Então pode se dar o luxo de descansar um pouco – cortou Neo sem achar graça.

Zephyr deixou escapar uma risada demonstrando surpresa.

– Vindo de você, esta frase é uma piada.

– Cancelei vários compromissos hoje – defendeu-se Neo.

– Já sei. – Zephyr lançou um olhar estranho para Cassandra. – Foi um dos motivos porque desejei conhecer esta maravilhosamente talentosa senhorita. Sabia que era uma grande pianista, mas não que fazia milagres.

– Diria que sou apenas turrona – retrucou ela com modéstia. – Neo nunca me tiraria de casa e dos operários se não me arrastasse.

Não mencionou que a técnica de persuasão de Neo incluía um beijo que quase derreteria seu cérebro.

– Não é turrona – disse Neo, que se postara ao lado de Zephyr com expressão severa. – Tem problemas de agorafobia que devem ser encarados com a seriedade e cautela merecidas.

– Isso parece alguma coisa que leu em uma revista médica – disse ela. E então a verdade a atingiu. – Pesquisou minha doença.

– Fiz um de meus principais assessores pesquisar.

– Nossa! – exclamou Cassandra. – Leva seu papel de aluno mais a sério que qualquer outro que já tive no passado.

Neo deu de ombros, mas Zephyr não pareceu despreocupado com a revelação. Fitou de novo seu sócio com evidente espanto.

Então sua expressão se suavizou e ele se virou para encarar Cassandra com um olhar quase de piedade.

– Cuidado, srta. Baker. Neo tem a tendência de querer dominar tudo e todos quando se propõe a isso.

– Acha que já não notei? – retrucou Cassandra em tom zombeteiro.

Neo cruzou os braços sobre o peito e franziu a testa para Zephyr.

– Creio que tem coisas melhores a fazer do que ficar por aqui fofocando ao meu respeito, *parceiro*.

– Tenta negar que já não armou um plano para acabar com a agorafobia da srta. Baker? – perguntou Zephyr sem se dar por vencido.

– Minha pesquisa sobre ela não chegou a esse ponto ainda.

O coração de Cassandra bateu mais forte.

– O “ainda” foi *sinistro*.

– Só porque me convenceu a melhorar a segurança em casa, não pense nem por um momento que irá me convencer a frequentar um daqueles seminários antifobia. Isso não acontecerá.

– Você já tentou? – perguntou Neo de maneira perspicaz.

Ela aquiesceu com um gesto de cabeça. Já fora a esses seminários e sofrera muito.

– E não deu certo? – insistiu ele.

– Continuo me recusando a abrir a porta para estranhos, não continuo?

– Isso é apenas uma atitude inteligente de uma pessoa cautelosa – disse Zephyr com aprovação.

Ela sorriu agradecida. Poucas pessoas tentavam fazê-la se sentir normal. A maioria estava sempre disposta a recolocá-la nos palcos e essa insistência

a fazia cada vez mais diferente dos outros. Sendo que diferente era um dos termos mais gentis. *Destroçada, tola, fraca e irresponsável* eram outros.

– Quero que me dê detalhes sobre suas tentativas para superar.

– Você está brincando? – provocou Cass.

– Garanto a você que não.

– Neo não tem muito senso de humor – comentou Zephyr balançando a cabeça como se sentisse pena do outro.

Cassandra viu que Neo endureceu o queixo, fitando o amigo com expressão aborrecida. Zee abriu os braços na típica postura de quem pergunta “O que foi que eu fiz?”, e acrescentou:

– Estou só dizendo a verdade – insistiu.

Neo continuou aborrecido.

– Já lhe mostro como tenho pouco senso de humor.

Zephyr afastou-se da mesa e rumou para a porta.

– Bem, nada mais tenho a fazer aqui. – Voltou-se para Cassandra. – Foi um prazer conhecê-la, srta. Baker.

– Chame-me de Cass, por favor.

Ele sorriu, obedecendo:

– Prazer em conhecê-la, Cass.

– Digo o mesmo.

– Divirta-se no seu dia de folga – continuou Zephyr, piscando um olho para o sócio.

Neo fez um gesto irritado e pouco polido com a mão, dispensando o amigo.

Cassandra começou a rir assim que a porta da sala de conferências se fechou atrás do executivo.

– Desculpe, não deveria ter feito aquele gesto na sua frente – disse Neo.

Cassandra parou de rir e balançou a cabeça.

– Achei graça, não estou ofendida. Gostei de ver vocês dois interagindo.

– Por quê?

– Mostram uma espontaneidade que não creio que exibam normalmente. Estamos quites. Já se esforçou muito para descobrir coisas ao meu respeito que esconde de estranhos ou mesmo de conhecidos.

– Portanto acredita que tem o direito de conhecer coisas ao meu respeito também – disse Neo.

– Exatamente.

– Está tentando uma barganha complicada, Cassandra.

– É necessário, já que o fiz abandonar o trabalho mesmo sem ser minha intenção. Pretende me divertir?

– Sim.

– Não é preciso. Tenho meu MP3 e um bloco para anotações – admitiu ela, um pouco envergonhada por ter sido tão ranheta. – E esta sala é bonita e tranquila, sem distrações... a não ser pela entrada de seu sócio.

– Foi ele quem me deu de presente o primeiro CD com suas músicas. Na verdade, me deu todos aos poucos. Fico envergonhado por precisar confessar que nunca procurei saber sobre a compositora, embora ouvisse suas músicas todos os dias.

– Explica como era meu fã sem saber.

– É verdade.

Cassandra tornou a balançar a cabeça.

– Como sabe, adoro música. Não consigo imaginar como alguém pode gostar de uma determinada composição e não se interessar em saber quem a compôs.

Neo deu de ombros, mas continuou constrangido. Cassandra apertou seu braço.

– Ei, às vezes também sou assim. Não faço a menor ideia de quem projetou e construiu a casa em que moro, mas gosto muito dela.

– O nome do arquiteto e a data de construção faziam parte do relatório de consultoria sobre segurança – esclareceu ele. – Está tentando me fazer parecer menos idiota?

– Já que não acho você nem um pouco idiota, não. Então, tirou a manhã de folga? – disse Cassandra, mudando para o assunto que ainda a incomodava, embora achasse que Neo precisava descansar.

Não desistiria de fazê-lo descansar um pouco, embora temesse sentir pânico em lugares abertos.

– Achei que se tirássemos uma folga em conjunto teria toda a sua atenção e poderíamos comprar meu piano, já que ambos estamos livres.

– Compreendo.

Cassandra mordeu os lábios refletindo se teria coragem de sair às compras com esse homem. Mas se queria tirá-lo do escritório, precisava ceder. A manhã não prometia ser agradável para ela, porém, se ficassem longe dos shoppings lotados, poderia controlar os níveis de ansiedade. Neo a deixava segura e ao seu lado podia fazer coisas que normalmente estariam fora de cogitação.

– On-line – disse Neo de repente.

– Como disse? – perguntou ela, espantada,

– Podemos ir para o meu apartamento e fazer as compras on-line.

– Verdade? Não se importa? Sério? Sempre se deve testar um piano antes de comprá-lo.

– E acredita que se tivesse mandado um funcionário meu comprar o instrumento teria testado antes de fechar o negócio?

– Não? Mas já que se colocou em minhas mãos, preciso insistir. Entretanto, podemos simplificar nossas compras usando a internet e dando alguns telefonemas.

Ele pareceu satisfeito.

– Parece bom.

Cassandra levantou-se com ímpeto.

– Vá na frente – pediu.

Mas antes que Neo tivesse tempo de abrir a porta, sua secretária entrou.

– Sr. Stamos, Julian, de Paris, está na linha em sua sala.

– Resolva você.

– Mas, sr. Stamos...

– Já disse. Vou folgar esta manhã.

Isso fez a loura olhar para Cassandra de modo acusador, e em seguida seu olhar se tornou letal quando notou a garrafa de água intocada sobre a mesa.

Cass tratou de pegar a garrafa, e murmurar:

– Vou levar isto comigo.

– Tenho água mineral no meu apartamento – disse Neo, parecendo surpreso.

– Não é bonito desperdiçar.

A srta. Park já se aborrecera por ter que pegar a água para ela, e se tornaria sua inimiga se Cassandra não a bebesse. Não queria causar mais problemas com a outra. Neo estendeu a mão, indicando que Cassandra devia ir na frente.

– Faça como quiser. Leve a garrafa – murmurou.

A expressão sombria da secretária se tornou desagradável.

– E também não faça Julian esperar, srta. Park – disse Neo.

A mulher acenou e saiu sem mais nenhuma palavra.

– Chama sua secretária de srta. Park? – perguntou Cassandra.

– É o nome dela.

– Mas acho surpreendente que os dois se tratem pelo sobrenome.

– Ela trabalha para mim há seis anos e é assim que prefere.

Pelo tom de voz, Neo parecia pouco se importar com isso.

– Todos os seus funcionários o chamam de sr. Stamos?

Neo franziu a testa.

– Creio que sim. Por quê?

– A secretária particular de Zee o chama de sr. Nikos?

– Não. Por quê?

– Você mantém as pessoas mais à distância do que ele – concluiu Cassandra.

– Só porque Zephyr acha que não faço amigos não significa que não tenha feito amizade com você, não é?

Se considerava que arrancá-la de sua casa para fazer obras de segurança era amizade, refletiu Cassandra. Também não era justo pensar assim de Neo, e respondeu:

– Sim.

– Parece incerta. Pensei que já tivéssemos admitido que estamos nos tornando amigos.

– E estamos.

– Mas?

– Você é muito inquisitivo, não é?

– O que não significa que sempre preciso ter as coisas do meu jeito. Afinal, estou tendo aulas de piano que não pretendia ter, certo?

– Sim.

E Neo tirara a manhã de folga quando *nunca* fazia isso, e apenas para que ela se sentisse confortável. Mandão ou não, Neo podia ser um *bom* amigo.

– Onde fica seu apartamento?

– No topo deste edifício. Zee e eu dividimos a cobertura e lá temos nossas moradias.

– Considerando o tamanho deste edifício, seus apartamentos devem ser enormes.

– Parte da cobertura fica para a piscina e a sala de ginástica.

– Tem uma piscina?

– Sim. Minha e de Zephyr.

– Nossa! Pensei em fazer uma no meu quintal, mas ficaria sem espaço e só costumo ficar ali no verão.

– O clima de Seattle não permite uma vida ao ar livre o ano todo – concordou Neo.

– Não é como na Grécia.

Ele deu de ombros.

– Morar aqui tem suas compensações.

– Fico feliz que goste de Seattle.

– Sério? – perguntou ele, arqueando as sobrancelhas.

– Sim. Do contrário não teria um novo amigo.

Ele sorriu demonstrando satisfação.

– Que bom!

– Mesmo assim, invejo sua piscina – disse ela.

Neo riu.

– Por fim descobri uma coisa na minha vida de bilionário que você cobiça.

– Já existem pessoas demais invejando sua posição.

– Está querendo dizer que não preciso de mais fãs?

– Bem, sou sua fã.

Em especial do beijo que me deu, pensou Cassandra, mantendo a discrição.

– Falo sério. Você é um grande sujeito.

Isso o fez soltar outra gargalhada, embora Cassandra não imaginasse por quê.

– Não faz ideia de como você me deixa à vontade, Cassandra.

– Obrigada.

– Quanto à piscina, é bem-vinda para usá-la quando quiser. Vou providenciar para você um cartão de acesso à nossa cobertura.

Ele não imaginava como essa oferta era tentadora. Cassandra adorava nadar, mas as piscinas públicas eram proibitivas para ela. Talvez ele soubesse como seria boa essa oferta, já que pesquisara sua vida e conhecia suas idiossincrasias. Independentemente disso era uma oferta generosa, e Cassandra não pretendia recusá-la.

– Obrigada de novo.

– De nada. Para que servem os amigos?

Ela sorria quando o seguiu até o elevador particular, dos escritórios até os apartamentos de Neo e Zephyr.

ENCONTRAR O piano ideal acabou sendo mais fácil do que Cass imaginara. Por sorte ela o encontrou no primeiro telefonema. Ligara para seu próprio fornecedor com poucas esperanças que tivessem algo no estoque local, mas para sua surpresa ouviu que havia um Steinway do tamanho ideal para o apartamento de Neo.

– É um pouco extravagante, mas o preço e a disponibilidade são tentadores – anunciou para Neo. – E tem espaço suficiente na sua sala de estar.

O apartamento de Neo era enorme, e embora sem dúvida tivesse sido decorado por um profissional, era minimalista... quase deserto.

– Um piano menor seria bem mais barato – avisou.

– Sim, mas não teria a mesma sonoridade e desempenho. E esses são os parâmetros para julgar uma compra, não? – rebateu Neo.

– Mais ou menos. Se está querendo aprender piano com seriedade, é melhor praticar em um instrumento de grande qualidade. Um Steinway não deve ser esnobado, e o preço que pediram é uma pechincha.

Neo sorriu.

– Gosto de vê-la tão animada.

Ela sentiu que corava, e Neo perguntou:

– Podemos testá-lo?

– Sim, no showroom hoje mesmo, a qualquer hora.

Neo consultou o relógio.

– Onde fica esse showroom?

Cassandra deu o endereço na parte leste de Seattle, que ficava mais perto de sua própria casa do que do edifício de Neo no centro.

Ele concordou.

– Se formos agora, voltaremos a tempo.

– Pensei que desejasse folgar o dia inteiro – comentou ela.

– É verdade, mas ainda tenho uma reunião no final do dia.

– Não demoraremos tanto.

– Já imaginava.

– Então porque disse que voltaremos a tempo se sua reunião será no final do dia? – perguntou Cassandra, confusa.

– Almoço. Às 11h30.

– Não é muito cedo?

– Tomo o café da manhã às 6h30. Estou faminto antes do meio-dia.

– Fico surpresa que sua nutricionista não recomende um lanchinho antes do almoço.

– Em geral sim, mas hoje é um dia especial.

Cassandra se perguntou se o motivo era a folga que ambos tiraram.

– Como sabia que tenho uma nutricionista? – quis saber Neo. – Não me lembro de ter mencionado.

Cassandra balançou os ombros, enquanto guardava o celular na bolsa.

– Adivinhei. Manter-se em forma é sua prioridade, e como não tem tempo, paga para ser atendido.

– Não dá para fazer negócios em uma cama de hospital. Preciso me cuidar.

– Sem dúvida.

– E Zephyr fica todo paternal quando acha que estou adoecendo.

– Aposto que faz o mesmo em relação a ele.

– Naturalmente.

Cassandra riu.

– Vocês dois são iguais.

– Apenas sabemos em quem confiar.

– Um no outro.

– Isso mesmo.

– E em ninguém mais? – quis saber ela.

Neo não respondeu, nem precisava. Era óbvio. Ele e Zephyr eram dois homens que haviam aprendido ainda crianças a não confiar com facilidade. O que tornava ainda mais extraordinário o fato de ele ter oferecido para Cassandra a chave de sua cobertura.

Cassandra não se lembrava de já ter se sentido tão aceita nem mesmo por seus pais. Talvez especialmente com seus pais.

NEO JAMAIS entrara em um estabelecimento como aquele aonde Cassandra o levou. Era uma velha casa vitoriana. Todo o térreo fora remodelado para se tornar um showroom para os pianos e instrumentos de sopro que a empresa vendia. O decorador de interiores fizera um excelente trabalho. E a acústica havia sido aumentada com painéis no teto para maximizar o som dos instrumentos.

Ele escutava as recomendações do vendedor quando Cassandra pegou uma flauta e, depois de limpar o bocal com um tecido fornecido pelo mesmo vendedor, tocou uma melodia linda que deixou Neo hipnotizado.

Quando terminou e largou a flauta, ele pigarreou.

– Pensei que não gostasse de dar espetáculos.

Ela corou de novo, olhando em volta a loja quase deserta.

– Não foi um espetáculo. Apenas toquei a flauta.

– Foi maravilhoso.

- Obrigada, mas estava só brincando.
- Pensei que apenas tocasse piano.
- Arrisco-me na flauta também, mas é só. Queria aprender violão, porém meus pais me desencorajaram. – Cassandra deslizou a mão pela flauta. – Achavam que devia me concentrar no piano.
- Se o que acabei de ouvir era brincadeira, imagino o que conseguiria se não se concentrasse tanto no piano.

Cassandra endereçou-lhe um sorriso lindo.

- Fico grata. Gosto do som da flauta.
- Em suas mãos acho que todos os instrumentos musicais ganham vida. Cassandra balançou a cabeça com modéstia.
- Lisonjeiro.
- De jeito nenhum.
- Adoro música, é só isso.
- Sim, percebe-se em suas composições.
- Ouve mesmo os meus CDs?
- Todos. Não me pergunte qual é o meu preferido, porque a cada dia quero ouvir outro e repetir depois.

Cassandra deu-lhe as costas, embaraçada com os elogios, e se dirigiu para a sala à prova de som em que testariam o piano.

Neo seguiu-a.

- Por certo está acostumada com esse tipo de cumprimento.
- Na verdade, não. Uma das consequências por não me apresentar em público é que não tenho contato com muitos fãs. E quando me apresentava, meu pai e meu agente me forçavam a conversar apenas com os ricos, e não com as pessoas simples que gostavam de ouvir minhas composições apenas para se alegrar.

Ela o fitou de maneira calculista.

- Mas você também não se parece com os mecenas que me mandavam bajular.
- Não, nenhum deles se tornou seu amigo.

Ela sorriu.

- Um bilionário grego como amigo. Quem diria!

- Só importa que eu diga.
- Verdade – murmurou Cassandra.
- Mas você recebe cartas – comentou Neo quando chegaram à plataforma em que se encontrava o piano.

Cassandra sentou-se na banquetta com as mãos acariciando o teclado como se fosse um querido amigo que não via há muito tempo.

– Algumas. Os fãs só têm meu endereço comercial. Alguém ali responde as cartas e depois as repassa para mim duas vezes ao ano.

– Creio que a procura por suas músicas fala por si mesma.

– É o que costumo pensar.

– Sente falta?

Ela o fitou, prendendo a respiração.

– Do quê?

Neo engoliu em seco, controlando-se para não a beijar. Afinal ela era sua *amiga*.

– Das apresentações em público – respondeu.

– Não – murmurou Cassandra, estremecendo com genuína aversão.

– Jamais gostou?

– Detestava. A única coisa que me mantinha sã era a própria música. Queria ficar em casa com a minha mãe, não na estrada com meu pai ou uma governanta. Sabia que mamãe estava doente e ficava aterrorizada cada vez que saía em viagem, com medo de nunca mais vê-la.

– Tão criança e já sabia que ela estava morrendo?

– Sim – murmurou Cassandra, revelando sua dor nessa única palavra. – Como qualquer criança, tinha meu senso de lógica, e ele me dizia que se estivesse perto ela não morreria. Estava errada. – Suspirou. – Odiava me apresentar para estranhos que depois queriam conhecer a menina prodígio. Mesmo após o falecimento de mamãe, quando viajava com papai o tempo todo, não conseguia superar o sofrimento.

– Seu pai a obrigou a continuar dando espetáculos.

– Até quando mamãe ficou *muito* mal. E como eu sempre temera, ela morreu quando eu estava em uma turnê pela Europa. Eu tinha 17 anos. Só me contaram dois dias depois, quando tentei telefonar para ela. Mamãe

estivera tão fraca que acreditei quando papai me disse que estava descansando e que eu era egoísta em insistir em falar com ela.

CAPÍTULO 7

– ISSO É monstruoso! – Neo teve ganas de esmurrar alguma coisa, mas não havia nada nem ninguém com quem gritar e execrar os pecados cometidos contra aquela mulher. – Por que fizeram isso? Por que não disseram que sua mãe morrera?

– Não quiseram estragar as últimas apresentações na turnê. Meu pai e Bob disseram que eu devia a *todos* os meus fãs em meus concertos, e que precisava dar o melhor de mim.

Neo praguejou em grego. De maneira exuberante. Cassandra lançou-lhe um meio-sorriso.

– Exatamente. Meu pai canalizou seu sofrimento para minha carreira.

– E para onde você canalizou o seu? – quis saber ele.

– Para a música.

– Mas você odiava.

– Não a música, só os concertos.

– Então, quando seu pai faleceu, você parou de se torturar.

– Sim. Mas meu agente não concorda.

– É claro que não – resmungou Neo com sarcasmo.

– Bob acha que me escondo da realidade.

– Foi ele quem a aconselhou a se descartar dos objetos que pertenceram a eles?

Neo não entendia por que Bob continuava sendo seu agente. O homem não ajudava em nada.

– Sim, mas isso não me incentivou a dar concertos outra vez.
– Então se libertar do passado não trouxe a catarse.
– Não. Tudo que sei é que a ideia de voltar ao palco em uma sala lotada me dá engulhos.

– Não se aflija. Nunca mais pedirei que toque para mim, e direi para Zephyr fazer o mesmo.

Uma expressão alegre surgiu no semblante de Cassandra, que murmurou:

– Não me importaria de tocar para você.

Neo sentiu os joelhos bambos sem saber se era surpresa por essas palavras ou pela satisfação reveladora de que Cassandra gostaria mesmo de tocar para ele. Escondendo a fraqueza momentânea, sentou-se ao lado dela na banquetta do Steinway.

– Tocaria para mim?

– Para que servem os amigos? – perguntou ela, repetindo a frase que ele dissera, e fazendo-o rir.

– Gostaria muito – murmurou Neo.

– Então terá seu desejo satisfeito. – Cassandra sorriu sem nenhum traço de aborrecimento nesse momento. Baixou a cabeça de modo tímido. – Não sabia se iria querer, mas quero. Na verdade, estou ansiosa. Costumava gostar muito de tocar para os meus pais. – Para mais ninguém, completou em pensamento.

– Sinto-me honrado. Esperarei pela ocasião com grande entusiasmo.

Sempre sorrindo, ela se concentrou no instrumento à sua frente. Olhou para ver se a porta da sala à prova de som estava trancada, e tocou uma peça curta, nada que Neo reconhecesse, apenas uma série de acordes. Cassandra inclinou a cabeça para o lado como se ouvisse algo que ele não ouvia. Mas Neo não se importava. De jeito nenhum.

– Então? – perguntou quando ela permaneceu sentada em silêncio durante vários segundos após encerrar a música.

– Tente suas escalas neste piano. – Foi a resposta.

Ele obedeceu como ela lhe ensinara na primeira aula.

– Agora tente alguns acordes que aprendeu.

Neo obedeceu.

– O que *você* acha? – perguntou ela.

Estranhamente hesitante, Neo inquiriu:

– É bom? O som é natural?

– Nada se compara a um piano de cauda como o que tenho em minha casa, porém este é um ótimo instrumento também.

Assim dizendo, acariciou a tampa do Steinway.

– Está querendo me dizer que este não é tão bom quanto o seu.

– Comprar um Fazioli para um principiante seria uma extravagância absurda e você já me disse que não gasta dinheiro à toa. Além disso, a lista de espera para adquirir um é muito longa.

– Um Steinway não é uma extravagância? – perguntou ele com um sorriso irônico.

– Não ao preço que estão pedindo.

– Então *estamos* fazendo um bom negócio? – perguntou Neo sem se esforçar para esconder o alívio.

– Já tinha dito que sim. Uma bagatela.

Disse o quanto Neo estava economizando e ele ficou impressionado.

– Sabia que trazê-la comigo seria bom.

Ela riu e balançou a cabeça antes de tocar um tema infantil como se seus dedos não conseguissem ficar parados junto a um piano como aquele.

Neo chamou a atenção do vendedor através do vidro que dividia a sala do showroom e acenou.

Estendeu para o funcionário um cartão de crédito, dizendo:

– Vamos comprá-lo. Pode combinar a data de entrega com a minha secretária. Eis meu cartão de visita. Ligue para este número, é a linha direta da srta. Park.

– Muito bem, sr. Stamos. Providenciaremos um afinador para ir junto, a fim de que o instrumento possa ser utilizado logo após a entrega.

Cassandra acenou concordando, e Neo murmurou:

– Ótimo.

O vendedor saiu com os cartões de crédito e de visita, mas nem Cassandra nem Neo deixaram a banqueta do piano.

Ela roçou os dedos pelas teclas.

- Faz alguns anos desde que adquiri meu último piano – revelou.
 - Está começando a sentir vontade de comprar outro?
 - Para substituir meu Fazioli? Nunca. Mas posso ser persuadida a comprar novas partituras para minha flauta.
 - Então decidiu se dedicar a outro instrumento também.
 - Bem, não sou exímia flautista, mas por que não? Se posso aprender idiomas estrangeiros e conseguir tempo para praticar Tai Chi, por que não tocar outro instrumento como hobby?
 - Zephyr diz que não tenho nenhum hobby – comentou Neo.
 - Não se preocupe. – Cassandra deu-lhe um tapinha amigável nas costas.
 - Agora tem. Piano.
 - É verdade.
 - Vamos trabalhar um pouco com os acordes.
 - Aqui?
- Cassandra olhou em volta da sala à prova de som, e além, para o showroom quase deserto.
- Por que não?
 - Não seria como se apresentar em público? – provocou ele.
 - Ninguém nos ouvirá aqui.
- Neo cruzou os braços sobre o peito.
- Você é viciada em piano. É isso, não? Já está sentindo falta.
 - Farei um trato com você. Aprenda dois acordes novos e tocarei uma peça curta de meu novo repertório.
 - Aqui? – repetiu ele sem esconder o assombro.
 - Onde mais? Estamos em uma sala à prova de som e podemos fechar a cortina da janela de vidro para maior privacidade. Afinal, não seria possível voltar para minha casa agora, seria?
 - Creio que sim, mas prefiro que não volte para a cena do crime até que tenham retirado o último grão de poeira da obra.
 - Cena do crime. Bem apropriado – comentou Cassandra.
 - Pare de se lamuriar e mostre o tal acorde.

Neo não conseguia acreditar no quanto gostava de aprender os acordes com Cassandra. Ninguém os incomodou. Nem mesmo o vendedor, que

retornou pé ante pé apenas para deixar o recibo e a papelada da compra sobre o piano, e depois saiu do mesmo jeito silencioso.

– Certo, acho que já aprendi – disse Neo após tocar várias vezes com sucesso. – Agora é sua vez de cumprir o acordo.

– Sim.

Cassandra levantou-se e foi fechar a cortina, a seguir verificou se a porta estava bem fechada.

Depois voltou para a banquetta do piano. Não pediu que Neo se levantasse, portanto ele continuou sentado ao lado.

Cass começou a tocar uma música que Neo reconheceu de um de seus primeiros álbuns. Era uma de suas favoritas, e permaneceu imóvel, enquanto Cassandra se exibia *apenas para ele*. Não era uma peça longa nem complicada, terminaria depressa demais, porém Neo guardaria na lembrança a emoção desse momento durante anos.

Ela o fitou de esguelha.

– Isto foi só para esquentar – anunciou.

Então tocaria mais uma. E de novo, *apenas para ele*. Os dedos ágeis dançaram sobre as teclas, arrancando sons melodiosos do Steinway, e Neo soube que o novo CD seria um dos melhores.

Quando terminou, Cassandra fitou-o sorrindo.

– Bonito, não?

Neo ignorava se ela se referia ao tema ou ao piano, mas respondeu para ambos:

– Sim. Obrigado.

Inclinou a cabeça para olhá-la, contendo a vontade de lhe dar um beijo.

Cassandra fitou-o, os olhos cor de âmbar brilhando de alegria com a música e com algo mais que ele não conseguiu definir.

– De nada. Foi a primeira vez em muitos anos que toquei em um lugar diferente e gostei.

Não estavam exatamente em uma sala de espetáculos, mas Neo se sentiu orgulhoso por ela ter mantido sua parte no acordo.

– Você me faz sentir segura.

Essas palavras o deixaram boquiaberto. Cassandra enrubesceu e abaixou a cabeça.

– Não é hora de irmos almoçar?

– Sim. – Neo a fez erguer o rosto para fitá-la melhor. O momento era muito emocionante para ser ignorado. – Obrigado de novo.

– Eu...

– Raras vezes na minha vida me senti tão honrado como me sinto agora com sua confiança.

Cassandra suspirou.

– Vai me beijar outra vez?

– Não é uma boa ideia.

– Por quê?

– Somos amigos.

– E amigos não se beijam – concluiu ela.

Sorriu e afastou o queixo dos dedos de Neo, sem dúvida tentando quebrar o clima tenso entre os dois.

Neo tratou de brincar:

– Nunca beijei Zephyr, e ele é meu amigo.

– Mentiroso.

Neo enrijeceu.

– Estou dizendo que nunca beijei um homem.

– E aquele hábito de dar beijos no rosto que os homens gregos têm? O que é?

Neo sentiu as faces quentes.

– Ora! Não tem nada a ver. É um cumprimento.

– Mas são beijos – insistiu Cassandra.

– Está enveredando por um caminho perigoso, *pethi mou*.

– Como disse?

– Pequenina.

Minha pequenina, mas isso ele guardou para si.

– Não sou assim tão pequena.

– Comparando comigo? – zombou Neo.

– Você que é grande demais.

- Pensei que grande demais fosse o meu ego.
- E quem disse isso? Uma de suas namoradas?
- Nunca tive namorada, mas, sim, mais de uma amante me disse que tenho um ego enorme.
- Posso imaginar.
- E costumo dizer a elas que mereço.
- Elas concordam?
- Naturalmente.

Cassandra mordeu o lábio para não rir, afastando o rosto com uma expressão que Neo começava a adorar. Gostava da timidez de Cassandra Baker. Imaginava se deveria lhe contar isso. Ela não precisava se apresentar em público para ter valor.

- Também nunca tive um namorado – murmurou ela, fazendo-o retornar ao momento presente.
- Nunca?

Isso não deveria surpreendê-lo, mas foi o que aconteceu. Adivinhara que ela era virgem, mas achou que tivesse tido alguma pequena experiência.

- Não.
- Quantos anos tem?
- Vinte e nove. Sou mesmo um caso estranho, não?
- Por quê? – Segurou-a pelos ombros e a fez encará-lo usando sua força de vontade. Quando os olhos cor de âmbar o fitaram, disse: – Você é maravilhosa, mas o beijo desta manhã foi seu primeiro?

– Bem, na verdade... sim.

Neo adorava isso.

- Se tivesse sabido antes, teria feito com que fosse especial.
- Foi especial para mim – murmurou ela.
- Poderia ter sido melhor.
- Como?
- Não posso explicar com palavras.
- Os romancistas conseguem.
- Sou um homem de negócios, não um escritor. Precisarei demonstrar.
- Aqui? – exclamou Cassandra.

– Sim.

E antes que ela pudesse protestar, cobriu-lhe os lábios com os seus.

Gentilmente. Com mais cuidado do que jamais beijara outra mulher. O conhecimento de que era o primeiro homem a fazer isso com Cassandra o descontrolava. Mas não se deixaria vencer pelo desejo.

Os lábios de Cassandra eram macios como nesta manhã, mas a ideia de que pertenciam a ele e a mais ninguém acrescentava uma doçura que jamais julgara experimentar. Uma doçura muito real. Enlaçou-a com os braços, apertando-a contra si. Cassandra encaixava-se muito bem ali. Bem demais, como se tivesse sido feita sob medida para os seus braços.

Neo recusou-se a pensar nessa sensação, preferindo gozar esse instante raro. Invadiu-a com a língua, exigindo o que Cassandra nunca fizera antes. Enquanto isso seu corpo a exigia também de outras maneiras. Por sorte estava em um lugar quase público, ou talvez não conseguisse resistir. Ser amigo de uma mulher estava sendo mais difícil do que imaginara.

Os dedos longos e delicados de Cassandra se enfiaram em seu cabelo, causando um curto-circuito em seus pensamentos. Ela respondeu ao beijo com uma sensualidade inata que, Neo bem sabia, atingiria o auge entre lençóis.

Cassandra nunca beijara outro homem, mas sabia exatamente como provocá-lo com sua língua também. Seus instintos femininos eram sólidos, fazendo-a gemer de leve e deixando-o em um estado de extrema excitação.

Raios!

Neo começara a pensar seriamente em atirá-la para debaixo do piano, longe de olhares indiscretos, quando o som de um grito abafado chegou aos seus ouvidos. Afastou-se de Cassandra e olhou em volta, percebendo que a porta da sala se abria. O vendedor quisera entrar, mas recuara ao ver a cena. Através da porta semiaberta, Neo podia ver um menino louro soprando uma clarineta com determinação. Era esse o som estranho que ouvira. A mãe da criança fitava Neo e Cassandra de olhos arregalados, fazendo-o dar um pulo da banquetta. O olhar da mulher parecia dizer: “O amor... não é lindo?” Mas ele não era romântico. Nem com Cassandra.

Estendeu-lhe a mão.

- Vamos almoçar.
- Não se esqueça do recibo e dos papéis de compra – falou ela de modo prático, embora seus olhos estivessem lânguidos.

O ALMOÇO foi um verdadeiro banquete de comida mediterrânea. Teve início com *fasolada*, a sopa de feijão que Cass sempre associara à Grécia. Depois viera uma salada verde, amêndoas e queijo com um molho que ela nunca experimentara.

- Incrível. Não é possível que coma assim em todas as suas refeições.
- Claro que não. Mas hoje tenho uma convidada. Minha governanta ficou radiante quando lhe disse que hoje não precisava seguir a dieta da nutricionista e que preparasse uma refeição grega tradicional. Ela é do meu país e não aprova as ordens da nutricionista.

Longe de parecer contrariado, Neo se divertia com a atitude da grega. Cassandra gostaria de apostar sua flauta como a governanta era uma senhora mais idosa que cuidava de Neo como se fosse um menino. Ele conseguira arrumar uma mãe sem querer. Cassandra fez um gesto abrangendo a mesa.

- Isto é um banquete.
- Fico feliz que goste.
- Apaixonei-me pela culinária grega quando me apresentei em Atenas.
- Tocou na Grécia?
- Sim. Quando tinha 12 anos. Atenas é uma linda cidade.
- Concordo, embora não visse a hora de partir quando era garoto.
- Tenho certeza que agora a vê de maneira diferente de quando era garoto.
- Muito diferente.
- Você e Zephyr viajam muito para a Grécia?
- Pelo menos uma vez por ano, porém sempre a negócios. Nunca para tirar férias.
- Porque você não tem o hábito de tirar férias – concluiu Cassandra com um sorriso.
- Zephyr também não.

- Então são ambos viciados em trabalho.
- E você? É viciada em compor?
- Está inventando novos termos.
- E por que não? Os cientistas fazem isso o tempo todo.

Cassandra não pôde evitar o riso.

- Zephyr acha que você não tem senso de humor, mas acho que ele se enganou.

- Isso porque o senso de humor dele é nulo.

Cassandra voltou a rir.

- Têm sorte de serem amigos.
- Ele é meu irmão de coração.

Ela o observou por vários segundos sem nada dizer, e depois murmurou:

- Estou surpresa por ouvi-lo dizer tal coisa.

- Por quê?

- Não sei. Pareceu tão... sentimental... emotivo...

- Ser verdadeiro não é ser sentimental – replicou Neo em um tom que não deixava dúvida de ter se ofendido.

Cassandra sorriu.

- Bem, fico feliz que tenha essa certeza.
- Você não tem ninguém.
- O que quer dizer?

Ela entendeu, mas não gostava de pensar nisso.

- Teve seus pais, mas eles a abandonaram emocionalmente, sua mãe por causa da doença e seu pai por forçá-la a uma vida que não desejava.

Cassandra não podia negar, porém concordar com Neo a deixaria muito infeliz, portanto permaneceu em silêncio.

- E hoje não tem ninguém que possa chamar de família – prosseguiu.

Verdade. Amigos na internet podiam preencher seu tempo livre, mas não as necessidades afetivas. E a agorafobia a impedia de fazer amizades reais. Oh, de vez em quando arrumava amigos, e também com mais frequência que Neo. Porém eventualmente esses novos amigos se cansavam de suas limitações, afastavam-se dela ou encaravam-na com cara de mártires. Eram pessoas que suportavam suas manias, mas que sem dúvida desejavam estar

bem longe dela. Por isso estava determinada a aproveitar cada momento de sua amizade com Neo. Mesmo assim, a solidão de sua vida a atingia como uma bofetada, e tratou de se controlar, dizendo de modo displicente:

– Tenho conhecidos.

– Nenhum em quem confiar como confio em Zephyr.

– Jamais confiei nem em meus pais. E creio que não confiaria em irmãos se os tivesse.

– Não pode saber.

– Tem razão. Não ria, mas minha fantasia favorita quando criança era imaginar que tinha irmãos e irmãs que me amavam pelo que eu era e não porque tocava piano.

– Não há nada nessas suas palavras que me faça rir. – Estendeu a mão e tocou-a no rosto. – Saiba de uma coisa; nossa amizade não depende do piano.

E mesmo sendo a professora e ele o aluno, Cassandra acreditou.

– Obrigada.

– Temos mais duas horas até minha próxima reunião. Há algo especial que gostaria de fazer?

Ela não hesitou.

– Gosta de filmes?

– É um de meus prazeres secretos.

Cassandra sorriu, afastando a tristeza daquela conversa.

– Então vamos assistir a um filme.

Ele lhe mostrou sua videoteca e Cassandra descobriu outro segredo na vida do bilionário. Neo Stamos gostava de filmes antigos. Clássicos. Assistiram uma comédia com Spencer Tracy e Katherine Hepburn, e riram a valer. Quando terminou o filme, já era hora de Neo retornar ao escritório.

– Pode ficar aqui se desejar – convidou ele.

– Gostaria muito. – Ela suspirou. – Se soubesse que tinha uma piscina teria trazido um maiô.

– Não por isso, Zephyr e eu mantemos uma coleção de maiôs e biquínis na cabine feminina. Sem dúvida encontrará algum que lhe agrade.

Cassandra arregalou os olhos.

– Está falando sério?

– Claro. São substituídos pelas novas tendências da moda, renovados a cada estação.

Ela semicerrou os olhos com ironia.

– Creio que para dois playboys como vocês, isso não é um gasto supérfluo.

– Tem sido útil algumas vezes – admitiu Neo sem pestanejar.

– Aposto que sim.

Cassandra levou um segundo para perceber que sentia ciúmes, mas se recusou a admitir. Não tinha nada a ver com a vida de Neo, mesmo que ele a tivesse beijado, ainda que fossem duas vezes.

– Por aquela porta chegará à piscina. Precisa deixá-la aberta, apoiada com uma cadeira, pois se fecha automaticamente. Mandarei fazer uma chave para você usar a cobertura, menos meu apartamento ou o de Zephyr.

Então a confiança de Neo era limitada. Normal. A verdadeira novidade era saber que ele confiava um pouco. Cassandra balançou a cabeça.

– Tem uma verdadeira obsessão por portas trancadas, não?

– A segurança está em primeiro lugar.

Cassandra gargalhou.

Quando Neo saiu, ainda estava sorrindo.

Encontrou um biquíni alaranjado que servia perfeitamente. Se a sensualidade da roupa pudesse fazer Neo ultrapassar o estágio dos beijos, quem era ela para argumentar? Mas não devia se iludir, Neo não se sentiria tentado pelo seu corpo sem curvas. Ela gostou do biquíni. Fazia-a se sentir sexy, mesmo sem ser uma mulher fatal. E descobriu que não se importaria que Neo a visse assim, mesmo sem desejá-la além dos beijos. A água da piscina estava na temperatura certa e Cassandra deu várias braçadas, apreciando a inesperada diversão. Estava sentada na borda, batendo os pés e bebendo da água mineral que encontrara ali, quando Neo voltou. Parecia aborrecido.

– Reunião difícil?

– Estou me arrependendo dos empreiteiros que contratei.

– Não costuma se arrepender com frequência, não é?

– Tem razão. Sempre penso muito bem antes de escolher, e fiz o mesmo desta vez.

– Então o que aconteceu?

Neo respondeu:

– Esse homem realizou dois projetos menores para mim anteriormente, mas parece que agora não tem os meios para realizar um maior. Vai se arrepender se eu precisar voar até lá.

– Lá onde? – quis saber Cassandra.

– Dubai.

– Verdade? Sempre quis conhecer Dubai.

– Bem, se eu for levarei você comigo.

Cassandra riu com descrédito.

– Tem medo de voar? – perguntou Neo.

– Não, mas as multidões nos aeroportos e no avião já bastam para me dar pesadelos.

Quem sabe se, ao lado de Neo, conseguiria lidar com esse medo, pensou.

– E se for um jato particular? Só viajo assim por motivos de rapidez e segurança, é claro.

Cassandra inclinou-se para trás e o olhou admirada.

– Sim. Como não pensei nisso? É claro que tem seu jato particular.

– Então? O que me diz?

– Sobre o quê?

Imaginava o assunto a que ele se referia, mas não podia acreditar na seriedade do convite.

– Gostaria de ir a Dubai comigo em meu jato particular, se precisar supervisionar o projeto?

– Eu... – Neo estava falando a sério? Parecia que sim. – Você... – A perspectiva era tentadora. Sentia saudade de viajar e não podia imaginar companhia melhor. Ninguém a fazia se sentir tão segura. – Acho que sim.

– Fantástico – exclamou Neo, e pareceu sincero e satisfeito também.

Cassandra mordeu o lábio, emocionada, e tentou afastar as lágrimas. Ele era um homem fora do comum. E a viagem parecia maravilhosa. Mas o

melhor de tudo seria estar na companhia de Neo. Isso era ainda mais tentador que a viagem.

– Nunca pensei que um dia viajaria em um jato particular – brincou para esconder a animação.

– Precisaremos fazer um teste. Antes de Dubai. Voar para algum lugar mais perto para que você se acostume. Quem sabe Napa Valley.

– Está brincando!

– Não tenho senso de humor, lembra?

– Mentira.

– Bem, não estou brincando agora – disse Neo sem sorrir.

CAPÍTULO 8

– **M**AS NÃO há trabalho seu lá. E uma viagem dessas não tomaria ainda mais tempo de seu trabalho?

O cérebro de Cassandra dava mil voltas e seu coração também.

– Ajudar minha amiga a realizar seu desejo de viajar vale a pena – disse ele.

– Você ficou maluco.

– Não acho.

Ela riu, sentindo-se feliz como há muito não se sentia.

– Além disso, gosto dos vinhos da Califórnia. Gostaria de visitar alguns dos melhores vinhedos e comprar vinhos selecionados.

– Hum...

– Gosta de vinho, Cassandra?

– Não bebo.

– Por motivos religiosos?

– Não. Apenas... Não tenho resistência.

– Como assim?

– Cheiro a rolha da garrafa e fico tonta.

– Isso eu gostaria de ver – exclamou Neo sorrindo.

– Gostaria de me ver compondo as letras de minhas músicas em falsete?

Não deve ser um espetáculo bonito.

– Gostaria de ouvi-la cantar.

– Não gostaria, não. Confie em mim. Por mais talentosa que seja no piano, sou um desastre como cantora.

– Isso só aumenta minha vontade de ouvi-la.

– Por acaso é masoquista? Nunca teria imaginado.

– E se imaginasse estaria errada, mas me agrada saber que você não é perfeita.

O que isso significava exatamente? Que Neo a julgava quase perfeita? Não era possível. Com os problemas que tinha, ninguém pensaria que era perfeita. Nem chegava perto disso, mesmo.

– Então está rindo de mim? – perguntou Cassandra para provocá-lo.

– Rindo *com você* – corrigiu ele –, e é surpreendentemente agradável.

Ela se lembrou do filme que tinham visto e aquiesceu.

– Sim. Rir juntos é bom.

– Então cantará para mim?

– Se formos a Napa Valley e se me convencer a provar o tal vinho selecionado que pretende comprar, talvez eu o faça.

– Farei com que cumpra sua palavra.

– Eu disse “se” e “talvez” – alertou ela.

Ele não se importou como se só tivesse ouvido ou só conhecesse as palavras *sim, posso e faço*.

– Já acabou de nadar?

– Poderia dar mais algumas braçadas.

– Então vou acompanhá-la.

– Ótimo.

Era tudo que ela precisava. O homem mais maravilhoso que já conhecera se exibindo de calção na sua frente. Depois dos dois beijos desse dia, seu corpo passava por todos os tipos de estremecimentos e palpitações. Cassandra tinha ganas de atirar Neo sobre o deque da piscina e beijá-lo até que as bocas ficassem inchadas, mas ele disse que amigos não se beijavam. E Neo queria ser seu amigo. Já tinha demonstrado o quanto era realmente importante.

Amizade. Ele a ajudou quando foi preciso e não a criticou por suas fraquezas. Passaram bastante tempo juntos nesse dia, e Cassandra bem sabia

que estava sendo um dia muito especial.

Neo Stamos era um sonho. Se pelo menos ela não fosse um pesadelo com suas tantas idiossincrasias. Não queria estragar essa amizade nem deixar que esmorecesse como as outras que tivera pela vida afora.

Vê-lo de calção foi mais difícil do que imaginou. Sem dúvida Neo não se envergonhava do próprio corpo. Demonstrava a desinibição de um europeu, usando um calção apertado que exibia o torso liso e as coxas musculosas como nenhuma roupa de banho da Califórnia faria. Foi o suficiente para fazê-la viver sensações nunca sentidas antes, conhecidas apenas pelas leituras.

– Disse alguma coisa? – perguntou Neo.

Ela precisou limpar a garganta para recuperar a voz.

– Nada. Linda roupa.

– Foi idealizada para facilitar as braçadas.

– É claro – replicou Cassandra com displicência.

Na verdade deve ter sido idealizada para seduzir descuidadas virgens pianistas. Bem, talvez não. Nadaram juntos por certo tempo, até disputaram uma corrida, e ele venceu.

– É porque pratico mais que você.

Cassandra imaginou que fosse por distração, por não se concentrar o suficiente nas braçadas, por ter seu pensamento no corpo de Neo, em saber como seria abraçá-lo assim, quase sem roupa. Não iria admitir isso em voz alta. Então apenas estremeceu dentro da água tépida enquanto as imagens eróticas se sucediam em sua mente.

– Além do mais – continuou Neo com sabedoria –, sou mais alto que você e tenho músculos mais fortes nas pernas.

– Vamos esquecer os músculos das suas pernas – resmungou Cassandra. – Vai me deixar complexada.

– Suas pernas de passarinho são encantadoras.

– Pernas de passarinho? – repetiu ela injuriada.

Será que Neo falara a sério? Vendo-o mergulhar nesse momento, ela o seguiu. Por acaso conseguiu segurá-lo pelos tornozelos e o fez afundar ainda mais. Depois o soltou depressa, e nadou para o outro lado da piscina o mais

rápido possível. Estava quase atingindo a borda quando as mãos potentes a seguraram pela cintura e a ergueram.

Cassandra foi impulsionada para cima, e despencou no centro da piscina, espirrando água para todos os lados. Teve a presença de espírito de reter o fôlego enquanto mergulhava, mas mesmo assim voltou à tona engasgando. E pronta para revidar ao vê-lo lançar um sorriso matreiro. Isso era divertido. Muito divertido, não brincava assim há... bem... talvez nunca tivesse brincado assim. Em apenas cinco semanas, Neo lhe dera tanta vida. Sentia o coração tão cheio de alegria que pensou que fosse explodir.

No último segundo tentou agarrá-lo e puxá-lo para baixo de novo. Mas Neo ficou firme, manteve a musculatura rija enquanto ela lutava para manter a cabeça fora da água.

– Acha que venceu? – perguntou Cassandra sem fôlego.

– Acho que até agora empatamos – respondeu ele em um tom condescendente.

Ela sorriu com desdém, comentando:

– Creio que uma mulher esperta pararia por aqui.

– Um empate é melhor que a derrota.

Ela jogou água em seu rosto, e o pegou em cheio.

– Tem tanta certeza assim que vou perder?

Sem pestanejar diante do dilúvio que ela provocara, ele enxugou os respingos do rosto e deu de ombros. Sem dúvida estava muito confiante em si mesmo. E tinha razão. Infelizmente para Cassandra, que ainda tentou:

– Pode ser maior, porém talvez eu seja mais esperta.

– Duvido muito. – Neo sorriu. – Sou um executivo do setor imobiliário. Lido com gente esperta o dia todo.

– Pode ser.

O ramo musical podia ser difícil também, mas ela sempre procurara permanecer à margem das decisões comerciais.

– Posso suavizar o empate oferecendo um lanche? – sugeriu Neo.

Por que será que aos ouvidos dela a palavra “empate” soava como “derrota”?

– Que tipo de lanche? – perguntou, tentada pela oferta apesar de ter desenvolvido um estranho e súbito espírito de competição.

– Biscoitos de macadâmia e baklava, um pastel com massa de nozes. Minha governanta ficou *muito* contente quando suspendi as restrições alimentares por um dia.

Cassandra ficou com água na boca e esqueceu a ideia de tentar afundá-lo pela segunda vez.

– Você me convenceu, Neo.

– Encontrarei você lá dentro.

Porém Cassandra quase se afogou ao esquecer de boiar quando o viu deixar o deque, dando as costas musculosas para ela.

NEO FERVEU a água para o chá que tomariam com os pastéis, enquanto tratava de se lembrar de todas as razões para não ir para a cama com a mulher sensual que secava o cabelo no banheiro de hóspedes. Céus! Chegou perto de possuí-la na piscina, quer ela permitisse ou não. E ainda no deque quando ela saíra da água.

Nunca deveria ter olhado para trás antes de fechar a porta do chuveiro no deque. Cassandra estava com um olhar brilhante que o fez pensar em outras coisas, menos em nadar.

E como ficava linda de biquíni. Supermodelos poderiam matar para conseguir um corpo como aquele. Cassandra não era anoréxica como as modelos. Graças a Deus. Não havia ossos pontudos onde devia haver carne. Tudo estava no devido lugar. E mesmo sem muitas curvas, ela era uma mulher succulenta. Tinha seios pequenos e firmes, e nádegas que davam água na boca. Lutou contra seus instintos para não lhe dar uma mordida.

E não parava de pensar em coisas muito diferentes do que apenas brincadeiras inocentes. Quando a ergueu no ar e a fez cair na água de novo, quase a abraçou e arrancou seu biquíni. Raios! Por que fora tão tolo para sugerir que ela usasse a piscina?

Pensou que sua timidez elege-se o maiô mais discreto da coleção. Ao contrário, ela colocara um biquíni que mostrava mais do que escondia. Quase um fio dental. E acertara em cheio, porque tinha um corpo

maravilhoso. Sem dúvida resultado das horas que passava se exercitando. Perfeito. Essa era a única palavra possível. Sentiu o coração disparar. Sua amiga virgem era sexy demais para ser segura.

Ouvir o barulho do secador lhe deu vontade de ir até lá e se oferecer para acabar de secar as madeixas sedosas. Qual mulher nos dias atuais deixava o cabelo longo até a cintura como Cassandra? Será que não achava que dava muito trabalho? Quase riu diante dessa ideia. Aparentemente, Cassandra não era nada moderna em vários aspectos.

Não fazia ideia de quanto tempo se passara até que ela voltou com uma trança que alcançava o meio de suas costas, e sentou perto da piscina. Neo logo desejou ver a massa de cabelo castanho espalhada sobre seus travesseiros ou fazendo cócegas em seu peito enquanto ela o cavalgava em êxtase.

Fechou os olhos, enquanto seu órgão sexual crescia irremediável e significativamente, e ele praguejava em grego. Afastou-se dela com uma desculpa, pegou o celular e ligou para Zephyr, que atendeu no segundo toque.

- O que houve? – perguntou o sócio em grego.
- Queria que me lembrasse por que não é bom fazer sexo com as amigas.
- Eu disse isso?

Neo percebeu um tom divertido na voz de Zephyr.

- Não. Fui eu quem disse. Mas preciso ser lembrado.
- De que amiga estamos falando? A professora de piano?

Dessa vez, Zephyr riu.

Neo resmungou:

- Sim.
- Estou surpreso.
- Pelo fato de que quero fazer sexo com ela? – perguntou Neo, aborrecido.
- Não. Pelo fato de que já a chama de amiga.
- Ela é especial.
- Compreendo – murmurou Zephyr já em um tom severo.

Por fim estava levando a conversa a sério.

- Ótimo, então me explique, porque eu não compreendo nada.

- Quando foi que me deu ouvidos?
- Ora, Zee...
- Meteu-se em uma enrascada, não é?
- Gosto de ser amigo dela. Não quero estragar esse sentimento.
- E levá-la para a cama estragaria?
- Claro que sim. Acha que não?
- Depende.
- Do quê?
- Das expectativas dela depois de fazerem sexo. Quando dois parceiros sabem até onde podem chegar está tudo bem.

Neo não sabia se ele e Cassandra *poderiam* impor limites.

- Ela é virgem - confidenciou com honestidade. - Totalmente inexperiente.

- Nessa idade?

- Sim, e essa é outra razão para não a levar para a cama.

- Talvez ela esteja cansada de ser inexperiente. Tem certeza que é virgem por vontade própria?

- O que quer dizer? - inquiriu Neo.

- Pense bem. Cass passou a vida inteira dedicada à mãe doente e à sua música. Duvido que o pai a deixasse namorar quando era mais jovem, e naquela época ela desenvolveu a agorafobia. Quando teve chance de conhecer um homem com quem desejasse se deitar?

- Isso não vem ao caso.

- Não?

- Não, porque *eu* não posso ser esse homem.

- Por que não?

- Porque Cassandra acabará magoada. Não é como minhas outras...

- Vagabundas? Talvez seja hora de você passar para o próximo nível e não pensar em apenas uma noite de prazer.

- Não quero um relacionamento, Zee. Não tenho tempo.

- Todos temos tempo para os amigos, Neo. Ou melhor, todos deveriam arrumar tempo para os amigos. Qual seria o objetivo de estar no topo da pirâmide se não há ninguém lá em cima para viver ao seu lado?

- Tenho você e sua amizade, Zee.
- Sim, sou seu sócio e único amigo. Diabos, Neo, metade do tempo cada um de nós está em países diferentes fazendo negócios.
- E daí?
- Daí que não pode passar o tempo todo trabalhando.
- Mude o disco, Zee. Está ficando repetitivo.
- É mesmo? Ou será que a verdade começa a fazer sentido?
- Sabia que é um hipócrita?
- No momento não estamos falando sobre mim – defendeu-se Zephyr.
- Ainda bem para você.
- Certo. Agora escute. Cass o deseja?
- Acho que sim.

Se estivesse errado, era melhor morrer, pois significava que sua capacidade de analisar as pessoas estava perdida.

- Então permita que ela faça a própria escolha.
- Talvez não faça a melhor escolha para si mesma.
- Ela é adulta, Neo. Deixe que escolha.
- Faz parecer tudo tão simples.
- É você quem está deixando as coisas mais complicadas do que realmente são.

Neo não precisava que Zephyr lhe dissesse nada; ele sabia que o sexo com Cassandra seria muito melhor que com qualquer outra mulher. Seu corpo lhe mandava essa mensagem desde que ela lhe abrisse pela primeira vez a porta de casa e o deixara entrar. Na verdade, percebia que não precisava que Zee lhe dissesse nada.

Já sabia o que desejava e o que iria fazer. Talvez ela não fosse o tipo de mulher que costumava escolher, mas estava longe de ser a moça tímida que julgara à primeira vista. Cassandra não era uma supermodelo. Era muito mais. Podia gostar de usar roupas de grife, mas não era nada vaidosa. Sua inocente sensualidade era mil vezes mais provocante que a sedução de mulheres experientes, e ele tinha sua constante excitação como prova.

Neo nunca se negara a nada quando o assunto era sexo. Conhecia uma mulher que desejava e que o desejava, e logo iam para a cama. Bem, queria

Cassandra e tinha certeza que ela o queria também, mas pela primeira vez essa não era a única coisa em que pensar. Neo cerrou os punhos enquanto lutava contra um oceano de conflitos íntimos. Uma coisa se destacava... Cassandra Baker passara 29 anos desconhecendo aspectos da vida que seriam triviais para a maioria das pessoas. Primeiramente pelas circunstâncias de sua infância, e depois pelas limitações impostas pela ansiedade.

Ele poderia lhe dar uma amostra do que era a paixão... Mais que uma amostra, ele poderia lhe dar um banquete completo. Talvez a amizade não impedisse o sexo. Não quando duas pessoas queriam tanto assim.

Neo queria. E Cassandra também.

Cassandra entrou na cozinha esperando encontrar Neo às voltas com o chá, num momento bem doméstico, enternecedor. O que não esperava era ver o brilho feroz em seus olhos verdes e essa tensão que emanava de seu corpo.

– Tudo bem, Neo? – perguntou, refletindo se não deveria ter vestido a jaqueta de seu conjunto, e achando graça nesse pensamento.

Mas o modo como ele a olhava... Como se sua blusa branca fosse transparente assim como o sutiã de renda que usava por baixo.

Olhou para todos os lados, mas nem o balcão vazio da cozinha nem a pequena mesa preparada para o chá lhe deram uma pista do motivo de Neo estar tão esquisito. Ele continuava calado, mantinha as mãos fechadas como se estivesse evitando tocar em algo.

– Neo? Está começando a me preocupar.

– Foi falta de desejo ou de oportunidade? – perguntou ele à queima-roupa e com a voz rouca.

– Creio que não sei do que está falando.

E era verdade.

– Sua virgindade.

– Minha vir... – Ela parou na metade da palavra. – O que quer dizer?

E por que estavam falando sobre isso? Ser virgem aos 29 anos não era um assunto que a agradava. Ele se aproximou em duas passadas.

– Sua inocência. Sente-se feliz com ela?

– Feliz? – Nenhuma mulher era feliz ao chegar aos 30 anos sem ter tido um namoradinho, muito menos um relacionamento sério. – Neo, não está fazendo sentido!

– É uma pergunta simples, *pethi mou*.

– Tenho certeza que sim, só que não entendi qual é a pergunta.

– Zee disse que talvez você não seja virgem por opção, mas pelas circunstâncias.

– Que circunstâncias?

– Falta de oportunidade – esclareceu ele.

– Falou com Zephyr sobre minha vida sexual? – inquiriu ela, ofendida quando por fim compreendeu.

Neo ignorou-a.

– Ausência de uma vida sexual. Se você tivesse uma, a minha seria muito mais fácil.

– Não vejo por quê.

Ele passou a mão pela sua nuca enquanto o olhar feroz a queimava.

– Não?

O calor de sua mão paralisou as cordas vocais de Cassandra. Isso não estava fazendo sentido. Não conseguia falar nem se mover.

– Não quero me aproveitar de você – murmurou ele, o polegar acariciando seu pescoço para cima e para baixo... enviando choques pelo corpo de Cassandra.

Por fim suas cordas vocais acordaram.

– Não pode andar por aí discutindo minha vida sexual com Zephyr.

– Não estava andando. Liguei para ele. Daqui mesmo.

– Sabe o que quero dizer.

– Sei que a desejo.

Essa informação foi muito estimulante, e ela perguntou com um fio de voz:

– Deseja?

– Muito.

– Mas, e a regra sobre *amigos não se beijarem*?

– Estou repensando.

– Daí ligou para Zephyr. – E haviam conversado sobre sua virgindade. – E ele disse...

– Que deveria deixá-la fazer as próprias escolhas. Que você é adulta.

– Zephyr tem razão. Detesto que tomem decisões por mim. Só que o problema aqui é que não tenho certeza sobre o que devo escolher.

– Fazer sexo comigo.

Agora estava claro.

– Em oposição à amizade sem sexo? – perguntou só para ter certeza.

– Precisamente.

– E depois que fizermos sexo?

– Permaneceremos amigos.

As amizades para ela nunca duravam, com ou sem sexo, mas esse provavelmente não era o momento de mencionar.

– Uma amizade colorida – simplificou.

– Creio que sim – replicou Neo em tom divertido. – Algumas cores serão diferentes. Como já disse, nunca tive uma amiga antes.

– Mas agora tem. E quer fazer amor... sexo... comigo.

Ele sorriu, satisfeito.

– Exatamente.

– Mas nada além disso. Exceto a amizade?

A expressão de Neo tornou-se preocupada.

– Não é justo com você.

– Por quê? Se é justo para você, por que não é para mim?

O que a tornava tão especial?

– Não é cínica como eu. E temo que vá confundir nossa amizade com...

– Amor? – concluiu ela, percebendo que Neo se sentia desconfortável até com a palavra.

– Isso mesmo.

– E não é preciso dizer que você jamais cometeria esse erro.

– Jamais me apaixonei por nenhuma mulher com quem me deitei.

– É obvio, porque se tivesse se apaixonado não estaríamos tendo esta conversa.

Só em pensar nisso, Cassandra se magoou. Talvez estivesse correndo um risco maior do que imaginava.

- A verdade, Cassandra, é que não me julgo um homem emotivo.
- E acha que não é capaz de amar?
- Nunca amei ninguém, nem fui amado.

Cassandra sabia que não era verdade. A relação entre ele e Zephyr era uma forma de amor. Amavam-se como dois irmãos. Eram uma família. Não vivenciara isso, mas sabia como devia ser. Amor de família.

Quanto a ela, não conseguira o amor incondicional de seus pais nem conseguiria o de Neo. Jamais esperou ser amada. Ansiava por isso, mas não esperava. E há anos não se permitia pensar a respeito. Não remoía esse tipo de pensamento para evitar se magoar. Entretanto a ânsia de ser amada não a impediria de agarrar o que pudesse.

- Não espero que você me ame – disse com franqueza.

CAPÍTULO 9

– O QUE espera?

– Nada. Há muito aprendi que expectativas levam à frustração.

– Então o que procura?

– Não tenho certeza se estou procurando alguma coisa. Sua chegada em minha vida foi como a de um cometa celeste, totalmente inesperado e um tanto chocante, se quer saber a verdade. Mas sua amizade é um presente extraordinário.

Neo respirou fundo e deu um passo atrás.

– Então é assim.

– O sexo seria maravilhoso também – emendou ela depressa.

Maravilhoso não era uma palavra exata para descrever o que imaginava que sentiria caso se entregasse a esse homem.

– Então é uma questão de oportunidade.

– Não exatamente.

Cassandra nunca tinha namorado nem beijado, porém conhecera homens que desejariam levá-la para a cama. Tietes que podiam ser ricos e sofisticados, mas que não deixavam de ser tietes e que a assustavam muito. Era quase tão ruim como subir a um palco para se apresentar. E agora Neo a deixara muito mais ansiosa. O que esperaria dela na cama um homem que a idolatrava pelo que lhe era mais natural, seu talento?

– Você me quer agora? – perguntou ele.

– Neste momento? – retrucou Cassandra com voz incerta.

– Sim, agora mesmo.

– Sempre o quero – admitiu ela em um murmúrio. – Desejei-o desde o primeiro instante, mesmo sem reconhecer a emoção daquela hora.

– Mas agora a reconhece?

– Sim.

E como. Era uma dor intensa em suas entranhas. E Neo se oferecia para acalmá-la. Poderia gritar de alívio.

– E está pronta para enfrentar essas emoções?

– Aqui? Agora? – tornou ela a dizer, dessa vez com voz estridente.

– Tem outros planos?

– Tomar chá?

Ele sorriu com certa indulgência, embora ainda parecesse um guerreiro da antiguidade avaliando sua próxima presa.

– O chá pode esperar – murmurou.

Cassandra não pôde fazer outra coisa além de aquiescer com um gesto de cabeça. O chá *podia* esperar. Neo não. Sua virgindade também não. Ela mantinha uma aparente tranquilidade, mas no íntimo tremia.

Neo deve ter percebido, porque se inclinou e a enlaçou, um braço cingiu suas pernas e o outro a segurou pelas costas. Como sempre, ela se sentiu protegida, mesmo ao enfrentar o desconhecido. Neo voltou-se e rumou para os quartos.

– Não quero me deitar em uma cama onde centenas de outras mulheres se deitaram e suaram – disse Cassandra.

Sentiria *nojo* disso.

Ele riu.

– Mudarei os lençóis ou minha governanta fará isso.

– Podemos usar uma cama de hóspedes.

– Na verdade, não.

Ela franziu a testa, sem entender. Neo explicou:

– É justamente o contrário. Nunca levo mulheres para o meu quarto, sempre para o de hóspedes.

– Então vamos para a suíte principal.

Ele a olhou com doce ironia.

- Não se importa com o *meu suor*?
- Somos amigos.

Porém ele continuou a rir.

Cassandra não se importava. Neo podia se divertir o quanto quisesse, embora talvez jamais conquistasse seu coração, exigiria tudo que seu relacionamento pudesse conceder.

NEO NÃO conseguia acreditar que estava carregando Cassandra para seu quarto com intenções definidas. Pretendia dividir sua cama e seu corpo com ela. Apertou-a mais, sentindo seu perfume, e antecipou o que viria a seguir.

Ela o desejava e sabia das limitações em seu relacionamento. Não apenas entendia, mas aceitava. Amizade colorida. Precisaria discutir esse conceito com ela. A ideia de Cassandra ter o mesmo tipo de amizade com outro homem mais tarde o aborreceu. Seu caso era especial e ela precisaria compreender isso. Outro homem talvez não a tratasse com a generosidade, o respeito e o apreço merecidos.

Nesse momento, daria o que prometeu. Iria atordoá-la de prazer.

Entraram no quarto e ele acendeu o interruptor de luz com o cotovelo. A cama king size imperava no centro do cômodo, e Neo caminhou diretamente para lá. Inclinou-se para afastar as cobertas, e depois a colocou sobre os lençóis de algodão egípcio. Cassandra desatou a trança, e o lindo cabelo se espalhou sobre os travesseiros como ele imaginara.

Estendeu a mão e o acariciou, murmurando:

- Parece seda.
- Voa para todas as direções se não fizer um coque.
- E mesmo assim o deixou solto para mim.

Ela o fitou confusa por um segundo, mas depois sorriu e se controlou.

- Sim, acho que deixei.
- Sabia que estava louco para tocá-lo.
- Percebi que olhava muito para a minha trança na piscina.
- Olhava para você inteira.
- Fico feliz – disse ela com um sorriso ao mesmo tempo inocente e cheio de mistério.

– Eu também.

Cassandra sentia-se ousada, e confessou:

– Queria sentir nossos corpos juntos só com as roupas de banho.

– Farei melhor. Não haverá roupas entre nós.

Ela estremeceu, semicerrando os olhos.

– Acho que não vou sobreviver a isto.

Zee tinha razão, refletiu Neo. Mesmo o flerte com ela era diferente... Ele se sentia à vontade e desejava falar.

– Precisamos nos acariciar? – perguntou Cassandra.

– Não é necessário para fazer sexo – admitiu Neo com um sorriso. – Mas é gostoso.

Neo jamais se sentira tão à vontade com outra mulher.

Sua boca faminta tocou a dela. Beijou-a com a impudência e o abandono de quem vivia os últimos instantes, e foi correspondido com os braços macios de Cassandra ao redor de seus ombros. Prendeu-a com força, fazendo seus seios intumescerem, e produzindo um calor intenso que percorria cada centímetro de seu corpo. Mergulhou os dedos entre o cabelo sedoso, e ela correspondeu ao beijo com todas as forças, sentindo o gosto dos lábios entreabertos e sensuais, o aroma da pele quente. Sua reação, apesar de inocente, transmitia a mensagem de verdadeira paixão e sensualidade.

Neo começou a se despir enquanto a mantinha ocupada com um beijo tórrido atrás do outro. Estava vestido só com a roupa de baixo quando começou a desabotoar a blusa. Cassandra acariciava-o por toda parte, os dedos finos apalpando seu torso com uma apaixonada curiosidade.

Ele afastou a blusa, exibindo o corpo lindo. Desejava regozijar o olhar sem parar de beijá-la.

Ela se afastou, perguntando:

– Não vai ficar desapontado?

Neo passeou os olhos na pele acetinada de seu ventre até o rosto afogueado.

– Como me desapontar se você é linda?

– Não sou.

- Quem determina a magia de uma peça musical?
- Quem a ouve.
- E quem decide o que é ou não bonito? – continuou Neo.

Ela hesitou por um momento.

- Quem olha.
- Portanto?
- Acha que sou bonita, mas é da boca para fora.
- Não. Precisa confiar em minhas palavras.
- Está bem.

Ele usou o momento de confiança para arrancar a blusa de uma vez, assim como o sutiã, com uma série de movimentos experientes. Em vez de tentar se cobrir como ele imaginara, Cassandra estendeu as mãos.

- Aproxime-se mais. Quero sentir sua pele na minha.

- Você é perfeita para mim – disse ele com voz rouca. – Adoro esta inocência apaixonada.

- Sim, esta sou eu – replicou Cassandra, rindo com desdém de si mesma, e logo abafando o riso com um gemido quando Neo a beijou, inebriado.

Como uma mulher tão sensual chegara aos 29 anos sem ter conhecido o sexo? Mesmo com seu estilo de vida e tantas limitações?

- Isto é tão gostoso – ronronou Cassandra em seu ouvido. – Queria que tirasse minha calça também.

- Será um prazer.

E assim ele fez, prendendo a respiração diante da visão de Cassandra deitada em sua cama apenas de calcinha.

- É linda.

- Pare com isto, Neo. Sei que está mentindo. Disse que tenho pernas de passarinho.

- Estava provocando você. – Deitou-se sobre o corpo de Cassandra. – Imaginei como ficariam circundando minha cintura.

- Assim? – perguntou ela em tom inocente, mas com um olhar zombeteiro.

As pernas macias agarraram-se aos quadris de Neo.

– Assim mesmo. Devagar, *pethi mou*, pois corro o perigo de acabar com o jogo antes do momento certo.

– Um conquistador como você? – provocou ela. – Não acredito.

– Acredite.

Por mais que fosse embaraçoso para ele admitir.

– Gosto de saber que o excito tanto.

– Eu também gosto.

E para provar, começou a beijá-la de novo, escorregando os lábios para seu pescoço. Depois os baixou para os ombros e os seios.

– Oh, Neo... Sim...

Ele se inclinou para acariciar com os lábios os mamilos rosados e intumescidos, deslizou as mãos para baixo e continuou acariciando os quadris, as coxas, o ventre e as pernas com gestos ritmados e vagarosos. Tomou-lhe os seios entre as mãos, como se fossem duas flores delicadas, observando-lhe a expressão do rosto com olhos lânguidos. Quando a ouviu gemer de prazer, tocou os mamilos úmidos com a ponta da língua, fazendo círculos morosos, que iam excitando Cassandra cada vez mais, a ponto de deixá-la em um estado de total abandono.

A cada movimento de lábios, Neo parecia saborear uma iguaria fina, sem pressa. Cassandra começou a murmurar palavras desconexas e agitar-se, mexendo os quadris de maneira instintiva e sensual, sentindo uma espécie de lava incandescente percorrer-lhe cada centímetro do corpo. Então se beijaram de modo longo e profundo.

Neo deslizou a boca até a calcinha rosada e ali parou com os dentes cravados no elástico. Cassandra ficou paralisada. Seus olhos se encontraram cheios de promessas. Ele faria com que essa primeira vez fosse inesquecível. Cassandra merecia uma experiência incrível. Ela não era um encontro de uma noite; era sua amiga. E sua inocência não era apenas um poderoso afrodisíaco, mas uma grande responsabilidade também.

Com um puxão, Neo abaixou a calcinha.

Em outras circunstâncias ela podia ser tímida, mas nesse instante estava aberta ao prazer. Logo a calcinha foi se juntar às outras roupas no chão do

quarto. Neo admirou-a, feliz por ver o triângulo escuro, diferente das mulheres depiladas que costumava levar para a cama.

– Seu corpo pode sentir muitas coisas e quero mostrá-las a você – murmurou.

– E você? Sentirá também?

– Sim. Dar prazer é tão bom quanto receber. E você é um perigo, meu bem.

– É bom saber. Mas você vai tentar ser delicado?

– Nunca a machucaria.

– Muito bem. Então acabe de se despir também.

Neo hesitou; essa seria a última barreira a cair. Conseguiria resistir ao clamor de seu desejo quando nada mais o impedisse de possuí-la?

Tentou ganhar tempo, passando a mão entre as coxas sedosas.

Cassandra estremeceu.

– Não importa onde me toque, parece uma corrente elétrica passando pelo meu corpo.

ELE A penetrou com um dedo, sentindo a umidade de suas partes mais íntimas.

Ela era tudo que Neo desejava com desespero.

As carícias a levaram a um frenesi de volúpia. Tudo era novo para ela. E os toques tão íntimos tornavam Neo seu dono, embora nesse momento ela também o dominasse. Pela primeira vez na vida, Cassandra sentia-se desejada de outro modo que não como pianista. E Neo não demonstrava piedade pela amiga inexperiente. Ele a desejava também e seus beijos e carícias o demonstravam sem deixar dúvidas.

Cassandra queria ver sua masculinidade rija livre do tecido, mas voltou a gemer quando sentiu seu dedo ainda mais fundo. Imaginou como algo maior caberia dentro de seu corpo, e externou o pensamento.

– Não se preocupe – replicou Neo. – Irá se acomodar ao meu corpo.

– Vou confiar em você – murmurou ela entre suspiros e gemidos, enquanto o dedo hábil continuava a acariciá-la.

Ele foi mais fundo e Cassandra sentiu dor.

- Relaxe, querida.
- Não se preocupe. Quero você dentro de mim, Neo.
- Como quiser. – Ele se levantou de repente. – Vou pegar preservativos.
- Onde estão?
- No quarto de hóspedes.

Então era verdade. Neo nunca levava uma mulher para o seu quarto. Isso a deixou muito contente. Sexo na sua cama era um privilégio apenas para ela. Neo demorou menos de um minuto, voltou com os pacotinhos e os atirou sobre o criado-mudo. Já desembulhara um.

- Observe. Da próxima vez quero que você mesma faça isto.
- Alguém já lhe disse que é mandão? – brincou Cassandra, mesmo se sentindo muito excitada.
- Exigente. Assertivo. Instigador. Teimoso. Difícil. Mandão... uma vez ou duas. E agora, vamos fazer amor.

Cassandra desejou que fosse verdade, que fizessem amor. Entretanto, sem dúvida ele apenas usara uma expressão. Iriam fazer sexo. Entre amigos. E então, nesse instante, ela percebeu que o amava. Não sabia como tinha acontecido, foi tão depressa. Não sabia de fato se era amor, porém sentia uma emoção muito profunda por Neo Stamos que não sentira por mais ninguém desde a morte de seus pais.

E não tinha sido exatamente sobre isso que ele a alertara?

Confundir desejo sexual com emoções reais? Não parecia um erro, e Cassandra duvidou que poderia se sentir tão bem se entregando a um homem se não fosse com essa emoção de puro amor.

Conversaria sobre isso com seus amigos na internet. Talvez alguém com um pouco mais de experiência pudesse lhe dar a orientação que precisava. No momento, iria se concentrar na alegria do ato.

Embora Neo fosse cuidadoso e lento ao penetrá-la, mesmo assim doeu, fazendo lágrimas escorrerem por suas faces. Ele as enxugou com beijos enquanto murmurava palavras em grego ao seu ouvido. Cassandra ignorava o que significavam, mas o tom a confortou.

- Você me faz esquecer o inglês – brincou ele.

Cassandra achou essas palavras as mais gentis que alguém já lhe dissera.

– É sempre assim, Neo?

Seu olhar estava turvo pela paixão ao responder:

– Não. Para mim nunca foi assim.

Por certo ele não estava lhe fazendo uma declaração de amor recíproco, refletiu Cassandra. Apenas afirmava se tratar de um momento especial por ela ser virgem.

– Zephyr me disse que seria fenomenal – murmurou Neo com a voz tensa pelo esforço que fazia para se conter.

– Sexo com uma virgem?

– Não. Com uma amiga. Mas eu já sabia que seria assim com você. Por que acha que quis tanto?

Cassandra não soube o que responder. E então ele começou a se mover mais depressa, e de repente a dor desapareceu; foi substituída por ondas de prazer, uma maré que ia e vinha, seguindo os movimentos de seus corpos.

– Como é bom – murmurou ela, desejando ainda mais, porém sem saber como alcançar.

A espiral de prazer foi se transformando em um tornado, e o corpo de Cassandra estremeceu em convulsões quando o clímax a atingiu, como um vórtice. Neo gritou algo em grego, chegando ao êxtase também. Seu sorriso foi tão profundo como o beijo que se seguiu.

CAPÍTULO 10

NEO FICOU deitado ao lado Cassandra, vendo-a dormir. Insistiu que ela tomasse um banho quente depois do sexo, e a cobriu, servindo uma ceia em vez de tentar uma segunda rodada de sexo como seu corpo exigia. Agora ela dormia e ele permanecia acordado, surpreso com o próprio comportamento.

Desde quando mimava suas parceiras sexuais ou *dormia* com elas a noite toda?

Não era um amante egoísta, mas se esquivava de qualquer maior intimidade, apesar de afogar suas amantes em presentes caros. Concluiu que essa situação de amizade colorida era perigosa. Sem dúvida nenhuma. Talvez daí viesse essa sua necessidade de mimar, acariciar e cuidar de Cassandra. Via carência na vida de sua amiga e desejava aliviá-la.

Ela recebera muito pouco na vida, apesar de seu sucesso e brilhantismo. Sua mãe fora uma inválida, e em vez de poder ficar ao lado dela e lhe dar amor, Cassandra fora atirada em um mundo de concertos e apresentações que sem dúvida a apavorava. Pior, foi forçada a isso.

Neo crescera nas ruas; chegou a viver em um orfanato, e soube que seus pais não haviam procedido bem. Não lamentava a perda dos pais, e por isso compreendia Cassandra e desejava ajudá-la, fazendo-a recuperar certos prazeres na vida. Por isso oferecera a viagem.

Ela parecia muito animada com a perspectiva de ir a Dubai ou mesmo Napa Valley em sua companhia. Jamais imaginou que Cassandra gostasse tanto de viajar. Aparentemente a talentosa pianista descobrira algo que a

alegrava em suas turnês. Conhecer novos lugares. Neo estava determinado a fazê-la desfrutar disso outra vez.

Veria em sua agenda quando poderia marcar sua viagem para Napa Valley. Precisava ser em breve, porque se acabasse indo a Dubai, seria no próximo mês. E desejava levar Cassandra consigo. Queria que sua nova amiga experimentasse todas as delícias que a vida podia oferecer.

Inclusive, embora não apenas isso, muito sexo intenso e feliz.

Talvez encontrasse um novo agente para ela, que a visse como uma pessoa, não uma galinha dos ovos de ouro, ou que, pelo menos, soubesse fingir isso muito bem.

CASS ACORDOU em uma cama estranha pela primeira vez desde que seu pai faleceu e que ela parou de fazer turnês e se hospedar em hotéis. Era uma cama confortável, tinha lençóis macios e uma coberta quentinha. Poderia voltar a dormir, sentia um clima de calor e segurança ao seu redor.

Então seu cérebro lhe deu a informação que precisava sobre o dono da cama.

Neo!

Ainda podia sentir seu perfume nos lençóis. O odor da deliciosa loção de barba e outro que dali por diante sempre iria associar a sexo. Estendeu o braço, e viu que o outro lado da cama estava vazio. Porém ainda quente do calor de outro corpo. Neo dormira com ela.

Teve lembranças de braços fortes que a seguravam; um beijo suave e palavras de boa-noite vieram à tona, deixando-a feliz. Mal podia acreditar que ele dormira ali... que passara toda a noite ao seu lado. Usando por pijama a camiseta Ralph Lauren que Neo lhe dera, sentou-se, sentindo os músculos doloridos. Entretanto o banho tinha ajudado, refletiu. E muito.

Neo insistiu para que ficasse algum tempo sob a água morna, e ela adorou. Tomou conta dela com tanto carinho, mas o que realmente a surpreendeu foi quando Neo a carregou de volta para a cama após o banho. Cassandra presumia que, após o ato sexual, ele a colocaria no quarto de hóspedes, porém não foi o que aconteceu.

Levou-a de volta para sua própria cama sem a menor hesitação ou discussão. E embora nunca tivesse passado a noite na mesma cama com outra pessoa, dormiu profundamente, acordando apenas uma vez. E ao invés de se sentir constrangida com o corpo másculo que a abraçava de maneira protetora, sentiu uma enorme satisfação, ciente de que isso poderia nunca mais acontecer.

Não achava que Neo tivesse o hábito de passar a noite com suas amantes. Sem dúvida ela era uma exceção, porque fora sua primeira vez. Era de fato um bom homem.

– Por que está sorrindo assim? – inquiriu Neo, entrando no quarto vestido com esmero e pronto para trabalhar.

– Por sua causa – admitiu Cassandra.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– É verdade. Você é um homem muito bom, Neo Stamos, bilionário e influente, carinhoso e generoso.

Ele meneou a cabeça.

– Não deixe meus empreiteiros ouvirem você dizer isto.

– Nem sonharia.

– Dora preparou o café da manhã para você.

Cassandra olhou em volta, mas não viu um relógio.

– Que horas são?

Neo relanceou um olhar para seu pulso.

– São 7h30.

– Parece pronto para ir ao escritório.

– E estou. Tenho uma reunião a que não posso faltar.

– Será que posso voltar para minha casa hoje? – perguntou ela, temerosa da resposta. Notou que Neo não mencionara nenhuma ligação de Cole Geary avisando se os concertos haviam acabado.

– Sim, é claro. A equipe de Cole terminou os trabalhos ontem antes da hora do jantar.

– Não me disse nada, Neo.

Ele deu de ombros, porém ficou vermelho.

– Estava apreciando sua companhia, e não queria que fosse logo embora.

– Digo o mesmo – apressou-se ela a assegurar. – É claro que não me importaria de ficar aqui no seu apartamento por mais tempo, mas necessito voltar ao meu vício de compor.

– Faça o que precisa até sexta-feira.

– Lá vai você bancar o mandão de novo.

– É o risco que corre andando com bilionários influentes – brincou ele.

– Acha mesmo?

– Tenho certeza. E não pode esperar que eu não tente convencê-la.

Cassandra riu, sentindo-se mais livre do que nunca desde que decidiu parar de se apresentar em público.

– O que vai acontecer na sexta-feira, Neo?

– Vamos voar para Napa Valley depois do jantar e passar o fim de semana lá.

Surpresa com tal informação, ela saltou da cama. Não pensou que ele tinha falado a sério, porém, na verdade, Neo já não lhe dissera que nunca brincava com as palavras?

– Está falando sério – murmurou, verbalizando seus pensamentos.

– Já instruí meu piloto particular sobre a viagem e minha secretária alugará uma casa para o fim de semana.

Cassandra arregalou os olhos.

– Fez isso tudo desde a hora que acordou?

– Mandei e-mails para ambos ontem à noite depois que você dormiu.

– Mas tudo tão depressa.

– Dinheiro – explicou Neo com uma palavra. Falou com naturalidade, sem arrogância.

– Sim, o dinheiro manda e o mundo obedece. – Cassandra balançou a cabeça sem conseguir acreditar. Ele lhe dava tanto sem parecer perceber. – Você é extraordinário! Obrigada!

Ele aceitou seu abraço entusiasmado sem hesitação, mas a beijou com suavidade, explicando:

– Não posso me dar o luxo de ser tentado pelos seus lábios esta manhã.

– Acha que são tentadores?

– Demais.

– É bom saber – brincou ela, inclinada a flertar. – Conhecimento é poder.
– É o que dizem. – Os olhos de Neo passaram pelo corpo vestido com a camiseta até que Cassandra sentiu um calor intenso. – Pois saiba que se não precisasse comparecer a essa reunião, voltaria para a cama com você e a deixaria tão excitada até que gritasse.

– Nossa! Quem sabe poderemos fazer isso na Califórnia este fim de semana.

Era o que Cassandra mais gostaria.

– E faremos. – Neo respirou fundo. – Vou embora agora. Não se deixe intimidar por Dora. É minha governanta, portanto não é uma estranha.

Essas palavras revelavam quanto ele confiava em Dora, e isso deixou Cassandra à vontade.

– Compreendi. Não é uma estranha – repetiu.

– Vai se sentir bem se Dora a levar de carro para casa?

– Sem dúvida, mas isso faz parte de suas funções? – quis saber Cassandra.

Neo deu de ombros.

– Pensei que se sentiria melhor na companhia dela do que na de meu motorista. Ele me levará até a reunião.

– Então você costuma utilizar os serviços de um motorista particular.

– Quando necessário, sim. Mas prefiro dirigir.

– Então trate de chegar na hora. Vá.

Ele balançou a cabeça concordando, e depois a abraçou com força, beijando-a. Depois deu meia-volta e deixou o quarto às pressas, como se temesse ceder à tentação.

Cassandra colocou a mão sobre os lábios.

– Nossa!

Dora era uma grega de 50 e poucos anos, mantinha o cabelo grisalho em um coque impecável. Tinha um sorriso afável e aparentemente sua grande ambição era alimentar o mundo inteiro. O café da manhã que serviu para Cassandra daria para sustentar um exército.

Quando ela externou seu pensamento, Dora riu.

– Um dia Aquele Tal – disse, fazendo um gesto de cabeça na direção da porta como se Neo ainda estivesse no apartamento – irá se acomodar e me

dar alguns *bebês* para alimentar.

A imagem de um garotinho de olhos verdes e cabelo escuro incentivando uma irmãzinha a acabar de jantar para que fossem brincar, surgiu na mente de Cassandra, enchendo-a de uma ansiedade que pensara já ter superado.

– Neo será um ótimo pai – murmurou.

– Mas ele não sabe disso. – Dora ergueu os olhos para o alto como a pedir paciência, enquanto servia um café perfumado para Cassandra. – Homens!

Cass riu.

– Não tenho muita experiência com eles, exceto com meu agente.

E para ela Bob representava mais trabalho que homem.

Os compromissos profissionais de Neo nem chegavam a incomodá-la. Porém ficava furiosa quando Bob se tornava muito exigente. Sem dúvida, se ele pudesse, convenceria Cass a voltar aos palcos. E continuava tentando.

Dora interrompeu o fio de seus pensamentos.

– A senhorita é a pianista de quem o sr. Neo me falou. Gosto da sua música.

– Obrigada.

– Terá que trabalhar menos quando tiver filhos. Dois CDs por ano é muita coisa.

Balançou a cabeça em protesto.

– Duvido que um dia tenha filhos, porém se acontecer, não me importaria de compor menos para ficar com eles.

– Por que duvida que terá filhos?

– Certas pessoas nunca encontram seu par. E não gostaria de ter um filho sendo mãe solteira. – Não seria justo com a criança, já que ela própria tinha tantos problemas, refletiu.

– Então a senhorita é um pouco tímida. Li sua biografia. Nem todos gostam de ser o centro das atenções. Será uma mãe maravilhosa. Escreva o que estou dizendo.

Cass apenas sorriu, ocultando o desejo de que as palavras da mulher fossem não apenas sábias como proféticas. Só Cassandra sabia como esse sonho era impossível para ela. Tratou de mudar de assunto:

– Neo me disse que a senhora me levará de carro para casa.

– Sim. Ele me disse que a senhorita talvez não gostasse de ir com o motorista.

– Tem razão. Estranhos me amedrontam.

– Sim. Foi isso mesmo que o sr. Neo falou. Não tem nada a ver com o fato de que o motorista é jovem e bonito – acrescentou com fingida inocência. – Claro que não.

Surpresa, Cass caiu na risada.

– Não acho que Neo faça o tipo ciumento – comentou.

Dora deu de ombros sem se comprometer, e disse à hóspede que tomasse seu café.

COLE GEARY aguardava Cassandra em sua casa. Ela até achou graça quando percebeu que Dora não a deixaria a sós com um homem. Era uma senhora de valores e costumes tradicionais. Era uma surpresa a governanta não a julgar mal por ter passado a noite com seu patrão.

Cole mostrou a Cass todas as mudanças realizadas, e eram bastante discretas. Acostumar-se com o sistema de alarme seria o mais difícil.

– É estranho olhar para uma janela e saber que o vidro não se quebrará caso alguém jogue uma pedra – comentou ela.

– Vai se acostumar – falou Cole.

Dora concordou.

– O sr. Neo tem janelas na varanda à prova de balas, e são lavadas como quaisquer outras.

– Ele leva a segurança muito a sério – comentou Cassandra.

– Precisa levar.

Diante dessas breves palavras, Cassandra estremeceu.

– Às vezes me esqueço que é um homem tão importante – murmurou.

Cole fitou-a como se tivesse perdido o juízo, mas o sorriso de Dora foi reconfortante. Quando terminaram a visitação a todas as reformas e programaram a impressão da palma de sua mão para as fechaduras biométricas, Cassandra ofereceu café e chá para Dora e Cole, que recusou por ter outros compromissos. Dora aceitou, oferecendo-se para preparar o chá enquanto Cass mudava de roupa.

Ainda quando se vestia pela segunda vez nessa manhã e pensava em Dora, ocorreu à Cassandra a ideia de que poderia ter acabado de fazer uma segunda amizade.

O TELEFONE tocou naquela noite quando Cassandra se preparava para dormir. Era Neo.

– Dora me disse que Cole lhe mostrou as mudanças na casa.

– Sim. São melhores do que pensei. Até pintaram as esquadrias das janelas do mesmo jeito que antes. Mal dá para ver a diferença.

– Eu não disse?

– Não precisa se vangloriar, Neo.

– Não se importou que eu provasse como seria bom irmos para a cama juntos.

Ela reprimiu uma risada.

– Bobo.

– Verdade? Acabou de chamar o grande Neo Stamos de bobo?

– Estava provocando você, sr. Importante.

Ele riu com alegria, e Cassandra perguntou:

– Atrasou-se para sua reunião hoje de manhã?

– Claro que não. Mas não tive tempo de me preparar como de costume.

– Desculpe.

– Não parece realmente arrependida.

– E o que esperava? Perturbei a agenda de Neo Stamos. É impressionante.

– Está orgulhosa de si mesma?

– Muito.

– Também estou.

– De quê?

– Pode me perguntar isso depois do privilégio que tivemos ontem à noite?

– Foi um privilégio tão grande assim?

– Imenso.

– Então... De fato nunca teve muita experiência com virgens.

– Não, porém o mais importante é que nunca tinha feito amor com uma mulher que me emocionasse tanto.

– Não sei como emocioná-lo.

E esse era um dos medos de Cassandra. Passou o dia recordando a noite anterior, e uma coisa era óbvia; foi ela quem recebeu prazer, não quem deu.

– Não estou me referindo à parte física, e acredite quando lhe digo que não há o que temer quanto a esse aspecto.

– Acredito em você.

– Sei disso. Vai voar para Napa Valley comigo.

– Fala como se eu estivesse lhe fazendo um favor, e nós dois sabemos que é justamente o contrário.

Pela primeira vez em anos, Cassandra sentia-se viva sem existir apenas para sua música.

– Todas as vezes que concede parte de seu tempo para mim é uma honra.

– Acho ótimo receber este elogio, mas não se esqueça de se exercitar no piano também.

– Você é uma feitora de escravos – brincou ele.

– Ganhou um ano de aulas de piano, portanto terá que dar o máximo de si.

– Na verdade, não pedi essas aulas.

Cassandra não se deixou intimidar.

– Zephyr ficará furioso se souber que desperdiçou seu dinheiro.

Neo resmungou alguma coisa em grego que a fez rir.

– Tenho a impressão de que não vou gostar de saber o que acabou de dizer, Neo.

– E eu não vou contar.

– Uma palavra muito feia?

– Talvez. Pode tirar um garoto das ruas, mas não tira as ruas do garoto.

– Não acredito nisso, Neo. Você evoluiu muito.

– Não me esqueço de minhas origens. Isso me incentiva a fazer mais no presente.

– Será que não alcançou o suficiente? Todo o sucesso que já tem?

– Engraçado. Zee me perguntou o mesmo há pouco tempo.

O bom humor desaparecera da voz de Neo para ser substituído por algum sentimento que lembrava a melancolia. Cassandra sabia que Neo duvidava

de algum dia conseguir ficar satisfeito com o sucesso que tinha.

– Deveria se sentir feliz pelo que conseguiu na vida, sentir orgulho de seu sucesso, mas ainda luta para provar alguma coisa.

– Talvez. No momento estou ocupado demais pensando em arrumar tempo suficiente para ter você e minha aula na próxima semana.

– Programou-se para arrumar tempo no fim de semana. Isso é primordial.

E provavelmente iria se fartar dela a ponto de só pensar na aula de piano na próxima semana, refletiu Cassandra.

Neo ligou na manhã seguinte para lembrá-la de desligar o alarme antes de sair. Telefonou de novo depois do almoço para saber como andava a composição de sua nova música. Cassandra respondeu que se conseguisse terminá-la, tocaria para ele no fim de semana. Não se surpreendeu quando seu telefone, que raramente tocava, tocou pela terceira vez enquanto se preparava para um jantar solitário.

– Alô, Neo.

– Como sabia quem era?

– Ninguém mais me telefona, a não ser meu agente e o pessoal da gravadora. E ninguém telefona depois das 17h.

– Falando em horários, minha teleconferência desta noite foi remanejada. Aceita um convidado para jantar?

– Sua governanta ainda não preparou o seu?

– Tudo que Dora tiver preparado pode ser congelado.

– Não prefere jantar fora?

Mal disse as palavras, Cassandra desejou se estapear pelo comportamento ousado. Ele já conhecia suas frases.

– Você não se limita ao que os outros fazem – disse Cassandra, que gostava dessa qualidade em Neo.

– Zephyr e eu construímos um nome pensando nas possibilidades e realizando projetos que ninguém antes imaginara.

– É assim também que vejo a música, dinâmica demais para se ater a parâmetros prefixados.

Isso às vezes lhe trazia elogios, outras vezes duras críticas.

– Por isso gosto tanto das suas músicas.

Esse elogio apagava qualquer crítica que Cassandra houvesse recebido.

– Obrigada – murmurou agradecida.

Seu pai nunca a encorajara a compor, pois acreditava que isso a desviava de seu foco, que era ser concertista. Se pudesse compreender que tudo que mantinha a filha viva eram suas composições.

– Como começou a compor músicas New Age? – quis saber Neo.

– Comecei a ouvir quando era adolescente, e me encantei. Tinha muito a ver com os compositores clássicos, mas com um novo enfoque. Soube que era isso que queria fazer.

Por mais brigas que tivesse com o pai.

– E o resto da humanidade se beneficiou com isso.

Ela sorriu envaidecida.

– Só queria ter a voz de Enya para me acompanhar ao piano – disse, referindo-se à musa da New Age.

– Não precisa disso.

– É melhor parar porque posso me acostumar mal com tantos elogios.

– E isso é problema?

– Só para mim – admitiu Cassandra.

– Não será problema enquanto eu estiver por perto para elogiá-la.

– Certo.

Quanto tempo duraria?

CAPÍTULO 11

FORAM PARA a sala de música após o jantar e Neo a cumprimentou de novo por seus talentos, dessa vez enfatizando seus dotes culinários, e prometia retribuir o convite. Era o único executivo bilionário que Cassandra poderia imaginar prometendo lhe oferecer um jantar caseiro, preparado por ele e não por um bufê.

Ele foi direto até o piano Fazioli e deslizou a mão pela tampa lustrosa.

– Toca para mim?

O pedido deixou-a muito contente, e demonstrava que Neo não tinha medo de invadir sua intimidade, pois já oferecera a própria intimidade para ela.

Cassandra sentou-se na banquetta, murmurando:

– Com prazer. *Quero* tocar para você.

– Preciso mesmo sentar na poltrona ali?

– Não é necessário – replicou ela, incerta. Será que Neo queria ficar de pé?

A pergunta não formulada foi respondida quando ele se sentou ao lado na banquetta.

– Não me culpe se errar alguma nota. Sua proximidade me distrai – admitiu ela com um sorriso.

– Então estamos empatados, pois sinto o mesmo.

– Eu distraio você?

– Perto ou longe – respondeu Neo com honestidade, e surpreso consigo mesmo por admitir isso com tanta naturalidade.

Ela não replicou diante dessa revelação tão surpreendente. Em vez disso, começou a tocar. Era uma melodia dos anos 1940, muito romântica quando tocada ao piano. Pelo menos Cassandra pensava assim. Neo ouviu com atenção e quando ela terminou, ficou em silêncio por um minuto com um leve sorriso no rosto, antes de dizer:

- Gostei, mas não reconheço.
- Era popular na década de 1940, ainda do século XX.
- Fala sério?
- Sim.
- Talvez deva expandir meus horizontes musicais.

Cassandra começou a tocar outra música e, antes que pudesse reagir, os braços fortes a cingiram e ele dedilhou os dedos pelo seu ventre. Nesse movimento, os dedos da própria pianista tremeram sobre as teclas como jamais aconteceu desde que era criança.

- Quer que pare? – perguntou Neo.
- De jeito nenhum.

Ela sabia que podia tocar de olhos fechados. A proximidade do corpo viril não iria dominá-la. Concentrou-se na canção e tentou ignorar os movimentos da mão de Neo, mas quando um beijo suave foi depositado em sua frente, arqueou as sobrancelhas.

- Pensei que queria que tocasse para você.
- É verdade, mas descobri que existem outras coisas que desejo mais.
- Que coisas?
- Isto. – Ergueu sua cabeça e a beijou nos lábios, fazendo-a suspirar.

Em breve estavam no primeiro andar da casa sem mesmo saber como haviam chegado lá. Cassandra tinha a vaga impressão de que fora carregada no colo, mas estava ocupada demais acariciando Neo para lembrar.

- Não pretendia fazer isto – murmurou ele quando a viu nua sob seu próprio corpo.

- Por que não?
- Precisa de tempo para se recuperar da outra noite.
- Sinto-me ótima. – Seu corpo ainda estava um pouco dolorido, mas nada que a impedisse de buscar prazer como o que tivera na noite anterior.

As delícias não foram iguais, foram maiores. Gritou o nome de Neo quando atingiu o clímax, e de novo um pouco mais tarde quando ele arrancou outro orgasmo de seu corpo frenético. Depois a abraçou em silêncio, esperando que se acalmasse.

– Se um dia se cansar de ser um alto executivo, sempre poderá enveredar para a vida de gigolô – brincou ela.

Neo deixou escapar uma risada sonora e máscula, produzindo um som raro no quarto de Cassandra, onde fora o primeiro homem a entrar.

– Continuarei dando prazer de graça, muito obrigado.

– Fico feliz. Eu não teria dinheiro suficiente para pagar seus serviços na cama.

– Você é doida.

– Já me disseram – replicou ela com uma seriedade que Neo não desejava.

– Foi brincadeira. Não acho que seja louca.

Ainda não. Mas ficarei, cedo ou tarde, refletiu. Quase ninguém a compreendia quando não conseguia realizar algo “normal” como todas as outras pessoas. Porém, fosse lá o que o futuro lhe reservasse, estava feliz pela atitude de Neo no presente.

– Se soubesse que o sexo era tão maravilhoso, teria ido para a cama com um dos meus fãs mais interessados – brincou.

– Não seria como entre nós dois.

– Porque nenhum deles seria o grande Neo Stamos...

– Porque ninguém nunca me deu nada parecido com o prazer que você me dá. O que temos, Cassandra, é muito especial.

Ela não soube o que responder, então permaneceu calada, mas deu-lhe um beijo no ombro cheio do amor que não conseguia externar.

Ele sorriu e a beijou também, dizendo:

– Não passarei a noite com você.

– Por quê?

Neo suspirou.

– Preciso estar no escritório às 6h.

– Por que tão cedo?

– Diferenças de horário. Aguardo um telefonema.

– Compreendo – murmurou ela, na verdade sem ter certeza se Neo lamentava de fato ter que ir embora ou se arranjava uma desculpa.

– Isto é, se não se importar de ser acordada quando eu me levantar.

– Não me importo – apressou-se Cassandra a responder com alegria.

– Então dormirei aqui. Obrigado.

Cassandra ficou radiante. Só passara uma noite com Neo, mas sabia que isso estava se tornando uma necessidade em sua vida.

NEO NÃO a despertou ao sair da cama na manhã seguinte. Na verdade, ela mal acordou quando a cobriu melhor e lhe deu um beijo de despedida. Seguiu o esquema do dia anterior, ligou para Cassandra em intervalos regulares para perguntar isso ou aquilo. Em um dos telefonemas, ela o provocou:

- Por que não admite que só quer ouvir minha voz?
- E se admitisse?
- Ficaria mais derretida do que estou agora.
- Então é melhor não admitir.

Será que isso significava que só telefonava para ouvir sua voz? Cassandra sabia que adorava ouvir a voz de Neo.

A viagem para Napa Valley foi incrível. A casa que a srta. Park alugou para eles era melhor que a de Cassandra, e tinha uma Jacuzzi para duas pessoas. A sala de estar era romântica e Neo enfatizou o clima usando luz de velas e aquecimento da lareira. Cass descobriu que voar em um jato particular acalmava seus medos. Também descobriu que fazer amor na sala de estar era tão divertido quanto no quarto ou encostada em uma parede. Seduziu Neo na piscina, mas decidiu, após quase se afogar, que a Jacuzzi era mais segura.

Dormiu toda a viagem de volta, enquanto Neo trabalhava no avião. Nos dias que se seguiram, Neo não demonstrou estar entediado em sua companhia nem frustrado por suas limitações. Continuou a ligar para ela em horários incertos durante o dia e ia visitá-la ou a fazia ir ao seu apartamento à noite. Cassandra adorava nadar em sua piscina, e já não se

importava tanto em sair de casa. Continuavam a ficar no quarto dele, e nunca viam mais ninguém.

Algumas semanas mais tarde, enquanto estavam deitados na cama após fazer amor, e quando Neo sugeriu que ela tentasse hipnose, Cassandra não se ofendeu. Ela já não julgava que Neo fosse como todas as outras pessoas que tentavam curá-la porque não era boa o suficiente.

– Bob sugeriu hipnose há alguns anos, mas não aceitei porque sabia que ele só pensava em me ver curada para dar recitais de novo.

– Pouco me importo se voltará ou não a se apresentar em público. Se você quisesse, faria de tudo para ajudá-la, mas sei que não quer. Entretanto sei que sofre com os limites que seus medos causam em sua vida.

– Gostaria de ir a um restaurante badalado com você sem ficar suando por ansiedade caso alguém me reconhecesse – confessou.

Haviam comparecido a uma degustação de vinhos em Napa Valley e Cassandra se comportara bem, tendo depois almoçado em um restaurante tranquilo onde ninguém a reconheceria. Cassandra sabia que conseguira se divertir nessas ocasiões porque estava ao lado de Neo. Sua presença dava-lhe coragem e ele nunca a levaria a lugares com multidões. Neo era cuidadoso e atencioso, fazendo-a se sentir preciosa.

– Também gostaria – replicou ele, e Cassandra não achou que dizia isso porque estava cansado de ficar a sós com ela, mas sim porque a apreciava.

Traçou com o dedo um coração no peito de Neo, e disse:

– *É claro* que, se sugeriu hipnose, é porque já tem alguém em mente.

– Ela se chama Lark Corazón e tem grande experiência com agorafobia e outras fobias.

– Já a conhece?

Neo deu de ombros.

Cass inclinou-se para fitá-lo nos olhos.

– Conhece. Como é ela?

– Uma pessoa normal.

– Não há bolas de cristal nem cortinas de seda coloridas formando tendas em sua casa.

– Acho que está confundido uma hipnoterapeuta com uma cartomante – brincou Neo.

– Pode ser. Quero conhecê-la.

Decidiu só porque fora sugestão de Neo. Confiava nele como jamais confiara em ninguém. Ele a admirou com aquele olhar de aprovação que tanto a encantava.

– Sabia que concordaria. Temos uma visita marcada para amanhã.

– Nós?

– Não achou que fosse deixá-la ir sozinha, achou?

Ela se aninhou em seus braços.

– É bom demais comigo, Neo.

– Para que servem os amigos?

– Não sei. Nunca tive um como você.

– Digo o mesmo.

– Hipnotismo é... não sei.

– Diferente? – sugeriu ele.

– Sim.

– E um tanto amedrontador – acrescentou ele.

– Já tenho muitos medos.

Não queria mais medos em sua vida.

– Mas a ideia de ser hipnotizada é tentadora – incentivou Neo.

– Confesso que sim.

– Quer que fique com você durante a consulta?

– Ficaria?

– Sim.

E ele ficou, sentado em um canto, e foi uma presença sólida que a manteve confiante o suficiente para responder com honestidade as perguntas que a hipnoterapeuta lhe fazia, e relaxar o máximo possível durante a hipnose.

UM MÊS mais tarde, Cass e Neo compartilhavam uma mesa em um restaurante no topo de um edifício muito alto. Ela sempre desejou ir lá, mas não conseguiria, até esse momento, por medo das multidões, e pelo receio

de ficar presa em um restaurante onde só se podia entrar ou sair por meio de uma longa viagem de elevador. A felicidade a inebriava, deixando-a tonta como se tivesse tomado um bom champanhe francês.

– Lark disse que fiquei tão traumatizada com minhas apresentações públicas que serão necessários meses ou anos para redirecionar meu comportamento.

– Tudo bem – replicou ele confortando-a. – Não precisa se apresentar no palco nunca mais se não desejar.

A alegria de Cass aumentou com essas palavras. Não havia dúvida, estava louca e irremediavelmente apaixonada pelo magnata grego. Seu colega chinês com quem se correspondia pela internet também concordava, assim como outros com quem conversava da mesma maneira. O único que não sabia disso e provavelmente não concordaria com a situação era o próprio Neo.

Mas ela não permitiu que esse pensamento empanasse sua alegria.

– Neo, você me convenceu que não ficará cansado de nossa amizade apesar de minhas limitações, e não sabe como isso é importante para mim.

– O que há para me cansar? Fomos comprar meu piano juntos, e passamos um fim de semana em Napa Valley. Tudo foi muito divertido.

– É verdade.

E ele iria levá-la a Dubai para a grande inauguração de seu complexo de edifícios. Neo dissera-lhe que queria esperar até que ela pudesse acompanhá-lo... confortavelmente. Não era de admirar que Cassandra o amasse tanto. Algum dia esperava poder lhe fazer uma declaração de seu amor, porém no momento ficava apavorada só em pensar.

– E agora vai me acompanhar num evento de caridade – disse ele, interrompendo o fio de seus pensamentos.

– Diga-me de novo por que vai a um jantar de quinhentos dólares o prato em benefício de animais de estimação. Você nem mesmo tem um cachorro.

– E nem pretendo ter, mas milhares de negócios são fechados em jantares como esse.

– Como nas partidas de golfe.

– Um jogo chato, mas que jogo bem.

Cassandra balançou a cabeça.

– Tudo pelos negócios, não é?

– Talvez por isso sua amizade seja tão especial para mim. Porque é minha e só minha. Não é um negócio.

Essas palavras davam conforto ao coração de Cassandra, embora também a deixassem um pouco triste.

Queria tantas coisas mais do que uma amizade colorida, e às vezes pensava que ele também queria, porém logo em seguida Neo voltava com a conversa de sempre. Eram amigos. E por mais que prezasse sua amizade, doía saber que um dia ele se encantaria com outra mulher, deixando-a em segundo plano.

NESSA NOITE resolveu ampliar seus gestos amorosos, e ele enrijeceu quando beijou seu órgão viril.

– O que está fazendo?

– Acho q...

Neo riu.

– Sei o que é, sua tolinha – interrompeu. – Estou surpreso que tenha decidido me oferecer tal presente.

– Por quê? – Ela deslizou a língua provando o gosto de sua pele. – Há tempos desejava fazer isso.

– E por que esperou?

– Tive medo de ser desastrada.

Ele sorriu.

– Confie em mim, não há como acontecer um desastre nisto.

– Oh, creio que há, sim. Li que meus dentes podem machucá-lo.

– Bem, isso pode acontecer.

Ela segurou na boca o órgão pulsante e o sugou com força.

Neo gritou, erguendo os quadris.

Cassandra estava preparada para essa reação, e segurou com firmeza a virilidade, impedindo que Neo se lançasse para dentro de sua boca, embora adorasse vê-lo tão excitado.

Muitas vezes ele usou sua boca para levá-la ao êxtase, e queria lhe dar o mesmo prazer. Leu também que podia retardar o clímax para intensificar o prazer, e foi o que fez. Só não estava preparada quando ele a segurou com força, e a posicionou sobre o próprio corpo, penetrando-a com um movimento rápido. Parou um segundo depois para murmurar:

- Esqueci do preservativo.
- Estou usando a pílula há várias semanas.
- Não me disse nada.
- Não é o tipo de assunto que se discute na hora do jantar.

Neo balançou a cabeça, mas continuou a se mover, conduzindo ambos ao paroxismo do prazer mais depressa do que o esperado. Mais tarde, Cassandra enroscou-se ao seu lado como sempre fazia e adormeceu, tinha um sorriso tranquilo nos lábios.

NEO SENTOU-SE com Zephyr na beira da piscina, após nadar um pouco com o sócio. Há meses não usavam a piscina ao mesmo tempo.

- Como vão as coisas entre você e Cass? - perguntou Zephyr. - Notei que continua com as aulas de piano.

- Sim - retrucou Neo.

Embora as aulas fossem dadas tanto na cama como no piano.

- O relacionamento é sério? - continuou Zephyr.
- Como sério? Somos amigos.
- Amigos que dormem juntos quase todas as noites.
- Como sabe?
- Por favor, não sou cego.

Neo deu de ombros e repetiu:

- Cassandra é minha amiga.
- Uma amizade colorida?

Neo sorriu.

- É como ela diz.
- Então não se importaria se ela tivesse amizades coloridas com outros homens.

- Cassandra não tem outros amigos a não ser pela internet.

Porém uma voz em seu íntimo disse que, tendo começado a superar a agorafobia, isso mudaria.

– Você não saiu com mais ninguém desde que conheceu Cassandra – observou Zephyr.

– Cansei de encontros de uma noite – replicou Neo com displicência.

– Porém não deseja mais do que uma amizade colorida com Cass?

– E o que mais pode ser?

– Casamento. Filhos.

– Perdeu o juízo? – exclamou Neo. – Não tenho tempo para uma esposa e filhos, mal tenho tempo para Cassandra. Além disso, as coisas vão bem do jeito que estão.

– Verdade?

– Não quero nada diferente.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Então está tudo bem – murmurou Zephyr.

A resposta surpreendeu Neo. Estivera preparado para ouvir um sermão sobre os benefícios do matrimônio e da família, embora o próprio Zephyr nem pensasse em casar.

– Por quê? – quis saber.

– Porque parece que Cassandra decidiu nadar, e creio que ouviu grande parte da conversa que acabamos de ter, pois estava logo ali, junto à porta – revelou Zephyr com toda a calma. – Não posso ter certeza, mas o modo como saiu correndo e a sua expressão zangada falaram por si mesmos. Eu acho.

Neo levantou-se de um salto.

– Por que não me contou que ela estava aqui?

– Não a vi ali até que fosse tarde demais. Mas, afinal, você não disse nada que ela já não soubesse, não é?

Sim, mas não vinha ao caso, pensou Neo.

– Você disse que ela estava zangada.

– Sim. Não sei se essa história da amizade colorida continua valendo para ela.

– Você se meteu no que não era da sua conta – acusou Neo.

Zephyr fitou-o com um olhar inocente que não o convenceu nem por um instante.

– Estávamos apenas conversando.

– Enfiando o nariz em assuntos que não deveriam ser abordados – insistiu Neo.

– Talvez Cassandra deseje abordar esses assuntos.

– Devia ter cuidado da sua vida e deixado a minha em paz, Zee.

– Talvez seja melhor você resolver essa questão em vez de ficar gritando comigo.

– Como vou resolver?

– Comece parando de pensar apenas em si mesmo.

Neo quase deu um soco no nariz do amigo. Porém não era com Zephyr que estava furioso. Era consigo mesmo.

Passou tantos anos desprezando o amor que, quando ele apareceu em sua vida, fingiu não perceber. Negara a si mesmo qualquer sentimento mais profundo, seus afetos e necessidades emocionais, desde que era criança. A fome pelo amor de uma família. O desejo por aquilo que outros tinham e que ele nunca havia conhecido.

Na verdade, Cassandra também não conhecera. Sua vida foi quase tão estéril quanto a dele, e mesmo assim ele se recusava a abrir seu coração. Por quê? Tinha vergonha de admitir seu medo. Ele, Neo Stamos, bilionário e poderoso, estava aterrorizado com a perspectiva de não merecer o coração de sua professora de piano.

Sua criança interior amedrontada dizia que não mereceu o amor de seus pais. Será que como adulto racional não percebia que sem dúvida as falhas de seus pais, e não as suas, foram responsáveis pela ausência do amor em sua vida? E será que não devia a Cassandra algo mais que o ressentimento por uma infância sofrida que deixou para trás há tanto tempo?

LÁGRIMAS SILENCIOSAS desciam pelas faces de Cassandra enquanto deixava o apartamento de Neo e voltava para sua própria casa. Estava furiosa consigo mesma por chorar, mas não conseguia deter esse fluxo de emoções.

Sabia muito bem que Neo só a desejava para o sexo e a amizade, porém ela não conseguira abandonar as esperanças. Ficava flutuando dentro de uma pequena bolha de fantasias que as circunstâncias não deixavam estourar. Ele passava todo o tempo livre em sua companhia. Todo o tempo. Telefonava para ela várias vezes ao dia apenas para conversar. Continuava aprendendo piano, embora na verdade passasse mais tempo ensinando-a a ter prazer do que aprendendo sobre música. Faziam amor e passavam quase todas as noites juntos. Mas a realidade era que, para Neo, isso representava apenas um relacionamento confortável. Nada mais.

O problema era que Cassandra o amava e esse amor maltratava seu coração por não conseguir se manifestar. Ela queria se casar. Desejava ter bebês com Neo e trabalhar ao lado de Dora para preparar refeições saudáveis, porém lembrando ao marido que comida também era para dar prazer.

Cass queria tantas coisas que nunca poderia ter. Por mais que tivesse superado seus problemas psicológicos, não era a mulher ideal de um magnata bilionário; ele poderia ter qualquer mulher que desejasse. Neo deveria escolher uma esposa que pudesse ser a anfitriã perfeita para seus jantares e festas de negócios, não uma mulher limitada a um ou dois eventos tranquilos por semana.

Mesmo sendo capaz agora de ir a lugares cheios, ela continuava extremamente tímida e tinha enorme dificuldade para se abrir com outras pessoas. Neo agia como se não se importasse com isso, porém Cass tinha certeza que era por causa de sua amizade.

Deixou a sala de música, também não queria voltar para o quarto. Ficou parada no vestíbulo, olhando em volta, e refletindo pela primeira vez sobre o que ainda a fazia morar na casa dos pais. Afinal, as lembranças ali não eram muito boas. E mesmo assim se agarrava à casa como se fosse um elo com as únicas pessoas que a amaram, mesmo que por pouco tempo.

NEO FOI até a casa de Cassandra, abriu a porta com a chave que ela lhe dera, e a encontrou na pequena biblioteca. Seus olhos estavam vermelhos de tanto

chorar, e isso o deixou triste. Porém o mais alarmante foi o que viu na tela do computador.

– Está procurando uma casa? Em outra cidade? – inquiriu, surpreso.

– E por que não? Nada me prende aqui.

De súbito paralisado por uma dor inesperada, por um momento Neo não conseguiu respirar. Depois murmurou:

– Eu estou aqui.

Ela o fitou de cima a baixo.

– Por quanto tempo?

– O que quer dizer com isto?

– Acabará se cansando de nossa amizade colorida e começará a sair com outras mulheres de novo.

Não havia meios de isso acontecer, mas Neo não estava preparado para dizer. Ainda lutava contra os próprios medos. E agora tinha um medo maior, perdê-la.

– Continuaremos sendo amigos.

– Não – replicou Cassandra.

– Não?

Dessa vez a dor de Neo foi aguda demais.

– Pode ser... não sei. Fez tanto por mim, Neo. É o melhor amigo que já tive. Foi a pessoa mais bondosa em minha vida, melhor que meus pais. Não iria cuspir no prato que me alimentou, porém não sei se conseguiria aguentar vê-lo sair com outras.

O sofrimento em sua voz quase o fez cair de joelhos.

O que ela dizia era inimaginável, e Neo falou:

– Não permitiria que isso acontecesse.

Cassandra apenas o olhou.

– Quer mais do que temos? – perguntou ele, dominando seus pensamentos e argumentos, a fim de não perder a pessoa mais importante em sua vida.

– Que diferença faria se quisesse? Você não quer, já deixou isso muito claro.

– Talvez esteja errado.

– As coisas que desejo necessitam de uma resposta mais sólida do que um talvez.

– O QUE é o amor?

Cassandra encarou-o, chocada.

– O que quer dizer? Sabe o que o amor significa.

– Na verdade, não.

– Mas...

– Nunca me apaixonei e ninguém me amou de verdade.

– Zephyr o ama como a um irmão.

– Não quero me casar com Zephyr – zombou Neo.

– E também não quer se casar comigo.

– Estava errado, quero me casar com você. Quero tudo, mas pensei que não tinha o direito de pedir.

Cassandra começou a chorar de novo, enxugando as lágrimas com as costas das mãos.

– Por que diz isto?

– Entendo de negócios, mas relacionamentos são completamente estranhos para mim.

– Tem sido tão bom para mim que não entendo como pode questionar sua capacidade para manter um relacionamento.

– Acha que fui bom para você?

– Sim!

– Ótimo. – Neo parecia aliviado. – Maravilhoso.

– Neo, mesmo que sejamos apenas amigos, você me trata como se fosse uma princesa. Daria um excelente marido e pai.

– Agora percebo que não somos apenas amigos – corrigiu ele com voz áspera.

– Não? Por favor, convença-me disto. O que somos então?

– Tudo. Você é tudo para mim, e é isso que quero ser para você.

– Já é. – Cassandra aproximou-se e colocou as duas mãos em seu rosto bonito. – Como pode ignorar isto? Neo, é tudo que sempre quis. Amo-o com cada fibra de meu ser.

Ele a trouxe para mais perto, inclinando a cabeça até que seus olhos se encontraram.

– Amo você, Cassandra. Nunca disse isso a mais ninguém na vida, mas jamais deixarei de repetir para você. Tinha medo.

– Do quê?

– De não merecer seu amor.

Cassandra não lhe perguntou como pudera pensar em uma coisa assim. A infância de Neo explicava muito.

– Foram seus pais que não mereceram você, Neo – murmurou.

– Meu raciocínio me diz isso.

– E farei com que seu coração também diga. Amo você, Neo. Com todas as minhas forças.

– Adoro-a, *yineka mou*, e sempre adorarei.

– Mesmo com a hipnoterapia, provavelmente continuarei sendo tímida. Jamais serei uma brilhante anfitriã.

– Não importa. Não é isso que quero. Desejo você. Como minha esposa... uma mulher que me ajudará a compor uma família diferente das que nós dois tivemos.

– Oh, sim. Penso o mesmo. Não posso imaginar nada melhor.

– Nem eu.

Então ele a beijou... ou foi ela... Cassandra não tinha certeza como seus lábios se encontraram, mas foi o beijo mais profundo da história dos beijos. Falava de amor verdadeiro, de emoções sinceras, esperanças e sonhos recuperados pela felicidade.

Cassandra estava sentada no colo de Neo quando por fim suas bocas se afastaram.

– O que significa *yineka mou*? – perguntou ela.

– Minha mulher. Minha esposa.

Ela pressionou a testa de encontro à dele, já sem nenhum receio.

– Oh, Neo. Na verdade nunca houve dúvidas, certo?

Há muito tempo ela o ouvia chamá-la assim, talvez em todas as vezes que fizeram amor.

– Não, nunca houve, minha preciosa. Só precisei enfrentar uma verdade que me apavorava. Que havia alguém neste mundo mais importante para mim que os negócios ou qualquer outra coisa.

– Digo o mesmo.

– Sei disso, e fico muito feliz. Vamos para Atenas em nossa lua de mel?

– Claro. E poderemos começar a encomendar os *bebês*, como diz Dora.

– Ela é uma mulher esperta.

A risada de Neo encheu de alegria o coração de Cassandra.

Nenhum dos dois tinha muita experiência com o amor, mas superariam a falta com a qualidade de seus sentimentos. Iriam cultivar esse amor a cada dia.

Eram tudo um para o outro.

Lucy Monroe

NOVO DESTINO

Tradução

Deborah Mesquita de Barros

PRÓLOGO

ZEPHYR NIKOS olhou sobre o porto de Seattle, lembrando-se de sua chegada ali com Neo Stamos, mais de uma década atrás. As coisas tinham sido muito diferentes então. Tudo que Zephyr possuía cabia na única bolsa de lona que carregara. Ainda tinha aquela bolsa guardada no fundo de um armário enorme, atrás de malas de grife e equipamentos de ginástica sofisticados.

A bolsa de lona era um pequeno lembrete de onde ele viera e onde nunca mais estaria.

Eles haviam tido tanta certeza de que aquele era o lugar para começarem sua nova vida, o lugar que os afastaria dos becos de Atenas o máximo possível. E estavam certos.

Dois garotos gregos saídos da pobreza haviam construído não apenas um negócio próprio, mas um império no valor de bilhões de dólares. Eles jantavam nos restaurantes mais finos, viajavam em avião particular, se socializavam com as pessoas mais ricas e poderosas do mundo. Havia realizado seus sonhos em grande estilo.

E agora Neo estava apaixonado e ia se casar.

Por mais que todos considerassem Zephyr mais tranquilo do que Neo, *ele* não estava surpreso que seu amigo encontrara a felicidade do lar antes. Zephyr não estava certo se um dia encontraria algo assim. Na verdade, duvidava muito disso. Oh, talvez se casasse algum dia, mas não seria um casamento baseado em amor e emoções, mas sim apenas outra transação comercial. Exatamente como ele fora concebido.

Aprendera cedo que um sorriso podia produzir o efeito de uma máscara tanto quanto um olhar inescrutável, mas era somente isso... uma máscara.

Seu coração havia se transformado em pedra muito tempo atrás, embora guardasse esse segredo tão bem quanto guardava todos os outros. Segredos que jamais revelaria.

Nem mesmo Neo sabia a verdade dolorosa sobre o passado de Zephyr. Seu amigo e sócio nos negócios acreditava que Zephyr havia tido uma infância similar à sua, antes que eles se conhecessem no orfanato, com 10 anos de idade. Neo não podia imaginar nada pior do que sua própria infância, e Zephyr queria manter as coisas assim. A dor e vergonha de seu passado não tinham lugar na nova vida que construía para si mesmo.

Neo detestara o orfanato. Todavia, uma vez que Zephyr aceitara que sua mãe não iria voltar, o abrigo para crianças fora o primeiro passo para distanciar-se de uma vida que desejava esquecer. Seu pai não vira nada de errado em vender “favores” da mãe de Zephyr, juntamente com outras mulheres que “trabalhavam” para ele no negócio que suplementava sua renda proveniente das oliveiras da família. E não ligava a mínima para o filho ilegítimo que resultara de sua própria “amostra da mercadoria”.

Quando a mãe de Zephyr o deixara no orfanato pela primeira vez, de modo que pudesse tentar uma vida longe do bordel do pai dele, seu filhinho inocente tivera certeza de que ela voltaria. Zephyr havia sentido falta da mãe, chorado e rezado todos os dias para que ela retornasse. Algumas semanas depois, sua mãe voltara. Para visitá-lo. Por mais que o garotinho lhe suplicasse, aos prantos, para que ela o levasse junto, sua mãe o deixara para trás novamente.

Após mais algumas visitas, ele percebeu que não fazia mais parte da vida de sua mãe. E ela não fazia mais parte da sua. Mesmo ainda sendo uma criança, Zephyr reconhecera que era melhor esquecer que era filho de uma prostituta. Um órfão, pelo menos, não tinha passado.

Aprendera a esconder o seu. De todos.

Teria permanecido no orfanato até terminar a escola, mas o monstro cujo sangue corria em suas próprias veias havia decidido que um filho ilegítimo era melhor do que nenhum filho. E Zephyr tivera de fugir. Neo, seu melhor

amigo hoje em dia, o acompanhara, e eles viveram nas ruas de Atenas até terem idade suficiente para se juntar a uma tripulação de um navio de carga.

Era a mudança que Neo considerava o primeiro passo deles em direção à vida nova, a vida que agora apreciavam. Mas Zephyr sabia que sua jornada começara muito antes disso.

A simples verdade era que, por mais duro que Neo parecesse ser, interiormente, onde importava, Zephyr era um bloco de granito.

CAPÍTULO 1

– QUANDO NÓS vamos explodir as bombas?

Piper Madison virou a cabeça para fitar o garotinho que fizera a pergunta. O menino de cabelos escuros, que não podia ter mais de 5 anos, olhou para a comissária de bordo com interesse.

Enrubescendo, a mãe dele riu suavemente.

– Ele ainda não entende que nem todos os aviões são equipados para guerra. O avô o levou a um museu aeronáutico e ele se apaixonou pelo Bombardeiro B-52.

Ela voltou-se para o filho e explicou, claramente não pela primeira vez, que eles estavam num avião de passageiros, indo visitar os avós. O garotinho não pareceu convencido, até que a comissária de bordo da primeira classe concordou com sua mãe. A expressão dele foi de tanta decepção que Piper teve de reprimir uma risada.

Houvera uma época, não muitos anos atrás, na qual seus maiores desejos incluíam estar no lugar daquela mãe exasperada. Sonhos que tinham morrido juntamente com seu casamento. Piper aceitara isso, mas as velhas esperanças ainda lhe causavam um aperto no coração em momentos como esse.

Tentando relaxar, Piper recostou-se no seu assento e desviou os olhos da cena doméstica.

Não adiantou. Apesar de seus esforços, seu coração disparou quando foi tomada pela ansiedade de chegar a Atenas. Ela olhou pela janela,

procurando a evidência do aeroporto.

Por horas, o cenário tinha sido um cobertor de nuvens com brechas ocasionais, de onde os picos dos Alpes eram avistados. Fazia um bom tempo que ela avistara o último pico e sabia que eles estavam perto de Atenas. A menos de uma hora de vê-lo: Zephyr Nikos, seu chefe atual e parceiro de cama.

Sentia-se muito entusiasmada para ver o homem e o lugar em que ele nascera. Afinal, quem não iria querer visitar o paraíso?

Pois era para lá que estavam indo... uma pequena ilha grega que certa vez tinha sido a casa de veraneio de uma família grega fabulosamente rica. Não mais tão rico agora, pois o patriarca vendera a ilha para a Stamos & Nikos Enterprises. Zephyr e seu sócio, Neo Stamos, planejavam desenvolvê-la como um resort, um spa, com tudo incluído. E ela assinara o contrato para ser a designer de interiores do local, com um orçamento grande o bastante para contratar qualquer tipo de ajuda de que precisasse.

Piper estava excitada por executar um projeto tão caro. Aquilo seria excelente para seu currículo, assim como pessoalmente satisfatório em termos de criatividade. Mesmo assim, sua maior alegria se devia ao homem que a esperava lá.

Piper havia passado as últimas seis semanas sentindo tanta falta de Zephyr que isso chegava a assustá-la. Não deveria ser emocionalmente dependente de um homem que era seu amante apenas de *certa forma*.

Ela mordiscou o lábio.

Eles estavam envolvidos sexualmente, mas não romanticamente. Não eram parceiros sexuais casuais. Se assim fosse, ela saberia lidar com seu envolvimento emocional unilateral. Mas eles eram bons amigos também. O tipo de amigos que saíam juntos pelo menos uma vez por semana, antes que os benefícios do sexo comesçassem e eles passassem a se encontrar diversas vezes por semana, quando estavam na mesma cidade.

Para complicar ainda mais as coisas, ele também era seu chefe.

Novamente... Bem, de certa forma, pois a empresa de Zephyr contratara sua firma de design pessoal para diversos projetos durante os dois últimos

anos, embora esse novo projeto fosse o maior e o mais importante para Piper. Zephyr seria realmente seu chefe, se ela assim permitisse.

Ele havia lhe oferecido um emprego com um salário e benefícios difíceis de recusar, mas Piper não queria trabalhar para outra pessoa. Não novamente. Não depois de perder tanto seu marido quanto seu emprego num só golpe, seis meses atrás, antes de pegar seu primeiro projeto com a empresa de Zephyr.

Ela jurara então nunca mais ser tão vulnerável.

Piper acreditara que o casamento com Arthur Bellingham lhe traria a estabilidade que buscava, assim como a família com a qual sonhara. Mas acontecera justamente o oposto. Art tinha destruído suas emoções, antes de destruir sua vida inteira, até que tudo que lhe restasse fossem seu talento e sua determinação. Piper nunca mais passaria por isso.

Nem mesmo por Zephyr. Não que o magnata grego de empreendimentos imobiliários estivesse lhe oferecendo casamento, ou mesmo compromisso. Ele lhe oferecera um emprego remunerado. Nada mais.

Se ela quisesse mais, certamente não lhe diria. Até as duas últimas semanas de separação, não admitira nem para si mesma. Contar a Zephyr colocaria um fim nessa situação de amigos sexualmente envolvidos.

E talvez na amizade deles também.

Zephyr esperava por Piper perto da esteira de bagagens. Ele não a via há seis semanas, pois ela estivera fazendo um trabalho no Centro-oeste, e ele soubera que se não lhe oferecesse o trabalho na Grécia provavelmente não a veria pelos próximos dois meses, ou mais.

Não que ela não fosse a melhor designer de interiores para o trabalho, mas o projeto era o maior que Piper já fizera até agora. Contudo, ele sabia que ela seria capaz. Além disso, não precisava explicar sua escolha para ninguém. Essa era uma das vantagens de ser o chefe. A única pessoa que poderia opinar sobre isso, e somente porque eles estavam trabalhando juntos nesse projeto pela primeira vez em anos, era seu melhor amigo e sócio Neo Stamos.

Todavia, Neo estava mergulhado em preparativos para o casamento agora. Talvez Cass não quisesse uma grande produção, mas Neo queria que o

pequeno casamento deles fosse perfeito em todos os sentidos.

Um grupo de viajantes recém-chegados ia em direção à esteira de bagagens, chamando Zephyr de volta à realidade. Ele procurou a linda cabeça loira de Piper. Lá estava ela, prestando atenção em um garotinho que conversava animadamente com a mãe. O conjunto azul de saia e blazer que Piper usava acentuava-lhe as curvas deliciosamente, ao mesmo tempo que era elegante. Todavia, ele duvidava que fosse de grife.

A firma de design de Piper ainda não estava estável o bastante para que ela fizesse extravagâncias com roupas, ou com um apartamento maior do que um closet. Ele tinha lhe oferecido um emprego que lhe daria condições de ter um padrão de vida mais alto, mas ela não o aceitara. Duas vezes. Era teimosa e independente.

Ela recusaria uma jornada de compras no bairro de modas de Atenas?

Piper levantou a cabeça, e os olhares deles se encontraram. Olhos azuis brilhantes, preenchidos com calor e prazer quando pousaram nele, os lábios carnudos curvados num sorriso deslumbrante. Aquele visual o golpeou como um soco no peito.

Zephyr sentiu um sorriso brincar na sua boca sem a sua permissão, um sorriso mais honesto do que qualquer coisa que geralmente mascarava suas feições. Não que precisasse esconder seu prazer ao vê-la. Eles se davam bem desde que Zephyr a contratara para modernizar os escritórios principais da Stamos & Nikos Enterprises, um pouco mais de dois anos atrás. A amizade deles só tinha crescido desde então. A adição do sexo fenomenal à relação apenas melhorara tudo.

Na verdade, Piper havia sido a razão pela qual Zephyr tanto encorajara Neo a desenvolver interesses fora da firma deles e a insistir em sua amizade com Cassandra Baker, a famosa pianista reclusa. Aquilo tinha dado mais certo para Neo do que Zephyr poderia ter imaginado. E Zephyr estava muito feliz por seu amigo.

Todavia, não podia acreditar. *Neo apaixonado!* Amizade com sexo era uma coisa; amor era outra bem diferente.

As sobrancelhas delicadas de Piper se uniram, enquanto ela lhe dava um olhar interrogativo.

– Não é nada – balbuciou ele.

Quando ela o alcançou, Zephyr a puxou para um abraço apertado. Era tão bom sentir as curvas suaves contra si que a excitação que ele vinha experimentando desde aquela manhã, ao saber que a encontraria hoje, tornou-se crítica. Rapidamente assim.

– Acho que você *realmente* sentiu minha falta. – Piper afastou-se um pouco, dando uma risada sensual.

Apesar de não ser um adolescente, ele riu e admitiu:

– Sim.

– Quando é sua primeira reunião com o arquiteto?

– Depois de amanhã.

– Mas você disse que eu precisava estar aqui hoje.

– Você precisava de uma folga.

– Construir um negócio próprio é sempre consumidor.

Zephyr deu de ombros porque não podia discordar. Pelos primeiros dez anos, quando ele e Neo estavam construindo sua fortuna, trabalhavam longas horas, inclusive nos fins de semana. As coisas haviam melhorado um pouco depois disso, embora ambos fossem muito dedicados e perfeccionistas para desenvolver uma vida social fora da empresa.

Após conhecer Piper, Zephyr passara a sair do escritório às 18 horas, em vez de às 19h, mas ainda não gostava de tirar dias de folga. Contudo, Piper soara exausta da última vez que eles tinham se falado ao telefone, e ele queria que ela tivesse uma folga.

– Concordo, mas não achei que você reclamaria por passar alguns dias extras em Atenas.

Os olhos dela se iluminaram.

– Está dizendo que posso fazer alguns passeios turísticos antes de mergulhar no trabalho?

– Exatamente. Espero que você considere os próximos dias como um tempo para reunir informações, assim como nosso tempo na ilha. Queremos que o resort tenha a atmosfera da ilha, mas que também reflita a cultura grega.

– Atmosfera? Pensei que fosse uma ilha privada, vazia.

– A família arrendou terras para um vilarejo de pesca e para alguns fazendeiros, de modo que eles tenham produção local, assim como seus próprios pomares e bosques de oliva.

– Oh, isso é perfeito para o que queremos fazer.

– Foi o que pensei. – Zephyr gostou de saber que eles estavam em sintonia.

– Fico feliz que terei tempo de conhecer a área, então. Gosto que meus projetos reflitam os atributos positivos do local.

– Eu sei, e tenho certeza de que você já pesquisou muito sobre a cultura grega. – Ora, ela pesquisara logo que eles tinham se conhecido, alegando que queria conhecer Neo e ele melhor como clientes. Zephyr não sabia o quanto aquilo a ajudara, uma vez que ele e Neo tinham deixado a Grécia tantos anos atrás. Mas não havia como negar que Piper o *impressionara* de um jeito que ninguém jamais conseguira. E a modernização que ela fizera nos escritórios deles fora perfeita.

– Mas nada pode substituir experimentar um meio ambiente pessoalmente.

Aninhando o corpo ao dele, ela sorriu.

– Verdade, mas eu não sabia que teria o luxo de fazer isso nesse trabalho.

Ele apenas sorriu e deu de ombros.

Piper riu.

– Não pense que não sei que você tem a sua própria agenda aqui. Uma que inclui uma boa quantidade de tempo entre os lençóis. Você é um manipulador, sabia?

– Isso é ruim?

– Neste caso? – Ela meneou a cabeça, com um brilho travesso nos olhos azuis. – Definitivamente não.

Era isso que Zephyr apreciava tanto sobre ela. Piper Madison era uma pedra preciosa entre as mulheres, seu diamante polido que não precisava do cenário de um relacionamento para brilhar. Diferentemente de Cass, a noiva de Neo, Piper não tinha ilusões sobre amor e romance. Apreciava sexo com ele sem elos emocionais, o que era ótimo. Porque, diferentemente de Neo, Zephyr não tinha amor para dar.

– Vamos pegar sua mala e nos dirigir para o hotel. É um resort, um spa.
– Vamos estudar o concorrente, certo?
– Naturalmente. – Cedendo ao desejo que começara desde a chegada dela, ele beijou-a. Piper possuía o gosto doce e excitante de sempre.

Com olhos brilhando de prazer, ela murmurou:

– Porém, sendo situado na cidade, não pode oferecer o que a Stamos e Nikos Enterprises irão oferecer.

– Não faria sentido desenvolver uma nova propriedade se não pudéssemos proporcionar algo que ninguém nunca ofereceu.

– Sempre o empreendedor determinado.

– E você não é?

– Ei, há mais de uma razão pela qual nós dois somos tão amigos.

– Mais do que isso, você quer dizer? – Zephyr roçou-se contra ela sutilmente.

Piper arfou e deu um passo atrás.

– Você é perigoso. – Baixando o olhar para onde ele esperava que seu paletó escondesse de outros olhares, ela piscou. – Acho que ir para o hotel é uma necessidade urgente.

– Você está cansada? – provocou ele. – Precisa se deitar?

– Pegue minha mala, Zephyr. – Ela lhe deu um olhar dizendo que sabia exatamente em que ele estava pensando e que queria a mesma coisa.

– Com prazer, *agapimemos*.

– Não comece com as palavras carinhosas em grego, a menos que queira uma combustão espontânea aqui mesmo – avisou Piper.

– Mas gosto de viver perigosamente – murmurou ele, então se virou para a esteira.

Ela levava apenas uma mala e duas bolsas de mão, portanto, após alguns minutos, eles estavam fora do aeroporto e dentro do carro que Zephyr tinha alugado para a semana.

– Humm... bom. Definitivamente uma melhora, comparado ao Mercedes – disse Piper, alisando o estofado de couro da Ferrari conversível vermelha.

– Não menospreze meu carro. Ele tem assentos aquecidos, que são úteis nos invernos frios de Seattle. E um conversível não seria prático numa

cidade tão úmida. – Mas Zephyr estava feliz por ela gostar da Ferrari. Queria mimá-la um pouco, uma vez que Piper estava sempre tão determinada a não se mimar.

Ela passou a mão ao longo do teto.

– Vai baixar a capota?

– É claro. – Ele apertou um botão e o teto desapareceu lentamente.

Então, ligou o motor e saiu do estacionamento, dirigindo por Atenas em direção ao hotel deles.

Sentindo o vento no rosto, Piper deu uma gargalhada.

– Ah, gosto disso. Realmente temos dois dias somente para brincar e nada mais?

– Sim, temos.

– Obrigada, Zephyr. – Ela acariciou-lhe a coxa de leve.

Prazer, tanto pelo toque quanto pela gratidão que ouviu na voz dela, preencheu-o. Com uma mulher independente como Piper, tinha sido um risco agendar dois dias de férias sem o conhecimento dela, mesmo se ele chamasse aquilo de pesquisa local. Estava feliz que o risco valera a pena.

– Para que servem os amigos?

– Isso é tudo que somos? Apenas amigos? – perguntou ela de modo casual.

– No meu mundo, não existe algo como *apenas* uma amizade verdadeira.

– Entendo. Todos que diziam ser meus amigos me abandonaram quando eu terminei com Art. Eu não sabia que eles estavam apenas interessados em passar o tempo comigo se eu fosse parte de um casal poderoso.

– Apesar de ele ter traído você? – questionou Zephyr com desgosto.

– Art não era o único que acreditava na velha crença.

– Que crença é essa?

– Todos os homens traem – esclareceu Piper.

– Isso não é verdade.

– O júri ainda não decidiu essa questão, mas eu não ia permanecer casada com um homem que acreditava que infidelidade era algo inevitável.

– Acho que você fez a escolha certa se divorciando daquele canalha. – Pelo menos a família de Piper finalmente chegara à mesma conclusão,

mesmo se os ex-amigos dela pensassem de modo diferente.

– Eu também. Mas infelizmente *aquele canalha* é dono de uma das casas de design mais bem-sucedidas de Nova York.

– Por conseguinte, você mudou-se para Seattle.

– Exatamente. Não havia lugar suficiente em Nova York para o ego de Art e a minha carreira. – Ela sorriu com tristeza.

O patife com quem Piper se casara havia feito o possível para excluí-la do mercado de design. Zephyr retornara o favor nos últimos dois anos, e a *Très Bom* não possuía mais uma posição tão prestigiosa. Boatos sobre Arthur Bellingham podiam repercutir na cidade, mas Zephyr Nikos espalhara rumores o bastante para que chegassem ao mercado internacional.

Os negócios do patife que fizera de tudo para arruinar a vida de Piper já estavam em declínio, e Art acabaria no fundo do poço.

Zephyr nunca contara isso para Piper, é claro. Ela não havia sido exposta aos seus traços cruéis, e ele não via razão para mudar isso.

– Bem, fico feliz que você foi para Seattle – murmurou ele.

– Eu também. – Ela removeu o blazer, revelando uma blusa de seda, e o fato de que *não estava* usando sutiã. – Eu certamente fiz um círculo melhor de amizades.

– Oh, está falando de mim agora? – perguntou Zephyr, com sua excitação aumentando ao ver os mamilos femininos enrijecerem sob o tecido de seda.

Ele forçou sua atenção nas ruas de Atenas antes que causasse um acidente.

– Não seja presunçoso. – Piper deu-lhe um tapa na perna, causando o efeito oposto do que certamente pretendia. – Eu tenho outros amigos.

– Nomeie um.

– Brandi.

– Ela é sua assistente.

– Eu tenho amigos – insistiu Piper teimosamente. – Há uma razão pela qual eu não estou disponível todas as noites para você.

O que não era algo de que ele gostasse muito; portanto, mudou de assunto.

Geralmente, Piper notava cada pequeno detalhe de suas redondezas, sempre procurando por maneiras de melhorar seu próprio senso de design e

estética. Todavia, mal notou o design simplista e moderno do spa luxuoso que Zephyr escolhera para a estadia deles, enquanto ele a conduzia pelo enorme saguão para o banco de elevadores nos fundos.

Estava muito ocupada observando-o, seu corpo antecipando a sensação de tê-lo nos braços.

O último mês e meio havia sido mais difícil do que qualquer separação que eles tiveram antes, pelo menos para ela. Talvez para Zephyr também, se o número de telefonemas e mensagens de texto que ela recebera fosse alguma indicação. Desde que tinham começado o relacionamento sexual, seis meses atrás, nunca haviam se separado por tanto tempo. Entretanto, não eram um casal. Eram amigos e parceiros sexuais. Pelo menos era isso que Piper vinha dizendo a si mesma desde a primeira vez que a barreira íntima fora ultrapassada, nove meses atrás.

Ela acreditara que aquela primeira vez seria a única... uma descarga da tensão sexual que vinha crescendo com a amizade dos dois. Estivera errada.

Eles não tiveram contato físico por três meses depois disso, mas desde então se conectavam sexualmente diversas vezes por semana. Quando Zephyr deixara claro que via sexo apenas como uma compatibilidade física para liberar estresse, Piper dissera a si mesma que ainda não estava pronta para um compromisso; portanto, sem problemas. Art destruíra sua habilidade de confiar, e ela estava construindo seu próprio negócio. Não havia lugar em sua vida para um relacionamento de período integral.

Tomara cuidado para não pedir promessas que Zephyr pudesse quebrar ou para não assumir compromissos para os quais não estava preparada.

Todavia, durante os últimos seis meses, tinha passado a perceber que emoções não obedeciam a acordos verbais ou não verbais, que o coração não obedecia à razão.

Piper havia sentido a falta de Zephyr mais do que pensara ser possível, e tudo que queria agora era amá-lo fisicamente e mergulhar em sua essência.

Ele parecia querer a mesma coisa. Não parara de tocá-la desde que eles tinham saído do aeroporto. Tocara-a no carro toda vez que trocava de marcha e lhe circulara a cintura durante todo o caminho para o quarto.

Zephyr abriu a porta com um floreado.

– Aqui estamos.

A suíte refletia a decoração minimalista do saguão, mas o local extremamente espaçoso falava de luxo.

– Este lugar é maior do que meu apartamento.

– Meu closet é maior do que seu apartamento – disse ele.

Piper fez uma careta para o comentário verdadeiro, mas então a transformou num sorriso ao ver o ardor nos olhos castanhos de Zephyr.

Pelo estado óbvio da excitação dele, Piper esperava ser tomada contra a porta com o mínimo de preliminares.

Mas isso não aconteceu. Ele pôs as malas de lado, então a ergueu nos braços, posicionando-a contra o peito largo num movimento que a fez se sentir adorada, em vez de somente desejada.

Ela baniu o pensamento mesmo quando um gemido de surpresa escapou de sua garganta.

– O que você está fazendo?

– Mimando-a mais um pouco.

– Oh, verdade? Eu posso me acostumar com isso – provocou Piper.

Zephyr não respondeu, mas não pareceu muito assustado com a perspectiva. Contudo, no papel de amigo, chefe ou parceiro de cama, Zephyr Nikos não poupava sua generosidade.

Apesar do óbvio desejo, ele não mostrou impaciência, deitando-a gentilmente na cama e explorando cada centímetro do seu corpo, enquanto a enlouquecia e perguntava sobre tudo que ela fizera no seu tempo longe dele.

Depois que ele fez outra pergunta sobre sua experiência no Centro-oeste, decorando o edifício de um novo escritório, Piper riu.

– Nós nos falamos todos os dias, Zephyr. Não posso pensar em nada que eu já não tenha lhe contado.

O lindo magnata realmente corou.

– Eu só estava curioso.

– Você sabe o que eu faço num trabalho. Fiz o mesmo diversas vezes para a Stamos e Nikos Enterprises.

– Você gostou mais do Centro-oeste do que de Seattle? – questionou ele, com o que ela considerou uma curiosidade estranha.

– Está brincando? Eu amo Seattle. A energia da cidade é incrível. – E Zephyr estava lá.

– É bom saber.

Subitamente, todas as perguntas de Zephyr começaram a fazer sentido.

– Você soube.

CAPÍTULO 2

ZEPHYR TENTOU parecer inocente.

– Como? Quem lhe contou?

– Isso importa? Informações são mais lucrativas do que platina nos meus negócios.

– Você realmente achou que a Pearson Property Developments podia me oferecer uma situação melhor do que a que a sua firma já me ofereceu?

– Dinheiro não é sua única consideração, nem mesmo a principal, ou você já teria aceitado minha oferta de emprego.

Era verdade. Piper ganharia muito mais trabalhando para ele como funcionária da empresa do que ganhava com sua própria firma de design e seus clientes não tão substanciais.

– Então, você achou que eu iria gostar do Centro-oeste o bastante para aceitar a oferta da Pearson?

– Eles não lhe ofereceram apenas um emprego.

– Não, também me ofereceram um contrato para diversos projetos que possuem para os próximos dois anos. – Enquanto ela poderia continuar trabalhando de modo independente, a oferta proporcionaria o tipo de segurança com a qual a maioria dos designers principiantes sonhava.

Se viver num estado sem um único restaurante tailandês autêntico fosse o que ela quisesse. Mas não era. Piper gostava muito da diversidade e atividades culturais de Seattle.

– Estou muito acostumada com a vida na cidade grande. O único restaurante tailandês que encontrei é de um homem chamado Arnie, que acha que um bom curry vem com espiga de milho.

Zephyr deu de ombros.

– Então, você não vai assinar o contrato?

– Se eu assinasse, seria impossível trabalhar nesta propriedade. Eu não estava disposta a desistir da chance de decorar um resort no paraíso para recriar meu primeiro projeto numa série de prédios de escritório nada originais.

Uma das coisas que ela e Art haviam discordado, além da questão da fidelidade matrimonial, era a necessidade de Piper de criar, não meramente recriar. Para Art, o principal era sempre dinheiro. E, enquanto Piper buscava segurança, também precisava da chance de exercitar seu lado artístico.

– Fico satisfeito.

Ela sorriu.

– Ótimo.

– Também estou contente por você estar aqui comigo agora. – Para um homem como Zephyr, aquela era uma grande admissão.

Ele a beijou então. Finalmente.

Piper entregou-se ao beijo sem a menor resistência. Adorava o ato de amor de Zephyr, mas podia beijá-lo por horas.

Sentiu-se sendo erguida, e então estava sentada de pernas abertas sobre ele, sua saia levantada acima dos quadris, seu cérebro focado na única coisa que importava no momento... a sensação de ser segurada e beijada pelo homem mais incrível que já conhecera.

As bocas de ambos se encaixavam com perfeição, e o gosto dele era o paraíso. Zephyr aprofundou o beijo, mas sem pressa, dizendo-lhe silenciosamente que eles tinham todo tempo do mundo.

– Estou surpresa que você não está rasgando minhas roupas depois de seis semanas sem sexo – sussurrou ela, quando finalmente afastou o rosto para respirar.

Então um pensamento horrível lhe ocorreu. Talvez ele não tivesse ficado sem sexo. Talvez por isso estivesse tão relaxado. Eles nunca haviam firmado

um compromisso em relação à monogamia. Ele poderia ter encontrado alguém em Seattle.

– Fiquei ocupado no trabalho. Com Neo diminuindo suas horas na firma, a fim de passar mais tempo com Cass, há muita reorganização de responsabilidades acontecendo. – Ele beijou-lhe rosto e pescoço entre as palavras. – Mesmo que você estivesse em Seattle, eu mal a teria encontrado nas últimas seis semanas.

O que implicava que ele não estivera com outra mulher também.

– Eu não sabia que você tinha trabalhado tanto. – Zephyr mencionara algo a respeito, mas Piper pensara que ele só estivesse tentando tranquilizá-la.

Deveria saber que não. Zephyr Nikos era quase brutal em sua honestidade. Avisara-a desde o começo que não era “sensível”, e esperava que ela pudesse lidar com sinceridade, mesmo quando isso significasse críticas. Ele estivera se referindo à união profissional deles, mas Piper tivera a impressão de que Zephyr era assim no pessoal também.

Depois que eles haviam se tornado amigos, ela confirmara sua opinião. Então, por que continuava procurando evidência contrária, agora que estavam envolvidos mais intimamente? Fisicamente, pelo menos.

Zephyr afastou a cabeça e olhou-a com expressão sardônica.

– Neo é uma força da natureza. Tivemos de reestruturar nossa matriz inteira, promover diversos funcionários e contratar outros.

– Como você, fazendo um trabalho exaustivo. – Piper podia ver as manchas escuras sob os olhos dele. Ela não era a única que precisava de alguns dias de folga.

– Vale a pena, para ver Neo tão feliz. – Havia algo estranho no tom de Zephyr. Não inveja ou tristeza, mas muita sinceridade.

Aquilo a confundiu.

– Não consigo imaginar Neo apaixonado – disse ela.

– Você só o encontrou poucas vezes.

– E ele está sempre igual. Intenso. Focado. Quase sério.

– Cass o faz rir.

Piper também não conseguia imaginar Neo Stamos rindo.

– Ele *deve* estar realmente apaixonado.

– Sim.

Ela moveu-se, roçando sua calcinha de renda na extensão rija atrás do zíper e sentindo-o pulsar de desejo. Zephyr precisava relaxar e esquecer sobre a Stamos & Nikos Enterprises por um tempo. Ela sabia como ajudá-lo a fazer isso. Inclinando-se para frente, sussurrou:

– Chega de conversa, Zephyr.

– Você tem algo melhor para fazer com meus lábios?

– Com certeza. – Piper o calou com um beijo ardente.

Ele a deixou controlar o beijo por diversos segundos, enquanto lhe segurava os quadris. Piper entrelaçou os dedos nos cabelos escuros que adorava e balançou-se contra ele, fazendo ambos gemerem de prazer.

Uma das coisas que mais adorava sobre fazer amor com Zephyr era o quanto ele se envolvia no ato. E o quanto gostava quando ela fazia o mesmo. Zephyr nunca a fazia se sentir incomum por apreciar sexo. Art costumava criticar seu abandono na cama. Então tivera a coragem de falar que todos os homens traíam porque não podiam obter tudo que precisavam de uma única mulher. Especialmente das esposas.

Art nunca quisera receber o que Piper estava disposta a dar. Zephyr, por outro lado, nunca a fizera se sentir suja por sua entrega física. Sua paixão não o intimidava ou o desagradava, porque a paixão dele também era profunda e consumidora. Ele não mentia ou fingia. Não era um homem movido por aparências, como seu ex-marido.

Zephyr não se importava com roupas amassadas ou manchadas, quando o desejo deles levava a isso. Como agora. Era óbvio que ele não estava pensando em nada, exceto no prazer entre os dois, no jeito como seus corpos se uniam em sintonia.

Não era da natureza predatória de seu magnata permanecer passivo por muito tempo. E, com adrenalina correndo no sangue, Piper esperou que ele fizesse seu movimento.

Zephyr não a desapontou, saindo de sua posição sentada para girá-los e deitá-la sobre a cama mais uma vez. Então, cobriu-a com seu corpo sólido, enviando uma onda de puro deleite para o centro feminino de Piper.

Ela nunca lhe contaria, mas adorava quando seu amante sofisticado se transformava num homem das cavernas. O corpo grande roçava contra o seu, as mãos másculas estavam por toda parte. Assim como as dela.

Ele ergueu-lhe a blusa de seda e acariciou-lhe o abdome, circulando seu umbigo antes de moldar-lhe os seios e provocar os mamilos.

Piper gemeu contra a boca de Zephyr. Seu corpo se movia como se por vontade própria, ondas de desejo causando tensão em seus músculos.

Se Zephyr não a preenchesse logo, ela iria enlouquecer. Ou assumir o controle, de alguma maneira.

Uma das mãos grandes deslizou entre os dois, então um polegar estava acariciando seu clitóris através da seda da calcinha.

O prazer se construiu na velocidade da luz, e o clímax a dominou antes que ela conseguisse pensar em segurá-lo.

O beijo voraz que se seguiu engoliu seu grito de inegável prazer. Um prazer que continuou e continuou, em ondas de tanta alegria que drenaram todos os pensamentos coerentes de sua cabeça.

Então, o dedo que a acariciava abandonou-a e ela flutuou numa nuvem de saciedade. Era temporário, porque sabia que ele não tinha terminado ainda.

O som de um pacotinho de preservativo se abrindo se infiltrou em sua consciência, mas tudo estava fora de foco pelo prazer atordoante que ela acabara de experimentar.

Mas foi sua calcinha delicada sendo rasgada de seu corpo que chamou sua atenção. A expressão quase primitiva de Zephyr despertou seu desejo novamente. Ele pressionou-se contra sua abertura escorregadia, com o preservativo já no lugar.

Então estava em seu interior, a ereção longa e rija preenchendo-a como nenhum outro homem poderia.

Ele a fitou.

– Tudo bem?

Piper respondeu com uma inclinação da pélvis, tomando-o o mais profundamente possível. O movimento levou-a a mais um orgasmo, provocando uma contração intensa de seu útero, que oscilava entre dor e prazer.

Apesar de não achar que tivesse demonstrado seu deleite interno, os olhos ardentes de Zephyr brilharam com satisfação.

E então ele começou a se mover, estabelecendo um ritmo que exigia a participação dela e a seduzia com onda após onda de puro prazer.

Eles se movimentaram juntos com um desespero que não podia ser negado. Levou apenas alguns minutos antes que Zephyr estivesse afastando os lábios dos seus e gritando seu prazer.

O corpo de Piper se contraiu ao redor dele num terceiro clímax, quando seu ponto G foi pressionado por aquele membro poderoso.

Ele falou uma palavra obscena.

– Eu prefiro o termo *fazer amor*. – Piper sorriu, e seu corpo inteiro estava inerte da experiência fantástica que eles haviam acabado de vivenciar.

Zephyr riu.

– Isso foi incrível.

– Essa é uma palavra boa para o que aconteceu. – Ela olhou para os corpos deles. Ambos estavam praticamente vestidos. – “Sensacional” é outra. E mais duas palavras para você... “ainda vestidos”.

Ele observou a cena com olhos arregalados.

– Inacreditável.

Ele soou tão chocado que Piper teve de rir. Logo os dois estavam gargalhando por longos minutos.

Zephyr levantou-se e descartou o preservativo, antes de remover a calça que parecia ter saído de uma guerra.

– Imagino o que o tintureiro vai pensar disso.

– Você se importa?

– Não. – Ele acabou de se despir, depois começou a trabalhar nas roupas de Piper. – Sua calcinha já era, mas acho que o tintureiro pode salvar sua saia.

– Você poderia ter pelo menos se desculpado sobre isso.

– Por quê? O que é uma calcinha em comparação ao prazer que acabamos de vivenciar?

Era verdade, mas ela não admitiria.

– Esta era a minha favorita.

– Oh, verdade? – Zephyr lhe deu um olhar desconfiado. – Não me recordo de ter visto essa calcinha antes.

– Era nova. Eu a comprei para hoje.

– Para que fosse sua favorita?

– Era a minha *nova* favorita.

– Bem, é lixo agora. – E ele não parecia lamentar isso nem um pouco.

O que Piper gostava. Mas decidiu continuar brincando.

– Pensei que você fosse gostar.

– Eu gostei. Não deu para perceber?

Ela riu, sentindo-se livre e feliz.

– Só vou perdoá-lo porque tive múltiplos orgasmos.

– Três. Num período muito curto de tempo – acrescentou Zephyr de maneira presunçosa. – Imagino o que posso fazer com o resto da noite.

O que ele fez foi amá-la, até que Piper desmaiou de exaustão em algum momento da madrugada... depois de mais três incríveis orgasmos.

Eles acordaram tarde e tomaram um café da manhã gigantesco. Depois, ele a levou à Acrópoles. Piper assistira a um vídeo sobre as ruínas do templo encontradas lá, mas nada a preparara para a sensação de estar realmente ali, onde muitos diziam que os construtores modernos da Civilização Ocidental tinham nascido. Talvez nem todo mundo reagisse como ela, mas Piper experimentou um senso de profundidade que não podia ser abalado.

Não pôde evitar o olhar maravilhado para o Parthenon.

Quando comentou aquilo com Zephyr, ele assentiu.

– Isto não é apenas uma pilha de pedras unidas com eficiência. Nós estamos em pé sobre a história. Não se pode desprezar uma coisa assim.

– É por isso que seus projetos são tão especiais, não é?

– Porque eu reconheço história quando a vejo? – perguntou ele em tom de voz divertido.

Piper estendeu o braço e pegou-lhe a mão. Precisava tocar naquele homem incrível.

– Porque você reconhece o sabor único de qualquer lugar em que estiver, e, em vez de tentar mudá-lo, procura realçá-lo.

Poucos incorporadores possuíam tal talento, e nenhum era tão bem-sucedido quanto a Stamos & Nikos Enterprises.

– Neo e eu aprendemos cedo a ver o lado bom em todos os lugares onde estávamos. – Ele entrelaçou os dedos de ambos.

– Mesmo no orfanato? – perguntou ela suavemente.

– Admito ter enxergado mais coisas boas lá do que Neo.

– Isso não me surpreende. Eu gostaria de ter tido esse seu talento quando criança. – Piper teria achado mais fácil se não tivesse se mudado tanto com sua família.

– Não menospreze suas forças. Essa foi uma das primeiras qualidades que admirei em você.

– Sério?

– Definitivamente. Quando você olha para uma propriedade, não vê o que é, mas o que pode ser.

– Isso não é a mesma coisa.

– Não, mas vem da mesma atitude.

– Então, por que sofri tanto quando criança? – Piper sentiu-se tola perguntando aquilo. A garotinha que achava traumatizante mudar constantemente de casa e escola não existia mais há muito tempo.

– Não era a inabilidade de encontrar o lado bom em cada nova situação que a carreira militar de seu pai exigia que a tornava tão infeliz. Era o fato de que todo o amor e a alegria que você encontrava em cada lugar novo lhes eram roubados com cada mudança de cidade.

Piper engoliu em seco. Zephyr estava totalmente certo. Cada vez que ela encontrava o lugar que queria ocupar em seu novo mundo, seus pais a levavam embora de lá.

– Todavia...

– Muitas crianças cresceram como eu.

– O que não torna a situação mais fácil para você. Havia mais de duas dúzias de crianças no orfanato onde minha mãe me abandonou. Essa realidade não me ajudou a aceitar quando ela me deixou para trás.

– Sua mãe *abandonou* você no orfanato?

Zephyr andou para um ponto que dava vista para o Hadrian's Arch. Ainda estava segurando a mão de Piper; portanto, levou-a consigo. Sentindo que a única conexão que tinha com o presente era os dedos entrelaçados de ambos, não podia acreditar que revelara aquela informação para Piper. Nunca mencionara aquilo, nem mesmo para Neo. Todavia, sabia que agora contaria a verdade para Piper.

Talvez não toda a verdade, mas pelo menos parte dela. Simplesmente não entendia por quê.

– Quantos anos você tinha? – perguntou ela após um longo silêncio.

– Quase cinco. – Zephyr a olhou, a fim de ver a reação de sua amante sensível.

Piper não o desapontou. Os lindos olhos azuis brilhavam em choque.

– Eu pensei que você fosse um bebê.

– Não. Minha mãe era prostituta. Um de seus clientes se apaixonou por ela e a pediu em casamento, mas ele não queria um lembrete vivo da vida que ela levava antes que eles se conhecessem.

Como adulto, ele podia quase entender isso. Não perdoar, mas entender. Como uma criança que adorava a mãe, a única pessoa por quem tinha se sentido aceito e amado, Zephyr não tinha sido tão sábio. Nem sua mente infantil nem o coração que ele mais tarde envolvera numa pedra impenetrável haviam sido capazes de compreender as ações de sua mãe, ou mesmo a atitude do marido dela.

O homem fora gentil com o garotinho nas poucas vezes em que eles tinham se encontrado, antes que ele decidisse comprar a liberdade de Leda de seu *cafetão*, o pai de Zephyr.

– Mas você era *filho dela!* – Em seu choque, Piper quase removeu a mão da dele.

Ele apertou-lhe mais a mão, não querendo soltá-la.

– Minha mãe me visitava uma vez por mês, mas eu aprendi a desejar que ela não fosse mais.

– Porque ela nunca o levava consigo quando ia embora.

– Não. – Não importava o quanto ele suplicasse no começo.

– Quando foi a última vez que você falou com ela?

– No mês passado. – Mas ele não a via desde que tinha fugido do orfanato com Neo, dessa vez por escolha *dele*.

Piper o fitou, os olhos inundados com emoção, a boca abrindo e fechando, mas nenhum som saiu.

– Eu a contatei depois que ganhei meu primeiro milhão. Ela ficou feliz em ter notícias minhas.

– Você fala como se isso o surpreendesse.

– Surpreendeu. Embora eu já fosse rico, não havia garantia de que ela iria querer um lembrete de seu passado.

– Você achou que dinheiro era tudo que tinha para dar à sua mãe.

Naturalmente. Ele nunca conhecera uma mulher que não apreciasse presentes financeiros. Sua mãe fora seu primeiro exemplo disso.

– Por que eu acreditaria em alguma outra coisa?

– Mas ela ficou feliz que você estava seguro, não ficou? Aposto que chorou naquela primeira vez que você ligou.

Naquela vez e em quase todas as outras desde então.

– Você está certa. – Não que ele entendesse por quê.

Se seu desaparecimento fosse tão sofrido para sua mãe, certamente ela não o teria deixado no orfanato para começar. Todavia, ela não o abandonara completamente.

– Ela pagou para que o orfanato cuidasse de mim. – Zephyr tinha descoberto isso quando fizera sua primeira doação ao lar, muito antes de acumular seu primeiro milhão.

Foi por isso que a contatara mais tarde. Sem o seu conhecimento, sua mãe tentara sustentá-lo de alguma maneira. Mas nada poderia ter alterado a atitude que Zephyr tomara com relação ao seu pai.

– Nós iremos visitá-la enquanto estivermos aqui? – A voz de Piper era repleta de emoção.

– Não.

– É claro, desculpe. – Parecendo à beira das lágrimas, Piper suspirou. – Não há razão para que você leve sua amiga para conhecer sua mãe.

– Não é isso. Ela gostaria de você. – Como poderia não gostar? Piper era adorável. – Todavia, eu não tenho intenção de ver minha mãe.

– Por que não? Certamente nós temos tempo. Mesmo se ela morar numa das ilhas, podemos ir até lá.

– Ela mora em Atenas. Eu lhe comprei uma casa em Kifissia.

As sobranceiras de Piper se uniram.

– De acordo com o guia turístico em nossa suíte, essa é a parte mais valorizada da cidade.

– Sim. Os ricos vêm habitando Kifissia por gerações.

– E você comprou uma casa para sua mãe lá.

Zephyr deu de ombros. Tivera de dar à mãe um descanso físico do passado.

– Entretanto, não vai visitá-la.

– Não – confirmou ele.

– Mas...

– Eu não a vejo há mais de vinte anos, Piper.

– Mas você disse que falou com ela no mês passado. – A expressão confusa no rosto de Piper era tão adorável que ele teve de beijá-la.

– Foi o aniversário dela.

– Você telefona uma vez ao ano, no aniversário dela? – questionou Piper.

– Sim. – No ano seguinte ao que ele retomara o contato com Leda, havia cometido o erro de perguntar o que ela gostaria de presente de aniversário, querendo a desculpa para lhe dar algo bonito.

Mas sua mãe não lhe pedira uma bolsa de grife ou uma televisão nova, queria apenas uma coisa: que Zephyr lhe telefonasse uma vez ao ano, no dia de seu aniversário, de modo que ela pudesse saber que ele estava bem. Ela podia acompanhar seu sucesso pelos jornais agora, mas ele ainda dava aquele telefonema.

Uma vez por ano.

– Ela liga para você?

– Eu lhe pedi que não fizesse isso, a menos que haja algum problema com o meu irmão ou minha irmã. – Manter sua mãe a distância era necessário, e Zephyr não podia mudar isso.

– Você tem um irmão e uma irmã?

Zephyr tinha esperado algum tipo de crítica por sua frieza em relação à mãe, mas Piper não focara na situação que ele não podia mudar. Em vez disso, concentrara-se na única realidade que *ele* achava importante. Seus irmãos.

– Eles são meios-irmãos, mas sinto-me responsável por eles, de qualquer forma.

– Quantos anos eles têm?

– Iola tem 29. É casada com um bom homem e tem três filhos.

Seis anos mais nova do que Zephyr, sua irmã havia nascido um ano e meio depois que ele estava no orfanato.

Sua mãe não o visitara por dois meses, fazendo-o pensar que ela finalmente se cansara dele e não voltaria mais. Mas então retornara com um lindo bebê nos braços.

– Você conheceu seus sobrinhos?

– Sim, Iola insistiu.

– Você fala como se não entendesse por quê.

– Eu sou o filho bastardo que minha mãe deu à luz quando levava uma vida cuja existência todos preferiam esquecer. Ela era muito pequena da última vez em que eu a vi.

– Sua mãe a levava nas visitas?

– Sim.

– Isso foi cruel.

Zephyr deu de ombros. Em sua opinião, foi mais cruel quando sua mãe parou de levar Iola. Alguns pensariam que ele tinha ciúme do bebê, mas Zephyr tinha adorado Iola desde o começo. Ficara arrasado quando o marido de sua mãe insistira que Leda parasse de levar a garotinha, quando ela estava com 2 anos.

– Iola era o ser humano mais incrível que eu já tinha visto. Eu estava encantado por ela.

– O que ela achava de você?

– Não sei. O pai dela não queria que ela soubesse a meu respeito, então minha mãe parou de levá-la às visitas quando Iola tinha idade o bastante

para se lembrar delas. Minha mãe levou meu irmão menor apenas algumas vezes, pela mesma razão.

– Claramente, eles *não* querem esquecê-lo. Não se sua irmã insistiu para que você conhecesse os filhos dela.

– Eu cuido deles. – E mesmo seu coração de pedra podia ser tocado pelos três pequenos que o chamavam de tio Zee.

– Acha que esse é o único motivo pelo qual eles o querem em suas vidas?

– Por que mais?

– Talvez pela mesma razão que eu iria querê-lo em minha vida, mesmo se eu não trabalhasse para você. – Como Zephyr podia ser tão inconsciente do próprio valor?

– Você iria me querer em sua vida?

– Sim.

Ele não acreditava nela, mas apreciava o sentimento.

– Seu cunhado trabalha para você? – perguntou Piper.

– Como você sabe?

– Você disse que cuida deles. Seu irmão também trabalha na sua empresa?

– Não. Ele é academicamente brilhante. Está terminando sua tese de doutorado em física neste momento.

– Deixe-me adivinhar... você pagou os estudos dele.

– Naturalmente.

Ela jogou os braços ao redor dele e beijou-o de maneira exuberante.

– Você é um homem incrível, Zephyr Nikos.

Zephyr meneou a cabeça. Então, beijou-a de volta e apreciou o momento enquanto ele durou, sempre se perguntando o que havia de errado com ele para compartilhar tanto com Piper.

Talvez amizade com intimidade sexual não fosse uma boa ideia, afinal. Ele não podia lhe oferecer seu amor, e aquela abertura tinha tudo para causar a impressão errada.

CAPÍTULO 3

ELE A levou para Plaka depois que Piper absorveu toda a história que podia das ruínas da Acrópolis. Isso e o fato de que as horas de visitação haviam acabado. Ele poderia ter conseguido uma licença especial, mas queria levá-la ao mercado antigo para fazer compras.

Além disso, aquilo o colocava de volta no terreno familiar. Eles acharam uma loja que fazia reproduções autênticas de joias gregas, e Zephyr lhe comprou uma gargantilha que teria ficado bonita até no pescoço da esposa de um senador.

Piper reclamara do preço, mas ele a ignorara. Tinha condições de mimá-la, e ela merecia ser mimada, especialmente após ter um ex-marido tão canalha. Zephyr não fingiria lhe dar o seu amor como Art fingira, mas podia lhe dar presentes. E daria.

Mais tarde, naquela noite, no terraço de um restaurante exclusivo, Piper observava a decoração elegante do lugar. Como na maioria dos restaurantes gregos, as mesas eram ao ar livre. Todavia, esse não era barulhento e congestionado como os Cafés em Plaka.

Por mais que tivesse gostado do bairro de compras histórico, apreciava a relativa tranquilidade do cenário atual. Muito.

- Este é seu restaurante favorito quando você está no país?
- Na verdade, é. Como você sabia?
- Não imagino que os funcionários conheçam muitos americanos pelo nome, mesmo os ricos e poderosos.

Ele sorriu.

– Bem pensado.

Piper estava feliz em vê-lo sorrir. Zephyr parecera tão fechado emocionalmente depois de se abrir com ela na Acrópoles. Era como se tivesse se arrependido de falar sobre o passado e precisasse colocar o foco de volta no presente.

Ela podia entender isso. Zephyr não era um homem emotivo. Na verdade, parecia não sentir emoções na maior parte do tempo. Mas, durante o passeio por Plaka, Piper percebera que sentia muita emoção em relação a Zephyr. E a emoção que a envolvia completamente só tinha um nome: amor.

– Obrigada por compartilhar este lugar comigo. – Ela tocou o lindo colar que ele lhe dera mais cedo. – Obrigada por tudo.

– Foi um prazer.

– Você diz muito isso. – Piper sorriu-lhe.

– E é verdade. Você é uma companhia agradável, Piper.

– Que bom que você pensa assim. Eu também não detesto a sua companhia.

– Isso é um alívio. Eu não gostaria de pensar que você tem feito sexo comigo por pena durante todo esse tempo.

Ela teve de rir daquele absurdo.

– Sexo por pena. Não vejo como. – Nenhuma mulher teria pena daquele homem. Desejo? Sem dúvida. Mas definitivamente não pena.

– Estou aliviado por ouvir isso.

Sentindo um calor subir ao rosto, Piper meneou a cabeça.

– Pare de me provocar e coma sua entrada.

Surpreendentemente, ele a obedeceu.

Eles estavam no meio da entrada, quando ela perguntou algo sobre o que estava curiosa.

– Você vai ser padrinho de Neo no casamento?

– É claro.

– Está ansioso por isso? – provocou Piper, certa de que ele negaria.

Mas Zephyr sorriu e replicou:

– Sim.

– Sério?

– É claro. Eu me preocupei que Neo tivesse esquecido seus sonhos de lar e família sob a pressão de construir nosso império. Logo que nós partimos da Grécia, ele vivia falando sobre o sonho de ter uma família. Parou de falar no assunto por dois anos, após nos estabelecermos em Seattle.

– Mas você não queria que ele esquecesse tal sonho?

– Não. Neo merece uma família, um lar que seja mais do que um lugar para morar.

– Esses não são sentimentos tradicionais para um playboy assumido.

– Eu sou um homem tradicional.

Piper riu.

– Acho que não.

– Só porque não sou casado não significa que nunca desejo ter esse estado civil.

Aquilo a surpreendeu. Desde o começo do relacionamento sexual deles, Zephyr tinha deixado claro que não era do tipo que se comprometia.

– Você parece confusa.

– Eu me sinto um pouco confusa – admitiu ela.

– Não sei por quê. Esse é um sonho americano, não apenas um sonho grego, certo? Um dia, encontrarei a mulher certa. – Ele lhe deu um sorriso irônico. – Talvez eu até me apaixone, como Neo.

Aquelas palavras foram como uma flecha no coração de Piper, porque implicavam que ele não encontrara tal mulher e, conseqüentemente, a mulher não poderia ser ela. Após ter aceitado seus próprios sentimentos, isso era como um golpe duplo em seu coração. Ela levou a mão ao pescoço, confortando-se ao sentir a adorável gargantilha. Ele precisava amar uma pessoa para mimá-la.

Então, o que aquele presente e todos os outros que Zephyr já lhe dera queriam dizer?

Infelizmente, após ouvir a história dele mais cedo, ela sabia. Aquela era a moeda de relacionamento para Zephyr. Presentes e dinheiro. Não amor. Não para a mãe, que o decepcionara, e não para Piper, também.

– Você não parece do tipo que quer lar e família, Zephyr. – Piper não pôde resistir a dizer. – Mora numa casa típica de solteiro e namorou muito.

Ademais, ele via o relacionamento com a mãe e os irmãos como transações financeiras.

– Assim como Neo fazia antes de conhecer Cass. Eu? Desejo deixar minha marca no mundo com relação a isso, como qualquer outro homem.

– Está falando sério?

– Por que não? – respondeu ele. – Quanto à possibilidade de me apaixonar, eu estava brincando. Não tenho essa expectativa. Mas um dia *irei* me casar e procriar. Por que construir um império se você não pretende deixá-lo para alguém?

Ela não mencionou os sobrinhos dele. Claramente, Zephyr queria sua *própria* família.

– Mas você não acredita que vai se apaixonar um dia?

– Não.

– Mas...

– Mas o quê? Você amava seu ex-marido, certo?

Piper fez uma careta.

– Sim.

– E isso lhe trouxe felicidade?

– Não, mas isso não significa que não acredito que o amor possa acontecer ou me fazer feliz quando acontecer.

– Talvez um dia aconteça novamente para você.

– Talvez. – Ela já se apaixonara... por ele... e as revelações de Zephyr na Acrópoles haviam apenas cimentado isso.

Todavia, podia ver que ele não gostaria de ouvir sua confissão. De súbito, Piper percebeu que provavelmente pagaria o preço pelas ações de outra mulher. Ações acontecidas décadas atrás, mas que não tinham perdido o poder de feri-lo ou moldar o comportamento dele.

O coração de Zephyr não estava disponível e talvez nunca estivesse.

– Amor é uma emoção confusa – murmurou ele.

– Mas boa também. – Com certeza, ele podia ver isso, especialmente agora que Neo estava tão feliz.

– Você não lamenta ter amado Art? – perguntou Zephyr com frieza calculada.

– Não. Eu lamento que ele tenha sido um traidor e mentiroso.

– Como isso é diferente de lamentar tê-lo amado?

– Meu amor era uma coisa boa.

– Que acabou lhe causando dor – observou ele secamente.

Ela não podia negar isso. Amar Art quase a destruíra em todos os níveis. E, aparentemente, amar Zephyr não traria resultados muito diferentes. Pelo menos sabia o que esperar dele.

– Eu não estou tentando negar a existência de “felizes para sempre”, mas ambos sabemos que o fato de uma pessoa amá-la não garante que ela não irá traí-lo.

– Isso não significa que você deva se fechar para o amor. – Piper tentou manter o desespero longe da voz. Não era culpa dele que ela se tivesse se apaixonado pelo homem errado. Novamente.

– Para mim isso funciona.

Agora que sabia que a mãe dele o abandonara para construir uma vida melhor, Piper podia compreender como era difícil para Zephyr confiar no amor.

– Mas Neo ama Cassandra e vice-versa, certo?

– Cassandra é uma mulher em um milhão.

A dor que aquelas palavras causaram pegou Piper de surpresa, fazendo seu peito se comprimir. Porque isso implicava que ela *não* era especial. A quem estava enganando? Toda aquela conversa lhe mostrava uma coisa claramente.

Zephyr não a amava. Nem um pouquinho. Nem antecipava amá-la algum dia. E isso não era o que ela queria ouvir. A dor que a assolou zombou de todas as promessas que fizera para si mesma depois de se separar de Art. Não perderia seu sustento quando seu relacionamento sexual com Zephyr terminasse, mas não tinha certeza se seu coração sobreviveria, mesmo se seus negócios sobrevivessem.

Estava loucamente apaixonada por um homem que não acreditava no conceito de amor para si mesmo, e, ademais, queria se casar um dia.

Somente não pretendia que essa mulher fosse ela.

De súbito, Piper percebeu que estava com dificuldade de respirar... a última vez que sentira isso tinha sido quando percebera que Art nunca a amara de verdade. E, mais uma vez, para a segurança de seu orgulho, e talvez pela segurança de Zephyr, tinha de esconder a devastação acontecendo em seu interior.

– Talvez você tenha razão – disse ela, tentando não gaguejar.

– Sobre o quê?

– Não sou boa para decidir por quem devo me apaixonar.

– Eu não poderia concordar mais.

Piper riu, mas sem humor.

– Obrigada.

– Não quero mais falar sobre Art Bellingham.

– Acredite, toda essa conversa está me deixando com frio.

Zephyr estreitou os olhos, mas sorriu.

– Então, diga-me o que você quer fazer amanhã.

Ela precisava se esforçar mais para esconder suas emoções. Começando agora.

– Sou louca por museus. Eu realmente gostaria de ver o museu de Arqueologia Nacional, o museu da Acrópoles e talvez o museu Benaki.

– Uma lista e tanto, considerando que você não planejava fazer passeios turísticos nesta viagem.

– Enquanto você estava no banho, fiquei estudando o guia turístico de nossa suíte.

– Ah. Então amanhã será o dia dos museus.

– Se você preferir fazer alguma outra coisa, posso ir sozinha aos museus.

Zephyr arqueou uma sobrancelha.

– Não há nada que prefiro fazer a passar tempo com você. Cresci nesta cidade. Já vi tudo.

Ela não podia imaginá-lo visitando a Acrópoles quando ele morava nas ruas, mas não disse nada. Toda sua concentração estava em controlar suas emoções caóticas.

– Já que estamos planejando nossa agenda, o que você gostaria de fazer depois de amanhã?

– Pensei que estaríamos voando para a ilha.

– Agendei um helicóptero para o fim da tarde, a fim de maximizar nosso tempo livre.

– Você me mima. – Era verdade. Ele podia não a amar, mas era seu amigo e queria vê-la descansada e feliz. – Não estamos de férias.

– Sim, estes dias são como férias.

– Mas depois de amanhã deveria ser dia de trabalho. – Piper não sabia o que seria pior, passar mais tempo fazendo passeios turísticos ou estar tão próxima de Zephyr numa ilha paradisíaca.

– Eu mudei um pouco a programação.

– Como quiser.

Ele franziu o cenho.

– Eu quero que você se divirta.

– Estou na Grécia. Como posso não me divertir?

– Então vai aprovar uma visita a Sounion e ao Templo de Poseidon? – perguntou ele.

– Claro, isso seria bom.

– Você prefere fazer alguma outra coisa?

– Não. – Na verdade, tanto fazia. Ela precisava lidar com suas próprias revelações internas, assim como com as dele. O cenário para fazer isso não importava.

– Então será o Templo de Poseidon.

Piper assentiu.

– Obrigada.

Naquela noite, o ato de amor deles foi lento e intenso. Zephyr a despiu como quem desembulha um presente frágil e valioso, e ela tentou não analisar o significado daquilo, incapaz de lidar com a dor das emoções que não podia mudar.

Ele a amou de maneira carinhosa e apaixonada. Mas a implicação no jantar de que ela não era uma mulher especial na vida de Zephyr causou em Piper uma curiosa sensação de desarmonia na intimidade deles.

Depois do sexo, lágrimas silenciosas escorreram por seu rosto no escuro. Ela adormeceu desejando que tivesse permanecido cega para seus sentimentos, ou, pelo menos, para os sentimentos dele.

Piper acordou na manhã seguinte experimentando novos sentimentos contraditórios. Como sempre, toda vez que acordava nos braços de Zephyr, sentia-se segura e adorada. Somente agora essa sensação lutava com seu novo conhecimento: a certeza absoluta de que Zephyr não a amava, a possibilidade de que nunca a amaria e a probabilidade de que a abandonaria mais cedo ou mais tarde. Pelo menos sexualmente.

Piper não pretendia apaixonar-se, mas não pudera evitar. E como poderia? Zephyr era tudo que desejava, tanto num amigo quanto num amante.

Eles tinham muitos interesses em comum. Por isso a amizade começara. Ela descobrira que Zephyr compartilhava sua paixão por futebol europeu. Assistiam aos jogos juntos, torcendo por times opostos e gritando com a mesma empolgação. Mais tarde, Piper descobrira que ele também gostava de museus e galerias de arte, assim como possuía tanto interesse em política mundial quanto ela.

Zephyr era mais do que um bom amigo. Era o melhor. Era atencioso e cuidava dela. Ajudara-a a montar seu negócio próprio, recomendando-a para outros empreendedores. Até mesmo a paparicara quando Piper ficara gripada uma vez. Fizera o possível para proporcionar-lhe umas pequenas férias e torná-las especiais. E conseguira.

Ele a tratava como uma rainha, nunca subestimando sua inteligência ou sendo condescendente. Piper aconchegou-se nos braços fortes quando Zephyr roçou a perna na sua enquanto dormia. Ele fazia amor como um verdadeiro mestre na arte. Não podia se esquecer desse detalhe importante.

Piper o observou dormindo. Uma mecha escura caída sobre a testa não lhe dava uma aparência menos intimidadora. Ela sempre ouvira dizer que os homens pareciam mais jovens e mais vulneráveis em seu sono, mas não Zephyr. Apesar de estar inconsciente para o mundo, ele não relaxava completamente. Parecia pronto para acordar e saltar da cama a qualquer momento que se provasse necessário.

Zephyr teria aprendido esse tipo de consciência subconsciente morando com a mãe no submundo de Atenas, no orfanato ou nas ruas, para onde fugira em busca de uma chance para uma vida digna? Após a revelação feita na Acrópolis, aspectos da personalidade dele que costumavam intrigá-la faziam mais sentido.

Ele possuía um talento para manter até mesmo os temperamentos mais artísticos na linha. Havia certa brutalidade sob a superfície do calmo homem de negócios. Algo que somente aparecia num comentário rápido aqui, numa instrução direta ali, tudo entregue com um sorriso levemente dissimulado.

Mas, quando Zephyr Nikos falava, todos ouviam. *Todos*. Ele era brilhante. Honestamente, Piper não sabia o que ele estava fazendo ao seu lado... uma mulher lutando para manter uma firma de design de interiores em Seattle, depois que o ex-marido tinha destruído sua reputação em Nova York. Zephyr podia ser fantástico para ela, mas Piper não era para ele.

Apaixonar-se por Zephyr podia ter sido inevitável, mas envolver-se sexualmente com ele, não. Ela tivera uma escolha e a fizera acreditando que podia lidar com as limitações que ele estava oferecendo. Enganara-se. Redondamente. Como podia ter sido tão tola? Era péssima para escolher homens para amar.

Primeiro, havia sido Art, que parecera a fonte perfeita de estabilidade, mas que, na verdade, destruíra sua segurança. Então Zephyr, que parecia tão charmoso e aberto, mas que na verdade era mais fechado do que qualquer homem que ela já conheceria.

Ele somente perdia o controle em um cenário: quando eles faziam amor.

Zephyr tinha perdido o controle desde o começo, motivo pelo qual ela achara que a intimidade deles não duraria mais do que uma única noite. Ele parecera muito chocado após aquela primeira vez, com os cabelos desalinhados e o corpo grande brilhando pela transpiração. Piper havia ficado excitada pela visão quase primitiva e começado outro ato de amor.

Ele correspondera sem demora, mas na manhã seguinte ela acordara sozinha, e depois, quando se encontraram, não mencionaram o sexo uma

única vez. Estavam no fim de outro trabalho juntos, quando a tensão sexual entre eles explodira mais uma vez, levando-os a uma intimidade sem elos.

E Piper percebia agora que tinha sido quando começara a se apaixonar pelo magnata bilionário. Mesmo que tivesse dito a si mesma que aquele era um caso de sexo com seu amigo, vira um lado de Zephyr Nikos que ele não mostrava para mais ninguém, encantando-se e apaixonando-se no processo.

Mais ainda quando Zephyr tinha admitido que não agia do mesmo modo com outras mulheres. Infelizmente, Piper se permitira construir elos emocionais sob aquele pretexto frágil, enquanto mentia para si mesma sobre o que estava acontecendo em seu coração o tempo inteiro.

Mas o pretexto era tão frágil assim?

Apesar do que as palavras de Zephyr haviam implicado na noite anterior, ela *era* especial para ele. Eles eram bons amigos. Tinham um relacionamento sexual que já durava mais do que qualquer outro que Zephyr já tivera. E ela sabia que ele se abria mais com ela do que com qualquer outra pessoa.

Considerando tudo isso, Piper era especial, certo?

Ou estaria procurando desculpas para se enganar? Como fizera com Art, não querendo acreditar na infidelidade dele até que fosse confrontada com uma prova irrefutável?

Não, não ia mais mentir para si mesma. Amava Zephyr. De maneira irrevogável e inequívoca. Mais do que já amara Art, e provavelmente mais do que amaria outra pessoa. Mas, se ele não podia, *não iria* amá-la, então Piper precisava acabar com o relacionamento dos dois antes que não houvesse esperança de cura para o seu coração.

O pensamento de deixá-lo doeu tanto que um gemido involuntário escapou de seus lábios. Ele não acordou, mas apertou mais os braços ao seu redor, apenas exacerbando a dor.

Porque, se acordasse longe dele, não haveria ninguém lá para confortá-la.

E isso a levou a uma decisão final. Não ia desperdiçar o que poderiam ser seus últimos dias como amante de Zephyr. Apreciaria cada segundo do tempo deles na Grécia e deixaria o sofrimento para depois.

Zephyr acordou para a experiência maravilhosa de Piper lhe fazendo uma massagem. Ele estava deitado de bruços, os braços relaxados acima da

cabeça, e as pernas estendidas debaixo de um lençol leve. Ela estava sentada sobre suas coxas, tendo um efeito sobre ele que provavelmente nem percebia.

Ou talvez percebesse. Piper era a amante mais aberta e aventureira que ele já conhecera.

Incomodava-o saber que ela o mudara de posição sem acordá-lo. A habilidade de Zephyr de perceber os toques dela em seus sonhos mostrava quão profundamente ele confiava nela. Assim como os segredos de seu passado que ele lhe contara no dia anterior.

Zephyr nunca contara aquela história para nenhuma outra mulher, e nenhuma outra amante tivera permissão de dormir em sua cama, muito menos acordá-lo com uma massagem. Ele se considerara inteligente por criar um relacionamento sexual sem elos com a única mulher que considerava sua amiga verdadeira. Agora, percebia que esse tipo de coisa levava a intimidades que não queria.

Precisava colocar seu relacionamento com Piper em equilíbrio novamente. Amizade e sexo. Nada mais, e certamente nada tão profundo quanto confissões.

– Humm... – Zephyr se alongou sob os dedos delicados, roçando o rosto contra o lençol de baixo e inalando o cheiro de sexo da noite anterior.

– Gosta disso? – perguntou ela com voz rouca.

– Muito. Tem certeza de que você nunca fez curso de massagem?

– É um de meus talentos naturais. – Havia humor naquela voz rouca.

– Sou grato por esse seu talento.

– Assim deveria. Então, eu sou a única pessoa na sua vida com esse talento em particular?

– Nunca perguntei a Neo se ele gosta de fazer massagens.

Piper riu.

– Não posso imaginar essa conversa sua com Neo.

– Nem eu.

– Não há outra mulher em sua vida que saiba relaxar seus músculos assim? Acho difícil acreditar nisso.

Ela estaria sondando? Zephyr nunca lhe perguntara se Piper dormia com outros homens, mas sabia que não. Ele também não tinha o hábito de dormir com mais de uma mulher ao mesmo tempo, mesmo que seus relacionamentos fossem de curta duração.

– Não há outras mulheres na minha vida, pelo menos nenhuma que eu queira em minha cama.

Piper parou o movimento das mãos.

– Eu sou sua única...

A frase ficou suspensa no ar, como se ela não soubesse com que termo se definir, pelo que Zephyr não a culpava. Piper não era sua namorada. Era uma amiga com quem ele compartilhava seu corpo e sua cama. Mas tornou-se óbvio que ela estava sondando.

Zephyr não se importara de lhe dizer a verdade.

– Não faço sexo com outra mulher desde a segunda vez que fizemos amor.

A primeira vez o assustara muito, e ele não tinha medo de admitir isso para si mesmo. Mas, quando percebera que ela o atraía mais do que qualquer outra mulher, decidira apreciar aquilo enquanto durasse.

Porque sexo nunca durava. A experiência lhe ensinara isso. Assim como lhe ensinara que, enquanto amor era quase sempre transitório e você não podia necessariamente contar com a família, uma amizade verdadeira não acabava nunca. Tinha aprendido isso com Neo.

Zephyr esperava que pudesse continuar sua amizade com Piper depois que o relacionamento sexual deles terminasse.

– Eu nunca pedi promessas de fidelidade. – Ela voltara a massagear a parte baixa de suas costas.

– E eu nunca as ofereci. – Porque, graças a Art, ela não acreditaria em tais promessas. – Mas, se você estiver perguntando, eu lhe digo que não estou fazendo sexo com outra mulher no momento.

– Por minha causa?

– Porque sigo uma regra sobre ter uma parceira sexual de cada vez – explicou ele.

– Monogamia em série?

– Sim. Você sabe que nunca fiz promessas, mas, enquanto estou sexualmente envolvido com uma mulher, não procuro liberação em outro lugar.

– Então, você não esteve com mais ninguém desde que começamos a dormir juntos.

– Não desde a segunda vez, quando eu sabia que nós continuaríamos o relacionamento sexual.

– E quanto à primeira vez? – questionou ela.

– Não foi planejada, e eu não tinha certeza se repetiríamos a experiência.

– Mas você decidiu que deveríamos repetir?

– Assim como você.

– Sim.

– Uma vez que percebi que nós iríamos ter uma relação sexual prolongada, parei de procurar isso em outras mulheres. – Ele a olhou seriamente.

– Mesmo quando passamos semanas sem nos encontrar?

– Eu não violo minhas próprias regras, Piper. – Ele não era um adolescente que não podia passar algumas semanas sem sexo. Nem sempre era fácil, especialmente quando eles se falavam ao telefone e seu corpo reagia, mas um homem de verdade sabia como manter o zíper fechado. Zephyr não era como seu pai.

Em nada.

– Certo.

– Sim, *certo* – afirmou ele com ênfase.

Mas duvidou que ela acreditasse, motivo pelo qual nunca fizera promessas de fidelidade durante o relacionamento sexual temporário deles. Arthur Bellingham merecia mais do que a pequena reprimenda que Zephyr havia engendrado para ele.

CAPÍTULO 4

– **E** QUANTO a você? – perguntou ele, decidindo que queria confirmação do que seus instintos lhe diziam ser verdade. – Procura liberação sexual em algum outro lugar quando não podemos estar juntos?

– Não.

– Você também não fez promessas. – Zephyr a lembrou.

– Não, mas você é especial. Nenhum outro homem poderia me satisfazer como você me satisfaz.

– Bom saber. – Arrogante ou não, *ele* não tinha problemas em acreditar nela. – A propósito, esta sua massagem deliciosa vai se transformar em sexual?

Piper deslizou as mãos para o traseiro dele, então o tocou de leve entre as pernas.

Ele já estava excitado, mas a pressão cresceu com os toques suaves em seus testículos.

– Você está em terreno perigoso aqui, *pethi mou*.

– Estou?

Entendendo aquilo como um convite, Zephyr rolou sobre as costas, ofegando com a visão do lindo corpo nu acima do seu.

– Você é tão linda.

– Você é suspeito.

– Acha mesmo, *glyka mou*? Você poderia ter ganhado milhões como modelo.

- Você acabou de me chamar de querida?
- Minha querida. Você está aprendendo grego.
- Só essa palavra.

- Ótimo. - Zephyr não queria que ela soubesse que ele a chamava de *sua mulher* com muita frequência. Piper podia interpretar errado, mas, mesmo se o caso deles não fosse baseado em tolo romantismo, ele era um homem possessivo, e às vezes as palavras *yineka mou* escapavam. Ela era sua, por enquanto.

Ele lhe deu seu olhar mais sedutor.

- Cavalgue em meu corpo?

Os olhos azuis escureceram de paixão.

- Nós temos tempo?

- Sempre. - Eles não tinham hora marcada, mesmo se ela quisesse visitar mais museus do que ele visitava num ano.

Piper não precisou de mais encorajamento, posicionando-se acima da ereção viril.

- Você parece pronto para explodir.

- É como me sinto. - Zephyr cerrou os dentes quando a carne feminina roçou seu membro.

Ela estendeu o braço para pegar um preservativo, e ele a deteve com uma mão entre os seios perfeitos.

- Nenhum de nós teve outro parceiro em quase dois anos. Tive dois atestados de saúde durante esse tempo.

Ele sabia que Piper fazia exames a cada seis meses depois de descobrir sobre as traições de Art, e não se surpreendeu quando ela falou:

- Eu também.

- Então não precisamos do preservativo. - Ela usava adesivo contraceptivo, de modo que não havia preocupação com gravidez também.

- *Sim* - concordou Piper, abaixando o corpo, de forma que a extensão rígida deslizesse para o seu interior.

Piper estava úmida, e seus músculos internos o comprimiram com desejo inegável. Eles se moveram juntos como animais se acasalando; todavia, a

suprema consciência que tinham um do outro não podia ser mais humana. Eles se entreolharam fixamente durante toda a cavalgada selvagem.

Quando Zephyr atingiu um clímax convulsivo, ela estava lá com ele, inclinando a cabeça para trás e gritando seu próprio prazer.

Aquele momento no tempo era a perfeição.

Zephyr surpreendeu a si mesmo apreciando o dia. Embora gostasse de museus, não teria planejado um dia inteiro visitando-os. Contudo, o entusiasmo e a fascinação de Piper eram contagiantes. Essa era a única desculpa que podia dar para o quanto estava interessado, mesmo nas exposições que tinha visto em excursões com outras crianças do lar.

Zephyr recusava-se a usar o termo *órfão*, porque não tinha sido um. Tivera mãe e pai, mesmo que nenhum deles o tivesse aceitado como parte de sua vida.

– É bom ver que os homens gregos não mudaram em todos estes milênios – provocou Piper, quando eles estavam diante da estátua de um homem nu.

– Acho que estou lisonjeado. – A estátua tinha abdome reto, bíceps desenvolvidos e coxas grossas. Todavia, os genitais deixavam a desejar. – Espero que você não esteja comparando certos aspectos de minha anatomia com esta representação modesta.

Ela lhe deu um sorriso irônico.

– Li em algum lugar que os genitais de uma estátua não correspondem à realidade deliberadamente, de modo que o foco possa ser no aspecto estético, em vez de no sexual.

– Ou talvez os únicos homens dispostos a ser usados como modelos artísticos tivessem pênis minúsculos.

Piper deu uma gargalhada, como ele esperava, chamando a atenção das pessoas ao redor deles. O senhor idoso os encarou com seriedade. E uma jovem mulher enviou um olhar raivoso na direção de Piper, mas ele não achou que fosse por causa da risada ou da conversa em si.

A mulher lhe dera olhares encorajadores quando ele e Piper tinham entrado no Museu Nacional, mas Zephyr a ignorara.

Mais uma vez, virou-se de costas para ela e sorriu para sua linda companheira.

– Isso não é algo com que você precise se preocupar quando está em minha cama, certo?

– Você, Zephyr Nikos, é arrogante. E um homem muito, muito malvado. – A voz dela ainda continha humor, e ele quis beijá-la, mas refreou-se.

Beijá-la quando muitas pessoas os olhavam não era uma boa ideia. A Grécia não era como a América, onde casos amorosos podiam ser conduzidos em público. Era um país muito mais conservador.

Isso nunca o perturbara antes, mas queria beijar sua *yineka*. Contudo, recusava-se a embará-la.

Ele a recompensaria por isso quando eles retornassem ao quarto mais tarde.

Na manhã seguinte, Piper tentou organizar seus pensamentos enquanto tomava um banho quente. No dia anterior, ambos tinham admitido fidelidade e concordado em parar de usar preservativos. Ela concordara prontamente, uma vez que quisera a ilusão de uma intimidade mais profunda no que acreditava que fossem os últimos encontros sexuais deles.

Somente mais tarde havia começado a se questionar se aquelas eram ações de um homem que nunca poderia amá-la. No começo, achara difícil acreditar que Zephyr não estivera com outra mulher desde a segunda vez que eles haviam feito amor, mas, conforme o dia passou, Piper decidiu que não permitiria que a traição de Art a fizesse desconfiar de todos os homens para sempre.

Mas, mesmo acreditando na fidelidade de Zephyr, o que isso significava? Ele era capaz de amá-la? Tantas coisas apontavam para uma resposta afirmativa, mesmo quando ele negava a possibilidade.

O momento deles nos museus tinha sido mágico, repleto de risadas e dicas sutis de afeição entre os dois. Os pequenos toques foram construindo o desejo, e, quando eles chegaram ao hotel a fim de se aprontar para jantar, acabaram perdendo as reservas e pedindo um lanche no quarto, mais tarde.

Como ela poderia terminar o relacionamento sexual dos dois sem terminar a amizade? E, mesmo se conseguisse isso, manter tal amizade seria a melhor coisa para seu bem-estar emocional? Como poderia superar seus sentimentos se continuasse a vê-lo?

Mas como poderia parar de vê-lo sem destruir completamente o que restava de seu coração?

Pela manhã, eles haviam feito amor novamente, e o ato fora tão profundo que Piper quase declarara seu amor por ele.

Precisava controlar suas emoções. Ansiava contar-lhe sobre seus sentimentos, mas temia que isso fosse um fardo indesejado. E não podia perder a esperança de que, talvez, se Zephyr percebesse que era seguro amá-la, ela não o trairia como outras o tinham traído no passado, e ele poderia libertar seu coração de uma prisão autoimposta.

Cuidadosamente, Piper deslizou as mãos ensaboadas sobre seu adesivo de contraceptivo. Ou melhor, onde o adesivo deveria estar.

Não, não, não.

Tinha de estar lá. Ela olhou para seu quadril direito, mas tudo que viu foi sua pele suave. Olhou para o outro lado, rezando para que tivesse esquecido de que usara num quadril diferente desta vez. Mas não havia um quadrado cor de pele ali também.

Onde estava? Ela não deveria substituir a dose semanal de contraceptivo até dali a dois dias, e não poderia ficar sem o adesivo por uma semana inteira depois disso.

Oh, Deus. Desesperada, tentou se lembrar da última vez que tinha visto o adesivo.

Estava tão acostumada a tê-lo ali que quase não notava mais. Era sempre cuidadosa no banho, não ensaboando a área diretamente. Perdera um no primeiro mês que estava usando, mas logo aprendera como evitar danificar o adesivo que liberava hormônios para seu corpo.

Tentou buscar imagens dos dias anteriores, mas a última lembrança que tinha de seu adesivo era durante o banho num hotel do Centro-oeste, na manhã antes de pegar o voo para a Grécia. Não, não poderia ter perdido o adesivo no seu primeiro dia em Atenas.

Não teria caído do nada. Mas, então, ela e Zephyr haviam se tocado com desespero naquela primeira vez, fazendo amor depois de longas semanas de separação, não tomando o menor cuidado com as roupas que vestiam,

muito menos com um adesivo atado ao corpo dela. Mas, se Piper o perdesse *então*, eles tinham feito amor diversas vezes sem *nenhum* tipo de proteção.

Sua respiração ficou presa na garganta com a possibilidade muito real do que isso podia significar.

Piper sentiu tontura ao se perguntar o que faria agora. Como poderia abandonar Zephyr se estivesse grávida? Ele acreditaria que ela não havia feito isso de propósito? Abrir mão dos preservativos tinha sido ideia dele, mas se lembraria disso ao se deparar com resultados inesperados?

Ela não queria lhe dizer que gravidez era uma possibilidade, uma vez que, se não fosse o caso, isso causaria estresse desnecessário entre os dois.

Todavia, se não lhe contasse, como explicaria a necessidade do retorno do uso de preservativos? Ademais, mentir por omissão ainda era mentir, não era?

Queria que Zephyr acreditasse que era seguro amá-la, que podia confiar nela com suas emoções e necessidades mais profundas. Como poderia construir essa confiança se lhe escondesse algo tão importante? Era melhor ser honesta sobre o que estava acontecendo.

Ela terminou o banho rapidamente, vestiu-se, prendeu o cabelo num rabo de cavalo e, então, foi para a suíte.

O serviço de quarto acabara de chegar, e Zephyr estava fechando a porta. Virou-se para olhá-la com um sorriso sexy.

– O café da manhã está servido.

– Perfeito. – Ela deveria contar-lhe agora ou esperar até mais tarde?

– Você parece um pouco abalada – comentou ele, observando-a. – Viu uma aranha no banheiro ou algo assim?

– Não. – Ela fez uma pausa. – Mas... bem... hum...

Zephyr parou de remover as tampas das travessas e olhou-a, franzindo o rosto.

– Você está começando a me preocupar.

– Isso pode ser sábio. Ficar preocupado, quero dizer. Todavia, dizem que geralmente leva meses para engravidar depois que você para de usar anticoncepcionais. Não há razão para assumir consequências trágicas por enquanto.

– Do que você está falando? – Zephyr parou, ficando totalmente imóvel. – Falou em *gravidez*? Você está usando adesivo contraceptivo.

– Sim, se estivesse colado em meu corpo.

– É claro que está. Você nunca esquece. – Ele começava a parecer abalado também.

– Eu não me esqueci desta vez, mas o adesivo não está no lugar.

– Como não? – Zephyr se sentou pesadamente. – Seu... você... eu...

– Você soa tão coerente quanto me senti ao perceber que o adesivo tinha sumido. – Na verdade, Piper não se sentia muito melhor agora.

Ele olhou para o espaço por diversos segundos, então meneou a cabeça.

– Eu não me lembro de tê-lo visto. – Zephyr apoiou os cotovelos sobre a mesa e a cabeça nas mãos. – Mas eu também não estava procurando.

– Desde aquele primeiro dia, antes de ontem?

– Eu não teria notado nada naquele momento. Mas não, não vi desde então. – A expressão dele era um misto de medo e culpa. – *Eu não notei*. Você pode me perdoar?

Aquilo não era esperado. Piper antecipara raiva, repreensão, até mesmo horror, mas nunca um pedido de desculpas cheio de culpa.

Ela atravessou o cômodo e ajoelhou-se diante dele, pondo as mãos nas coxas poderosas.

– Não é culpa sua. Eu também não percebi que tinha sumido. Nós estávamos... ocupados no banho ontem, e estou tão acostumada com o adesivo no meu corpo que nem pensei em checar.

– Mas você checkou hoje.

– Notei quando fui lavar a área com mais cuidado.

– Não acredito que eu não prestei mais atenção. E então eu lhe pedi para parar de usar preservativos – murmurou Zephyr com agonia na voz.

Certo, então Zephyr não a culparia, mas ela também não queria que ele se sentisse culpado.

– Somos adultos. *Nenhum de nós* percebeu. O adesivo é minha responsabilidade.

– Isso é o mesmo que dizer que o uso do preservativo deveria ser uma preocupação unicamente minha, e sei que não era assim.

- Não é a mesma coisa.
- Claro que é. Além disso, compartilhar a culpa não vai fazer diferença no fato de que talvez tenhamos de criar um bebê.
- Não há motivo para presumir que estou grávida. Como falei, muitas mulheres levam meses para engravidar depois que param de usar o adesivo.
- Você também chamou uma possível gravidez de tragédia. – Ele não parecia muito feliz sobre aquilo. – Consideraria um aborto?
- O quê? Não, definitivamente não. Isso jamais seria uma opção para mim.

Zephyr pareceu aliviado; porém, não mais feliz.

- Entretanto, você considera as possíveis consequências *trágicas*.
- Eu não quis dizer isso realmente. Se eu estiver grávida, tenho medo do que o fato possa significar para mim, para nós – admitiu Piper, emocionada.
- Eu não sou como meus pais. Entendeu? – Ele falou alguma coisa em grego, depois a encarou com uma expressão assustadoramente séria. – *Não irei abandonar meu filho.*

Isso era algo com que Piper nunca teria se preocupado, mesmo se ele não tivesse falado.

- Eu jamais esperaria que você fizesse isso, mas, por favor, podemos parar de falar como se minha gravidez fosse uma realidade?
- E você? – perguntou ele, ignorando seu apelo.

Ela tentou não se ofender pela pergunta. Na mente de Zephyr, aquela era uma possibilidade para qualquer mulher. Ainda assim, a pergunta a magoou.

- Eu não sou sua mãe. Não preciso dar meu filho para deixar uma vida vergonhosa para trás.
- Quando foi seu último ciclo menstrual?
- Você é especialista em ciclos menstruais agora? – desafiou Piper.
- Não.
- Nem eu. – Ela suspirou em frustração. – Mas sei que mais ou menos no meio do ciclo é o período mais provável para uma gravidez ocorrer.
- E?

Ela estremeceu, desejando que pudesse responder outra coisa.

– Estou bem no meio do ciclo agora.

– Mesmo assim, como você disse, muitas mulheres não engravidam logo depois de usar os adesivos por um período prolongado. Há quanto tempo você usa o seu?

– Comecei a usar com Art e nunca tirei, embora tenha ficado celibatária até a primeira vez com você. Eu gostava da maneira como os hormônios equilibravam meu ciclo mensal.

– Uma quantidade de tempo significativa.

– Sim.

– Então, as chances de você estar grávida são pequenas?

– Acredito que sim.

– Mas não inexistentes.

– Não.

– Você está zangada?

– Zangada? Não. Bem, talvez um pouco irritada comigo mesma. Sinto-me uma tola por não ter prestado mais atenção, especialmente quando paramos de usar preservativos.

– Mas não está zangada com a perspectiva de carregar um filho meu?

– Não. – Ora, Piper estava quase confessando o quanto o amava. Sentia-se cansada de esconder sentimentos tão fortes que não deixavam espaço para mais nada. – Não posso imaginar alguém que eu quisesse mais como pai do meu filho.

Um choque congelou as feições de Zephyr por diversos segundos.

– Você não está falando sério.

– Eu não minto.

– Não, você não mente. Não mais do que eu.

Aquilo era algo no que ela ainda estava tentando acreditar. Mas não lhe diria isso. Porque *Zephyr* nunca fizera nada para ganhar sua desconfiança.

– Suponho que um magnata bilionário seria uma escolha admirável como pai de seu bebê – disse ele.

Ela o fitou com raiva.

– É mais do que isso. Eu não olho para você como um vale-refeição, Zee.

E era melhor que ele entendesse isso agora, ou eles iriam ter mais problemas do que uma possível gravidez não planejada.

Zephyr franziu o cenho.

– Você nunca me chamou de Zee antes.

Às vezes, ele focava nas coisas menos importantes.

– Ouvi Neo o chamando assim. – Mas ele estava certo. Por alguma razão, acreditar que pudesse estar grávida do filho de Zephyr a fez se sentir mais confortável com a intimidade casual.

– Sim.

– Se você não gosta, eu não farei isso de novo.

– Eu não me importo.

– Ótimo. Humm, precisamos traçar um plano.

– Você precisa tomar café da manhã.

Ela precisava de tempo para pensar.

– Você também.

– Então vamos comer. – E, por incrível que parecesse, eles conseguiram fazer isso sem mais discussões sobre as possíveis consequências de uma gravidez.

Estavam a caminho de Sounion antes que Zephyr mencionasse novamente as revelações perturbadoras daquela manhã.

– Então, um plano – disse ele, enquanto dirigia ao longo da costa.

– Nós deveríamos voltar a usar preservativos até sabermos se estou grávida. – Piper havia percebido, durante suas reflexões, que não queria pensar na perspectiva de uma criança. O bebê dele. Crescendo dentro de seu corpo.

No dia anterior, estivera pensando em se despedir de Zephyr para sempre, e agora se encontrava diante da perspectiva de nunca poder fazer isso, mesmo se eles parassem de fazer amor.

– Sim.

– Eu não quero colocar outro adesivo, caso eu esteja grávida, mesmo sendo improvável, mas devemos definitivamente usar preservativos. – Não queria arriscar machucar um bebê que provavelmente nem existia.

– Você mencionou esse ponto diversas vezes.

- Mencionei?
- Sim.
- Desculpe.
- Está tão perturbada assim pela ideia de estar grávida de um filho meu?
- Nós já discutimos sobre isso.
- Então, pela perspectiva de estar grávida? – Ele a fitou intensamente antes de voltar os olhos para a estrada.
- Minha firma de design está em fase de expansão. Ter um bebê vai mudar tudo, inclusive quanto tempo poderei passar trabalhando. – Essa era a única preocupação que iria vociferar para ele no momento.
- E isso a preocupa?
- Um pouco – admitiu Piper. – Mas estou disposta a reorganizar minhas prioridades. Nenhum filho meu vai pagar pelas escolhas dos pais.
- Como você sente que pagou pelas escolhas dos seus?
- Até certo ponto, porém um pouco mais.
- Eu não posso discordar. – Zephyr deu um sorriso triste.
- Não estou lhe pedindo que discorde.
- Que bom.
- Detesto isso – exclamou Piper de repente.
- O quê?
- Como estamos formais um com o outro. Estávamos mais próximos do que nunca, e agora isso.
- Nós somos amigos – disse ele, franzindo o cenho. – Mesmo se você estiver esperando um filho meu, isso não vai mudar.
- Nós somos mais do que amigos, Zee. Pelo menos, aceite isso.
- Como assim?
- Não se faça de desentendido. Isso é inconveniente, sem mencionar que evidencia falta de confiança.
- Não estou me fazendo de desentendido. – Ele parecia ofendido, o tom de voz raivoso.
- Sinto muito. – Piper olhou pela janela, lutando contra súbitas lágrimas.
- Eu não pretendia ser arrogante com você.
- Obrigado.

– Em algum lugar ao longo do caminho, paramos de ser somente amigos com benefícios. Pelo menos é o que eu sinto.

– Você prefere o termo *amantes*? – perguntou Zephyr.

– Isso seria um começo. – Não tudo que ela queria, mas pelo menos um começo.

– Mas amantes nunca são permanentes na minha vida. – O tom de voz de Zephyr informava-a de que aquela era uma preocupação genuína de sua parte.

– Faça de mim a exceção.

– Eu não sei se posso. – Zephyr suspirou. – Contudo, se você estiver grávida, nenhum de nós terá escolha.

A penúltima coisa que Piper queria era estar na vida dele por ter sido negligente. A última era estar fora da vida dele completamente. E o que isso dizia sobre seus planos de abrir mão do que eles tinham antes de se machucar ainda mais?

– Eu não quero que seja assim.

– Nem sempre temos o que queremos.

Ela pensou nas muitas vezes que tivera de se mudar de cidade contra sua vontade. Então, lembrou-se do quanto se sentira impotente diante da infidelidade constante do ex-marido.

– Isso é verdade.

Zephyr respirou fundo antes de dar um sorriso largo.

– Então, por hoje vamos esquecer que você pode estar grávida.

– E prestes a perder meus sonhos? Certo, eu posso fazer isso.

O maxilar de Zephyr enrijeceu, mas ele ignorou o comentário dela.

– Vamos para Sounion brincar de turistas, depois pegaremos o helicóptero lá, como planejado, e voaremos para a ilha no fim da tarde.

– Nós faremos amor esta noite?

– Você quer marcar uma hora? – brincou ele.

– Só quero saber se você já não decidiu que se cansou de mim.

– Como pode até mesmo sugerir isso?

– Foi você quem falou que... oh, esqueça. Vamos nos focar no presente. Não no passado e nem no futuro.

– Certo.

E, de alguma maneira, eles conseguiram fazer isso, embora Piper tivesse de dar a maior parte do crédito a Zephyr. Toda vez que ela começava a se preocupar, ele parecia saber... e saber exatamente como desviar sua mente.

CAPÍTULO 5

DO AR, a vista da nova aquisição de Zephyr e Neo era incrível. Piper não teve problema em imaginar a pequena ilha grega como um oásis para os hóspedes do resort. Diferentemente das muitas ilhas rochosas que pontilhavam a costa marítima da Grécia, aquela paisagem era coberta por gramados e árvores. Havia um grande bosque de olivas e o que parecia ser um pomar cítrico.

Eles sobrevoaram o vilarejo de pescadores, vendo as tradicionais casas brancas com telhados vermelhos. Os barcos na água ao longo do cais pareciam pitorescos em sua simplicidade.

Um círculo pintado com linhas direcionais aproximadamente a duzentos metros da casa no topo de um penhasco com vista para o mar devia ser o destino de aterrissagem deles. Piper esperava uma faixa de aterrissagem para pequenos aviões e ficou surpresa com o heliporto, comentando isso com Zephyr enquanto eles andavam para a casa.

Um jovem que se apresentou como neto da governanta insistiu em levar a bagagem deles num carrinho.

– O patriarca prefere viajar pelo mar, mas os filhos dele insistiram num transporte mais rápido pela terra firme. – Zephyr respondeu ao comentário dela. – Quanto ao motivo de um helicóptero em vez de um avião, eu não sei. Talvez por não querer escavar o terreno para construir uma pista de decolagem reta o bastante para servir a um avião.

– Nós faremos a escavação, certo? Afinal, hóspedes vão querer a possibilidade de voar para cá.

Zephyr meneou a cabeça em negação.

– O foco do resort, spa, será de total relaxamento. Vai começar com o trajeto num iate de luxo, partindo de terra firme. Podemos participar da semana de inauguração juntos – acrescentou ele, enquanto abria a porta da frente.

Uma senhora grega os recebeu do lado de dentro, antes de dar instruções para o neto, que seguiu com o carrinho para a lateral da propriedade.

– Os jovens esquecem as prioridades – disse ela num inglês perfeito, com sotaque charmoso. – Talvez este *devesse* ser pescador.

– Haverá muitos empregos para aqueles dispostos a trabalhar tanto na construção como no próprio resort, depois que estiver completo.

– O senhor dará chance para os locais? – perguntou a mulher, esperançosa.

– Sim – replicou Zephyr. – Não queremos que os residentes da ilha se sintam desconectados com o resort. A participação deles no empreendimento é essencial.

Sorrindo, a governanta os conduziu para uma enorme sala de estar, com uma vista magnífica. A parede de frente para o mar tinha janelas tão grandes que parecia feita de vidro.

– Vocês gostariam de refrescos? – ofereceu ela.

– Seu antigo empregador se gabava da limonada feita com a fruta da região.

Parecendo satisfeita pelo pedido, a governanta assentiu.

– Mandarei uma menina com uma bandeja.

– Obrigado. O sr. Tilieu foi informado de nossa chegada? – perguntou Zephyr.

– Sim, senhor – respondeu a mulher grisalha antes de se retirar.

– Lindo, não é? – Zephyr perguntou para Piper.

– Absolutamente maravilhoso. Eu poderia passar horas olhando por estas janelas.

Ele se aproximou e parou ao seu lado, sem tocá-la.

– É hipnotizante. O pôr do sol será espetacular.

– Nós poderemos assistir?

– Se esse é o seu desejo.

– Você tem sido muito generoso comigo nesta viagem. – Todavia, desde que compartilhara seu passado com ela, ele vinha mantendo certa distância. A descoberta daquela manhã não tinha alterado tal distância, apesar de outras pequenas mudanças no comportamento de Zephyr.

– Você merece um pouco de mimo.

– Não vou reclamar, então.

– Ótimo. Falando em mimo, quer participar da grande semana de inauguração comigo?

– Não tenho dúvida de que você estará aqui para a inauguração, mas duvido que seja para o relaxamento que o resort vai oferecer.

– Mesmo assim, vou mimá-la. – Ele a assegurou.

– E quanto a você? Não acha que precisa de um pouco de mimo?

– Irei me beneficiar dos serviços do spa.

– Para checar o padrão de qualidade, suponho.

– E daí?

– E daí que você é viciado em trabalho – esclareceu Piper.

– Assim como você.

– Eu adoro minha profissão. – Mas ela não era viciada em trabalho. Assim que seu negócio estivesse estabelecido, pretendia organizar seus horários e abrir espaços para outras coisas. – Mas nunca pretendi que isso fosse tudo na minha vida.

– Então, por que você disse que a perspectiva de maternidade destruiria seus sonhos?

Chocada pelo modo como ele interpretara suas palavras mais cedo, ela defendeu-se:

– Eu não quis dizer minha profissão.

– O que você quis dizer, então?

– Não quero discutir isso no momento. – Não seria nada bom para nenhum deles falar sobre o sonho de Piper de construir uma vida com um homem que a amava... e o sonho de que esse homem fosse Zephyr.

Antes que ele tivesse a chance de dizer algo, uma voz veio de trás.

– Vocês chegaram. Finalmente.

Os dois se viraram para encarar um negro atraente.

Zephyr estendeu a mão.

– Ah, Jean-René. Prazer em vê-lo.

Ele voltou-se para Piper.

– *Pethi mou*, este é nosso arquiteto, Jean-René Tilieu. Jean-René, esta é Piper Madison, nossa designer.

O sorriso de Jean-René era cheio de charme, quando ele se inclinou sobre a mão estendida de Piper, em vez de apertá-la.

– Um prazer imenso, *mademoiselle*.

– *Merci*. Estou ansiosa para trabalhar com você. Acho seu trabalho inspirador e impressionante.

– Ah, você sabe como elogiar um homem, *non?*

Zephyr deu um passo à frente e passou o braço ao redor da cintura de Piper.

– Piper não elogia. Ela sempre fala a verdade.

Jean-René deu uma olhada especulativa para os dois.

– Então estou duplamente honrado pelo elogio, *mademoiselle*.

– Piper, por favor.

– Esse é um nome interessante, *n'est-ce pas?*

– Recebi o nome em homenagem a um dos mentores de meu pai no exército. – Ela o informou.

Zephyr a olhou.

– Você nunca me contou isso.

– É um pouco embaraçoso ser nomeada como um sargento que mascava tabaco e usava armas com o mesmo entusiasmo.

– Mas Piper é um nome feminino, *non?* Esse sargento que mascava tabaco é mulher? – perguntou Jean-René.

Piper riu.

– Não, *Pipes* é o apelido dele, e nunca perguntei de onde veio.

– *Très bien*. – Jean-René voltou-se para Zephyr: – Quer começar a discutir as ideias iniciais durante o jantar ou esperar até amanhã?

Zephyr olhou para Piper.

– O que você acha?

Por que ele estava lhe perguntando? Talvez aquilo fosse sobre assistir ao pôr do sol.

– A sala de jantar é deste lado da casa?

– Não, mas podemos comer aqui – replicou Zephyr.

– *Mais oui*, a vista do sol se pondo é *magnifique*. Vi os raios mais gloriosos ontem quando cheguei.

– Então está decidido. – Ela se dirigiu para a escada. – Estou pronta para começar hoje. Qual é o meu quarto?

– Pedi para a governanta nos colocar na suíte principal – declarou Zephyr seriamente, desafiando-a a discordar.

Como se ela fosse discordar. *Adorava* dormir com ele.

– Eu o vejo lá em cima, então.

Piper logo descobriu onde era a suíte principal, pois havia uma empregada guardando as roupas deles no armário.

A enorme cama de quatro pilastras era coberta com uma colcha branca bordada. Portas francesas levavam a um terraço no segundo andar que rodeava a casa. O armário, penteadeira, e criados-mudos eram de madeira maciça e escura. O quarto era obviamente masculino, mas ela gostava. Muito.

Piper removeu o casaquinho que usava sobre um vestido azul-claro e colocou-o sobre uma das grandes poltronas gêmeas posicionadas diante de uma lareira de pedra pronta para ser acesa.

Interessante. Se o clima da região permitisse, falaria com Jean-René sobre colocar lareiras nas áreas principais do resort.

– Perdão, mas você fala inglês? – Ela perguntou para a criada, que agora estava pondo as malas vazias embaixo da cama enorme.

– Sim.

– Ótimo, porque meu grego é inexistente.

A jovem sorriu.

– Você é americana, sim?

– Sim. Temos noites frias o bastante aqui para acender o fogo?

– Algumas. Não muito frias, mas o fogo é aconchegante.

– Entendo. – Piper sorriu. – Obrigada.

– De nada.

– Quando o sr. Nikos deu instruções para que nós compartilhássemos um quarto? – Piper se sentiu ridícula perguntando, mas, por alguma, razão *precisava* saber.

A moça não hesitou em responder:

– Eu não sei. Na segunda-feira, a governanta me disse para aprontar este quarto para *Kyrie* Nikos e sua convidada.

Então ele planejara compartilhar um quarto o tempo todo. Não que eles escondessem seu relacionamento sexual, mas Zephyr era normalmente mais cauteloso no ambiente de trabalho. Aquela atitude a confundia.

Antes dessa manhã, ele não a considerara no papel de mãe dos seus filhos. Também deixara claro que não pretendia ter um relacionamento permanente com ela. No entanto, tudo isso mudaria se ela estivesse grávida. Piper não tinha dúvidas quanto a isso.

Se estivesse carregando o bebê de Zephyr, ele insistiria no casamento, querendo um papel integral na vida do filho.

Piper apenas não tinha certeza sobre o que *ela* queria fazer sobre isso.

Zephyr encontrou Piper sentada numa espreguiçadeira no terraço do quarto deles.

– Cansada, *pethi mou*?

Ela olhou para cima.

– Não. Eu estava só pensando, tentando entender as coisas e ficando mais confusa no processo.

– Quer conversar sobre isso?

– Não desta vez.

Zephyr percebeu que não era essa a resposta que queria.

– Você gosta da casa?

– Muito. Mas *casa*? Parece mais uma *mansão*. Quantos quartos este lugar tem?

– Doze. Quatro deles são suítes grandes como esta.

– Então, como você sabe que esta é a principal?

- Como você soube?
- A empregada estava desfazendo nossas malas.
- Só por isso?
- Por causa da cama também, que não poderia estar em nenhum outro quarto, exceto no principal.
- Exatamente. – Ele moveu-se para parar na frente dela, estendendo uma mão, a qual Piper pegou. – Fico satisfeito que não precisamos derrubá-la. – Às vezes, eles não tinham escolha senão destruir para construir alguma coisa nova. Felizmente, desta vez não era necessário.
- A casa vai fazer parte do resort? – perguntou Piper.
- Zephyr a colocou em pé, sentou-se no seu lugar, então a puxou para seu colo.
- No começo, eu pensei que sim, mas cada vez que venho me torno mais apegado ao lugar. Neo também gosta da casa. Acho que podemos mantê-la para nosso uso pessoal, mas ele terá de achar sua própria suíte, porque eu vou ficar com esta.
- Sério?
- Por que a surpresa? Nós concordamos que a cama é perfeita.
- Não foi isso que eu quis dizer. Não imagino nenhum de vocês dois relaxando o bastante para aproveitar isso.
- Neo vai se casar. Eles terão filhos. Este é um bom lugar para trazer crianças. O resort irá apenas torná-lo melhor. Cass gosta de viajar, mas prefere residências privadas a hotéis.
- Isso faz sentido.
- E você? Pode se imaginar passando férias aqui de vez em quando?
- Piper suspirou, descansando a cabeça contra o ombro dele.
- Facilmente. Se eu possuísse uma propriedade como esta, eu não resistiria a *morar* aqui – murmurou ela em tom nostálgico. – Não sei como os donos anteriores resistiram.
- Como você administraria seus negócios daqui?
- Pensei que devaneios não precisassem ser práticos.
- Conte para mim. – Zephyr circulou-lhe a cintura com ambos os braços, apreciando o momento relaxante de proximidade.

– Com internet, um telefone confiável e um fax, eu poderia administrar meus negócios de qualquer lugar.

– Isso iria requerer muitas viagens. – Especialmente se ela continuasse trabalhando em período integral.

– Eu viajo muito agora.

Ele não sabia disso? Mas entendia o desejo de Piper de morar ali.

– Às vezes esqueço como gosto do sol, mas alguns dias na Grécia e estou viciado no céu azul novamente.

– Não temos céu azul com muita frequência em Seattle. – Ela suspirou. – Talvez eu devesse ter ido para a Califórnia quando deixei Nova York.

– Não, nós não teríamos nos conhecido.

– Talvez você estivesse melhor agora.

O quê? Ele achava que não. Zephyr a mudou de posição, de modo que os olhos deles se encontrassem, e viu perturbação nos olhos azuis.

– Está tentando insinuar que nossa amizade foi prejudicial para mim de alguma maneira?

– Bem, eu não sou a mulher que você visualiza como a mãe de seus futuros filhos. – A voz dela ecoou com sofrimento inesperado.

– Eu não pensei seriamente em quem poderia ser. – Ele a considerara naquele papel antes que eles comessem a fazer sexo. Admirava o caráter de Piper, exceto pelo traço romântico que nem o casamento destruído dela fora capaz de curar.

– Mas você não teria me considerado.

– Você está certa. – Pelo menos essa tinha sido sua determinação final.

Ela virou a cabeça, mas não antes que Zephyr visse os olhos azuis brilhando com tristeza.

Oh, não. Lágrimas não iam cair. Gentilmente, ele virou-lhe o rosto.

– Não porque eu não a considere adequada, mas porque eu sabia que você nunca aceitaria uma... como chamou meus planos de casamento? *Uma fusão comercial.*

– Por que teria de ser uma transação comercial entre nós dois?

– O que mais poderia ser?

– Amor.

– Amor? – Eles já não tinham discutido aquilo? – Qualquer propensão para amar que eu possa ter tido um dia não existe mais. Mesmo se existisse, amor nem sempre dura. Laços sanguíneos também não contam muito.

– Então, não resta nada além de negócios?

– Amizade verdadeira pode durar – admitiu ele.

– Como sua amizade com Neo.

– Sim.

– Ele é a única pessoa em sua vida que nunca o decepcionou?

– Num nível pessoal? Sim. – Zephyr roçou-lhe os lábios com o polegar. – Na verdade, não. Você também nunca me decepcionou.

– Até esta manhã.

– Você não me decepcionou.

– Como pode dizer isso? – questionou ela.

– É verdade. Nós concordamos em dividir a culpa, lembra?

Piper deu um sorriso fraco, mas pelo menos não estava mais à beira das lágrimas.

– Isso não foi uma concordância, mas sim uma declaração sua de culpa.

– Eu estou certo.

– Você é tão arrogante. O pior é que acho isso charmoso. – Ela meneou a cabeça. Então perguntou: – Se você valoriza tanto a amizade, acha que um casamento baseado em amizade fracassaria?

– Eu não falei que acho que um casamento entre nós fracassaria, mas *fracassaria* em fazer você feliz. – E, por isso, ele tinha decidido contra a ideia.

– Por quê? Você planeja dormir com outras mulheres?

– Não. Eu poderia lhe dar fidelidade. Todavia, não poderia lhe dar algo que você também valoriza em demasia. – Muito antes da discussão deles no jantar da outra noite, Zephyr soubera que Piper ainda sonhava em ser feliz para sempre com seu príncipe encantado.

Ele estava longe de ser um príncipe, e amor não estava nem nunca estaria nos seus planos.

– Estamos falando sobre amor de novo, não é?

– Sim. Honestamente, pode dizer que consideraria uma proposta de casamento sem amor?

Ela desviou os olhos, meneando a cabeça em negação.

– Como eu pensei.

– Então, para onde isso nos leva?

– Não sei. – Se Piper estivesse grávida, ele tentaria convencê-la a aceitar sua proposta, independentemente de seus sentimentos.

Se Piper carregasse um filho dele em seu ventre, ambos teriam de abrir mão de seus sonhos, a fim de fazer o melhor pela criança.

Zephyr nunca permitiria que um filho seu não tivesse certeza absoluta de seu lugar na vida. Diferentemente de seus pais, Zephyr Nikos consideraria seu papel de pai o mais importante de todos.

Não sabia como ser pai, mas aprenderia com a experiência. Poderia consultar especialistas em desenvolvimento infantil, ler os melhores livros sobre o assunto e fazer tudo que fosse necessário para ser o melhor pai possível.

Zephyr nunca fazia coisas pela metade, e ser pai não seria exceção.

– Eu não quero fazer um exame de gravidez comprado em farmácia – disse Piper, após vários momentos com a cabeça descansando no ombro dele.

– Então, quando voltarmos a Seattle, marcaremos hora no seu médico. Só precisamos ficar aqui três dias.

– Vai parecer uma eternidade.

Ele não podia discordar.

O EMPREITEIRO chegou na manhã seguinte e, eles se mantiveram ocupados com planos preliminares. Jean-René flertou descaradamente com Piper, fazendo-a sorrir quando uma expressão preocupada preenchia-lhe os olhos.

Zephyr não se preocupou com o outro homem, sabendo que ele adorava a esposa francesa e jamais consideraria traí-la. Além disso, Zephyr deixara bem claro que ele e Piper estavam juntos.

Na última noite, eles subiram a escada após uma discussão durante o jantar sobre construir o resort principal perto da propriedade atual, ou mais

perto da praia, ao norte da ilha. Piper estava a favor da praia, mas o empreiteiro gostava da ideia de tirar vantagem do acesso à água e eletricidade já existentes.

Jean-René bancara o advogado do diabo, argumentando contra e a favor de cada um dos locais.

Zephyr tinha tomado a decisão final, escolhendo o cenário em frente à praia. Os hóspedes apreciariam o fácil acesso ao oceano, e a vista também era magnífica. Além disso, o local daria privacidade a ele, Neo e suas futuras famílias quando eles estivessem na ilha.

– Ele me lembra Art, só que de maneira diferente – comentou Piper.

– Quem, o empreiteiro?

– Jean-René. Ele flerta. O tempo todo, mas não há ardor sexual por trás dos flertes.

– E com Art havia.

– Sim. Ele me acusava de ter ciúme infantil, mas, após ver Jean-René em ação, posso dizer que a intenção atrás do flerte faz toda a diferença.

– Sim, Jean-René é francês. Ele flerta com uma avó de 90 anos como flertaria com uma modelo de passarela.

Piper assentiu.

– O objetivo é fazer uma mulher sorrir sem fazê-la se sentir como uma presa sexual.

– Art não entendia a diferença?

– Como poderia? Quase qualquer mulher para ele *era* uma presa sexual.

– *Eu* não flerto. – Ou melhor, só flertava com intenção, e, desde que ele e Piper tinham começado o relacionamento, não houvera outra mulher que ele quisesse seduzir.

Ela riu e o abraçou, no meio da escada.

– Não, você não flerta.

Zephyr apreciou o abraço espontâneo. Embora nunca se afastasse das demonstrações de afeto, ela estava mais relutante em oferecer as suas desde que eles haviam chegado à ilha. Talvez porque ele fugisse de assuntos pessoais. Será?

Ele apenas não via necessidade de discutir o futuro deles, quando não sabiam se existia uma gravidez ou não. Zephyr também resistia a falar mais sobre seu passado. Estava acabado e ponto final.

Ele a seguiu para o quarto e fechou a porta.

– Está pronta para retornar a Seattle amanhã?

Abrindo a cortina, Piper levou alguns segundos para responder:

– Não sei.

– É difícil ir embora daqui. – Ele começou a se despir.

– Mas eu quero saber.

Zephyr não precisou perguntar o que ela queria saber. Uma única coisa a preocupava no momento.

Parte dele, uma grande parte, se fosse honesto consigo mesmo, *queria* que Piper estivesse grávida. Então poderia ser egoísta e pedi-la em casamento, apesar da falta de amor entre os dois. Seria o melhor para o bebê, e ele acreditava que ela pensava do mesmo modo.

Ele segurou-lhe os ombros, acariciando-lhe a nuca com o polegar.

– Tenho algo mais interessante em mente do que uma vista escura.

Piper virou-se para olhá-lo.

– Tem?

– Você duvida?

Ela apenas balançou a cabeça e esperou. Esperou que ele a beijasse, que a tocasse, que lhe mostrasse que, pelo menos naquilo, eles encontravam perfeição.

E foi exatamente o que Zephyr fez.

Piper voou com Zephyr para Seattle no avião particular dele. Quando aterrissaram, descobriu que ele já tinha marcado uma hora no médico dela para a manhã seguinte. Era incrível ter conseguido um horário com tanta rapidez. Mas Zephyr movia céus e terra quando queria alguma coisa.

Ele passou a noite no apartamento de Piper. Eles não fizeram amor naquela noite, mas ele a abraçou no escuro, protegendo seus sonhos e causando-lhe uma sensação de segurança.

– Ligaremos amanhã com o resultado – disse a enfermeira, depois do exame de sangue de Piper.

– Obrigada – murmurou Piper. – O médico tem meu celular, certo?
– É claro. Acho que nunca conseguimos encontrá-la em nenhum de seus outros números.

– Eu viajo muito.

– Isso deve ser bom. – A enfermeira pôs o frasco com sangue dentro de um envelope vermelho.

– Pode ser. – Logo que havia se mudado para Seattle, ela adorava viajar, mas, depois que começara seu relacionamento com Zephyr, sentia falta dele quando estava fora. – Pode ser exaustivo, às vezes.

– Bem, se o exame der positivo, pode contar com maior exaustão ainda – murmurou a enfermeira com uma careta.

O que ela poderia responder? Piper preferia focar no lado positivo da gravidez... se existisse algum.

– Bem.... adeus.

– Até breve.

Piper não sabia quanto àquilo. Raramente ia ao médico, exceto para os exames anuais de rotina. É claro, se estivesse grávida, isso iria mudar, não iria?

CAPÍTULO 6

ZEPHYR A estava esperando quando Piper saiu.

– Como foi?

– Uma picadinha, um pequeno esparadrapo e acabou. – Parecia um procedimento muito simples para descobrir algo monumental.

– Eles saberão amanhã?

– Foi o que a enfermeira falou.

Ele pegou-lhe a mão e a conduziu para o lado de fora. Estava um dos raros dias ensolarados de Seattle.

– Estou feliz por não estar sozinha, o que faz com que eu me sinta muito fraca – admitiu ela.

– Você está enfrentando a possibilidade de uma grande mudança de vida. Isso trás certa insegurança, mas você não é fraca.

Piper sorriu e apertou-lhe a mão.

– De qualquer forma, que bom que você está aqui. – Mesmo que ela tivesse pedido, em vão, para ele não a acompanhar.

– Estou feliz por estar aqui.

– Você precisa ir ao escritório hoje? – perguntou ela, quando eles se acomodaram no Mercedes.

– Não, mas prometi jantar com Cass e Neo esta noite.

– Oh, tudo bem. – Piper forçou um sorriso. – Se você puder me deixar no meu apartamento, eu dirijo para o escritório de lá.

Ou poderia fechar as janelas, assistir a um DVD e tomar aquele sorvete de chocolate que estava no freezer. Era sua própria chefe. Se quisesse um dia de folga para mergulhar em tristeza, poderia ter.

– O jantar é só de noite, e eu estava esperando que você fosse comigo.

– Oh.

– Não pretendo deixá-la sozinha, pensando em coisas tristes.

Ele a conhecia muito bem.

– Quem falou alguma coisa sobre pensar em coisas tristes?

– Somos amigos há anos.

– E isso faz de você um leitor de mentes?

– Bem que eu gostaria. – Zephyr sorriu. – Mas eu a conheço.

– Sim, é verdade.

– Então, jantar com Cass e Neo?

– Claro. – Ela olhou pela janela. – Sabe que Cass e eu não nos conhecemos ainda?

– Eu sei. Está na hora.

– Porque eu posso estar grávida?

– Porque você é minha amiga, e eles também são – explicou ele.

– Portanto, devemos todos nos conhecer?

– Naturalmente.

– Sua arrogância está em evidência de novo – provocou Piper.

– Mas, lembre-se, você acha isso charmoso.

– Que bom para você.

– Precisa trabalhar hoje? – Zephyr perguntou desta vez.

– Eu poderia fazer algum trabalho antes que seu projeto tome todo o meu tempo.

– É isso que você quer fazer?

– Não.

– Então?

– Que tal tomarmos um café gelado? – Ela poderia consumir cafeína se estivesse grávida? – Talvez descafeinado.

– Podemos passar num *drive-through*.

– Por que não paramos em algum lugar? – perguntou Piper.

– Porque alimentei sua obsessão de museus em Atenas, e hoje é seu dia de alimentar a minha.

– Você quer ir a museus?

– Tenho outras obsessões – replicou Zephyr, enquanto parava o carro diante da janela lateral do Café.

– Tem? Além de ganhar dinheiro? Eu não sabia.

– Certo. Você é provavelmente a única pessoa no mundo, além de Neo, que sabe que isso é uma mentira. – Ambos fizeram o pedido, então ele lhe deu um olhar significativo. – Você é uma dessas obsessões.

– Você está se tornando muito persuasivo, sabia?

O jovem do guichê pigarreou e entregou os drinques a Zephyr.

Zephyr voltou para a estrada.

– Mas você não é meu único interesse.

– Ainda bem que você me transformou de uma obsessão num *interesse*.

– Eu gosto de peixes.

– Eu notei. – Os olhos azuis de Piper questionavam para onde aquela conversa estava indo. – Você come peixe com mais frequência do que carne e frango.

– Não de comer. De ver.

– Você quer ir ver um show de baleias? – adivinhou ela.

– Não hoje. Eu estava pensando no aquário. – Aquilo não era o que Piper esperava ouvir.

– Quer ir ao Aquário de Seattle... mas isso é para crianças.

– *Eu* não acho que seja.

– Já esteve lá?

– Diversas vezes.

Inacreditável.

– Não acredito.

– Vou lá quando preciso de um lugar para pensar. Olhar os peixes pode ser muito tranquilizante.

– Mesmo com todas aquelas crianças em volta?

– Eu gosto de ver famílias felizes.

Em algum momento no meio do caminho, Zephyr se tornou convencido de que Piper estava grávida, apesar da pequena probabilidade estatística, depois de anos usando adesivos contraceptivos. Por conseguinte, precisava convencê-la de que um casamento era uma boa opção para o futuro dela, mesmo sem amor.

Ele não lhe daria seu amor, mas percebeu que poderia lhe dar mais de si mesmo. O fato de ter lhe contado sobre seu passado acabara se tornando uma tática brilhante de sua parte, percebia agora. Piper precisava se sentir emocionalmente conectada com as pessoas de quem gostava. Zephyr vira os efeitos que sua confissão causara nela.

Ela se aproximara mais, mesmo não querendo demonstrar isso. Com o futuro do bebê em jogo, ele daria a Piper uma conexão mais forte, apesar do fato de não ter intenção de colocar-se vulnerável ao amor romântico, mesmo que fosse capaz de tal emoção.

Ir ao aquário não era nada tão romântico, mas Piper teria um vislumbre da vida que Zephyr não compartilhava com outros. Seus instintos lhe diziam que compartilhar esse hábito com ela ajudaria a convencê-la de que eles poderiam ter um casamento forte o bastante para criar filhos.

Piper gostou do aquário mais do que pensou que gostaria. Porém, o que achou mais intrigante foi ver o jeito como Zephyr observava as outras pessoas lá. Certamente ele não tinha ideia do quanto sua expressão revelava do seu interior. A boca bonita se curvava em meio sorriso cada vez que uma criança produzia um som entusiasmado para a mãe ou para o pai.

Ele observava os pequenos com um sorriso sonhador, e olhava para as famílias com expressão nostálgica.

– Você realmente gosta de estar aqui, não é? – perguntou Piper, na seção de peixes exóticos.

– Muito. – Zephyr olhou ao redor. – Todos aqui têm vidas normais.

– Você tem uma vida normal. Agora.

– Tenho?

– Sim, é claro – disse ela.

– Sou um magnata viciado em trabalho que passa a maior parte do tempo ganhando dinheiro e criando lugares para que outras pessoas aproveitem.

– Então, passe mais tempo apreciando esses lugares.
– Sozinho?
– Você não está sozinho agora. – Se ela não o conhecesse bem, poderia pensar que ele almejava uma família.
– Não, eu não estou.
– Isso faz você feliz, Zephyr?
– Sim, gosto de estar aqui, num de meus lugares favoritos, *com você*.
– Isso é especial. – Ele estava compartilhando com ela. Piper aproximou-se e beijou-lhe o canto da boca. – Obrigada.

Eles deram um passo ao lado quando um garotinho passou correndo, seguido pelo irmão, e por uma mulher que gritava para que eles fossem devagar.

Ela sorriu para eles.

– Desculpem. Eles estão loucos para ver o show da lontra.

Zephyr inclinou a cabeça.

– Sem problemas. Você tem sorte por ter filhos tão ativos.

A mulher sorriu antes de se apressar atrás dos filhos.

– Você realmente quer filhos, mais do que apenas para ter alguém para quem deixar sua riqueza. – Como ela podia não ter percebido aquilo?

Ele a fitou, os olhos escuros repletos de um anseio sincero.

– Sim.

Distraída de todos ao redor, Piper estendeu os braços e segurou-lhe o rosto nas mãos.

– Você será um pai maravilhoso.

– Espero sinceramente que sim.

Cass estava usando um lindo vestido, quando abriu a porta do apartamento de Neo para Zephyr e Piper mais tarde naquela noite.

Ela sorriu para Zephyr e puxou-o para um abraço.

– Há quanto tempo! Como estava a Grécia?

– Quente e maravilhosa.

– Então teve realmente tempo de notar? Quando Neo me disse que você iria tirar alguns dias de férias antes de ir para a ilha, quase desmaiei, mas fico contente.

– Ei, eu sou quase tão ruim quanto meu sócio.

– Somente um robô trabalha tantas horas e feriados como Neo trabalhava antes que nos conhecêssemos, mas ele está a caminho da cura. – Cass voltou-se para Piper. – Por favor, diga que você está ajudando Zee a se curar também. Ele precisa de alguém para isso.

– Não responda – exigiu Zephyr, então falou: – *Yineka mou*, esta é a noiva de meu melhor amigo, Cassandra Baker, pianista e compositora renomada mundialmente. Cass, esta é Piper Madison, designer brilhante e uma boa amiga minha.

Cass arqueou as sobrancelhas e Zephyr percebeu seu erro de ter chamado Piper de *yineka mou*. Sem dúvida, Neo já lhe contara a tradução e as implicações associadas com o termo. Implicações com as quais ele estava se tornando cada vez mais confortável.

Cass pegou as mãos de Piper nas suas.

– Então, você o *está* ajudando.

– Começo a pensar que sim. – Piper o fitou pelo canto de olho. – Bons amigos têm obrigação de cuidar um do outro.

– Foi esse o argumento que Zee usou quando me convenceu a fazer as aulas de piano que mudaram a minha vida – disse Neo, chegando ao hall.

Ele deu a Piper um sorriso que pareceu surpreendê-la, mas ela retornou o gesto e murmurou:

– É bom ver você novamente, Neo.

Então Cass conduziu Piper pela mão, enquanto Neo abraçava Zephyr num cumprimento grego tradicional.

– É bom tê-lo de volta em Seattle.

– Já sinto falta da ilha.

– Eu senti o mesmo depois de ir embora de lá. – Neo assentiu. – É um lugar especial.

– Especial o bastante para considerar torná-lo um aspecto mais regular de minha vida.

– Está falando sério?

– O que você acha de delegar outro nível de responsabilidade para o nosso pessoal bem-treinado e mudar nossos escritórios para a propriedade

da ilha?

Os olhos de Neo se arregalaram em choque.

- Você *está* falando sério.
- Nunca falei mais sério.
- Alguma coisa aconteceu.

Zephyr deu de ombros, mas não se sentia nem um pouco complacente.

- Estou pronto para fazer mudanças na minha vida.
- Tem novidades para compartilhar comigo?
- Ainda não.
- Mas terá? – insistiu Neo.
- Talvez. Espere até amanhã.

Neo não pressionou. Eles foram para a sala de estar, onde Cass e Piper estavam sentadas no sofá, vendo fotos digitais da viagem à Grécia no pequeno PC de Piper.

- Eu não sabia que você tinha trazido isso – murmurou Zephyr, sentando-se no sofá ao lado de Piper.

Neo sentou-se ao lado da noiva.

- Achei que eles pudessem estar interessados em sua viagem.
- Nossa viagem.

Ela sorriu.

- Nossa viagem.
 - Eu realmente gostaria de ir a este museu de arte enquanto estivermos lá.
- Cass falou para Neo.

Ele beijou-lhe a testa.

- Então, definitivamente, acrescentaremos isso à nossa programação.
- Vocês vão para Grécia em breve? – perguntou Piper.

Cass sorriu.

- Na nossa lua de mel.
- Pareço me lembrar de ler que você esteve lá numa excursão quando era mais jovem.

- Sim. – Cass pareceu surpresa. – Você leu sobre mim?

Piper corou, mas sorriu.

– Quando Zephyr me contou que Neo ia se casar, fiquei curiosa sobre a mulher que tinha conseguido levá-lo a uma atitude tão humana.

Cass deu uma gargalhada.

– Uau, e pensei que somente Zephyr conhecesse Neo tão bem.

– Trabalhei para a Stamos e Nikos Enterprises diversas vezes – disse Piper.

– Encontrei Neo em alguns projetos, embora ele não os tivesse coordenando.

– E você me achou desumano? – perguntou Neo, esforçando-se para parecer ofendido.

– Você era tão intimidador que fiz uma prece em agradecimento por você não estar liderando o projeto para o qual eu havia sido contratada. – Ela piscou de modo conspiratório para Cass. – Achei que seria mais fácil trabalhar com Zephyr, que parecia muito mais calmo.

– Mas descobriu a verdade? – indagou Cass com um olhar provocativo para Zephyr.

– Demorou um pouco, mas descobri.

Zephyr fingiu choque.

– Você *não acha* fácil trabalhar comigo?

– Qualquer pessoa que é excelente em seu trabalho, que comete o mínimo de erros, e que entende o quão sério você leva o sucesso de cada projeto, acha fácil trabalhar para você.

– Essa é uma crítica e tanto – disse Neo, rindo.

Cass arqueou as sobrancelhas para o noivo.

– Acho que ela foi muito diplomata.

– Não sei se isso foi uma crítica ao meu caráter ou uma aprovação – admitiu Zephyr.

– Viu? Diplomata – provocou Cass.

– Zephyr, você é um homem incrível, mas, exatamente como Neo, é um pouco super-humano para o resto de nós. Esconde sua intensidade por trás de seu charme.

– Você está dizendo que não sou charmoso? – demandou Neo.

Piper fingiu fechar um zíper sobre os lábios e todos riram.

Cass inclinou-se contra Neo e roçou a cabeça sobre o ombro dele.

– Não se preocupe, super-homem, eu o adoro exatamente como você é.

Ver seus amigos assim geralmente dava a Zephyr uma ponta de inveja, mas nessa noite tudo que sentia era uma esperança de que Piper visse aquilo também. E talvez percebesse que um menino de rua reformado não fosse uma escolha tão ruim.

– Mesmo que eu seja arrogante? – Neo desafiou Cass.

Ela sorriu.

– Isso faz parte de seu charme.

Neo deu a Piper um olhar triunfante.

– Viu? Eu *tenho* charme.

– Concordo que a arrogância faz parte do charme – murmurou Piper, sorrindo. – Quer ver as fotos agora? – Ela perguntou para Neo.

– É claro. Preciso de evidências de Zee brincando de turista.

– Bem, aqui ele está barganhando um colar com o joalheiro em Plaka. – Ela clicou numa das fotos que ele não a vira batendo. Mostrava-o conversando animadamente com um grego idoso.

– Pensei que fosse proibido barganhar dentro das lojas atualmente – apontou Cass.

Zephyr dispensou a ideia com um aceno da mão. Um garoto grego que vivia nas ruas de Atenas sempre aprendia a barganhar.

– O que custava tentar? Eu estava comprando uma peça cara, e precisava de um incentivo.

– E ele lhe deu um? – perguntou Cass.

Piper riu daquilo.

– Você realmente precisa perguntar? É claro. Ninguém em seu juízo perfeito fala não para o magnata bilionário Zephyr Nikos.

– Lembre-se disso amanhã – sussurrou Zephyr.

Mas os três o ouviram e o fitaram com expressão interrogativa.

Ele deu de ombros.

– Mostre a Cass as fotos da vista de Atenas tiradas da Acrópoles.

– Esqueça isso – disse Cass. – Você sabe do que ele está falando, Piper?

– Sim, mas não é algo que eu gostaria de discutir agora.

– Isso tem algo a ver com Zephyr ter me perguntado sobre mudar os escritórios centrais para a casa da ilha? – questionou Neo.

– Você fez isso? – Piper olhou para Zephyr, parecendo chocada.

– O quê? – Cass arqueou as sobrancelhas para Neo. – Você me disse que teríamos de esperar no mínimo um ano de casados antes de falar nesse assunto com Zee.

– Você e Cass já discutiram a ideia? – perguntou Zephyr, perplexo.

– Nós discutimos muitas opções para o futuro. Cassandra quer experimentar outras partes do mundo, e eu quero lhe dar todas as oportunidades para alcançar a felicidade máxima – replicou Neo.

Agora, *aquilo* não o surpreendia. Com mais medo do que sentira desde que deixara a Grécia pelo desconhecido, Zephyr estudou a reação de Piper.

Os olhos azuis estavam fixos nos seus.

– Você vai usar todos os meios possíveis se aquele exame der positivo, não vai?

– Esperaria alguma coisa diferente? – Ele foi rude, mas não desonesto.

– Suponho que não. Mas eu estava tentando arduamente não pensar sobre isso. – O tom de voz dela era magoado.

– Perdoe-me por fazer você pensar sobre isso.

– Está acontecendo o que estamos pensando? – perguntou Neo em sua voz profunda.

Zephyr ignorou o amigo. Piper fechou os olhos e contou até dez, tentando ignorar Neo também.

Mas então Cass cutucou o noivo.

– Deixe-os em paz, Neo. Afinal, é óbvio que Piper não quer discutir isso antes que tenha certeza.

Piper sorriu para quebrar a tensão.

– Então, o que há para jantar?

O resto da noite transcorreu com tranquilidade. Cass manteve Neo na linha, e Piper fez o possível para ignorar quaisquer comentários ou perguntas pertinentes.

Mas ela não foi em direção à porta de Zephyr quando eles saíram da cobertura de Neo. Em vez disso, dirigiu-se para o elevador.

Ele tocou-lhe o ombro quando ela apertou o botão.

– Aonde você vai?

– Para casa. – Ela suspirou e olhou-o. – Preciso ficar um pouco sozinha, Zephyr.

Inesperadamente, ele se sentiu como naquela vez que sua mãe o deixara no orfanato e nunca o levara para casa novamente.

Mesmo assim, perguntou:

– Tem certeza? Você parece dormir bem em meus braços.

– Não acho que vou conseguir dormir.

– Mais uma razão para você não ficar sozinha – argumentou Zephyr.

Ela meneou a cabeça, uma expressão triste no rosto.

– Sinto muito.

Suplicar para não ser deixado quando alguém queria deixá-lo não era algo bom. Essa era uma lição que Zephyr tinha aprendido muito cedo. Ainda assim, precisou de uma força de vontade incrível para baixar a mão do ombro dela.

Ele deu um passo atrás.

– Vai me ligar quando souber o resultado? – Ele não gostava de pedir. Isso o lembrava de pedir pela consideração de sua mãe, e receber desculpas dos motivos pelos quais as coisas não podiam ser diferentes.

– Sim, é claro.

Mas ela não ligou.

Zephyr forçou-se a esperar até depois do almoço para tentar lhe telefonar. Certamente o médico já a teria contatado a essas alturas. Contudo, sua ligação caiu na caixa postal. Ele não se incomodou em deixar recado.

Uma hora mais tarde, tentou o número da casa dela, mas a secretária eletrônica atendeu. No escritório, a assistente de Piper informou que ela não havia ido trabalhar e que não era esperada naquele dia.

Neo entrou no escritório de Zephyr naquela tarde.

– Você está com uma aparência péssima. O que houve?

Sem precisar considerar, Zephyr lhe contou. Tudo.

– Você deveria ter levado Piper para conhecer Cassandra antes de ontem à noite. – Foi a primeira coisa que Neo disse.

– Por quê? – Neo nunca mostrara interesse em se socializar com outros amigos de Zephyr.

– Você tem um relacionamento sexual com Piper há meses e são amigos há mais de dois anos. Como eu não sabia disso? – perguntou Neo, em vez de responder.

– Você sabia que nós éramos amigos.

– Não tão amigos. – Neo meneou a cabeça. – Foi por causa dela que você me disse que sexo com amiga era bom, não foi?

– Sim.

– Você esteve com mais alguém desde que começou seu relacionamento sexual com Piper?

– Uma vez, antes de eu perceber que a primeira vez não seria a única.

– E isso não lhe disse nada?

– O quê? Gosto de intimidade com Piper. Estou muito ocupado com nossa companhia para gastar energia com outras mulheres.

Neo deu um sorriso zombeteiro.

– Há quanto tempo você está se enganando?

– Não estou – respondeu Zephyr. – Ambos sabíamos o que tínhamos e o que não tínhamos.

– E agora?

– Agora ela pode estar grávida de um filho meu.

– Então, isso muda tudo?

– Naturalmente.

– Por quê?

– Precisa perguntar? – Depois da maneira como ambos tinham crescido, esperaria que Neo fosse o primeiro a entender.

– Você não está entendendo meu ponto – disse Neo com exasperação. – Não vê que ela vai pensar que você só está querendo casamento por causa do bebê?

– Essa é a única razão. Do contrário, eu não consideraria a ideia.

– Por que não?

– Piper merece o melhor.

Neo pareceu atônito.

– Você é o melhor.

– Você é suspeito para falar. – Mas era bom ouvir a certeza na voz de seu amigo.

– Cass fala que eu sou seu irmão.

Zephyr assentiu.

– Então, deixe o laço pessoal de lado e olhe para a situação da perspectiva de Piper.

– Não vejo a distinção aqui. – Os olhos de Neo pareciam quase conter piedade. – Você é um bom homem, Zephyr.

– Eu não disse que não era. – Mas Piper merecia mais do que ele tinha a oferecer.

– Então, qual é o problema?

– Ela quer estar *apaixonada* pelo próximo marido – explicou Zephyr com tristeza. – Como estava por Art.

– E você não a ama?

– Não.

– Mentira.

Zephyr balançou a cabeça.

– Amor não funciona para todos. – E para ele não funcionava.

Neo suspirou.

– Tem razão, mas desistir antes mesmo de tentar não combina com você.

– Às vezes, tentar é a coisa mais estúpida a fazer.

– Isso também não se parece com você.

– E você parece um disco quebrado – reclamou Zephyr.

– Então diga alguma coisa que me faça entender essa sua atitude derrotista.

– Ela foi embora ontem à noite.

– Quando você queria que ela ficasse. – Neo o conhecia tão bem que nem mesmo precisava perguntar.

– Piper falou que sentia muito. – Exatamente como a mãe dele fizera, repetidamente... primeiro quando o abandonara, depois quando se recusara a levar sua irmãzinha para visitá-lo.

Em situações como aquela, sentir muito não significava nada.

– Ela também prometeu lhe telefonar, *né?*

- Sim.
- Então confie que Piper fará isso.
- Quando? – questionou Zephyr.
- Quando ela estiver pronta.
- Você não foi tão complacente com Cass.
- Eu estava apaixonado por Cassandra. – O olhar de Neo desafiava Zephyr.

Aparentemente, se ele não estivesse apaixonado, não tinha o direito de estar preocupado ou impaciente.

- Então, só porque não estou brincando de herói romântico, tenho de esperar para saber se minha amante está carregando um filho meu?

- Você tem de esperar, porque ela vai ligar quando estiver pronta, e não antes.

- Estou ciente disso. – O que não fazia nada para melhorar seu humor.

Neo o estudou longamente.

- Ainda não acredito que você teve uma amante por quase um ano e não me contou.

- Eu não a considerava minha amante.

Um sorriso curvou os lábios de Neo.

- Meu amigo, essa história está ficando cada vez melhor. Quando *isso* mudou?

- Na Grécia.

- A viagem teve um grande impacto, mesmo antes da descoberta do sumiço do adesivo contraceptivo.

- Se você diz...

- O que eu digo não importa. Por outro lado, o que você e Piper dizem é extremamente importante.

- Ela *disse* que ia ligar e não ligou – exclamou Zephyr.

- Seja paciente e acredite na amizade de vocês, se não puder acreditar em nada mais.

- Não tenho outra opção.

- Então faça o que homens como nós fazem. Não desista.

Aquela era uma verdade que Zephyr não podia negar.

Neo partiu, e Zephyr forçou-se a se concentrar na montanha de trabalho que o esperava após sua ausência do escritório. Eram 21 horas quando admitiu sua derrota temporária e saiu do escritório.

Piper ainda não tinha ligado, embora ele estivesse tentando telefonar-lhe de hora em hora desde aquela tarde.

PIPER ESTAVA sentada do lado de fora do Aquário de Seattle, observando crianças e adultos entrarem e saírem. Sua mão descansava contra a parte baixa do abdome. Não se sentia diferente. Seu corpo não havia mudado nada, mas dentro de seu útero um bebê crescia. Seu bebê. O bebê de Zephyr. O filho deles.

A realização inesperada de um de seus maiores sonhos.

Deveria ter telefonado para Zephyr imediatamente com a novidade, mas não foi capaz. Precisava pensar, e não conseguiria fazer isso com ele por perto.

Amava um homem que tinha deixado bem claro que nunca a amaria. E esse mesmo homem iria lhe pedir em casamento. Piper tinha certeza disso.

Porque ela carregava o filho dele em seu ventre.

Num mundo normal, isso resultaria numa recusa imediata de sua parte. Antes de conhecer e se apaixonar por Zephyr Nikos, ela jamais teria considerado um casamento com um homem que não a amasse. Mas a perspectiva de Zephyr era única.

No mundo de Zephyr, amor não trazia nada além de dor. A história de seu passado deixava isso claro. Ele amara a mãe e ela o abandonara num orfanato. Amara seus meios-irmãos, mas eles lhes tinham sido tirados.

Mesmo se amasse Piper, talvez nunca fosse capaz de admitir isso.

Uma das questões que se repetia na cabeça dela era se poderia aceitar o casamento mesmo assim. Não tinha dúvidas sobre sua habilidade de criar um filho sozinha. Não era bilionária, mas era uma mulher instruída e bem-sucedida.

Zephyr poderia fazer parte da vida do bebê sem se casar com ela. Mas não poderia ser pai por período integral se eles não morassem juntos. E não ficaria contente com o papel de pai por meio período.

Somente porque ela recusava o casamento não significava que ele não se casaria um dia. Zephyr não queria apenas ser pai, queria uma família. Tinha deixado isso bem claro no dia da visita ao aquário.

O que levava de volta à outra questão que a perseguia: ela suportaria ficar de lado enquanto Zephyr construía uma nova família? Suportaria que seu filho ou filha tivesse apenas parte do tempo com o pai, enquanto outros filhos o teriam todos os dias?

Diferentemente de Zephyr, seu tempo no Aquário de Seattle não estava fazendo nada para ajudá-la a encontrar respostas para aquelas perguntas difíceis.

Zephyr entrou em seu apartamento vazio, irritado ao perceber que a faxineira tinha deixado as luzes na sala acesas novamente. Sua conta de luz não era problema, mas desperdício indiscriminado dos recursos do planeta era.

Já fazia quase uma semana que Piper tinha prometido lhe telefonar. Não estava indo trabalhar, pelo menos segundo a assistente dela, Brandi. Ele fora ao apartamento de Piper, mas ela não atendera a porta. Os telefones deviam estar desligados, e Zephyr finalmente parara de ligar, mas cada dia que se passava era tomado por sentimentos que pensara nunca mais ter de experimentar.

O medo de ser abandonado era algo vivo em seu interior, mas ele escondia isso, até mesmo de Neo. Não suportava o sentimento de desamparo que crescia a cada hora que ela não telefonava. Ele havia perdido sua amiga? Piper tentaria mantê-lo longe do bebê se estivesse realmente grávida?

Mas Zephyr não iria permitir isso. Seria parte da vida do filho, mesmo se casamento com a mãe do bebê não fosse uma opção.

Lutaria pela custódia. Piper poderia ser mãe nos fins de semana, se não quisesse se casar com ele. Ela ainda estava construindo seus negócios. Zephyr poderia tirar mais tempo livre para assumir os cuidados de pai, e qualquer juiz decente veria isso.

Desgostoso com seus próprios pensamentos, ele tirou a gravata enquanto andava para a sala de estar. Parou subitamente com a visão que o cumprimentou.

Piper estava aconchegada em seu sofá, debaixo de um edredom que ele trouxera da Grécia muitos anos atrás. Como se pudesse sentir a sua presença, ela abriu os olhos.

– Olá.

– Você disse que ligaria.

– Eu não pude. Precisava pensar.

– Então, deixou-me ansioso por quase uma semana?

Ela se encolheu com a frieza na voz dele, mas Zephyr não conseguiu evitar.

– Decidi que o assunto em questão não podia ser discutido ao telefone, mas... talvez eu devesse ter ligado para lhe dizer isso.

– Sim, deveria. Eu estava preocupado. Fui ao seu apartamento. Você não atendeu a porta.

– Eu não estava lá. Fui ao *meu* lugar favorito para pensar, depois de tentar o seu e não chegar a nenhuma conclusão.

– Onde é isso? – demandou ele.

– A praia.

– Não poderia ter me informado que saiu da cidade?

– Se eu tivesse ligado, você teria me convencido a encontrá-lo.

– Talvez porque fosse isso de que ambos precisássemos. – Ele suspirou em frustração. – No mínimo, você poderia ter me informado que me esperaria aqui hoje.

– Eu deveria ter feito isso – reconheceu Piper, sentando-se ereta. Pela aparência exausta dela, a praia não lhe trouxera muita paz. – Eu estava tão cansada que pensei que você voltaria para casa após o trabalho. Não percebi que trabalharia até a hora de dormir.

– Não é hora de dormir ainda.

– Quase.

– Não fuja do assunto, Piper. Se eu soubesse que você estava aqui, teria deixado meu trabalho imediatamente. – Zephyr respirou fundo, tentando não alterar o tom de voz. – Eu estava preocupado. Entende isso? Liguei para seu celular incontáveis vezes.

Ela olhou para baixo.

– Eu desliguei o celular.

– Imaginei.

Piper assentiu. Então, levantou-se e se aproximou, erguendo o queixo para encará-lo. Emoções que ele não compreendia brilhavam nos olhos azuis.

– Diga-me – exigiu Zephyr, o tom de voz mais suave do que pretendia. Mas não podia evitar compaixão. Ela parecia arrasada.

– Desculpe-me por não ter ligado. Não tive consideração e fui egoísta. Passei dias refletindo, mas não conseguia resolver nada. Quando finalmente cheguei aqui hoje, já passava das 16 horas. Pensei que eu poderia tirar uma soneca, e então você chegaria. E nós conversaríamos.

– Em vez disso, trabalhei até tarde, tentando esquecer o fato de que você não cumpriu sua promessa de telefonar.

Ela assentiu.

– Essa situação é assustadora, Zephyr.

– Concordo, mas eu pensaria que dois amigos enfrentando o medo juntos seria melhor do que se cada um tentasse lidar com seu próprio medo sozinho.

– Tem toda razão. – Piper desviou o olhar. – Eu... eu sabia que você ia querer se casar, e não sabia o que eu queria fazer sobre isso.

– Então, você *está* grávida.

Ela o fitou.

– Sim. Ou temos muito azar ou muita sorte, dependendo de como você olhar a situação.

– Como *you* olha para isso, Piper?

– Pensando que tenho muita sorte, é claro. Estou radiante com a ideia de ter um filho seu, mesmo se toda a situação me apavora. – Ela parecia prestes a desmoronar.

Droga. Ele teria notado antes como Piper estava frágil se não estivesse concentrado em seu próprio tumulto interior. Não queria lhe contar sobre os planos que estivera fazendo logo que chegara, mas ela lhe daria escolha?

Ainda esperando convencê-la da melhor opção deles, Zephyr envolveu-a nos braços, olhando nos olhos dela.

– Do que você tem tanto medo?
– De muitas coisas.
– O que mais a assusta?
– Se eu concordar com esse casamento... e depois, um dia você finalmente se apaixonar... *por outra mulher*.

Aquele era o maior medo de Piper? Ele estava atônito.

– Eu não vou me apaixonar por outra mulher.
– Você não pode ter certeza disso.
– Sim, posso. Confie em mim, Piper. Isso nem mesmo é uma possibilidade.

– Você acha que existe uma mínima chance de algum dia apaixonar-se por mim? – Ela enterrou o rosto no peito dele e esperou a resposta.

Zephyr queria mentir, a fim de facilitar as coisas, mas não podia.

– Se eu fosse capaz de me apaixonar, já teria me apaixonado.

– Acredita mesmo nisso?

– Piamente.

Piper inclinou a cabeça para trás a fim de olhá-lo.

– Todo mundo é capaz de amar.

– Isso é discutível.

– Sim, suponho que é. – Ela permaneceu silenciosa.

– Do que mais você tem medo?

– Oh, de várias coisas... o que vai acontecer com meu trabalho... e, se eu perder o bebê, e se eu for uma mãe horrível e virar uma baleia... e sou capaz de aprender grego? – A lista de preocupações saiu numa voz distorcida, num esforço de conter lágrimas.

– Você vai se casar comigo? – Por que mais ela precisaria aprender grego?

– Como posso fazer qualquer outra coisa? Estudei a situação de todos os ângulos possíveis. Se eu não me casar com você, teremos de compartilhar a custódia, e não sou ingênua para pensar que você vai se contentar em ser pai de fins de semana. Vai lutar por custódias iguais, senão pela maior parte dela.

Ele estava chocado. Piper tinha percebido isso.

– Eu...

– Não tente negar.

– Eu não ia negar.

Os lábios de Piper tremeram, mas ela piscou para conter as lágrimas.

– Ótimo. Não podemos construir um casamento sobre mentiras.

– Concordo.

– A questão da custódia não era o mais preocupante.

– Não? – O que mais podia preocupá-la?

– Não. É certo que, se eu não aceitar esse casamento, mais cedo ou mais tarde você vai se casar com outra pessoa e construir uma família inteira.

– O pensamento de me ver casado com outra pessoa incomoda você? – perguntou Zephyr, somente para esclarecer.

– É claro que sim. *Eu amo você.*

O ar pareceu esvair-se dos pulmões dele.

– Você me ama?

– Sim.

– Como amigo. – Zephyr tentou qualificar.

Piper envolveu os braços ao redor do pescoço dele e meneou a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto agora.

– Não, não como amigo.

– Você não convenceria ninguém que me ama como irmão. – Talvez houvesse um tipo especial de amor que as mulheres sentissem pelo pai de seus filhos.

Ela balançou a cabeça novamente, um sorriso misterioso brincando nos lábios, apesar da tristeza nos olhos.

– Como o único homem no meu universo, como a outra metade do meu coração, como a parte da minha alma que estava faltando durante toda a minha vida, sem que eu soubesse disso.

Zephyr teria tropeçado se eles não estivessem abraçados.

– Foi assim que você amou Art? – Ele nem sabia por que perguntava aquilo, exceto por algum tipo de penitência, porque a última coisa que queria ouvir era que Piper havia amado o “ex” assim.

– Meus sentimentos por Art não eram nem mesmo uma sombra do que preenche meu coração agora.

Ele poderia acreditar nisso? E, se acreditasse, que diferença faria? Sua mãe o amara também, mas o abandonara quando uma escolha tivera de ser feita.

– Todavia, você não me telefonou.

– Amar não faz de mim uma pessoa perfeita, nem totalmente altruísta. Na verdade, o sentimento me torna egoísta, porque me deixa muito vulnerável a ser magoada por você. *Quero* esse casamento, de modo que eu saiba que você não vai... *não pode...* me deixar. – As lágrimas estavam na voz agora. – Quero passar o resto da minha vida ao seu lado, e queria tanto estar grávida que não consegui dormir um minuto por causa da ansiedade na noite antes do resultado do exame. Passei a noite sentindo culpa, incapaz de mudar meu desejo.

– Você *queria* carregar um bebê meu? – perguntou Zephyr, incrédulo.

– Sim, mais do que qualquer coisa. O que provavelmente o faz pensar que perdi o adesivo de propósito, mas juro que não perdi.

– É claro que não. Mas por que você queria isso?

– Não ouviu nada que falei? Eu sabia que um bebê me uniria a você. Não porque não sou capaz de ser mãe solteira, mas porque você não ia querer isso. Estou envergonhada de me sentir dessa maneira, mas não posso mudar isso. Eu jamais teria feito de propósito, mas me senti *incrivelmente afortunada*. O que talvez o faça reconsiderar se deveria se casar comigo.

– Então, se você queria tanto isso, por que ficar longe por todo esse tempo?

– Porque, quando eu consegui o que queria, imaginei uma vida inteira passada com um homem que não me ama, e fiquei apavorada.

– Você tem sido tão infeliz nos últimos meses?

– Não.

– Então, por que seria infeliz como minha esposa? – demandou ele.

– Espero que eu não seja.

– Eu me certificarei disso. – Ela iria acusá-lo de arrogante novamente, mas, antes que fizesse isso, Zephyr decidiu oferecer sua verdade: – Eu também desejei que você estivesse grávida, e estou muito feliz que decidiu se casar comigo.

Não podendo resistir à expressão que suas palavras levaram ao rosto dela, ele a beijou, e eles passaram diversos minutos num esforço muito agradável de deixar uma marca inapagável no outro.

– Acho que nós dois somos egoístas.

– E eu acho que, contanto que ambos estejamos felizes com o resultado disso, não importa.

– Talvez você tenha razão. – Piper ergueu os olhos para ele. – Podemos fazer amor agora?

– É seguro para o bebê?

– Muito.

– Você perguntou?

– É claro que sim. Sei como somos juntos, e que passaremos muito tempo juntos agora.

Zephyr gostava da ideia, embora uma pequena vozinha o avisasse para não se acostumar com aquilo, uma vez que poderia perdê-la. Afinal de contas, Piper se afastara enquanto tomava uma decisão, mostrando que não *precisava* dele, mesmo se o amasse.

– Você vem morar comigo?

– Sim, neste fim de semana.

– Nós não vamos dormir separados enquanto isso.

– Não, mas preciso trabalhar, e não terei tempo de empacotar tudo até o fim de semana.

– Eu contratarei uma firma de mudanças.

– Ainda assim, preciso estar lá para supervisionar.

Ele não podia argumentar contra aquilo.

– Você quer um grande casamento?

– Não. – Piper lhe deu um olhar nervoso. – Quero apenas nossas famílias lá.

– Eu não tenho família.

– Oh, sim, você tem. Conheço seus segredos agora. Além de Neo, que é como um irmão seu, há a sua mãe, o marido dela, seus irmãos, sobrinhos e sobrinhas. E eu quero todos no nosso casamento.

– Por quê?

– Porque, algum dia, acho que será importante para você o fato de eles terem comparecido. Afinal, sua irmã ficará magoada se nós não a convidarmos.

– Por que você acha isso? – perguntou Zephyr, intrigado.

– Sua irmã insistiu que você conhecesse os filhos dela, portanto o considera como irmão, e ficará arrasada se descobrir que você não se sente da mesma maneira.

– Eu me sinto. Para o bem ou para o mal, ela é minha irmã.

– É sempre para o bem.

– Assim você diz.

– Eu sou quase mãe. Sou praticamente um oráculo agora – disse ela com firmeza.

E Zephyr riu antes de envolvê-la nos braços. Fazer amor parecia uma ideia melhor do que falar sobre sua família.

– O que você é agora é minha.

– Você parece muito satisfeito com isso. – Piper também não soava desapontada pela perspectiva.

– Eu estou. – Ele a carregou ao longo do corredor... para o quarto *deles*.

– Nós vamos mesmo nos mudar para a Grécia? – perguntou ela entre os beijos que ele dava em seu queixo.

– A ilha será um bom lugar para criar filhos.

– Sim, mas eu me casaria com você independentemente disso.

– Você falou que queria o bebê.

– Eu quero. – Ela segurou-lhe o rosto, olhando-o profundamente. – Isso não é uma transação comercial. Eu não amo seu dinheiro ou o que você pode me comprar. Amo você, Zephyr.

Ela dizia isso, mas ainda o abandonara e não lhe telefonara por uma semana. Talvez Zephyr não entendesse o amor, mas não achava que devia ser muito fácil magoar alguém que você amava. Todavia, não ia pensar sobre isso agora. Piper concordara em se casar com ele, mesmo que, tecnicamente, ele não a tivesse pedido em casamento.

Isso era tudo que importava no momento.

Sem comentar a declaração dela, Zephyr a carregou para o quarto e deitou-a sobre a cama, cuidadosamente. Piper sorriu-lhe, mas ele pôs um dedo nos lábios para pedir silêncio por um minuto.

Pegando o telefone ao lado da cama, apertou duas teclas.

“Memória” e “Um”, ela apostaria.

Alguém atendeu do outro lado.

– Dê-me os parabéns. Nós vamos ter um bebê, e Piper concordou em se casar comigo.

Palavras excitadas num tom de voz definitivamente masculino vieram do outro lado da linha, mas eram abafadas demais para ser compreendidas.

– Sim, eu ligo com detalhes amanhã.

Neo disse alguma coisa.

– Farei isso – replicou Zephyr. – *Kalinichta*.

– Neo? – perguntou ela, só para confirmar.

– Sim. Ele sabia que eu estava esperando seu telefonema. Estava preocupado comigo. – E, mesmo prestes a fazer amor com ela, Zephyr pensara em ligar para seu amigo a fim de tranquilizá-lo.

Talvez para compartilhar a novidade também.

– Você é um homem especial, Zephyr Nikos. Ele ficou feliz por você?

– Por nós dois. Ele e Cass irão nos levar para comemorar amanhã, se você quiser.

– É claro. Mas terei de trabalhar durante o dia. Já tirei mais tempo livre do que deveria.

– Acha que Brandi irá se mudar para a ilha juntamente com a sua empresa de design?

– Acredito que ela aceitaria, mas não terei condições de continuar pagando o salário dela, uma vez que diminuir minha lista de clientes. – Piper começou a se despir, e a lembrá-lo por que ele a carregara para o quarto. – Não quero trabalhar em período integral, se não for preciso.

Olhos escuros a devoraram quando ela removeu o jeans e a camiseta.

– Fico muito feliz em ouvir isso. Vamos pensar em alguma coisa com relação à Brandi.

– Você vai oferecer pagar o salário dela. – Piper pausou no ato de abrir o sutiã.

Ele podia tentar negar aquilo, mas ela o conhecia. Em vez disso, tentou mudar o foco da conversa:

- Esqueceu que estávamos prestes a fazer amor?
- Não sou eu quem está toda vestida.
- Posso resolver isso rapidamente.

CAPÍTULO 7

– ENTÃO, VOCÊ não se incomoda que nosso casamento será tão perto do seu e de Neo? – Piper perguntou para Cass no dia seguinte, quando Cass telefonou para lhe dar os parabéns.

– De modo algum. Acho fantástico que vocês queiram se casar na Grécia. Como sabe, estaremos lá em lua de mel.

– Zephyr mandou passagens para meus pais e irmãos voarem para Atenas. – Ela estava tão feliz que todos tinham prometido ir à cerimônia!

– Neo disse que Zephyr vai convidar a família dele – comentou Cass. – Nós nem sabíamos que ele ainda mantinha contato com eles.

– O relacionamento de Zephyr com a mãe é complicado. – Zephyr fora almoçar com Neo e contara a verdade sobre seu passado ao amigo, então Piper não precisava fugir do assunto, mas também não queria aprofundar muito.

Cass suspirou.

– Posso imaginar. Acho que foi melhor para Neo ter perdido a mãe numa overdose do que para uma vida melhor. Isso deve ter prejudicado muito a habilidade de Zephyr em confiar.

Em amar também, mas Piper não falaria isso.

– Entre nossas duas famílias, haverá menos de 12 convidados. Tudo bem para você?

– Sim – respondeu Cass. – Minha agorafobia está muito melhor agora. Não estou prestes a fazer uma turnê de shows, mas meu empresário não está

me pressionando, também.

Piper riu.

Houve um silêncio antes que Cass oferecesse:

– Eu gostaria de tocar no seu casamento, se você quiser.

– Está falando sério? Pensei que você não tocasse mais.

– Não é uma performance, é um presente. Eu estou... trabalhando numa música para vocês dois.

– Compondo uma canção para nós? – perguntou Piper encantada.

– Humm... sim.

– Isso é fantástico. Não sei o que dizer. *Obrigada* parece tão inadequado.

– Estou feliz por fazer isso. Zee ajudou Neo a ver o que era importante e impediu que o teimoso despedaçasse meu coração.

– Zephyr fez isso?

– Oh, sim. Acho que os homens são mais espertos sobre relacionamentos de outras pessoas do que sobre seus próprios.

– Talvez não todos os homens.

– Mas definitivamente os nossos homens – disse Cass com ênfase.

– Neo é mais esperto sobre outros, então?

– Ele soube que você era especial para Zee no momento em que ele disse que iria trazê-la para jantar. Zephyr levou mais tempo para descobrir que você era especial para ele.

– Não posso discordar disso.

– As coisas estão bem entre vocês dois? – perguntou Cass delicadamente.

– Ótimas. Ele pode não me amar, mas me quer, e realmente quer que eu seja mãe dos seus filhos.

– Mas *you* o ama.

– Muito.

– Isso é bom. Acho que Zee merece muito amor e uma mulher especial como você. Talvez aprenda a confiar no amor, vendo os resultados da vida de vocês diariamente.

Piper certamente esperava que esse fosse o caso.

– Obrigada. Neo também merece o amor de uma mulher especial como você, mesmo que só recentemente eu tenha me convencido de que ele é

humano.

A risada de Cass foi doce.

– Não se preocupe. Ele também descobriu isso recentemente.

– Você é excelente para ele.

– E você é fabulosa para Zee.

– Tentarei ser – prometeu Piper.

– Seja você mesma... é tudo que ele parece precisar.

E, mesmo sem o amor, Piper achou que Cass podia estar certa.

Precisava acreditar nisso, porque perder Zephyr a mataria.

O dia passou rapidamente enquanto Piper tentava pôr o trabalho em dia. Ela deslizou uma mão para sua barriga ainda reta enquanto clicava para imprimir a apresentação que tinha acabado de terminar.

Brandi fizera muito trabalho preliminar, e só foram necessárias algumas pequenas mudanças antes que o projeto estivesse pronto para a apresentação. Graças a Deus. Sua mente estava mais nos acontecimentos das duas últimas semanas do que no momento presente.

Apesar de todas as suas dúvidas em relação a Zephyr, de uma coisa tinha certeza: eles seriam felizes juntos. Se não acreditasse nisso, não iria morar com ele, muito menos se casar. Mas acreditava. Zephyr era perfeito para ela, mesmo se não admitisse que possuía a habilidade de amar. E Piper era perfeita para ele.

Dando uma lida final na proposta de design para o escritório de um advogado, ela saiu de sua sala e desceu para a loja, a fim de procurar sua assistente.

– Olá, Pip.

Piper virou-se ao som da voz masculina que não ouvia desde que partira de Nova York.

Usando um terno desalinhado e parecendo anos mais velho do que na última vez em que ela o vira, Art Bellingham estava parado à sua frente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela em tom exasperado.

– Um velho amigo não pode visitar?

– Você não é um velho amigo.

– Isso magoa, Pip. Fomos amigos um dia.

Piper balançou a cabeça, tentando afastar as memórias que surgiram em sua mente no momento em que ele a chamara por aquele apelido irritante, então olhou ao redor, procurando Brandi. Observando Piper e Art com ávido interesse, sua assistente de 22 anos estava parada perto de uma amostra de tecidos.

Piper estendeu a proposta de design para ela.

– Leve isto e separe a amostra de cores. Você vai apresentar ao cliente na reunião de amanhã cedo.

– Tem certeza de que estou pronta para isso, chefe? – perguntou Brandi, agora focada nos materiais em mãos.

– Sim. – Sua assistente já fizera muitas apresentações supervisionadas. Estava pronta para voar sozinha.

– Maravilhoso! Vou cuidar disso. – Ela apressou-se em direção ao seu canto de trabalho.

Sentindo-se mais no controle agora, Piper voltou-se para Art.

– Esta é uma visita social ou de negócios?

– Um pouco das duas coisas, Pip.

– Meu nome é Piper. Detesto esse apelido. Sempre detestei. – E ele sempre insistira em usá-lo.

– Ei, não fique ofendida. – Ele ergueu as mãos numa súplica zombeteira. – Nem sempre é fácil esquecer o passado.

Ela cruzou os braços e o fitou com irritação.

– Engraçado, depois que você manchou meu nome na indústria de design de interiores em Nova York, não tive problemas em esquecer o passado.

– É por isso que está se vingando? – Art meneou a cabeça, a expressão desapontada.

– Não sei sobre o que você está falando.

– Sofri quando você abandonou nosso casamento. Talvez eu tenha dito algumas coisas que pareceram prejudiciais, mas isso não é motivo para que você destrua uma firma de design que está na minha família por três gerações. Eu esperava mais de você, Pip... *Piper*.

– Repito... não sei do que você está falando – disse ela. – Seja claro, ou saia de minha loja agora.

- Ouça, entendo que você sinta alguma amargura em relação a mim.
 - Quanta inteligência!
 - Mas minha empresa não tem nada a ver com isso. Você construiu seu nome com a Très Bon.
 - Um nome que você manchou com terríveis calúnias.
 - Eu lhe disse, estava sofrendo pelo nosso rompimento. Exagerei em algumas coisas. Não fui eu mesmo.
 - Você está aqui para se desculpar? – questionou Piper.
 - Se isso for necessário.
 - Para fazer o que, exatamente?
 - Para me tirar da lista dos “procurados” de Zephyr.
- Agora, aquilo era inesperado.
- *Zephyr?* O que ele tem a ver com você ou com a Très Bon? – A Très Bon não era o tipo de firma de design que Zephyr usava em seus projetos. Eles não tinham a abordagem inovadora que ele considerava uma necessidade.
 - Ele vem difamando minha firma em círculos de pessoas influentes.
 - Não acredita honestamente que eu o convenci a fazer isso?! – perguntou Piper, ofendida. – Você me conhece melhor do que isso.
 - Pensei que eu a conhecesse, mas um homem como ele não iria me perseguir sem motivação. Zephyr nem teria me notado. – E não era difícil para Art admitir isso.
 - Se ele o está difamando, por que você não o processa?
 - Certo, como se o homem fosse estúpido o bastante para falar qualquer coisa pela qual pudesse ter de responder numa corte judicial.
 - Essa é a primeira coisa que você disse que faz algum sentido. Zephyr é um homem muito ocupado. Por que ele gastaria tempo para manchar a reputação de sua empresa?
 - Pergunte a ele! Tudo que sei é que a Très Bon está à beira da falência, e é tudo culpa daquele cretino.
 - Primeiro, nunca mais insulte Zephyr Nikos na minha presença. Ele é cem vezes o homem que você é ou que poderia sonhar ser. Segundo, se você está à beira da falência, isso deve ter mais a ver com o jeito que sempre administrou seus negócios...

– A campanha de difamação de Zephyr prejudicou meus negócios! – insistiu Art.

– Campanha? Agora sei que está mentindo. Zephyr não desperdiçaria todo esse tempo com você.

Zephyr gostou da defesa feroz de Piper, mas era hora de interferir.

– Para um homem na minha posição, é necessário somente um comentário aqui e ali – disse ele, rodeando o divisor de bambu que bloqueava sua visão de Piper e Art.

A expressão de Piper se iluminou, enquanto ela descruzava os braços e lhe sorria amplamente.

– Olá, Zee. Eu não sabia que você viria.

– Eu soube que Arthur Bellingham estava em Seattle. – Ele estudou o outro homem com olhos críticos. – Tive um pressentimento de que ele viria se queixar com você, em vez de ser homem e me enfrentar pessoalmente.

– Ser homem? – perguntou Art, ultrajado. – Eu nunca o conheci, sr. Nikos. Como iria conseguir um horário?

– Tentou ligar para a minha secretária?

Art hesitou.

– Não.

– Ela tem instruções para passar sua ligação.

– Você deu instruções à sua secretária sobre Art? – perguntou Piper, claramente tentando assimilar tal conhecimento com a crença de que Zephyr não tinha nada a ver com a mudança na reputação da Très Bon. – *Você também tinha alguém para alertá-lo sobre quando ele chegaria a Seattle?*

Zephyr deu de ombros, não tão relaxado quanto queria parecer.

– Sou um homem cuidadoso.

– Você é um tirano, isso sim – disse Art enfurecido.

O homem era tão idiota quanto Zephyr imaginara.

– Xingar-me não é a melhor maneira de incentivar meu lado bom.

– Uma vez que você inicia um modo de ação, não muda mais. Não adianta incentivar seu lado bom.

– Quase tenho de respeitar sua visão em não tentar uma abordagem racional e profissional.

– Pesquisei sobre o homem que está destruindo a reputação de minha empresa, e palavras como *teimoso, inteligente, rude e enganosamente charmoso* são usadas para descrever você. *Racional* não é uma delas.

– Mas eu sou um homem racional.

– Você sempre foi comigo – concordou Piper com um sorriso.

– É claro que você diria isso – reclamou Art. – Obviamente vocês dois estão tendo um caso.

– Estamos noivos e vamos nos casar – declarou Zephyr com veemência –, e não tendo um caso.

– Meus parabéns. – Sarcasmo pingava de cada sílaba que Art falava.

– Obrigado – replicou Zephyr secamente. – Voltando ao assunto em questão, eu não expressei minha opinião muito desfavorável sobre sua firma de design cara e sem imaginação pelo bem de Piper.

– Certo – disse Art sarcasticamente.

– Se você não tivesse destruído não somente seu casamento, mas também qualquer esperança de continuar uma amizade com Piper, ela provavelmente nunca teria saído de Nova York.

– Isso é verdade – adicionou Piper com um olhar sentimental.

Zephyr sorriu-lhe.

– Fico feliz que você tenha vindo para Seattle.

– Eu também.

Art emitiu um gemido de desgosto.

– E está tentando dizer que não destruiu minha firma por causa dela?

– Apenas indiretamente. Eu exijo o melhor, não é, *yineka mou*?

Piper assentiu, parecendo perplexa.

– Sim.

– Você é a melhor.

– Obrigada. – Os adoráveis olhos azuis começaram a brilhar com compreensão.

– Se eu tivesse aceitado a recomendação de um de meus colegas baseado em coisas que ele ouvira como resultado da campanha de difamação que Arthur Bellingham fez contra você, eu não a teria contratado para aquele primeiro trabalho.

– Mas você não aceitou.

– Não, eu falei com clientes locais com os quais você tinha trabalhado e visitei propriedades que você terminou, porém, mais importante, gostei mais da sua proposta para meu próprio projeto do que de qualquer outra que recebi – disse Zephyr.

– Então, qual é o problema? – perguntou Art, parecendo não entender sua ofensa, mesmo após a explicação de Zephyr.

– Suas mentiras quase me custaram o trabalho de uma designer fantástica.

– Então você resolveu destruir meus negócios?

– Você é idiota? Eu não destruí seus negócios. Meramente ajudei-o no processo. – Mas Piper também veria por esse ângulo?

– Seu bastardo *cruel!* – exclamou Art.

Ele não podia negar aquilo. Era cruel, e era bastardo. Sua única preocupação era como sua noiva responderia àquela verdade particular.

– Pelo menos sou honesto. Diferentemente de seu jeito criativo com a verdade, eu nunca falei uma mentira sobre sua empresa. Eu *não* contrataria a Très Bon para uma de minhas propriedades. Seus preços *são* exorbitantes. Suas propostas, sem imaginação. E *you* tem a reputação de terminar um projeto acima do orçamento e com atraso.

Art bufou.

– Isso nunca incomodou meus clientes no passado.

– Você quer dizer que eles toleraram a falta de qualidade para ter o nome Très Bon atado às suas construções.

– Era um nome digno, até que você o destruísse.

– Seu tio e avô administravam uma firma de design decente. Há dez anos você vem tentando destruir o trabalho deles com suas péssimas decisões.

– Não se importa sobre as pessoas que ficarão desempregadas quando a Très Bon falir? – Art apelou para Piper agora.

Mas foi Zephyr quem respondeu:

– Você se importou sobre Piper ter de sair de Nova York com a carreira destruída lá?

– Ela é somente uma pessoa!

Sim, definitivamente um idiota.

– E você mentiu sobre ela.

– Eu *sabia* que isso se tratava de Pip.

Zephyr olhou para Piper.

– Você gosta desse apelido ridículo?

– Não. Já pedi para que ele não o usasse, mas, como sempre, Art não me ouve.

– Se a ouvisse, talvez os negócios dele não estivessem em risco agora.

– Ela foi embora, não eu!

Piper franziu o cenho para o “ex”, mas não havia raiva nos olhos azuis.

– Fui embora porque você me traiu, e então me despediu quando eu pedi o divórcio.

– Você não costumava ser vingativa – apontou Art.

– Não sou vingativa agora.

– Então, faça-o parar. – Art soou desesperado e suplicante. Até mesmo acrescentou: – Por favor.

Zephyr deu uma gargalhada.

– Seu ex-marido é um ator e tanto.

– Oh, eu acho que ele está realmente desesperado, e entendo isso – respondeu Piper.

– Sente pena dele? – questionou Zephyr, incrédulo.

– Sei como é ter sua carreira destruída pelas palavras descuidadas de alguém. Eu não desejaria isso para o meu pior inimigo.

– Não tenho problema em desejar isso a ele – Zephyr admitiu com total honestidade.

– Entendo. – Ela não parecia condená-lo nem aprovar sua atitude.

Ele não pôde evitar imaginar se o relacionamento deles sobreviveria à revelação desse aspecto cruel de sua natureza. Todavia, isso era uma revelação? Ela soubera de seus planos de lutar pela custódia sem que ele precisasse vociferá-los.

Zephyr voltou olhos frios para o outro homem.

– O que você esperou conseguir vindo aqui?

Art fez uma pausa, antes de baixar os ombros e responder:

– De preferência, que Piper o convencesse a dizer que você estava enganado sobre minha firma.

– Eu não minto.

– Eu me contentaria se você cancelasse os boatos.

– Eu não espalhei os boatos. – Ele não oferecera favores para que aquilo se propagasse. – Foi realmente só um comentário aqui e ali.

Art voltou-se para Piper.

– Você não vai fazer nada para me ajudar?

Dessa vez, Zephyr deixou que ela respondesse:

– Eu não sei o que posso fazer – disse Piper.

– Você poderia voltar a trabalhar para a Très Bon.

Zephyr teve de se conter para não reagir, mas confiava em Piper para dar uma resposta merecida ao homem.

– Não nesta vida.

Art insistiu:

– Pense sobre isso. Podemos abrir um escritório na Costa-oeste, com você no comando de tudo.

– Não estou nem um pouquinho interessada – disse Piper com firmeza.

– Então, suponho que não há nada a fazer, exceto declarar falência e demitir todos os funcionários da Très Bon.

Zephyr suspirou com desgosto.

– Não seja melodramático. Um bom consultor financeiro pode tirar sua firma do vermelho com uma reorganização severa e consolidação de recursos.

– Não se você continuar nos difamando.

Zephyr olhou para Piper, então para Art.

– No futuro, se você falar a verdade sobre o talento e habilidades de Piper, eu farei o possível para evitar falar a verdade sobre você.

– Suponho que essa é a melhor oferta que vou receber.

– Eu poderia recomendar um consultor para sua reorganização – ofereceu Zephyr.

– Encontrarei meu próprio consultor – disse Art, então se virou e foi embora.

Piper suspirou.

– Vou tirar o resto do dia de folga. Discutir minha vida particular no meu local de trabalho me estressou o bastante por hoje. Vamos.

Zephyr não ia discutir. Se ela iria lhe dizer que tinha mudado de ideia sobre se casar com ele, era melhor ouvir aquilo em algum lugar que lhe desse a chance de fazê-la mudar de ideia. Algum lugar particular.

Quando eles chegaram ao apartamento de Piper, Zephyr parecia emocionalmente distante. Ela não sabia por que, mas não ia deixar que a visita de Art colocasse uma barreira entre os dois. Se ver seu ex-marido servira para alguma coisa, tinha sido para lhe mostrar o quanto era afortunada por ter um homem como Zephyr em sua vida agora.

O senso de justiça dele era um pouco exacerbado, mas isso era melhor do que ser um homem que, além de mentir para os outros, mentia para si mesmo. Como Art.

Pensando na melhor maneira de aproximar-se emocionalmente de seu noivo, ela parou diante da porta.

– Nós nos esquecemos de uma coisa quando você entrou na minha loja mais cedo.

– O quê?

– De nos beijar.

– Você quer que eu a beije?

Ele realmente precisava perguntar?

– Sim.

– Posso fazer isso.

– Eu não apostaria muito nas nossas núpcias se você não pudesse – brincou Piper.

Com um brilho predador nos olhos, Zephyr pressionou-a contra a porta do apartamento, uma mão de cada lado da cabeça dela.

– Sabe o que notei ultimamente? – perguntou ele.

– Não, o quê?

– Você tem certa obsessão por ter a última palavra.

Piper teria respondido, mas os lábios dele estavam no caminho.

CAPÍTULO 8

O BEIJO foi lento e apaixonado. Em concordância, eles se separaram para entrar no apartamento. Então Zephyr se certificou de trancar a porta antes de inclinar-se contra a madeira, com Piper à sua frente.

Suas mãos deslizaram pelo corpo delgado, removendo-lhe a blusa no processo.

Piper contorceu-se contra seu corpo sólido, saboreando a sensação da ereção viril pressionada contra as costas dela.

– Sim, Zee, toque-me.

Ele segurou-lhe os seios, apertando-os bem de levinho para provocar, e somente quando ela gemeu Zephyr deslizou as mãos para dentro do sutiã e brincou com os mamilos dela, enquanto lhe mordiscava o ponto sensível atrás da orelha, fazendo-a tremer.

Piper pressionou as costas contra ele, o centro feminino ansiando pela atenção que ele estava dando para o resto de seu corpo.

Obedecendo ao comando silencioso, Zephyr desceu uma das mãos para abrir a calça dela. Sem cerimônia, deslizou a calça e a calcinha ao mesmo tempo pelos quadris curvilíneos. Piper deu um passo à frente para se livrar das peças, não se importando que ainda usasse as sandálias de salto alto.

Então arqueou o corpo quando ele lhe tocou o clitóris, um gemido profundo escapando de sua garganta. Zephyr a provocou até que ela liberasse seu primeiro orgasmo intenso.

Somente então começou a se despir. Tudo se tornou frenético e, de alguma maneira, Piper acabou inclinada, com as mãos no encosto do sofá, as pernas abertas, e ainda usando os saltos altos.

Ele inseriu seu grande sexo no interior doce e úmido dela, extraindo suspiros e gemidos de Piper, assim como súplicas por mais e mais.

– Como pode ser cada vez melhor?

– Não sei. Não me importo. – Zephyr estabeleceu um ritmo que a teria feito virar sobre o sofá, se ele não tivesse ambas as mãos ao seu redor.

Uma das mãos brincava com um seio dela, e a outra estimulava o clitóris.

Ela estava gritando com o segundo orgasmo, quando ele liberou seu prazer no interior do corpo deleitoso, com um gemido gutural.

Depois, Zephyr a levou para o chuveiro, onde eles se lavaram com o mesmo prazer que faziam amor. Ela adorava a intimidade doméstica de compartilhar o banho com ele. Era como se aquilo provasse que eles eram um casal.

Estavam fazendo o jantar juntos na pequena cozinha, quando Zephyr disse:

– Pensei que você ia desistir de se casar comigo.

Então era por isso que ele estivera distante mais cedo.

– Por que, pelo amor de Deus?

– Você viu meu lado cruel hoje.

– Eu sempre soube que você podia ser implacável, mas confesso que tive dificuldade em juntar o homem que passei a amar a um que tramaria para destruir a reputação de alguém. – Piper inclinou-se para lhe beijar o queixo.

Ele virou-se, tensão irradiando no corpo poderoso.

– Você nunca me perguntou sobre meu pai.

– Você sabe quem é seu pai biológico? – Piper assumira que a mãe dele não soubera qual dos clientes era pai de Zephyr.

– Sim.

Ela puxou-o de frente para si.

– Conte-me.

– Se você conversasse com outros homens da classe de meu pai, eles diriam que ele era um fazendeiro respeitado, de uma família honrável, que

tinha sorte em seus investimentos. Apenas que ele e a esposa queriam uma vida luxuosa que não podia ser sustentada pela renda das oliveiras da fazenda. Ele fez investimentos, mas não do tipo respeitáveis.

– Como assim?

– Investiu num estábulo de mulheres, e, sim, era como ele as chamava. Tratava-as como trataria cavalos, suponho. Cuidava de suas necessidades físicas, enquanto esperava que elas servissem seus clientes. E o servisse. Minha mãe era a favorita dele. Meu pai era o único homem que podia possuí-la sem usar preservativo.

– Sua mãe continuou trabalhando para ele, mesmo depois de ter o filho dele?

– Ele não me reconheceu como filho. Não até que eu fosse mais velho, e ele percebeu que sua esposa legítima nunca iria lhe dar um herdeiro para a fazenda da família. Ele foi ao orfanato com a intenção de me reivindicar. Achou que eu ficaria grato que quisesse me “adotar”.

– Que *desgraçado* corrupto, sem mencionar egoísta. – O coração de Piper doía pela criança que Zephyr tinha sido, e pelo homem cuja habilidade de amar e confiar fora tão prejudicada.

– Foi assim que o vi. Eu não pretendia ser o filho obediente de um homem que tratou minha mãe como um objeto, e que me deixou num orfanato por anos.

– Foi quando você e Neo fugiram do abrigo, não foi?

– Sim, e ajudamos um ao outro a construir nossas vidas com a maior distância possível daqueles que nos puseram no mundo.

– Vocês dois foram muito bem-sucedidos.

– Sim.

Mas Piper ainda estava interessada no que o deixara tenso.

– Então, por que você mencionou seu pai agora?

Zephyr suspirou.

– Quando eu estava em posição de fazer isso, fiz questão de revelar a verdade sobre os *investimentos* dele.

Ah, aquilo fazia sentido.

– Aquele seu lado cruel aparecendo.

– Sim.

– Ele foi para cadeia?

– *Oh...* não, ele tinha dinheiro. Pagou para se safar da prisão, mas não pôde pagar para sua esposa respeitável permanecer ao seu lado. Ironicamente, acabou casado com uma das prostitutas, e ela lhe deu duas filhas. – Zephyr fez uma pausa. – Nós não vamos convidá-los para o casamento. As meninas são muito pequenas para saber quem eu sou, e não tenho interesse em reconhecer aquele canalha como meu pai.

Ela tremeu.

– Não se preocupe. Eu nem consideraria isso.

Ele pareceu aliviado.

– Então?

– Então, o quê?

– Sou um sujeito muito cruel. – Zephyr falou como se aquilo fosse uma grande revelação.

– Isso é um pouco perturbador – disse ela, incapaz de resistir à provocação.

– Perturbador o bastante para fazê-la questionar sua decisão de se casar comigo?

– Depende.

– Do quê?

– Se existem outras pessoas para quem você sente necessidade de “contar a verdade”. – Ela bateu os cílios, deixando claro que estava brincando.

Mas ele continuou sério.

– Não.

– Eu estava brincando, Zee. Nada que descobri hoje mudou a maneira como me sinto a seu respeito.

– Você não acha que sou como meu pai?

– O quê? – Piper segurou-lhe os ombros e tentou sacudi-lo. Não funcionou, mas ele entendeu a ideia. – Como pode perguntar isso? Você não é nada como aquele patife.

– Eu não quis puni-lo pelo que ele fez comigo, mas quis mostrar para as pessoas ao redor de meu pai quem ele era e como usava os outros.

- Eu sei.
 - Ele destruiu muitas vidas.
 - E aposto que nunca se arrependeu. Ele e Art têm mais em comum do que você e ele.
 - Pena que eles não são parentes.
 - Sim, é. A família de Art é decente. Não tenho ideia de como ele saiu tão egoísta e cego para seus próprios defeitos.
 - Minha mãe não queria desistir de mim. Mesmo quando eu era um garotinho, entendia isso. Ela sentia que não tinha escolha. Não queria que eu fosse criado numa casa de prostituição.
 - Então, escolheu a opção menos terrível, e pagou o resto da vida por ter sido obrigada a fazer isso.
 - Acho que você está certa. - Ele parecia estar tendo uma revelação.
 - É a coisa do oráculo porque vou ser mãe - brincou ela.
- Zephyr sorriu, então voltou a ficar sério.
- Por isso você quer convidá-la para o casamento? Acha que é hora de ela parar de pagar?
 - Acho que é hora de vocês dois pararem de pagar por coisas que não podem ser mudadas.
 - Vou ligar para ela amanhã.
 - Obrigada.

Zephyr olhou para o monitor de seu computador, que mostrava uma planilha eletrônica de seu último projeto, mas tudo que via era uma imagem do passado... o rosto de sua mãe numa das muitas vezes que ela lhe dissera que o amava antes de deixá-lo no abrigo. Podia ver alguma coisa naquela imagem mental que nunca se permitira reconhecer antes... o terrível sofrimento em olhos tão parecidos com os seus.

“At Last”, de Etta James, começou a tocar, trazendo-o de volta ao presente.

Zephyr pegou seu celular e o atendeu sem olhar para a tela.

- Olá, *pethi mou*.

O que lhe faltava de sentimento sobrava em Piper. Ela programara a música no seu celular como um toque pessoal após concordar com o casamento. Fizera questão de alianças de casamento para os dois, com seus

nomes e datas gravadas no interior. Algo tão pequeno, mas que seria especial para ela.

– Como foi? – perguntou Piper sem preâmbulos.

– Ela chorou.

– Você não está surpreso.

– Não. – Não depois que Piper o avisara para esperar isso. – Nós combinamos de jantar juntos um dia antes do casamento, como você sugeriu. – Piper achava que encontrar a mãe dele pela primeira vez em mais de duas décadas, na noite do casamento, seria muito dramático.

– Ótimo. Vamos encontrá-la num restaurante?

– Não, minha mãe nos convidou para ir a casa dela.

– Você concordou?

– Sim.

Piper fez uma pausa, então perguntou:

– O marido dela estará lá?

– Sim. E ele também irá ao casamento.

Absoluto silêncio seguiu a notícia inesperada.

– Ele quis falar comigo também.

– O que ele disse?

– Que sentia muito, muito, *muito*. Que errou em obrigar minha mãe a me abandonar. Disse que quisera me falar isso antes, mas estava esperando até que eu estivesse pronto para ouvir. Ele também chorou.

– Ouvi dizer que homens gregos choram às vezes.

– Fiquei sabendo como meus irmãos descobriram sobre a minha existência.

– Achei estranho sua mãe contar, depois de não permitir que você os visse quando eles tinham idade o bastante para reter lembranças – comentou Piper. – Como aconteceu?

– Iola, minha irmã, achou minha mãe chorando sobre uma pilha de velhas fotografias e convenceu-a a contar a história inteira.

– Iola deve ser muito persuasiva.

– Ela é muito teimosa.

– Como o irmão, certo?

– Talvez.

Piper riu.

– Quantos anos Iola tinha quando descobriu sobre você?

– Doze. Ficou furiosa com o pai. Chamou-o de monstro e se recusou a falar com ele por um ano inteiro depois disso.

– Nossa, ela deve ser *mais* teimosa do que você.

– Você acha? – provocou Zephyr.

– Terei de considerar a questão.

– Iola nunca me contou nada disso depois que eu os contatei. Deixou que eu acreditasse que minha mãe havia lhe contado de livre e espontânea vontade. Não queria que eu odiasse nossa mãe.

– Ela também respeitou a distância que você manteve – apontou Piper.

– Sim. – E ele sempre apreciara isso.

– Você é o homem mais incrível do mundo, sabia? – A aprovação calorosa na voz de Piper o envolveu.

– Já me disse algo assim antes.

– Bem, agora acho isso ainda mais.

– Você faz bem para o meu ego, mesmo que eu não entenda por que está tão impressionada.

– Por você ter perdoado sua mãe e o marido dela.

– Eu os perdoei muito tempo atrás. – Um homem não podia despender energia com ódio, quando estava construindo uma vida nova. – Apenas não acreditei que eles pudessem ser uma parte positiva de minha vida. Você me convenceu a lhes dar uma chance.

– Eu amo você, Zephyr.

– Obrigado.

Ela riu.

– De nada. Então, nossas famílias estarão na cerimônia. Diga-me que você reservou a igreja.

– Sim, está reservada. E minha secretária está agendando os voos para sua família enquanto falamos. Eles todos chegarão no fim de semana, o que lhes dará tempo de fazer alguns passeios turísticos antes do casamento, na

quinta-feira à noite. Nós iremos para a Grécia com Neo e Cass no avião da empresa depois do casamento deles, no domingo.

– Ainda acho difícil acreditar que estaremos casados em duas semanas. Na Grécia, exatamente como sonhei. Você fez acontecer.

– Mesmo que com métodos pouco ortodoxos.

Eles haviam descoberto que um casamento na Grécia requeria uma papelada que estenderia muito a data da cerimônia. Neo sugerira um casamento no civil em Seattle, seguido pelo religioso na Grécia, no qual as famílias participariam. Quando Piper concordara, Zephyr tinha insistido em coordenar ambos os eventos imediatamente.

– Gostei de como será. A cerimônia legal é particular, somente para nós, e nossas famílias irão compartilhar as bênçãos coletivas.

– Contanto que você esteja contente, eu também estou – respondeu Zephyr. – Como vai a grande procura pelo vestido?

– Muito bem, obrigada. Encontrei o vestido perfeito on-line. O designer vai enviá-lo para uma loja de noivas, caso alterações sejam necessárias.

– Ótimo.

– Vai custar mais do que se tivesse sido comprado numa loja de Seattle. – Ela parecia estar se esforçando, e fracassando, para se sentir culpada. Devia ter *adorado* o vestido.

– Eu não me importo.

– Assim você disse. – Piper deu um suspiro alegre. – Obrigada.

– De nada.

– Tem certeza de que não estamos sendo precipitados?

Alguma coisa pareceu golpeá-lo.

– Está se arrependendo?

– Não! De jeito nenhum.

Certo, isso era bom.

– Mudou de ideia sobre se casar na igreja?

– Definitivamente não.

– Então, não estamos sendo precipitados, e apenas oportunos.

– Certo. Hum, Art ligou agora pouco.

Era aquilo que a deixara insegura? Piper estaria questionando sobre as chances de sucesso de um casamento?

– Ele finalmente pareceu perceber que vamos mesmo nos casar.

– Ele não está convidado. – Perdoar a família de Arthur era uma coisa, perdoar o ex-marido de Piper era ir longe demais.

– Ele não pediu um convite. Bem, não diretamente.

– Aquele homem não tem vergonha.

– E você não sabe a razão principal pela qual ele ligou.

– Deixe-me adivinhar – murmurou Zephyr. – Ele queria um empréstimo?

– Sim! Como ele pôde?

– Para um homem como ele? Facilmente.

Piper suspirou com desgosto.

– Às vezes não posso acreditar que amei aquele homem... ou pelo menos o homem que acreditei que ele fosse.

– Ele esconde seus defeitos.

– Com certeza – concordou ela.

Uma vez que Piper obviamente não sentia mais nada pelo ex-marido, Zephyr tinha condições de ser generoso.

– Você quer que eu ajude a firma dele?

– Faria isso, se eu quisesse?

– Sim. Quero que você seja feliz.

– Emprestar dinheiro a Art seria um desperdício. Muitos dos melhores designers deixaram a firma devido às dificuldades financeiras ou em criatividade. Eu sugeri mudar para escritórios menores na época que trabalhava lá, mas ele gostava da “grande” impressão que o espaço causava nos clientes, a ilusão de que a firma era maior do que realmente era. Art ainda está pagando aluguel de uma propriedade muito maior do que necessita.

– Ele não quer reconhecer suas escolhas pobres e os efeitos que estas tiveram em sua empresa.

– Nunca quis. Quanto aos funcionários que ficariam desempregados, eu dei alguns telefonemas. Além de saber que os melhores designers deixaram a

Très Bon, descobri que Art está usando estagiários temporários desde o ano em que eu saí. Ele sempre foi mais sobre aparências do que substância.

– Então, sem empréstimo?

– Sem empréstimo – confirmou Piper.

– Sinto muito.

– Eu também, pelas pessoas que confiaram na Très Bon e pelo tio dele, que ainda é vivo, e tem de ver sua firma falir.

– Então, seu “ex” *não* é um problema entre nós.

– Eu lhe disse que ele não era.

– Você teve sentimentos por ele longo tempo depois do divórcio. – Zephyr a lembrou.

– Mas já superei. Com sua ajuda.

Ele não precisava se questionar por que aquele conhecimento era tão satisfatório.

– Onde vamos dormir juntos esta noite?

– No meu apartamento. A equipe de mudança chegará lá pela manhã.

– Estou ansioso para compartilharmos a mesma casa. – E, pela primeira vez, sua cobertura pareceria um lar, com ela morando lá.

A mudança foi tranquila, e Piper surpreendeu-se com a facilidade com que suas coisas se integraram no apartamento de Zephyr. O fato de ele ter lhe dado carta branca para a decoração e para mudar os móveis de lugar ajudou.

E ele aprovou e elogiou cada pequena mudança.

– Por que você está me olhando desse jeito? – perguntou Zephyr.

– De que jeito?

Piper sabia o que estava em seus próprios olhos agora: amor, adoração, admiração.

Ele era tão perfeito para ela!

– Como se eu fosse o homem perfeito.

– Por que não seria?

– Ninguém é perfeito, Piper.

– Verdade, mas então você não precisa ser perfeito para que eu o ame. Só precisa ser *perfeito para mim*. E é.

Ele não pareceu convencido, mas não discutiu.

– Seu vestido chegou?

– Sim.

– Quem é o designer?

– Não vou contar. Você terá de esperar até nosso casamento na Grécia antes de me ver em toda a minha glória.

– Você não o usará na cerimônia civil?

– Não. – E ele dizia que não era sentimental.

Certo.

– O que você vai vestir?

– Você saberá quando chegarmos lá. – Piper ajustou o ângulo de uma tela de bambu que colocara no canto.

– Eu não pretendo ir vendado até lá.

– E eu não pretendo passar a noite em nosso apartamento na quinta-feira.

Aquilo chamou a atenção dele.

– Por que não?

– Tradição.

– Mas... – Zephyr parou, então a olhou com firmeza. – Tudo bem, mas, depois disso, não pense que vai passar a noite em nenhum outro lugar que não em nossa cama.

– É claro.

– Eu falo sério. Mesmo na noite antes anterior ao casamento religioso na Grécia.

Ela riu.

– Tudo bem, mas vou sair da nossa cama cedo pela manhã, e você não vai me ver até o momento que eu entrar na igreja, mais tarde.

– Isso é aceitável.

– Que bom que você aprova. – Ela rodeou-lhe o pescoço com os braços. – Sei que estamos com pressa, mas quero observar todas as tradições que são importantes.

Ele a puxou para mais perto.

– Sem problemas, mas, lembre-se, sem dobrar as tradições porque teremos duas cerimônias.

– Mas algumas tradições valem a pena ser feitas duas vezes, como ter duas noites de núpcias. Até mesmo comprei dois conjuntos diferentes de lingerie sexy. – Ela fingiu um olhar desinteressado. – Suponho que eu possa devolver um deles.

– De jeito nenhum. Duas cerimônias merecem duas noites de núpcias com tudo que elas têm direito.

Piper deu um sorriso triunfante. Após uma pausa, Zephyr perguntou:

– Então, para onde você vai na noite antes de nossa cerimônia?

– Cass me convidou para ficar com ela e Neo. Levaremos a limusine para o cartório. Neo vai levar você de carro.

– Você planejou tudo, não?

– Alguma objeção?

– Não gosto da ideia de passar uma noite sozinho numa cama vazia.

– Você vai sobreviver. – Piper lhe deu um beijinho nos lábios.

– Assim você diz. Eu provavelmente não vou pregar o olho.

– É melhor você dormir. Eu espero uma noite de núpcias memorável.

– *Todas* as noites que passarmos juntos serão memoráveis.

– Sabe, para um homem que nega romance com veemência, você é terrivelmente sentimental.

CAPÍTULO 9

– **A** VERDADE não é sentimental. – Zephyr tentou parecer ofendido, mas estava obviamente satisfeito. Mesmo que não quisesse estar.

– Tanto faz. Estou apenas feliz com a ideia de passar o resto de minha vida com um homem tão romântico.

Agora, ele parecia preocupado.

– Eu não sou romântico, Piper. Você sabe disso.

– Às vezes, acho que eu o conheço melhor do que você se conhece.

– Como você conhecia Art?

Ela entendia que a pergunta era defensiva, mas ainda assim magoava.

– Eu pensei que conhecesse meu ex-marido, mas só vi o homem que ele queria que eu visse, até que toda a fachada caiu.

– Você diz que me ama, mas me transformou num tipo de super-herói em sua mente. O que vai acontecer quando descobrir quem eu realmente sou... um homem cruel e não sentimental?

– Em primeiro lugar, eu sei quem você é, Zephyr Nikos. – Por mais que tivesse sido ingênua com o ex-marido, sabia que não podia estar enganada quanto a Zephyr. – Nós éramos amigos antes de nos tornar amantes. – Ela o lembrou. – Eu o vi em cada aspecto de sua vida, desde seu dia mais impaciente no trabalho até o momento que você entendeu que sua mãe não o deu sem imenso sofrimento.

– E daí?

Ele realmente achava que coisas como aquelas não importavam?

– E daí que sei que você pode ser cruel, mas também sei que não é obcecado por vingança. Se fosse, teria feito alguma coisa para o marido de sua mãe, mas nunca fez. Você comprou uma casa para eles, pôs os filhos do homem na escola. Nunca fez nada para feri-lo. Simplesmente não é *tão* cruel.

– Mas eu sou.

– Oh, verdade?

– Você está sendo deliberadamente obtusa.

Piper afastou-se, cruzou os braços e o encarou.

– Acho que o obtuso aqui é você.

– Esta é nossa primeira briga? – perguntou Zephyr, como se o conceito o divertisse.

Ela não estava rindo.

– Não. Já discutimos antes.

– Não desde que estamos noivos. – Ele a empurrou em direção do sofá.

Piper ofereceu resistência, mas aos poucos se permitiu ser manobrada para um lugar ao lado dele. Mas se recusou a sentar-se no colo de Zephyr, e manteve os braços cruzados.

– Considerando o quanto o noivado é recente, isso não quer dizer muito.

– Você que começou.

– E daí?

– Significa que tem mais a dizer sobre o assunto. É melhor você falar tudo de uma vez.

A primeira reação de Piper foi acusá-lo de sondá-la, mas então percebeu que toda aquela discussão devia ter acontecido porque ele precisava ser tranquilizado.

E, se Zephyr precisava dessa segurança, ela lhe daria. Mesmo que ele estivesse sendo irritante.

– Talvez você não seja sentimental por natureza, mas é doce o bastante para mim, certo? Pode não se ver como uma pessoa romântica, mas as coisas que diz e faz por mim são o que eu sempre quis nesse departamento. Art *fingia* ser o tipo de homem que eu poderia amar. Você é esse homem. Você não finge nada. Na verdade, é quase brutalmente honesto, às vezes.

– E isso não a incomoda?

– Não – replicou Piper. – Tenho dificuldade em confiar agora. Saber que você sempre fala a verdade, mesmo quando machuca, é um grande conforto para mim. *Sei* que posso confiar em você, e não achei que eu seria capaz de dizer a um homem novamente que eu o amava.

– O que é amor sem confiança?

– Não sei. – Por que ele não lhe perguntava alguma coisa mais simples, como qual era o significado da vida, por exemplo? – Eu não sou filósofa. Tudo que sei é que eu o amo. Confio em você. E nada irá mudar a maneira como eu o vejo. Portanto, é melhor se acostumar com isso.

– Suponho que não tenho muita escolha.

– Não se ainda quiser se casar comigo.

– Isso nunca esteve aberto para discussão.

– Ótimo.

– Podemos progredir para sexo catártico após conflito agora? – perguntou ele com um olhar malicioso.

Piper riu e descruzou os braços.

– Acho que podemos.

Eles estavam na banheira espumante, depois de um ato de amor que despertara em Piper muitas emoções e infinito prazer.

– Pensei que sexo catártico fosse ardente e desesperado, em vez de lento e carinhoso.

– Eu não gosto de me encaixar em estereótipos.

– Não se preocupe com isso. Você é único, Zephyr.

– E você é uma mulher muito especial, Piper Madison.

– Cuidado, você está começando a ficar sentimental.

– Então talvez este seja o momento ideal para isso.

– Isso?

Mas ele estava inclinando-se sobre a lateral da banheira, pegando alguma coisa, e não respondeu. Quando endireitou o corpo, segurava uma caixinha de anel com um laço branco de seda ao redor. Não havia engano quanto ao logotipo. Ele estivera comprando na Tiffany.

– Zephyr? – sussurrou ela com a garganta subitamente seca.

Ele a fitou com intensidade, a expressão séria e calorosa.

– Piper Madison, você me daria a honra de se tornar minha esposa?

– Você sabe que sim – respondeu ela com os olhos cheios de lágrimas.

Zephyr tirou um lindo anel de diamante e platina da caixa e deslizou no dedo dela.

– Toda mulher merece um pedido antes de se casar.

– Obrigada – disse ela com voz trêmula.

– Eu sabia que você ia ficar sentimental.

Piper riu.

– Esta sou seu. Sentimental.

– E incrivelmente doce.

Ela enxugou os olhos.

– Amo muito você.

– Espere para ver o que eu fiz com as alianças de casamento. – Ela tentou pegar a caixa, mas ele a ergueu no ar. – Não, não... não até a cerimônia.

– Você está se vingando por causa do vestido de casamento.

– Você mesma disse que eu não sou obcecado por vingança. Estou meramente honrando a tradição.

– Está honrando uma chance de me manter em suspense.

Zephyr deu de ombros.

– Talvez.

– Seu... – Ela lançou-se sobre ele.

Zephyr jogou a caixa longe antes de aceitar o peso deleitoso e envolvê-la nos braços.

Com olhares frequentes para a rua, Zephyr andava no corredor acima dos degraus do cartório. Puxou o colarinho da camisa branca que usava com as alianças no bolso. Desviou o olhar para o prédio.

Neo estava encostado contra a parede e observava-o com um sorriso irônico.

Zephyr olhou para seu amigo.

– Apenas espere. No domingo, na frente da igreja, *você* não será tão complacente.

– Não, mas também não ficarei andando de um lado para o outro.

- Estou gastando energia em excesso.
- E como você chama olhar para o relógio a cada trinta segundos?

Checando a hora?

- Elas deveriam ter chegado cinco minutos atrás.
- Está seriamente com medo de que Piper não apareça?
- Ela nem mesmo me deixou enviar-lhe uma mensagem de texto ontem à noite. – Piper dissera que queria seguir a tradição completa, e ele permitira.

Era um tolo.

Neo fez uma careta.

- Homem, você não tem jeito.
- O que tenho são seis minutos depois do horário no meu relógio.
- E uma noiva chegando.

Zephyr virou-se para ver a limusine parando à frente do cartório. Um alívio irracional o percorreu, considerando os poucos minutos de atraso, mas ela o deixara uma vez, mesmo que por somente uma semana. E Zephyr sabia o quanto era fácil abandonar alguém que você dizia amar.

Zephyr desceu os degraus e abriu a porta antes que o motorista pudesse rodear o veículo para fazer isso.

Cass desceu primeiro, usando um lindo vestido cor-de-rosa e com um grande sorriso no rosto.

- Felicidades no dia de seu casamento, Zee.
- Obrigado.

Ele olhou para sua noiva. E Piper parecia uma noiva.

Estava usando um véu curto e um vestido branco na altura dos joelhos, com a saia belamente rodada. Os olhos azuis brilhavam com uma felicidade que ele sempre queria ver ali.

Ela lhe estendeu a mão.

- Ajuda uma garota a descer?

Alguma coisa se moveu dentro do peito dele enquanto a ajudava a descer da limusine e ir diretamente para os seus braços. Então, erguendo o véu, Zephyr clamou por seus lábios num beijo ardente e inevitável.

O som de buzinas e assobios finalmente penetrou sua consciência, e ele se afastou com relutância.

– Pensei que o beijo viesse depois da cerimônia – provocou Cass.

Neo riu.

– Nós, gregos exilados, fazemos as coisas do nosso próprio jeito.

Piper olhou para Zephyr com olhos apaixonados.

– Você é um tradicionalista com um leve desvio. – Ela suspirou feliz. – Eu gosto do jeito como faz as coisas.

– E eu gosto da sua roupa. – Sim, ele era tradicionalista. Estava satisfeito que Piper se vestira como noiva para a cerimônia civil. E uma noiva tão linda.

Ela lhe deu um sorriso travesso.

– Espere até ver o que estou usando por baixo.

– Não faça isso comigo. Não pretendo me casar com uma ereção em minha calça. – Mas somente vê-la vestida de noiva já o estava excitando.

– Vou tentar ser boazinha.

– Não muito boazinha – murmurou ele, enquanto eles subiam a escada de braços dados.

A cerimônia foi simples e breve. Toda a pompa estava reservada para o casamento religioso na Grécia.

Então, a sensação de profundidade que chocou Zephyr no momento em que ele assinou a certidão de casamento era totalmente desnecessária. Todavia, não passou quando ele entregou a caneta para Piper. A mão delicada tremia enquanto ela assinava, e Zephyr não se sentiu tolo. Aquela era uma grande mudança na vida deles, afinal de contas.

Eram agora legalmente marido e mulher. Piper era sua, como ninguém tinha sido desde o dia em que ele entrara pela porta do orfanato.

Ele a puxou para si.

– É hora do beijo agora?

– Acredito que sim.

Zephyr inclinou a cabeça e ela o encontrou na metade do caminho. Seus lábios se tocaram num beijo de promessa.

Ele inclinou a cabeça para trás.

– Minha.

– Sim, meu homem das cavernas particular, eu sou sua. E você é meu – murmurou ela com um sorriso suave.

– Tem certeza de que você e Neo não são irmãos de sangue? – perguntou Cass com uma risada. – Vocês dois têm as mesmas tendências primitivas.

– Somos irmãos de todas as maneiras que contam – replicou Neo com firmeza.

Zephyr assentiu em concordância.

– Suponho que isso nos torna cunhadas. – Piper falou para Cass.

Cass olhou para seu próprio anel de noivado com um sorriso feliz.

– No próximo domingo, seremos.

– Estou ansiosa por isso.

– Eu também.

– No momento, estou ansioso por champanhe na cobertura – disse Neo. – Minha governanta prometeu uma refeição à altura dos magnatas milionários que somos.

Mas não foi na cobertura que eles acabaram. A governanta de Zephyr, Dora, os esperava no saguão do prédio da Stamos e Nikos Enterprises, juntamente com o que parecia ser a maioria dos funcionários. Grandes faixas onde se liam “Parabéns, Zephyr e Piper” e “Parabéns, Neo e Cassandra” estavam penduradas de cada lado da área de recepção. Garçons vestidos de preto andavam entre os grupos de funcionários com bandejas de canapés e champanhe.

As assistentes pessoais de Zephyr e Neo estavam paradas juntas diante da área de recepção.

– Parabéns! – Elas exclamaram ao mesmo tempo.

– Srta. Parks, você planejou isto? – perguntou Cass, surpresa.

– Com a ajuda da assistente pessoal do sr. Nikos e a governanta de Stamos.

Dora aproximou-se e abraçou primeiro Neo, depois Zephyr.

– Queríamos fazer alguma coisa para informá-los do quanto seus funcionários estão satisfeitos que vocês dois encontraram a felicidade pessoal.

Cass abraçou a governanta.

– Obrigada. Isso é muito especial.

A mulher mais velha sorriu.

– E fiquem quanto tempo quiserem. Todos entendem. Vocês estão entre amigos aqui.

Piper foi cumprimentada por diversas pessoas que a conheciam de quando ela trabalhara em projetos para a firma.

Zephyr recebeu mais votos de felicidades em sua recepção surpresa do que tinha recebido durante sua vida inteira. Havia até mesmo presentes de casamento, assim como doações nos nomes deles para abrigos familiares e orfanatos.

– Isto é tão perfeito – disse Piper com voz emocionada.

– Eu sempre falei que contratamos a melhor equipe – comentou Neo orgulhoso.

– Sem dúvida – concordou Zephyr.

No momento em que conduziu Piper para dentro do apartamento deles, algumas horas mais tarde, o afeto não familiar envolvia Zephyr.

– Foi um gesto tão bonito da parte deles... – disse ela, removendo os sapatos brancos.

– Neo ficou tão surpreso quanto eu.

– Vocês não tinham ideia de que eles estavam planejando alguma coisa?

– Nenhuma.

– Cass ficou chocada que a assistente de Neo estava envolvida nisso. Pensou que a srta. Parks a detestasse.

– Sempre me perguntei se a srta. Parks é humana, mas detestar Cass? Ela é quase tão doce quanto você.

– Você está sendo sentimental de novo. – Piper tirou o véu curto e jogou-o sobre o sofá. – Gosto disso.

– E eu gosto da ideia de descobrir o que há por baixo de seu magnífico vestido.

– Magnífico é o que usarei na igreja. Sinto-me como uma rainha moderna vestida nele.

– Qual é mesmo o nome do designer?

– Eu não lhe contei e não vou contar. – Ela andou diretamente para os braços dele. – Sei que você tentou olhar no site dos designers.

– Espertinha também. – Ele a aninhou nos braços. – Não é de admirar que eu a tenha escolhido para ser mãe dos meus filhos.

– Ainda bem que engravidei inesperadamente então, não é? Do contrário, você não ia fazer nada sobre isso.

– Você sabe por quê.

– Sim, mas ambos queríamos esse casamento.

Era um imenso alívio ouvir aquilo.

– Mesmo que eu não... – Zephyr não terminou o pensamento, curiosamente não querendo falar as palavras que negavam seu amor.

Piper balançou a cabeça e ergueu uma das mãos.

– Não diga isso. Não hoje. Não agora. *Eu* o amo, e é tudo que importa neste minuto.

– Eu preciso de você. – Isso tinha de bastar.

– Sim. – Ela sorriu e pôs as mãos atrás das costas. – Mais do que você já precisou de qualquer outra mulher. – Então ele ouviu o som do zíper baixando.

– De todas as maneiras, você é única na minha vida.

– Isso basta.

– Basta?

– Sim – replicou Piper com firmeza. – Não basta?

Ele assentiu, incapaz de fazer qualquer coisa senão concordar.

– Sim, basta. Somos bons juntos.

Piper fez um giro com o torso e o vestido afrouxou.

– Somos *maravilhosos* juntos. – O tecido branco deslizou pelos braços delgados. Quando caiu, revelou um espartilho azul-claro que moldava os lindos seios com precisão.

Ela deu um sorriso enigmático, e o ar esvaiu-se dos pulmões de Zephyr no momento em que o vestido escorregou até o chão, revelando o resto do corpo deleitoso. O espartilho sem alças acabava acima dos quadris, deixando o pequeno triângulo de seda azul da calcinha completamente exposto. As meias de nylon eram presas por ligas que combinavam.

Piper girou num círculo lento, dando-lhe uma vista deleitável de seu traseiro nu, emoldurado por tiras finas da calcinha, amarradas com um laço perfeito no centro. Olhando por sobre o ombro, ela lhe soprou um beijo, antes de se virar de frente.

– Você gosta?

– Eu... – Zephyr teve de pigarrear. – Eu *adoro*. *Yineka mou*, você é minha fantasia favorita se realizando.

– Fantasia com mulheres grávidas vestindo lingerie sexy?

– Fantasia com você parecendo um presente perfeitamente embrulhado, esperando para ser aberto.

– Você parece gostar de me desembrulhar.

– Eu seria insano se não gostasse.

Piper umedeceu os lábios de maneira provocativa.

– Eu não sou uma supermodelo, Zee, mas você tem um jeito de fazer com que eu me sinta como se pudesse ser.

E ela tinha um jeito de fazê-lo se sentir como um super-herói. Zephyr estendeu as mãos.

– Venha aqui.

Ela meneou a cabeça, os cachos loiros dançando contra os ombros.

– Ainda não.

– Por que não?

– Você está usando muitas roupas.

– E você não quer me desembrulhar? – provocou ele.

– Outro dia. Hoje quero que você se dispa para mim.

Zephyr fez isso. E era incrível como o simples fato de ele remover suas roupas de modo metódico a fazia corar e respirar de forma ofegante.

Mantendo somente a cueca no corpo, ele estendeu os braços e ofereceu-se para o prazer dela.

– Que tal assim?

– Você ainda está usando uma peça de roupa. – Piper sorriu.

– Estou menos vestido do que você.

Sem esperar resposta, Zephyr atravessou a distância entre os dois e ajoelhou-se diante dela, segurando-lhe os quadris.

– Minha.

– Sim, meu homem das cavernas. Desembrulhe seu presente de casamento.

Ele começou pelas meias de nylon, soltando as ligas e rolando cada meia pela perna delgada até libertá-las dos pés perfeitos.

– Tão linda.

– Obrigada – murmurou ela com voz rouca.

Zephyr acariciou-lhe as coxas.

– Sua pele é mais sedosa do que as meias.

– Não posso falar – gaguejou Piper, com os joelhos tremendo.

Ele circulou-lhe a cintura com um braço a fim de firmá-la.

– Este sua lingerie é tão sexy que, pela primeira vez, estou tentado a deixá-la parcialmente vestida enquanto fazemos amor. – Houvera vezes que eles não tinham tido paciência para se despir, mas ele nunca quisera manter uma peça de roupa em Piper enquanto a amava.

– Como você quiser.

E a resposta o excitou mais ainda.

– Mas isto tem de sair – disse ele, desatando o laço da parte de trás da calcinha e puxando o triângulo de seda do corpo dela.

Em seguida, removeu sua própria cueca, revelando sua total excitação. Piper estendeu uma das mãos e acariciou-lhe a longa rigidez. Ambos tremeram com o contato.

– Quero você – sussurrou ela com voz rouca. – Quero isto – acrescentou, tocando-o de leve.

Zephyr gemeu. Então devolveu o prazer, deslizando os dedos entre as dobras úmidas do sexo feminino, depois inserindo um dedo e pressionando o ponto G, cujo local exato descobrira em experiências prévias.

– Oh, sim, Zee, aí mesmo.

Ele roçou-lhe o clitóris com o polegar, fazendo-a se contorcer.

– Aqui também, *yineka mou*.

– O que essas duas palavras gregas significam? Cass parece gostar muito delas.

– Se você pode pensar em Cass neste momento, estou fazendo alguma coisa errada – zombou Zephyr.

Piper afastou a mão máscula do seu clitóris.

– Fale.

– Significam “minha mulher”. Literalmente, agora, *minha esposa*.

– Você sempre foi mais possessivo do que quis admitir.

– É meu sangue do Mediterrâneo.

Piper envolveu-lhe o pescoço com os braços e beijou-o com paixão. Após vários segundos de deleite, roçou-lhe o pescoço com o nariz.

– Faça amor comigo, *marido*.

CAPÍTULO 10

DEIXANDO AS roupas do casamento em pilhas sobre o chão, Zephyr pegou-a nos braços e a carregou para o quarto com passos longos e apressados. Uma vez lá, abriu mão da cama e se decidiu pela poltrona do canto.

Ele sentou-se antes de acomodá-la de pernas abertas sobre suas coxas.

– Humm – murmurou Piper, roçando seu centro úmido contra a extensão rígida.

– Segure-se nos braços da poltrona e não solte as mãos – instruiu ele.

– Mas...

– Você disse que era como eu quisesse.

Uma risada sensual de Piper enviou arrepios por sua coluna.

– Certo.

Quando Piper segurou os braços da poltrona, permitindo-lhe controlar o ato de amor, o coração de Zephyr disparou, e seu sexo se tornou ainda mais rijo.

A confiança de Piper o encantava, mas tudo que ele queria era lhe dar o máximo de prazer possível. Começou pelo rosto, trilhando a ponta dos dedos ao longo das faces rosadas, do queixo, dos lábios.

– Linda.

Ela sorriu, os lábios entreabertos numa respiração ofegante.

Zephyr a beijou, então traçou com os lábios o mesmo caminho que seus dedos tinham trilhado, e depois com a ponta da língua.

Moveu-se para o pescoço, acariciando cada ponto suscetível na nuca, nos ombros e no peito. Ela tremeu.

– Você toca meu corpo melhor do que Cass toca piano – murmurou Piper com um gemido.

– Sou obcecado.

– Acredito em você. – Ela gemeu novamente quando polegares deslizaram para dentro do espartilho e brincaram com seus mamilos.

Zephyr continuou as carícias até que ela estivesse se contorcendo.

– Usar isto sob o vestido discreto de casamento excitou você? – perguntou ele.

– Sabe que sim. – Ela adorava usar peças sexies somente para ele, peças que ninguém mais podia ver.

– Lembro-me da primeira vez que você não usou calcinha num dia de trabalho.

– Você enlouqueceu quando percebeu. Naquela noite, no quarto de hotel. Era verdade. E depois eles tinham rido juntos.

Piper gemeu quando a boca de Zephyr encontrou a junção entre o pescoço e o ombro.

– Eu estava pronta para fazer amor muito antes que a festa surpresa acabasse.

– Como tive tanta sorte em acabar com uma mulher tão safada? – brincou ele.

– Eu nunca fui assim antes.

Zephyr ergueu a cabeça para olhá-la.

– Não, esse seu lado é só meu.

– Você é tão possessivo. – Piper respirou fundo, claramente tentando controlar suas emoções. – Tem certeza de que não existem dragões em seus ancestrais?

– Sem criaturas místicas, mas talvez alguns guerreiros. Eu sou grego. – Ele continuava fazendo carícias em seus mamilos e seios com os polegares. Era uma estimulação suficiente para excitar, mas não o bastante para satisfazer, e ele sabia disso.

– Você é incrível. Agora, por favor... pare de me provocar.

– Não estou provocando você – disse ele. – Estou lhe despertando o mesmo desejo frenético que acontece dentro de mim.

– Eu já estou sentindo isso.

– Não, mas chegará lá.

Zephyr arqueou os quadris e usou seu sexo para acariciar a intimidade feminina.

Ela gemeu alto com o toque íntimo.

– Quero você dentro de mim!

– Logo. – Antes que ela tivesse a chance de reclamar, ele segurou-a pela cintura e a posicionou de forma que a abertura úmida ficasse no lugar que precisava estar. Então a desceu num único movimento, o qual arrancou um grito de puro prazer de Piper e um gemido agonizado dele.

Foi ela quem começou os movimentos, cavalgando-o com total energia. Zephyr acompanhou o ritmo estabelecido até que eles atingissem o clímax ao mesmo tempo, seus corpos estremecendo por longos segundos na mais completa alegria.

Piper tombou sobre seu peito, a respiração tão opressa que ele ficou um pouco preocupado, começando a soltar as amarras do espartilho, removendo-o rapidamente.

As marcas vermelhas deixadas pelo espartilho na pele suave eram sexies, mas Zephyr meneou a cabeça.

– Sem mais espartilhos até o bebê nascer.

Piper ergueu a cabeça, tão saciada que seus olhos estavam sonolentos.

– Tanto faz.

– Obrigado. Você dá os melhores presentes.

Ela estava dormindo no momento em que ele a carregou para a cama e acomodou-a entre os lençóis, envolvendo-a seguramente em seus braços.

Piper acordou na manhã seguinte com uma sensação desagradável de náusea. Ela gemeu e engoliu convulsivamente quando a sensação se tornou mais aguda no momento em que tentou se sentar. Deitou-se de novo, mas isso não ajudou. Nem o grande braço de Zephyr sobre sua barriga.

– Ai... com licença, Zee.

– Hein? – Ele se sentou ereto na cama, olhando-a com expressão interrogativa.

– O que houve?

– O bebê está finalmente se fazendo sentir.

Ele franziu o cenho.

– Você está pálida. – Então pareceu absorver o que ela dissera. – O que isso quer dizer?

– Náusea matinal.

Zephyr saiu da cama, parecendo subitamente repleto de energia.

– Eu li sobre isso. Há várias recomendações, porém a mais popular é refrigerante à base de gengibre e torradas secas. Tenho isso na cozinha, de prontidão.

– Você tem refrigerante à base de gengibre? – perguntou ela, incrédula.

– É claro. Li que isso deve ajudar; portanto, providenciei. Vamos tentar.

– Certo.

Zephyr saiu do quarto e retornou em menos de um minuto com um pacote de torradas e um copo com líquido cor de âmbar.

– Dê pequenos goles e coma pelo menos cinco torradas antes de tentar se levantar.

Piper fez isso e ficou radiante quando sua próxima tentativa de sair da cama lhe provocou um enjoo muito mais suave.

– Ajudou.

– Ótimo. Agora que está dormindo comigo todas as noites, posso me certificar de que você tenha o que precisa de manhã para não se sentir muito enjoada.

Ela sorriu.

– Obrigada. Agora eu vou para o banho. Você pode me esperar ou tomar um banho comigo. A escolha é sua.

Piper não ficou surpresa quando ele a seguiu para o banheiro e para dentro do espaçoso box.

Eles passaram o dia inteiro apreciando seu recente estado de casados e arrumando as malas para a Grécia. Tudo estava bem, até Zephyr perceber

que ela também poderia enjoar no avião. Ele andou ao longo da sala de estar antes do jantar, pensando se deveria mudar os planos deles.

– Eu nunca senti enjoos em aviões. – Piper tentou acalmá-lo.

– Mas agora você tem enjoos matinais.

– Os quais parecem limitados às manhãs, pelo que estou muito grata.

– Também estou grato, mas não podemos ter certeza...

– E também não podemos impedir que aconteça nos preocupando com isso.

– Nunca devíamos ter planejado esse casamento na Grécia.

– Você falou que sempre quis se casar na Grécia, qualquer que fosse sua esposa. – E ela não permitiria que ele não realizasse aquele sonho. Ponto-final.

– Bem, sim.

– E sabe que eu quero isso também. Ademais, não podemos cancelar nossos planos agora. Metade da minha família já está lá, e sua mãe está ansiosa para encontrá-lo pela primeira vez em décadas.

– Mas...

– Eu ficarei bem, prometo. – Deus, se ele agia assim agora, como ficaria quando ela fosse dar à luz o bebê deles?

– Você não pode prometer uma coisa dessas.

– Posso. Você estará ao meu lado, então sei que ficarei bem.

– Eu não compartilho sua confiança.

– É uma pena, mas não vamos adiar o casamento até que eu tenha de entrar na igreja com uma barriga do tamanho de uma melancia.

– Tudo bem, mas levaremos refrigerantes de gengibre e torradas.

– Ótima ideia. Um calmante também pode ser uma boa ideia.

Zephyr a olhou com total desaprovação.

– Você não pode tomar calmantes. O remédio pode prejudicar o bebê.

– Eu não estava pensando no calmante *para mim*.

A manhã seguinte foi uma repetição da anterior, com a exceção de que, após acomodar o estômago, Piper e Zephyr se aprontaram para ir ao casamento de Neo e Cass.

Foi uma linda cerimônia numa das catedrais mais tradicionais de Seattle. Cassandra estava maravilhosa com um vestido longo de noiva, e Neo, muito elegante de smoking.

Depois da cerimônia, os poucos convidados foram almoçar num dos mais finos restaurantes de Seattle. Piper bebeu suco de uva e se divertiu imensamente.

Cass estava esbanjando alegria, tão apaixonada e tão certa do amor de Neo que levou lágrimas aos olhos de Piper. Neo não saiu do lado da noiva nem por um instante durante a cerimônia e também quando eles partiram para a cobertura, diversas horas mais tarde.

No dia seguinte, a cena do casal apaixonado era a mesma. Neo segurava a mão da esposa enquanto eles estavam sentados lado a lado no avião da empresa, esperando a decolagem para a Grécia.

Com a mão de Zephyr entrelaçada firmemente na sua, ela nem podia sentir inveja pelo fato de Cass ser tão amada pelo marido.

Zephyr podia não a amar, mas, se houvesse alguma diferença no modo como ele a tratava do modo como Neo tratava Cass, Piper não podia ver. Talvez um dia a falta de amor se manifestaria de formas que machucassem, mas isso não estava acontecendo agora, e Piper não era do tipo que sofria por antecipação.

– Você está grávida, não está?

Piper nem mesmo tentou responder imediatamente a pergunta de sua mãe. Era sua primeira vez sozinha com seus pais desde encontrá-los no hotel luxuoso que a secretária de Zephyr reservara durante a semana do casamento.

Eles deveriam estar relaxando na sala de estar da suíte palaciana de Zephyr e Piper, enquanto Zephyr participava de uma reunião no quarto deles. Depois disso, iriam jantar juntos, uma vez que, na noite seguinte, Zephyr e Piper jantariam na casa da mãe de Zephyr.

– Isso não é exatamente um segredo, Piper – disse seu pai, quando ela não respondeu imediatamente. – Por que outro motivo um bilionário se casaria com você de modo tão apressado?

– Por que ele quer? – questionou ela, irritada pela maneira como o pai colocara a situação.

– Ele a ama, querida? – perguntou sua mãe.

– Eu o amo muito.

– Foi o que pensei. Você engravidou de propósito? Nada de bom resulta de tramoias como essa.

– É claro que não – respondeu ela, não tentando esconder que estava ofendida. – Eu jamais faria uma coisa dessas, e você devia me conhecer o bastante para saber disso.

Sua mãe franziu o cenho.

– Foi uma pergunta legítima.

– Não, não foi. Pensei que vocês estivessem felizes por mim. Por que todas essas perguntas agora?

– Estou preocupada com você, querida – murmurou sua mãe.

– Não fique. – Piper não podia acreditar naquilo. A cerimônia na igreja aconteceria em menos de 48 horas e seus pais estavam tentando interferir negativamente. – Zee é muito bom comigo.

– Mas ele é bom para você? – questionou seu pai, naquela voz de militar que ela temia desde criança.

– É claro que é. Como pode perguntar isso?

Sua mãe estendeu o braço e apertou-lhe o ombro.

– Dinheiro não é tudo.

– Acham que estou me casando por dinheiro? *Vocês alguma vez o conheceram?*

– É claro que conhecemos. Você nos apresentou.

– Eu estava sendo sarcástica, mãe. Não posso acreditar que pensam que dinheiro é a única coisa que Zephyr tem a me oferecer. Ou, se fosse, que eu estaria interessada. Venho cuidando de mim mesma há muito tempo. Construí uma firma de sucesso depois de ter minha carreira arruinada. Não tive namorados perdedores depois de Art. Só houve Zephyr, e ele é o homem mais incrível que já conheci.

– Não tenho certeza se esse tipo de homem traz segurança no lar – argumentou sua mãe.

– Oh, você quer dizer o oposto de um marido cuja carreira obriga a família a se mudar de cidade ou país o tempo todo? – Quem era sua mãe para questionar as escolhas de Piper, falando sobre segurança no lar?

Seu pai enfureceu-se.

– Não há razão para se tornar agressiva, mocinha. Eu estava servindo meu país, e você sabe disso.

– Bem, Zephyr serve a mim.

– Que diabos isso significa? – demandou seu pai.

– Ele faz tudo que está em seu poder para me tornar feliz. Cuida de mim e me deixa cuidar dele também. Sei que posso confiar em Zephyr para tudo.

– Mas ele não a ama – adivinhou sua mãe numa voz repleta de piedade.

Era papel dos pais despedaçarem o coração de um filho? Se assim fosse, Piper não assumiria tal papel quando seu bebê crescesse.

– Por que diz isso?

– Porque você não falou que ele a amava. Já teria dito a essa altura, se fosse verdade. – A compaixão ainda estava nos olhos de sua mãe.

Piper não precisava da pena de ninguém. Tinha escolhido aquele casamento e não se arrependia. Quase contou a eles sobre o casamento no civil para calá-los, mas não tinha certeza se isso adiantaria.

– Eu tenho o que preciso de Zephyr.

– Você precisa do coração dele.

– Isso é problema meu.

– Você é nossa filha – argumentou seu pai. – Sua felicidade é problema nosso.

– Zephyr me faz feliz. Vocês não podem ver isso?

– Seu pai e eu achamos que você deveria esperar para se casar. Pelo menos até passar o primeiro trimestre da gravidez. Eu abortei espontaneamente duas vezes. O que vai fazer se isso lhe acontecer? O que vai acontecer com seu casamento se a razão de ele acontecer não vingar?

– Esse não é um cenário que estou disposta a discutir. – Se tal tragédia acontecesse, lidaria com aquilo como qualquer outro casal. Não estava se casando com ele pela segurança do bebê, e não achava que Zephyr a dispensaria se ele deixasse de existir.

– Eu não a criei para se esconder dos problemas difíceis, Piper. – O cenho franzido de seu pai foi suavizado pelo amor e pela preocupação verdadeiros refletidos em seus olhos.

Era nisso que ela precisava se agarrar, no conhecimento de que seus pais a amavam e estavam preocupados, e não tentando magoá-la.

– Eu não estou me escondendo.

– Ela está meramente escolhendo focar no positivo. – A voz de Zephyr encheu Piper de alívio, mesmo enquanto se sentia mortificada pelo pensamento de que ele ouvira parte daquela discussão com seus pais.

Seu pai se levantou para encarar Zephyr.

– Isso tudo é muito bom, mas talvez você possa responder o que acontecerá se minha filha perder o bebê.

– Nós iremos lidar com a tragédia como qualquer outro casal.

Piper sorriu, pois as palavras eram idênticas aos seus próprios pensamentos. Eles realmente estavam em sintonia.

– Alguns casais se separam sob o peso da dor, e *esses* homens e mulheres têm o benefício do amor mútuo.

– Não sei sobre outras pessoas, mas eu não desisto diante da adversidade, e nem a sua filha. Vocês, mais do que ninguém, deveriam saber desse fato. Piper sobreviveu deixando amigos e familiaridade para trás diversas vezes durante a infância e sobreviveu ao desastre do primeiro casamento quando adulta. – Ele estendeu um braço para ela. – Piper não vai desistir de nosso casamento, não importa o que tenhamos de enfrentar juntos.

Ela quase correu do sofá até o lado dele, sentindo um grande alívio no contato físico com Zephyr. As palavras dele criaram uma camada de proteção bem-vinda contra os medos de seus pais e de seus próprios medos.

Zephyr circulou-lhe a cintura com o braço e olhou-a como se eles fossem as únicas duas pessoas na sala, como se a opinião dela fosse a única que lhe importasse.

– Você disse que nada mudaria seus sentimentos por mim.

– Não vão mudar.

– Bem, nada vai mudar o fato de que eu quero que você seja a mãe de meus filhos e a mulher ao meu lado, incluindo a possibilidade improvável de

que você não carregue este bebê até o fim.

– Então estamos felizes. – Piper sorriu enquanto lágrimas enchiam seus olhos.

Zephyr olhou para o casal mais velho.

– Se isso não é bom o bastante para vocês, sinto muito, mas não vou desistir de sua filha. Nem agora nem nunca.

– Não estamos sugerindo que você desista. Apenas que vocês adiem um pouco o casamento – disse a mãe de Piper. – Certamente você pode ser pai sem ser casado com a mãe do seu filho.

– Posso ser um pai melhor e um melhor companheiro para sua filha se estivermos casados.

Piper tinha certeza de que a atitude de Zephyr seria a mesma uma semana atrás, antes do casamento no civil ter se realizado. Diferentemente de seus pais, que pareciam contentes com a notícia ao telefone e agora mudavam de ideia.

– Eu não entendo – disse ela. – Vocês não disseram nada contra meu casamento quando nos falamos ao telefone.

– Isso não é algo para se conversar ao telefone. – Sua mãe a olhou, suplicando que Piper entendesse.

Ela não entendia.

– E vocês também não teriam ganhado uma viagem grátis para a Grécia.

– Piper! – repreendeu sua mãe.

Seu pai apenas a olhou com expressão desapontada.

Zephyr meneou a cabeça.

– Ela não quis dizer isso. – Mas ele não parecia desapontado com ela.

– É claro que não – concordou Piper. – Desculpem, mas este é meu momento de celebrar, e vocês estão me deixando triste.

– Essa não é nossa intenção. Só queremos o melhor para você. – Sua mãe soava sincera.

Zephyr deu um olhar pensativo aos pais de Piper.

– Digam-me uma coisa. Vocês sugeriram que ela esperasse para se casar com Arthur Bellingham?

– Não – respondeu a mãe.

– Pensávamos que ele fosse perfeito para Piper – admitiu o pai.
– Por isso vocês estão tão determinados a fazê-la reconsiderar a decisão agora, não é? Não a protegeram do sofrimento uma vez e agora tentam fazer isso de forma exagerada.

Piper não tinha considerado tal possibilidade.

– Isso é verdade?

Os olhos de sua mãe marejaram.

– Nós não queremos que seu coração se parta novamente.

– Todos enfrentam sofrimento na vida, mas não podemos deixar de arriscar por causa disso. Acredito que Zee é o marido de que preciso. Se eu estiver errada, vou lidar com a decepção. O que preciso de vocês agora não é de conselho, mas de apoio. Podem me dar isso?

– Sim, é claro – replicou seu pai, mesmo enquanto a mãe mordiscava o lábio com preocupação.

Mas ambos a abraçaram e pediram desculpas por magoá-la, se não por duvidarem de Zephyr.

Surpreendentemente, o jantar foi relaxante e prazeroso. Após terem vociferado suas preocupações, seus pais apreciaram a celebração do segundo casamento da filha.

Felizmente, a reação de seus irmãos foi bem diferente da de seus pais. Eles estavam radiantes por ela e Zephyr e mostraram isso. Também admitiram ter adorado a chance de férias grátis na Grécia para ir ao casamento da irmã.

O jantar com a família de Zephyr foi tão emotivo quanto a tarde anterior havia sido, mas de um jeito completamente distinto. Leda estava extasiada que o filho ia se casar. Ela também adivinhou que Piper estava grávida, mas tratou a questão com total alegria e otimismo. Estava feliz que Zephyr tinha encontrado Piper como companheira para o resto da vida, e sentia-se ansiosa para mimar mais um neto.

Os irmãos de Zephyr estavam ainda mais contentes do que os de Piper, com Iola se oferecendo para ensinar Piper sobre os primeiros cuidados com o bebê.

– O encontro foi ótimo – comentou Piper quando se sentou no sofá da suíte deles, depois de retornarem da casa em Kifissia.

– Ne... sim. – Zephyr acomodou-se ao seu lado e puxou-a para seu colo.
– Você é tão carinhoso.
– Gosto de segurar você.
– Isso é bom, porque adoro ser segurada.
– Nós somos complementos perfeitos um para o outro.
– Somos. – Mesmo se o amor fosse unilateral, ele agia como se a amasse, e, no fim, não eram as ações que mais contavam?

– Seus pais estão errados – disse ele com absoluta confiança. – Este casamento não é ruim para nenhum de nós.

Piper inclinou-se e beijou-lhe o canto da boca.

– Eu sei. E, considerando que já estamos casados, isso é ótimo.
– Você teria prestado mais atenção aos conselhos de seus pais se já não estivéssemos legalmente casados?
– Não acredito que você está me perguntando isso.
– Estou.

Ela inclinou a cabeça, estudando-o, e decidiu que chegara a hora de uma abertura completa.

– Tenho ciência de que existe um risco significativo no primeiro trimestre.

– E?

– E eu considerarei rever a nossa situação, mas não quis esperar para me casar com você até que tivéssemos certeza. Eu teria sentido que só estaríamos nos casando por causa da gravidez, e, embora eu acredite que essa é a razão pela qual você primeiro considerou casamento, também acredito que não ligaria sua vida à minha se não quisesse isso num nível mais profundo. Não estou dizendo que você me ama, mas sei que precisa de mim. – Piper segurou-lhe o rosto nas mãos. – E eu *quero* estar casada com você.

– Está dizendo que teria se casado comigo mesmo que não tivesse engravidado?

– Exatamente. Como você se sente sobre isso?

– Surpreso. Apesar de dizer que me ama, pensei que a gravidez fosse o motivo principal do nosso casamento para você.

– Não. Eu o amo, e para mim isso é o mesmo que querer passar o resto da vida ao seu lado.

– Verdade?

Ela desceu as mãos do rosto dele, descansando-as sobre o peito largo, sentindo as batidas do coração de Zephyr sob uma das palmas.

– Sim.

– O que significa quando um homem quer se casar com uma mulher mais do que quer qualquer outra coisa na vida?

Ele estava implicando que era assim que se sentia?

– O que você está dizendo, Zephyr? – Ela não podia fazer suposições sobre algo tão importante.

– Se seus pais a tivessem convencido a se afastar de mim, eu teria lhe suplicado que reconsiderasse.

– Eu *nunca* teria me afastado.

– É bom ouvir isso, porque minha experiência com súplicas para não ser abandonado não foi muito bem-sucedida.

De repente, ela entendeu exatamente o que ele estava dizendo, e seu coração foi preenchido com um amor consumidor, enquanto os olhos se inundavam de lágrimas.

– Você nunca terá de suplicar para que eu não o deixe, Zephyr. Jamais. Prometo. Eu desistiria de qualquer coisa na vida antes de desistir de você. Da minha carreira. Da minha reputação. Da minha família. De meus amigos. De qualquer coisa.

– Você fala sério?

– Sim.

– Eu também desistiria de qualquer coisa para estar com você. – Havia tanta sinceridade e sentimento naquelas palavras que ela não conseguia respirar. – Eu a amo, Piper.

– Você não fala sério. – Mas ele falava.

Ela podia ver isso em cada linha do rosto de Zephyr, nos profundos olhos escuros, e ouvir em cada palavra que saía dos lábios dele. Todavia, enquanto um lado seu estava explodindo de felicidade porque ele a amava, outra parte

questionava, duvidando que tamanha felicidade pudesse ser verdadeiramente sua.

– Alguma vez menti para você?

– Não, mas você disse...

– *Eu teria lhe suplicado para ficar.*

– Estou grávida de um filho seu.

– Um bônus maravilhoso, mas *você é o prêmio, Piper Nikos.* Pensei que minhas emoções estivessem envolvidas em pedra, mas sua alegria de viver, sua beleza interna e externa, seu amor... tudo isso teve o poder de penetrar a pedra e tocar o meu coração.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Piper, mas ela não as secou.

– Você está se tornando poético.

– Neo diz que isso acontece quando você se apaixona.

– Não posso imaginar Neo sendo poético.

– Nem precisa. Eu sou o único grego com o qual você precisa se preocupar. Sempre.

Ela queria rir, mas sua garganta estava apertada pelas suas lágrimas de alegria.

– Você certamente é o único homem, grego ou não, que eu amo.

– E você é a única mulher que eu amo, sempre amei e sempre amarei com todo o meu coração. – Zephyr a beijou, selando as palavras entre eles como um juramento.

Quando o beijo acabou, ele a abraçou, as mãos a acariciando como se para provar que ela realmente estava lá.

– Sinto muito por ter levado tanto tempo para perceber que o que eu sentia por você era amor. Não sei quanto tempo teria levado se eu não tivesse ouvido seus pais tentarem convencê-la a me deixar.

– Quer dizer que alguma coisa positiva resultou daquela conversa?

– Se considerar que eu lhe suplicaria para ficar, se necessário, e o fato de eu ter entendido o significado disso depois, então sim.

– Suponho que posso perdoá-lo completamente agora.

Ele riu, e Piper também.

– Não vejo a hora de contar a eles que você me ama.

– Eu quero fazer isso.

– Tudo bem. – Piper o beijou suavemente. – Mas me fale de novo, primeiro.

E Zephyr falou. Repetidamente, até que cada pequena sombra do coração dela estivesse preenchida com a luz do amor deles.

ZEPHYR ESTAVA parado no altar, Neo ao seu lado, assim como estivera em todos os momentos importantes desde que eles tinham se conhecido no orfanato de Atenas.

– Nervoso? – perguntou Neo.

– Nem um pouco. Meu amor logo estará entrando por este corredor.

– Você disse seu *amor*?

– *Ne*.

– Eu sabia que você estava perdido.

A risada baixa deles desapareceu quando a música do órgão proclamou a entrada de sua noiva no santuário. E Zephyr não conseguiu mais tirar os olhos dela.

Os cabelos loiros estavam empilhados no topo da cabeça numa confusão de cachos que ele mal podia esperar para soltar. Piper não usava um véu dessa vez, apenas uma tiara e um sorriso radiante, para que todos os presentes na igreja vissem. O vestido sem manga parecia soprar, enquanto camada após camada de tafetá se movia uma contra a outra conforme ela seguia o corredor, sozinha.

Zephyr não soubera que aquele era o plano de Piper, mas sentiu que era totalmente certo. Ela se oferecia para ele de coração, corpo e alma.

O trabalho manual com contas no vestido era digno de uma realeza dos tempos modernos.

– Ela parece uma princesa – comentou Neo, refletindo os pensamentos de Zephyr.

– Ela é a rainha do meu coração.

– E você é o rei do coração dela.

– Super-homem. Piper acha que sou um super-herói.

Neo riu, mas Zephyr ignorou o som divertido quando Piper parou na sua frente.

Ele pegou-lhe a mão e eles se viraram para o padre, a fim de receberem as bênçãos sobre o casamento que unia o amor que tornava sua vida completa.

EPÍLOGO

PIPER ESTAVA sentada numa espreguiçadeira na varanda da casa da ilha, segurando seu filhinho de uma semana. Ele dormia na curva de seu braço, inconsciente da discussão fervorosa entre seu pai e seu tio sobre que faculdade – grega ou americana – seria a melhor escolha para sua educação.

– Eles não ficarão surpresos se o pequeno Erastos virar artista e quiser estudar em Sorbonne? – perguntou Cass, rindo.

– Surpreso sim, mas não desapontado. Zephyr ficará orgulhoso do filho, independentemente de que caminho ele escolher seguir.

– E Neo? Você acha que ele terá orgulho do filho, mesmo se ele ou ela quiser alguma coisa tão excêntrica como tocar piano, por exemplo? – perguntou Cass.

– Você está grávida? – Piper quis saber.

Cass vinha tentando engravidar desde que Piper e Zephyr haviam se casado, mas, até agora, sem sucesso. Estavam pensando em visitar um especialista em fertilidade.

Cass sorriu amplamente.

– Estou.

Zephyr ouviu aquilo e bateu no ombro de Neo.

– Você não me contou nada!

– Com sorte, teremos uma filha, e ela vai se apaixonar pelo seu filho, como essas mulheres especiais se apaixonaram por nós.

Zephyr olhou para Piper com a expressão tão repleta de amor que parecia transbordar de todo o seu ser.

- Não posso imaginar um futuro melhor para o meu filho.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M759n

Monroe, Lucy

Noiva & inocente & novo destino [recurso eletrônico] / Lucy Monroe; tradução
Angela Monteverde, Deborah mesquita de Barros. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2016.
recurso digital

Tradução de: The shy bride + The greek's pregnant lover

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-2140-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Monteverde, Angela. II. Barros,
Deborah Mesquita de. III. Título.

16-30218

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: THE SHY BRIDE

Copyright © 2010 by Lucy Monroe

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon Modern Romance

Título original: THE GREEK'S PREGNANT LOVER

Copyright © 2010 by Lucy Monroe

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon Modern Romance

Projeto gráfico de capa:
Ô de Casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Texto de capa

Rosto

Sumário

NOIVA & INOCENTE

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

NOVO DESTINO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Epílogo

Créditos